

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Dalila Maria de Souza Rodrigues

Nominalizações Infinitivas e Regressivas no Português Brasileiro:
uma abordagem formal em interface com a perspectiva experimental

Juiz de Fora

2025

Dalila Maria de Souza Rodrigues

Nominalizações Infinitivas e Regressivas no Português Brasileiro:
uma abordagem formal em interface com a perspectiva experimental

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Paula Roberta Gabbai Armelin

Coorientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Lobo Name

Juiz de Fora

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Souza Rodrigues, Dalila Maria de .
Nominalizações Infinitivas e Regressivas no Português Brasileiro:
: uma abordagem formal em interface com a perspectiva
experimental / Dalila Maria de Souza Rodrigues. -- 2025.
199 f. : il.

Orientadora: Paula Roberta Gabbai Armelin
Coorientadora: Maria Cristina Lobo Name
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora,
Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística,
2025.

1. Nominalização. 2. Processamento. 3. Infinitivos Nominais. 4.
Derivação regressiva. 5. Morfossintaxe. I. Gabbai Armelin, Paula
Roberta , orient. II. Lobo Name, Maria Cristina, coorient. III. Título.

Dalila Maria de Souza Rodrigues

Nominalizações Infinitivas e Regressivas no Português Brasileiro: uma abordagem formal em interface com a perspectiva experimental

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de doutora em linguística. Área de concentração: linguística.

Aprovada em 13 de outubro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª. Paula Roberta Gabbai Armelin - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª. Maria Cristina Lobo Name
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª. Mercedes Marcilese
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª. Ana Paula Scher
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Isabella Lopes Pederneira
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Rafael Dias Minussi
Universidade Federal de São Paulo

Juiz de Fora, 24/02/2026.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Cristina Lobo Name, Professor(a)**, em 24/02/2026, às 14:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paula Roberta Gabbai Armelin, Professor(a)**, em 24/02/2026, às 16:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mercedes Marcilese, Professor(a)**, em 24/02/2026, às 16:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Isabella Lopes Pederneira, Usuário Externo**, em 23/03/2026, às 09:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rafael Dias Minussi, Usuário Externo**, em 23/03/2026, às 13:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Scher, Usuário Externo**, em 24/03/2026, às 16:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uffj (www2.uffj.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2886115** e o código CRC **03FB3D20**.

AGRADECIMENTOS

Chegar ao final de um doutorado é um momento único e especial. Lembro-me de, ao longo desses anos, pensar diversas vezes em quando iria reunir, nesse espaço, meus agradecimentos às diversas pessoas que tornaram essa trajetória não apenas possível mas, verdadeiramente, especial. Quero começar fazendo menção a Deus e registrar minha gratidão por seu cuidado e amor infindáveis. Sem sombra de dúvidas, a fé que aprendi com meus pais foi um pilar importante de sustento e fortaleza. Então, a Deus meu louvor e gratidão!

Quero agradecer ao Airon, meu marido e companheiro leal de todas as horas. Agradeço por tanto cuidado, por assumir, ao meu lado, esse doutorado como sua missão de vida. Agradeço por ter tempo para mim, por me apoiar a cada passo, pelo apoio com todas as atividades que compreenderam essa enorme empreitada: congressos, elaboração de experimentos, viagens, por ser paciente quando precisei estar ausente. Obrigada, de coração!

Agradeço à minha grande e querida família: meus pais, irmãs, sobrinhas e Tia Margarida. A vocês minha gratidão pelo apoio constante, pelas conversas, pelos deliciosos almoços em família, pelos momentos de alegria e sorriso. Agradeço pela compreensão em todos os momentos. Registro aqui minha intenção de fazer mais bolos a partir de agora. Agradeço especialmente à minha mãe, sempre tão querida, me alimentando e me oferecendo café. Agradeço por me ajudar com absolutamente tudo, e, principalmente por acreditar que eu seria capaz de fazer tudo isso. Ainda quanto à minha família, não poderia deixar de agradecer aos queridos: Paçoca, Chico, Pipa, Bartô e, também, ao Scooby e ao Nick - os pets da família, eles foram essenciais para me alegrar e são responsáveis por quase todo o sol que tomei. Agradeço pelos momentos ao ar livre.

Um dos agradecimentos mais especiais é às minhas orientadoras queridas: Paula Armelin e Cristina Name. A elas, eu agradeço pela jornada de aprendizado que me proporcionaram, sempre com atenção e tempo para essa pesquisa. Este é um trabalho com muitas qualidades e digo, sinceramente, que todas são inteiramente responsabilidade delas. Agradeço por tudo que aprendi, pela paciência e pelo cuidado comigo e, principalmente, por acreditarem neste trabalho.

Uma das etapas mais importantes na elaboração desta tese foi a elaboração dos experimentos, assim quero agradecer de forma especial: à Júlia Greco, à Késsia Henriques, ao professor José Ferrari Neto, às professoras Aline Fonseca, Clara Villarinho e Mercedes Marcilese. Agradeço também à professora Luciana Falci, ao professor Saulo Marçal, à Gabriela Detoni,

agradeço por me ajudarem, de forma muito ativa, na captação de voluntários. E, nesse mesmo sentido, agradeço a cada um que aceitou participar da aplicação dos experimentos. Quero também agradecer à Diana, com quem me corrija na Linguatca. Agradeço por sua ajuda e por todas as explicações sobre o corpus que, tão prontamente, me forneceu. Um agradecimento especial aos queridos Karina Karolina, Lydsson Agostinho e Bianca Agrelli pela parceria em todos os momentos.

Agradeço também aos professores que fizeram parte das minhas bancas de qualificação e de defesa: Ana Paula Scher, Rafael Dias Minussi, Isabella Lopes Pederneira e Mercedes Marcilese. Agradeço por aceitarem fazer parte deste momento tão importante para a minha carreira acadêmica e pela discussão tão enriquecedora dos temas relacionados a este trabalho. Quero registrar meus agradecimentos à equipe de trabalho do PPG Linguística e à CAPES pelo apoio financeiro para a realização deste trabalho.

Enfim, ao escrever esses agradecimentos, posso dizer que a realização desta pesquisa de doutorado me trouxe experiências que vou levar com muito carinho em toda a vida. De fato, fui muito abençoada pela presença de cada pessoa com quem cruzei nesta etapa da vida e sinto que poderia escrever ainda mais e mais agradecimentos. Temo que minha memória possa ter deixado escapar algum nome relevante, assim, encerro orando para que Deus, em sua infinita misericórdia e graça, se lembre de todos para o bem.

RESUMO

Este trabalho investiga dois tipos de nominalização zero no português brasileiro (PB), as infinitivas (*cantar – o cantar*) e as regressivas (*cantar – canto*), articulando uma abordagem formal, baseada na Morfologia Distribuída (Halle; Marantz, 1993; Marantz, 1997), e uma perspectiva experimental. Partimos da hipótese de que as nominalizações zero são derivadas pelos mesmos mecanismos que licenciam as formas concatenativas, dispensando processos específicos como conversão morfológica ou derivação regressiva. No plano empírico, este estudo traz uma caracterização dos nominais infinitivos e regressivos em diálogo com tipologias clássicas. A partir da distinção de Chomsky (1970) entre nominais gerundivos, mistos e derivados, argumentamos que os infinitivos nominais do PB compartilham propriedades ora com os gerundivos, ora com os mistos, enquanto os nominais regressivos se aproximam dos derivados. Com base na tipologia de Grimshaw (1990) e, mais especificamente, a partir da reinterpretação de Borer (2014a), que distingue nominais de estrutura argumental (ASN) e nominais referenciais (RN), propomos que os infinitivos do PB se comportam como ASN, enquanto os regressivos são ambíguos entre ASN e RN e, em certos casos, apresentam um terceiro tipo híbrido, não previsto na tipologia de Borer (2014a), que combina simultaneamente propriedades de ASN e RN. Para complementar a discussão empírica, foi conduzido um estudo de corpus, com dados extraídos da Linguatca, a fim de mapear o funcionamento das nominalizações infinitivas em contextos reais de uso e delimitar suas propriedades específicas. Do ponto de vista formal, e seguindo Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011), propomos que as diferenças entre nominalizações infinitivas e regressivas decorrem da presença ou ausência de camadas funcionais em suas respectivas estruturas sintáticas. Mais especificamente, as nominalizações infinitivas, se comportam como ASN, e exibem as camadas verbais *Asp*, *Voice* e *v*, e, na porção nominal, os núcleos *Class* e *D*. Já os nominais regressivos que funcionam como ASN apresentam apenas *v* e *Voice*, enquanto os regressivos identificados como RN contêm somente o categorizador verbal como projeção estendida verbal. Um grupo intermediário, que combina propriedades de ASN e RN, é caracterizado por *v* sem propriedades seletivas e por um núcleo *Voice* que não hospeda argumento em seu especificador. Em todos os casos, a porção nominal dos regressivos se mantém uniforme com as camadas *D*, *Number* e *Class*. No campo experimental, investigamos o processamento dessas formações em duas frentes. O primeiro estudo desenvolvido foi uma *maze task* (leitura automonitorada), com as variáveis independentes (i) tipo de nominalização

(infinitiva ou regressiva) e (ii) estrutura argumental da base verbal (inacusativa, inergativa e transitiva), e tomando como variáveis dependentes os tempos de reação e as escolhas-alvo. Embora se previsse tempos menores para os infinitivos, os resultados não apresentaram diferenças estatisticamente significativas. Em seguida, conduzimos um teste de aceitabilidade, através de uma escala de quatro níveis (1-2: maior estranhamento; 3-4: maior aceitabilidade). De modo geral, os nominais infinitivos com bases inacusativas apresentaram maior aceitabilidade do que as regressivas, confirmando a hipótese de que estas últimas constituem formações com lacunas. Já na condição transitiva, o tipo de nominalização não influenciou a aceitabilidade: tanto infinitivas quanto regressivas receberam predominantemente julgamentos de estranhamento (níveis 1 e 2 da escala), resultado que se relaciona, na nossa hipótese, à presença explícita da *by*-phrase, elemento não obrigatório nesse tipo de construção. Por fim, na condição inergativa, os dados revelaram um padrão de aceitabilidade mais equilibrado, o que pode ser entendido como uma possível evidência de uma diferença de estatuto entre o agente inserido pela preposição *de* das formas inergativas e o agente das formas transitivas, inserido via *by*-phrase.

Palavras-chave: Nominalização Infinitiva. Nominalização Regressiva. Estrutura Argumental. Morfologia Distribuída. Processamento.

ABSTRACT

This study investigates two types of zero nominalization in Brazilian Portuguese (BP), infinitival nominalizations (e.g., *cantar – o cantar*, ‘to sing – the singing’) and back formed nouns (e.g., *cantar – canto*, ‘to sing – song’), by combining a formal approach, grounded in Distributed Morphology (Halle & Marantz, 1993; Marantz, 1997), with an experimental perspective. Our starting hypothesis is that zero nominalizations are subject to the same syntactic mechanisms that licence concatenative forms, not requiring specific resources such as morphological conversion or a formal regression operation to derive these forms. Empirically, the study provides a detailed characterization of infinitival and back formed nominals in dialogue with classic typologies. Building on Chomsky’s (1970) distinction between gerundive, mixed, and derived nominals, we argue that BP infinitival nominals share properties both with gerundive and with mixed nominals, while back formed nouns pattern with derived nominals. Drawing further on Grimshaw’s (1990) typology and, more specifically, on Borer’s (2014a) reinterpretation distinguishing argument-structure nominals (ASN) and referential nominals (RN), we propose that BP infinitival nominals behave as ASN, whereas back formed nominals are ambiguous between ASN and RN and, in certain cases, instantiate a third, hybrid type not predicted in Borer’s (2014a) framework, combining properties of both ASN and RN. To complement this empirical discussion, a corpus study was carried out using data from *Linguatca*, allowing us to map the distribution of infinitival nominalizations in naturalistic contexts and to delimit their specific properties. From a formal perspective, following Alexiadou, Iordăchioaia & Schäfer (2011), we argue that the differences between infinitival and back formed nominalizations are accounted for by the presence or absence of specific functional layers in their syntactic structures. Infinitival nominalizations that behave as ASN display the verbal layers *Asp*, *Voice*, and *v*, and in the nominal domain, the heads *Class* and *D*. Back formed nominals that pattern as ASN contain only *v* and *Voice* heads, while those identified as RN show merely the verbal categorizer as part of the extended verbal projection. An intermediate group – exhibiting both ASN and RN properties – is characterized by *v* lacking selectional features and by a *Voice* head with no argument in its specifier. In all cases, the nominal spine of back formed nominals is uniform, comprising the functional layers *D*, *Number*, and *Class*. On the experimental side, we investigated the processing of these formations through two complementary studies. First, we conducted a maze task (self-paced reading) manipulating two independent variables: (i) type

of zero nominalization (infinitival vs. regressive) and (ii) argument-structure type of the verbal base (unaccusative, unergative, transitive), with reaction times and target choices as dependent variables. Although we predicted higher acceptability and shorter reaction times for infinitivals, the results revealed no statistically significant differences. Second, we ran an acceptability judgment task using a four-point scale (1–2 = higher strangeness; 3–4 = higher acceptability). Overall, infinitival nominals with unaccusative bases received higher acceptability ratings than their back formed counterparts, confirming the hypothesis that back formed nominals display gaps. In the transitive condition, the type of nominalization did not affect acceptability: both infinitival and back formed nouns were predominantly judged as odd (levels 1–2), a result we attribute to the explicit presence of the *by*-phrase, an element not obligatory in this type of construction. Finally, in the unergative condition, acceptability judgments were more balanced, which we interpret as possible evidence of a different status for the agent introduced by the preposition “*de*” in unergative nominalizations, as opposed to the agent of transitive nominalizations, which is introduced via a *by*-phrase.

Keywords: Infinitive Nominalization. Back Derivation. Argument Structure. Distributed Morphology. Processing.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI	Argumento interno
AE	Argumento externo
ASN	Nominal de estrutura argumental (do inglês, <i>argument structure nominal</i>)
IN	Infinitivo Nominal
IV	Item de vocabulário
MD	Morfologia Distribuída
NEC	Nominal de Evento Complexo
NR	Nominal de Resultado
RN	Nominal referencial (do inglês, <i>referential nominal</i>)
PB	Português brasileiro
PE	Português europeu
TR	Tempo de reação
VD	Variável dependente
VI	Variável independente

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Sistematização das propriedades associadas às nominalizações zero a partir das propriedades de Chomsky (1970).....	33
Tabela 2 –	Propriedades dos Nominais em Borer (2014a, p.71).....	36
Tabela 3 –	Escala verbal e nominal nas nominalizações sistematizado a partir de Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011).....	44
Tabela 4 –	Corpora e número de ocorrências totais e pós refinamento.....	56
Tabela 5 –	Descrição numérica da amostra relacionada aos dados de nominalizações infinitivas.....	59
Tabela 6 –	Dados refinados: nominalizações infinitivas vs. outros fenômenos.....	60
Tabela 7 –	Ocorrência de propriedades empíricas nos dados de nominalizações infinitivas.....	63
Tabela 8 –	As classes formais do português com base em Alcântara (2010).....	127
Tabela 9 –	Exemplos de sentenças em cada condição.....	146
Tabela 10 –	Taxa de escolhas por tipo de estrutura – valores totais e percentuais.....	150
Tabela 11 –	Média dos TRs por tipo de nominalização.....	150
Tabela 12 –	Valores de <i>p</i> nas condições da variável <i>estrutura argumental</i>	150
Tabela 13 –	Médias e medianas dos tempos de reação por tipo de nominalização.....	152
Tabela 14 –	Exemplos de sentenças na VI estrutura argumental.....	152
Tabela 15 –	Valores totais e percentuais na VD escolha.....	160

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1 –	Arquitetura de gramática da MD.....	15
Figura 2 –	Estrutura sintática que não respeita a Coerência Frasal.....	71
Figura 3 –	Estrutura sintática que respeita a Coerência Frasal.....	72
Figura 4 –	Exemplo de <i>maze task</i> com sentença contexto	140
Figura 5 –	Estímulo teste contendo pseudonome infinitivo.....	158
Figura 6 –	Estímulo teste contendo pseudonome regressivo.....	158
Figura 7 –	Escala proposta para a execução dos formulários de aceitabilidade...	160
Gráfico 1 –	Distribuição da estrutura argumental de bases verbais associadas às nominalizações infinitivas.....	62
Gráfico 2 –	Média dos tempos de reação nas três condições experimentais.....	151
Gráfico 3 –	Distribuição das escolhas por nível nas VIs tipo de nominalização e estrutura argumental.....	165

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO: APRESENTAÇÃO GERAL DA PESQUISA.....	12
1.1 PANORAMA DA PESQUISA.....	12
1.2 O QUADRO TEÓRICO: A MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA.....	15
1.3 A INTERFACE EXPERIMENTAL.....	21
1.4 QUESTÕES E HIPÓTESES PROPOSTAS.....	23
1.5 ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA.....	24
CAPÍTULO 2: AS NOMINALIZAÇÕES INFINITIVAS E REGRESSIVAS DO PB: PROPRIEDADES EMPÍRICAS.....	27
2.1 INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO.....	27
2.2 NOMINALIZAÇÕES INFINITIVAS E REGRESSIVAS NA PROPOSTA DE CHOMSKY (1970).....	30
2.3 NOMINALIZAÇÕES INFINITIVAS E REGRESSIVAS NA TIPOLOGIA DE GRIMSHAW (1990) E BORER (2014a).....	37
2.4 ALEXIADOU, IORDĂCHIOAIA E SCHÄFER (2011): PARÂMETROS DE VARIAÇÃO NAS NOMINALIZAÇÕES.....	47
2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO.....	54
CAPÍTULO 3: PRODUÇÃO DE NOMINALIZAÇÕES INFINITIVAS NO PB: UM ESTUDO DE CORPORA.....	56
3.1 INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO.....	56
3.2 PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO NOS ESTUDOS MORFOLÓGICOS.....	57
3.3 APRESENTAÇÃO DOS CORPORA: O PROJETO LINGUATECA.....	58
3.4 METODOLOGIA DE ANÁLISE.....	61
3.5 ANÁLISE DOS DADOS: ASPECTOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS.....	63
3.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
CAPÍTULO 4: UMA PROPOSTA SINTÁTICA PARA AS NOMINALIZAÇÕES ZERO	73
4.1 INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO.....	73
4.2 AS NOMINALIZAÇÕES INFINITIVAS E REGRESSIVAS NO ESCOPO DAS PROJEÇÕES MISTAS.....	75
4.3 O ESTATUTO DAS RAÍZES E A SELEÇÃO DE ARGUMENTOS.....	78
4.4 PROJEÇÕES FUNCIONAIS NAS NOMINALIZAÇÕES.....	84
4.4.1 Nominalizações infinitivas e regressivas do PB: projeções funcionais verbais.....	86
4.4.2 Nominalizações infinitivas e regressivas do PB: projeções funcionais nominais.....	92
4.4.3 Síntese e panorama geral das estruturas funcionais nas nominalizações infinitivas e regressivas.....	98
4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
CAPÍTULO 5: NOMINALIZAÇÕES INFINITIVAS E REGRESSIVAS NO PB: REVISITANDO PROBLEMAS CLÁSSICOS.....	103
5.1 INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO.....	103
5.2 AS NOMINALIZAÇÕES ZERO EM DEBATE.....	105

5.2.1 Revisitando o fenômeno de conversão morfológica.....	106
5.2.2 Nominalizações zero e estrutura argumental.....	109
5.3 QUESTÕES TEÓRICAS SOBRE AS NOMINALIZAÇÕES INFINITIVAS.....	113
5.3.1 O estatuto formal do morfema -r.....	113
5.3.2 A leitura aspectual nas nominalizações infinitivas.....	118
5.4 QUESTÕES TEÓRICAS SOBRE AS NOMINALIZAÇÕES REGRESSIVAS.....	124
5.4.1 Regressão e direcionalidade.....	124
5.4.2 O estatuto da vogal final e as relações de localidade nas nominalizações regressivas	132
5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO.....	137
CAPÍTULO 6: ABORDAGEM EXPERIMENTAL DAS NOMINALIZAÇÕES ZERO	
.....	140
6.1 INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO.....	140
6.2 A TAREFA EXPERIMENTAL I: MAZE TASK.....	144
6.3 EXPERIMENTO 1: MAZE TASK.....	147
6.3.1 Método.....	149
6.3.1.1 Material.....	150
6.3.1.2 Participantes.....	150
6.3.1.3 Variáveis e condições.....	151
6.3.2 Procedimento.....	152
6.3.3 Hipótese.....	153
6.3.4 Previsões.....	153
6.3.5 Resultados e Discussão.....	154
6.4 TAREFA EXPERIMENTAL II: FORMULÁRIO DE ACEITABILIDADE.....	159
6.5.1 Método.....	162
6.5.1.1 Material.....	163
6.5.1.2 Participantes.....	164
6.5.1.3 Variáveis e condições.....	164
6.5.2 Procedimento.....	166
6.5.3 Hipóteses.....	167
6.5.4 Previsões.....	168
6.5.5 Resultados e discussão.....	168
CONSIDERAÇÕES FINAIS DA PESQUISA.....	175
REFERÊNCIAS.....	179
APÊNDICE A - SENTENÇAS EXPERIMENTAIS E DISTRATORAS.....	189
APÊNDICE B - INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS CORPORA UTILIZADOS	
COMO FONTE DE PESQUISA.....	196

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO: APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

1.1 PANORAMA DA PESQUISA

O presente trabalho tem como domínio empírico as nominalizações infinitivas e regressivas do português brasileiro (PB). Em linhas gerais, a nominalização infinitiva se caracteriza pela anteposição de um determinante à forma infinitiva do verbo, enquanto a nominalização regressiva é realizada com a presença de uma vogal temática nominal que pode ser diferente da vogal temática verbal. Em comum, ambas as formações se caracterizam pela ausência de um afixo derivacional fonologicamente realizado, o que as engloba conjuntamente no escopo das nominalizações zero. O paradigma a seguir ilustra o comportamento dessas formações no PB.

1)

- a) O gritar das crianças assustou os pais.
- b) *O gritar assustou os pais.
- c) O grito das crianças assustou os pais.
- d) O grito assustou os pais.

O paradigma em (1) ilustra uma distinção central no comportamento dessas nominalizações no PB: enquanto as nominalizações infinitivas apresentam a necessidade de estrutura argumental, nas nominalizações regressivas os argumentos são opcionais.

O comportamento das nominalizações em relação à sua estrutura argumental tem sido foco de debate em torno dessas formações. A proposta seminal de Grimshaw (1990), por exemplo, separa os nominais em diferentes categorias a partir, justamente, da obrigatoriedade de estrutura argumental, que caracteriza os Nominais de Evento Complexo (*Complex Event Nominals*), em oposição aos Nominais de Evento Simples (*Simplex Event Nominals*) e de Resultado (*Result Nominals*) que não exigem estrutura argumental. Revisitando essa classificação a partir de uma perspectiva sintática, Borer (2014a) distingue os nominais em dois tipos: os Nominais de Estrutura Argumental (*Argument Structure Nominals* – ASN) e os Nominais Referenciais (*Referential Nominals* – RN), em que a estrutura argumental obrigatória também define os primeiros e oposição ao segundo tipo.

Em um panorama sintático, que assume a decomposição plena das formações linguísticas complexas, a presença de estrutura argumental é compreendida como resultado de projeções funcionais responsáveis por inserir os argumentos na estrutura. Nesse contexto, abordagens como a de Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011) tem como objetivo investigar, a partir de uma perspectiva sintática de formação de palavras, a distribuição de camadas verbais e nominais que ocorrem em diferentes instâncias de nominalizações translinguisticamente.

Inserindo-se nesse debate, este trabalho explora as propriedades empíricas dos nominais infinitivos e regressivos¹, buscando localizá-los no panorama mais amplo das discussões propostas na literatura. De um ponto de vista teórico, procuramos, portanto, fomentar o debate, não só a respeito do estatuto formal das nominalizações, mas, de maneira mais ampla, também sobre a natureza da arquitetura da gramática, bem como do lugar da morfologia e da formação de palavras nessa arquitetura. Nesse contexto, o infinitivo nominal e as nominalizações regressivas, especialmente em contraste um com o outro, se destacam como um fenômeno interessante de análise linguística, compartilhando propriedades formais já notadas na literatura ao mesmo tempo em que proporcionam a discussão de contrapontos empíricos e teóricos importantes.

Especificamente em relação às nominalizações zero, há também um interessante debate na literatura a respeito de suas propriedades empíricas e de seu estatuto formal. Em linhas gerais, as nominalizações zero tem sido tratadas na literatura como elementos distintos das formas em que o nominalizador é realizado por não serem capazes de licenciar estrutura argumental (Alexiadou, 2001; Borer, 2013), sendo caracterizadas, portanto, como formações empobrecidas em termos de projeção funcional verbal. Em contraste, propostas mais recentes, como a de Iordăchioaia (2020, 2021), vem apresentando contra-argumentos empíricos, com base em análise de corpora, à proposta de que os nominais zero não podem formar nominais com estrutura argumental. A esse respeito, argumentamos que os nominais infinitivos do PB se comportam como ASN, enquanto os nominais regressivos apresentam um comportamento

¹ No escopo desta tese, optamos por denominar esse grupo de nominalizações zero caracterizadas pela presença da vogal temática final como ‘regressivas’, ainda que esse rótulo não encontre respaldo nos moldes de uma perspectiva sintática tal qual a Morfologia Distribuída (MD). Assim, para nós, essa denominação é assumida apenas como um recurso didático que permite inserir este trabalho no rol das discussões já propostas na literatura que tratou do tema, inclusive em perspectivas de análises distintas da adotada neste trabalho. Ressaltamos, nesse mesmo sentido, que a literatura já conta com nomenclaturas alternativas, como é o caso de Lobato (1995) em que tais formações são denominadas ‘deverbais não-afixais’, entretanto, no escopo desta pesquisa a adoção dessa nomenclatura não nos pareceu informativa, uma vez que ambos os tipos de nominalizações tratadas neste trabalho com contam com afixos nominalizadores.

ambíguo entre ASN e RN, podendo inclusive misturar, em alguns contextos, propriedades dos dois tipos. Em linha, portanto, com Iordăchioaia (2020, 2021), propomos que os nominais zero do PB são uma evidência interessante de que as nominalizações zero podem licenciar estrutura argumental.

Para além disso, buscando analisar as nominalizações zero, é comum encontrarmos na literatura algumas abordagens que lançam mão de processos específicos de formação de palavras, tais como a conversão morfológica (Bauer e Varela, 2005; Lieber, 2005; Villalva, 2013) e a derivação regressiva (Rocha Lima, 2011; Cunha e Cintra, 2015) para dar conta dessas formações. O fato de os nominais zero poderem se dividir nas mesmas categorias que os nominais que apresentam um categorizador fonologicamente realizado parece, no entanto, apontar para a ideia de que as formações zero podem ser analisadas a partir das mesmas ferramentas, sem a necessidade de mecanismos adicionais.

Na verdade, a existência de um fenômeno linguístico como a nominalização zero é uma evidência interessante de que questões como a natureza das categorias sintáticas pode ser mais bem compreendida como o resultado das relações que se estabelecem no interior das palavras e das configurações sintáticas em que essa formação se encontra. Dessa forma, a análise das formações infinitivas e regressivas implementada neste trabalho se desenvolve a partir de uma perspectiva sintática de formação de palavras, a Morfologia Distribuída, (Halle e Marantz, 1993; Marantz, 1997 e muitos trabalhos subsequentes), doravante MD. Tal quadro se mostra especificamente interessante para a análise das nominalizações zero, uma vez que as tradicionais categorias lexicais, tais como verbo e nome, por exemplo, não têm estatuto de primitivo dentro do modelo, sendo entendidos como consequência das relações estruturais que se estabelecem em torno de uma raiz acategorial. Além disso, a abordagem decomposicional no nível da palavra assumida pela MD possibilita que as propriedades empíricas verbais e nominais associadas a cada tipo de nominalização possam ser consideradas como o reflexo da presença ou da ausência de núcleos funcionais específicos na estrutura sintática.

Buscando ampliar a compreensão sobre a natureza das nominalizações, esta tese se propõe a buscar ferramentas empíricas que ultrapassem as discussões teóricas em duas diferentes frentes. De um lado, especificamente para as nominalizações infinitivas, realizamos um estudo exploratório de diferentes corpora disponibilizados pela Linguatca para investigar como nominalizações infinitivas são efetivamente realizadas no uso a partir das propriedades empíricas que atuam na efetiva produção desse tipo de nominal pelos falantes, relacionando, as discussões sobre a produtividade e a produção dessas formas. De outro lado, fazemos um diálogo com a perspectiva experimental, investigando o processamento dos nominais

infinitivos e regressivos através de duas tarefas complementares: uma delas *online*, uma leitura automonitorada sob a forma de *mazetask*, a outra *off-line* através da tarefa de julgamento de aceitabilidade.

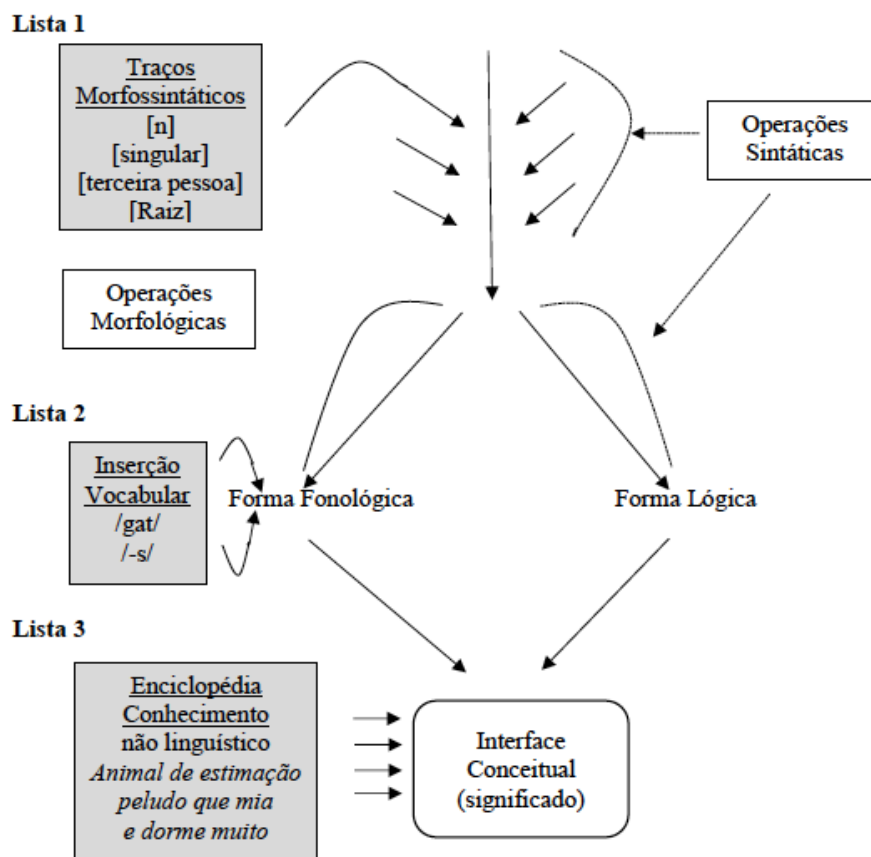
Nas próximas seções deste capítulo oferecemos um panorama da perspectiva teórica que ancora nosso debate, do estudo exploratório de corpus que propomos para os infinitivos nominais e da interface experimental que buscamos abarcar nesta pesquisa.

1.2 O QUADRO TEÓRICO: A MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

A vertente teórica da MD pode ser caracterizada como um dos desenvolvimentos da teoria gerativa, especialmente dentro do modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), sendo inicialmente proposta em Halle e Marantz (1993) e, posteriormente, refinada em Marantz (1997) e muitos trabalhos subsequentes. A ideia central do modelo da MD é a existência de um único componente gerativo, a sintaxe, capaz de gerar estruturas complexas através da estruturação de unidades menores de maneira hierárquica e sistemática.

Dessa maneira a MD dilui as fronteiras entre a formação de palavras e sentenças, que passam a ser compreendidas como resultado de operações similares no componente sintático. Assim, as propriedades que no modelo Lexicalista estavam diretamente associadas aos itens lexicais são distribuídas em três diferentes listas, cada qual contendo informações de naturezas distintas, acessadas em um momento determinado no decorrer da derivação. O esquema do modelo de gramática proposto pela MD pode ser visto abaixo:

Figura 1 – arquitetura da gramática da MD



Fonte: adaptado de Siddiqi (2009, p. 14) por Armelin (2015)

A Lista 1, ou Léxico Estrito, armazena os primitivos que serão manipulados na derivação sintática: raízes e traços morfossintáticos. Enquanto a natureza das raízes ainda se coloca como tema de debate na literatura, os traços morfossintáticos são consensualmente abstratos, isto é, desprovidos de conteúdo fonológico. As operações sintáticas estruturam hierarquicamente os primitivos selecionados da Lista 1 através da combinação de traços morfossintáticos e raízes a partir da concatenação destes sob nós terminais.

Para os propósitos deste trabalho, é interessante ressaltar que, na MD, a categoria deixa de ter estatuto de primitivo para ser sintaticamente derivada, o que é consequência da ideia de que as raízes são entendidas como elementos desprovidos de categoria. A hipótese de que as raízes são elementos acategoriais tem sido implementada na teoria através da postulação da existência de núcleos funcionais especializados (*n*, *v*, *a*), responsáveis por fornecer categoria à estrutura a que eles se anexam. Esses núcleos fazem parte do inventário de elementos funcionais da língua e estão sujeitos à inserção de vocabulário. A necessidade de categorizar uma raiz por meio da concatenação com um núcleo categorizador é sistematizada pela Hipótese de Categorização (*Categorization Assumption*) de Embick e Noyer (2000):

Hipótese de Categorização: as raízes não podem aparecer se não forem categorizadas [...]. As raízes são categorizadas através da sua combinação com um núcleo funcional definidor de categoria.

(Embick e Noyer, 2007, p. 5 – tradução nossa²)

A Lista 2, denominada Vocabulário, é o lugar de armazenamento dos Itens de Vocabulário (IVs), que são associações entre os expoentes fonológicos disponíveis no inventário da língua e os traços morfossintáticos a eles correspondentes. Essa lista é acessada somente depois da sintaxe, de modo que os nós terminais sintáticos ganham conteúdo fonológico através da operação de Inserção de Vocabulário, que é regulada pelo Princípio do Subconjunto, tal como descrito abaixo:

Princípio do subconjunto: o expoente fonológico de um item de vocabulário é inserido em um morfema no nó terminal se o item corresponder a todos ou a um subconjunto das características gramaticais especificadas no nó terminal. A inserção não ocorre se o item de vocabulário contiver traços não presentes no morfema. Quando vários itens de vocabulário atendem às condições de inserção, deve-se escolher o item que corresponde ao maior número de características especificadas no nó terminal.

(Halle 1997, p. 128 – tradução nossa³)

Por sua vez, a Lista 3, também conhecida como Enciclopédia, é responsável pelo armazenamento das informações de natureza conceitual extralinguística, associadas às raízes em contextos sintáticos específicos.

Dessa maneira, a MD pode ser caracterizada por três propriedades gerais que a caracterizam:

- a) Inserção Tardia: os traços com os quais a sintaxe opera não possuem conteúdo fonológico. Desse modo, a associação entre o nó sintático e o expoente fonológico ocorre somente após *spell-out*, no caminho para a interface de PF.

² Categorization Assumption: Roots cannot appear without being categorized [...]. Roots are categorized by combining with category – defining functional heads. (Embick e Noyer, 2004, p.5)

³ Subset Principle: The phonological exponent of a Vocabulary Item is inserted into a morpheme in the terminal string if the item matches all or a subset of the grammatical features specified in the terminal morpheme. Insertion does not take place if the Vocabulary Item contains features not present in the morpheme. Where several Vocabulary Items meet the conditions for insertion, the item matching the greatest number of features specified in the terminal morpheme must be chosen. (Halle 1997, p. 128)

- b) Subespecificação dos IVs: para entrar em um determinado nó terminal, as expressões fonológicas não precisam ser totalmente especificadas quanto aos requerimentos sintáticos especificados em cada nó.
- c) Estrutura hierárquica em toda a derivação: as operações sintáticas atuam na formação de palavras ou de constituintes maiores, como sintagmas ou sentenças.

Especificamente no que diz respeito ao desenvolvimento de uma análise sobre as nominalizações infinitivas e regressivas, um modelo como a MD, que licencia a interação entre formação de palavras e sentenças em um único componente, nos parece vantajosa na medida em que permite mapear as projeções funcionais internas e externas às nominalizações, caracterizando-as de maneira formalmente mais precisa.

Com essa perspectiva teórica em mente, na próxima seção, delineamos nossas questões e as hipóteses teóricas que desenvolvemos como ponto de partida para o estudo das nominalizações infinitivas e regressivas do PB.

1.3 QUESTÕES E HIPÓTESES FORMALISTAS

A ideia central desenvolvida ao longo deste estudo é que o comportamento das nominalizações infinitivas e regressivas pode ser explicado a partir de suas respectivas estruturas funcionais. Dessa forma, as nominalizações zero estão sujeitas aos mesmos processos sintáticos que licenciam as formas concatenativas, não sendo necessário recursos específicos, como a conversão morfológica ou mesmo uma operação formal de regressão para derivar esses dados. Cabe-nos, portanto, investigar qual seria a sequência de núcleos de natureza verbal e de natureza nominal que compõem essas formações. Para tanto, o recorte aqui proposto contempla as seguintes questões acompanhadas das hipóteses a serem desenvolvidas nos próximos capítulos:

- A. Como as nominalizações infinitivas e regressivas do PB se localizam nas tipologias de nominais existentes na literatura?

Hipótese: levando em consideração a tipologia de Chomsky (1970), as nominalizações infinitivas do PB apresentam algumas propriedades similares

às nominalizações gerundivas e outras propriedades que as aproximam das nominalizações mistas do inglês. Já as nominalizações regressivas parecem se comportar de forma semelhante aos nominais derivados. Por sua vez, no escopo do trabalho de Grimshaw (1990), a relação que parece se estabelecer é que as nominalizações infinitivas do PB se comportam como os nominais de evento complexo da autora, enquanto as nominalizações regressivas podem ser ambíguas entre esse tipo de nominal e as outras classes, a saber, os nominais de evento simples e de resultado. Finalmente, na tipologia de Borer (2014a), os nominais infinitivos se comportam como ASN, enquanto os nominais regressivos são ambíguos entre ASN e RN. Para além disso, detectamos que, em alguns contextos, os regressivos podem misturar propriedades de ASN e RN de modo não previsto pela tipologia de Borer (2014a).

- B. Quais são os núcleos funcionais presentes na estrutura sintática dos nominais infinitivos?

Hipótese: As nominalizações infinitivas se comportam como ASN e são estruturalmente caracterizadas pelas seguintes camadas verbais: *v*, *Voice* e *Asp*. Dentre as camadas nominais, as nominalizações infinitivas são formadas pelo núcleo *Class* e *D*.

- C. Quais são os núcleos funcionais presentes na estrutura sintática dos nominais regressivos?

Hipótese: os nominais regressivos que se comportam como ASN apresentam as camadas verbais *v* e *Voice*. Já os nominais regressivos identificados como RN apresentam apenas o categorizador verbal como parte da projeção estendida do verbo. Os nominais regressivos que albergam as propriedades de ASN e RN, desafiando a tipologia de Borer (2014a), serão caracterizados pela presença de *v* sem propriedades seletivas e de um núcleo *Voice* que, de igual modo, não hospeda nenhum argumento em seu especificador. Além disso, apesar da variação nas camadas verbais, as nominalizações regressivas são estruturalmente caracterizadas pelas mesmas camadas nominais: *D*, *Number*, *Class*.

Para além de uma abordagem formal, esta pesquisa busca desenvolver uma interface empírica, com uma investigação baseada na linguística de corpus para os infinitivos nominais, como delineamos na próxima seção.

1.4 INFINITIVOS NOMINAIS NO DEBATE EMPÍRICO: ESTUDO DE CORPUS⁴

O nosso estudo de corpus busca investigar a produção real de nominalizações infinitivas no PB, articulando discussões teóricas de produtividade e dados empíricos. Para tanto, partimos da distinção entre os seguintes conceitos:

- Produtividade – potencial gerativo de um processo morfológico, ligado à competência linguística (Aronoff 1976).
- Produção – formas efetivamente encontradas no uso, observáveis em corpora e influenciadas por fatores pragmáticos e socioculturais.

Para tanto, foram coletados corpora da Linguateca, através de fórmulas que identificam infinitivos precedidos de determinante ou com terminação em [vogal+r]. Em linhas gerais, após o refinamento dos dados, trabalhamos com 5.914 ocorrências de nominalizações infinitivas. Tais formações foram analisadas a partir de diferentes propriedades empíricas. Como ponto de partida, avaliamos a estrutura argumental da base, sendo encontradas bases verbais variadas, como inacusativas, inergativas e transitivas.

Além disso, identificamos as ocorrências de propriedades verbais e nominais que já haviam sido apontadas como relevantes na literatura. Mais especificamente, dentre as propriedades verbais verificamos: a presença de argumento interno; a presença de argumento externo introduzido via preposição *de*; a presença de argumento externo introduzido via *by-phrase*; o licenciamento de diversos modificadores, como adverbiais, agentivos e aspectuais, além do licenciamento da negação. Essas propriedades evidenciam rica estrutura verbal interna nos infinitivos nominais. Já em relação às propriedades nominais dessas formações, identificamos a introdução por artigo definido, por pronome demonstrativo ou via possessivo, além da presença de modificadores adjetivais.

⁴ A escolha pelas nominalizações infinitivas se deu mediante a necessidade de validar os dados empíricos e suas ocorrências no uso, bem como verificar, em termos amostrais, a ocorrência das propriedades verbais e nominais associadas. Desse modo, apontamos que um estudo similar tomando como domínio empírico as nominalizações regressivas se constitui como um passo futuro no aprofundamento das discussões propostas nesta tese.

Essa investigação nos permite dizer que as nominalizações infinitivas mostram-se relativamente produtivas no PB. Além disso, as propriedades empíricas atestadas em uso real corroboram a literatura teórica e indicam que essas formações exibem simultaneamente traços verbais.

1.5 A INTERFACE EXPERIMENTAL

A interface experimental desenvolvida nesta pesquisa busca focalizar o processamento das nominalizações infinitivas e regressivas por falantes adultos de PB, no intuito ampliar a compreensão a respeito da natureza desse fenômeno.

Assim, nossa hipótese de partida é que os processos mentais relacionados ao processamento das diferentes formas linguísticas, e mais especificamente nesse caso das nominalizações zero, requer que o falante depreenda intuitivamente as relações estruturais entre os itens e as regras que subjazem essas relações. Dessa forma, a capacidade de processar diferentes formas nominalizadas pode ser entendida como uma evidência de que o falante é capaz de depreender e operar linguisticamente, ainda que de forma intuitiva, com o conjunto de regras associadas em sua gramática aos variados processos de formação de itens complexos, dentre esses as nominalizações.

No escopo da interface experimental, nosso objetivo é investigar os procedimentos cognitivos associados ao processamento das nominalizações zero por meio da aplicação de tarefas experimentais. Mais especificamente, esta pesquisa desenvolveu um teste de leitura automonitorada do tipo labirinto (*maze task*), no qual os participantes leem uma sentença segmentada escolhendo, em cada etapa, a opção que melhor completa a frase. Foram definidas duas variáveis independentes: (i) tipo de nominalização zero (infinitiva ou regressiva) e (ii) estrutura argumental (inacusativo, inergativo e transitivo). Adicionalmente, tomando essas mesmas variáveis independentes, também foi desenvolvido um teste de julgamento de aceitabilidade, aplicado por meio de formulários impressos em que a tarefa solicitada consistia, justamente, na proposição de uma escala de aceitabilidade por meio da qual o participante deveria indicar o quanto, em sua percepção, uma determinada sentença seria o padrão natural do PB. Nosso objetivo ao promover essa segunda aplicação foi buscar ancorar as percepções sobre a aceitabilidade de ambos os tipos de nominalizações, lançando mão de uma técnica experimental *offline*.

Em ambos os testes as nominalizações alvo aparecem sob a forma de um pseudônimo para evitar qualquer influência de um conhecimento prévio e para permitir o balanceamento

entre nominalizações dos dois tipos na mesma sentença. A estrutura argumental do verbo que deveria ser a base das nominalizações foi manipulada através de uma sentença contexto que precede cada sentença teste. Empiricamente, as nominalizações infinitivas funcionam como ASN, enquanto as nominalizações regressivas são ambíguas entre a leitura de ASN e RN, na nomenclatura de Borer (2014a). Como o contexto fornecido aponta para um nominal de evento complexo, a nossa previsão era de que as escolhas alvo e os tempos de reação da tarefa *online* favoreceriam o nominal infinitivo. Nesse mesmo sentido, a preferência pelos infinitivos nominais também era o padrão esperado nos formulários de aceitabilidade, considerando que tais formações são passíveis de serem formadas tomando como base verbos de variadas estruturas argumentais.

No teste de leitura automonitorada, no entanto, os resultados não foram significativos estatisticamente em nenhuma das variáveis dependentes, com um equilíbrio entre as escolhas e tempo de reação para os nominais infinitivos e regressivos. Em termos de implementação formal, embora do ponto de vista do processamento não tenha sido possível refutar a hipótese nula, a nossa hipótese é que as camadas verbais referentes à introdução de argumentos são bastante semelhantes entre os nominais infinitivos e regressivos na leitura de ASN. No formulário de aceitabilidade, por sua vez, os infinitivos nominais formados a partir de verbos inacusativos mostraram-se mais bem aceitos do que as nominalizações regressivas, reforçando a hipótese de que estas últimas apresentam lacunas em seu padrão de formação. Na condição transitiva, por sua vez, o tipo de nominalização não afetou os julgamentos: tanto as infinitivas quanto as regressivas receberam, em sua maioria, avaliações de baixa aceitabilidade. Esse resultado, em nossa interpretação, relaciona-se à presença explícita da *by-phrase* nas frases teste, elemento cuja realização não é obrigatória nesse tipo de construção. Finalmente, no contexto inergativo, observou-se um padrão de aceitabilidade mais equilibrado, possivelmente indicando uma distinção de estatuto entre o agente introduzido pela preposição *de* nas formações inergativas e aquele presente nas transitivas, veiculado por *by-phrase*.

Nesse sentido, o presente trabalho propõe uma análise integrada entre os estudos no âmbito da Teoria Linguística de base formalista e da Linguística experimental, ambas ciências no rol das chamadas Ciências Cognitivas (Miller, 2003), com potencial de proporcionar avanços no que concerne à natureza formal dos nominais zero, além de lançar luz sobre a questão do processamento adulto de estruturas linguísticas complexas no PB.

1.6 ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA

Para implementar as discussões e hipóteses apresentadas neste panorama geral, este trabalho se organiza em mais cinco capítulos, além da introdução.

No capítulo 2, investigamos as propriedades empíricas associadas às nominalizações infinitivas e regressivas do PB, especialmente na comparação do comportamento dos dois tipos de nominais. Para tanto, buscamos localizar as propriedades dos nominais infinitivos e regressivos a partir da literatura que já se debruçou sobre o tema das nominalizações, propondo diferentes classes de nominais. Em especial, revisitamos as propostas de Chomsky (1970) e Grimshaw (1990), Borer (2014a) e Alexiadou, Florian e Schäfer (2011), estabelecendo discussões a respeito dos nominais do PB.

No capítulo 3, nossa proposta é aprofundar a discussão empírica sobre a natureza dos infinitivos nominais a partir de dados reais extraídos de corpora. Nosso objetivo, por meio dessa discussão, é mapear o funcionamento desse tipo de nominalização em ocorrências concretas, observando a presença das propriedades empíricas discutidas no capítulo anterior. Para tanto, nossa abordagem se pautou em uma análise qualitativa e quantitativa das principais propriedades verbais e nominais dessas formações a partir de dados obtidos em uma busca de corpora do PB na Linguateca. A discussão panorâmica proposta neste capítulo, por um lado, fundamenta a análise formal proposta na tese e, por outro, em termos da abordagem quantitativa proposta, é informativa quanto ao uso produtivo desse tipo de nominalização.

O capítulo 4, por sua vez, apresenta uma proposta de análise formal que seja capaz de capturar o comportamento empírico das nominalizações infinitivas e regressivas, dialogando com as questões teóricas centrais levantadas nos capítulos anteriores. Para tanto, localizamos tais formações na discussão a respeito das categorias mistas, caracterizadas como formações que combinam propriedades tipicamente associadas a duas categorias distintas (Bresnan, 1997; Panagiotidis e Grohmann, 2009). Além disso, colocamos em foco a natureza da raiz, argumentando, em linha com Borer (2014b) e Bassani e Minussi (2015) que as raízes são incapazes de licenciar argumentos. A partir dessa discussão, com base em Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011), desenvolvemos nossas hipóteses a respeito dos núcleos funcionais verbais e nominais presentes nos nominais infinitivos e nos nominais regressivos.

No capítulo 5, por sua vez, nossa discussão revisita, a partir da estrutura proposta no capítulo anterior, algumas das questões teóricas tradicionais no estudo das nominalizações infinitivas e regressivas. Nesse contexto, abordamos o estatuto formal da nominalização zero, dispensando a necessidade de processos específicos como conversão morfológica e regressão. Além disso, discutimos a ideia de que nominalizações zero não licenciam estrutura

argumental, defendendo a ideia de que, crucialmente, não há distinções sintáticas relevantes a partir da realização do categorizador nominal. Mais especificamente, sobre os nominais infinitivos, revisitamos o estatuto formal do morfema *-r*, bem como as discussões sobre a leitura aspectual dessas formações. Por sua vez, com base nos nominais regressivos, abordamos questões como a direcionalidade da formação e a natureza da vogal final, tomando como base, especificamente, as discussões sobre fase e localidade entre a raiz e tal elemento.

Já o capítulo 6, oferece uma proposta de diálogo com a linguística experimental a partir da investigação do processamento linguístico das nominalizações zero. É neste capítulo que reportamos, então, o percurso para a proposição das tarefas experimentais de leitura auto monitorada e julgamento de aceitabilidade, com a apresentação e discussão dos resultados obtidos em cada uma das tarefas. De forma geral, a interface experimental tem o potencial de lançar luz sobre o modo como as propriedades descritas nos capítulos anteriores são processadas e decodificadas, o que, por sua vez, pode nos ajudar a ancorar a compreensão sobre o modo como se sistematiza a estrutura sintática dessas formações, proposta no capítulo de análise.

Após esse percurso, finalmente, o capítulo 7 encerra este trabalho apresentando as considerações finais e passos futuros que podem ser desenvolvidos a partir do percurso já proposto nos passos que constituem esta tese.

CAPÍTULO 2

AS NOMINALIZAÇÕES INFINITIVAS E REGRESSIVAS DO PB: PROPRIEDADES EMPÍRICAS

2.1 INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, abordamos as propriedades empíricas dos dois tipos de nominalização zero investigadas neste trabalho, as nominalizações infinitivas e as nominalizações regressivas do PB. A discussão dessas propriedades, bem como a comparação do comportamento desses dois tipos de nominais, constituem-se como pontos essenciais para o desenvolvimento da nossa proposta de análise formal para essas formações no capítulo seguinte. Da mesma forma, é a partir dessas propriedades, em especial o comportamento dos nominais em relação à estrutura argumental, que propomos, no capítulo 6, um diálogo com a abordagem experimental.

Em linhas gerais, as nominalizações infinitivas se caracterizam pela possibilidade de anteposição de um determinante à forma infinitiva do verbo de base, tal como ilustrado a seguir:

- 1)
 - a) O dançar da bailarina russa.
 - b) O corrigir das provas pela banca examinadora.

Uma das características interessantes desse tipo de formação é seu alto potencial de produtividade⁵, uma vez que as nominalizações infinitivas podem ser formadas a partir de verbos de natureza variada, sem imposição de restrições formais – como aspecto ou estrutura argumental, por exemplo – ao tipo de base. Para além disso, em termos de interpretação, tais nominalizações são, em geral, bastante transparentes, na medida em que preservam a interpretação associada ao verbo de base. Do ponto de vista morfossintático, as nominalizações infinitivas são caracterizadas por preservarem a estrutura argumental do verbo, em especial o argumento interno. Finalmente, as nominalizações infinitivas preservam

⁵ Estamos empregando aqui o conceito de produtividade morfológica como potencial de aplicação e não como efetiva realização concreta das formações na língua. Questões a esse respeito serão abordadas a partir de um trabalho de coleta de dados de nominalização infinitiva em *corpora*, conforme apresentado no capítulo 6.

também a leitura eventiva da forma verbal, bem como a agentividade desse evento, se o verbo de base licenciar argumento externo dessa natureza.

Já as chamadas nominalizações regressivas são caracterizadas por apresentarem uma realização fonológica distinta do verbo de base: elas não apresentam vogal temática verbal ou a marca infinitiva, mas sim uma vogal de natureza nominal, que pode ser *-o*, *-a* ou *-e*, como ilustram os pares em (2):

2)

- a) cantar – canto
- b) dançar – dança
- c) examinar – exame

Em termos empíricos, diferentemente das nominalizações infinitivas, as nominalizações regressivas apresentam diversas lacunas de formação, uma vez que nem todo verbo possui uma nominalização regressiva correspondente. Para além disso, a interpretação das nominalizações regressivas nem sempre é totalmente transparente em relação ao verbo, podendo haver idiosincrasias semânticas. Em (3), podemos ver uma breve comparação das nominalizações infinitivas e regressivas, no que diz respeito à produtividade e interpretação.

3)

- a) O cumprir das promessas pelos políticos é um milagre.
- b) *O cumprimento das promessas pelos políticos é um milagre.
- c) ? O dançar das cadeiras no senado irrita a todo cidadão.
- d) A dança das cadeiras no senado irrita a todo cidadão.

Enquanto (3b) representa uma lacuna de produtividades nos regressivos, (3c), por sua vez, aponta para uma restrição na interpretação não composicional das formas infinitivas.

Colocadas em perspectiva, as propriedades empíricas dos nominais infinitivos e regressivos dialogam de maneira interessante com as discussões propostas na literatura em trabalhos seminais a respeito das nominalizações, como Chomsky (1970) e Grimshaw (1990). De forma mais específica, levando em consideração a tipologia de Chomsky (1970), as nominalizações infinitivas do PB apresentam algumas propriedades similares às nominalizações gerundivas e outras propriedades que as aproximam das nominalizações mistas do inglês. Já as nominalizações regressivas parecem se comportar de forma semelhante aos nominais derivados. Por sua vez, no escopo do trabalho de Grimshaw (1990), a relação que parece se estabelecer é que as nominalizações infinitivas do PB se comportam como os

nominais de evento complexo da autora, enquanto as nominalizações regressivas podem ser ambíguas entre esse tipo de nominal e as outras classes, a saber, os nominais de evento simples e de resultado. Mais especificamente, neste trabalho argumentamos que o comportamento das nominalizações infinitivas como nominais de evento complexo e a variação das nominalizações regressivas dentre diferentes tipos de nominais são sintaticamente definidos a partir dos elementos que fazem parte da estrutura desses nominais e que interagem com eles na estrutura da sentença.

Nessa perspectiva mais sintática de formação de palavras, Borer (2014a) propõe uma sistematização das classes definidas em Grimshaw (1990) em dois tipos: os nominais de estrutura argumental (ASN) e os nominais referencias (RN). Nessa tipologia, propomos que os nominais infinitivos do PB se comportam como ASN, enquanto os regressivos são ambíguos entre ASN e RN.

Para além disso, argumentamos que as tipologias propostas tanto por Grimshaw (1990), como por Borer (2014a) não são capazes de prever a distribuição das propriedades empíricas associadas às diferentes ocorrências de nominalizações regressivas do PB, já que esses nominais podem apresentar simultaneamente propriedades de ASN e de RN. Para dar conta desse comportamento multifacetado das nominalizações, recorreremos a uma perspectiva mais translinguística dessa classe, tal como a desenvolvida por Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011). Nessa abordagem, as diferentes propriedades associadas às nominalizações são associadas à presença ou à ausência de núcleos funcionais verbais e nominais na estrutura sintática.

Em termos empíricos, como veremos ao longo do capítulo, as nominalizações infinitivas e regressivas do PB, se comportam de maneira diferente em relação às suas respectivas propriedades verbais e nominais. No escopo das propriedades verbais, por exemplo, os nominais infinitivos apresentam natureza eventiva, licenciam estrutura argumental, aceitam negação e podem ser modificados por advérbios. Tal comportamento nem sempre se verifica nas formações regressivas, a depender do tipo de nominal que está sendo formado na estrutura sintática. Em termos nominais, por sua vez, as formações regressivas podem ser facilmente pluralizadas e apresentam diferentes padrões de gênero, enquanto os nominais infinitivos não pluralizam da mesma forma e são invariavelmente masculinos.

De um ponto de vista teórico, as análises desenvolvidas no âmbito dos trabalhos de Chomsky (1970), Grimshaw (1990), Borer (2014a) e Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011) podem ser consideradas centrais para fomentar o debate não só a respeito do estatuto

formal das nominalizações, mas, de maneira mais ampla, também sobre a natureza da arquitetura da gramática, bem como do lugar da morfologia e da formação de palavras nessa arquitetura. Inserindo-se nesse debate, o infinitivo nominal e as nominalizações regressivas, especialmente em contraste um com o outro, se destacam como um fenômeno interessante de análise linguística, compartilhando propriedades formais já notadas na literatura ao mesmo tempo em que proporcionam a discussão de contrapontos empíricos e teóricos importantes.

Com foco especificamente no comportamento empírico das nominalizações infinitivas e regressivas do PB, este capítulo sistematiza as propriedades dessas formações a partir da discussão com diferentes tipologias propostas na literatura de modo a localizar os nominais do PB nesse debate. Para tanto, em 2.2, abordamos os nominais gerundivos, derivados e mistos de Chomsky (1970), comparando esses diferentes tipos com as nominalizações regressivas e infinitivas; em 2.3, abordamos as propriedades detectadas em Grimshaw (1990), a partir da sistematização de Borer (2014a), para os nominais de estrutura argumental e para os nominais referenciais; em 2.4, trazemos as escalas de propriedades empíricas nominais e verbais levantadas por Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011) para as nominalizações, procurando detectar as propriedades verbais e nominais das formações infinitivas e regressivas do PB. Por fim, a seção 2.5 traz as considerações finais deste capítulo.

2.2 NOMINALIZAÇÕES INFINITIVAS E REGRESSIVAS NA PROPOSTA DE CHOMSKY (1970)

O trabalho de Chomsky (1970) toma as nominalizações do inglês como paradigma de base para propor uma rediscussão sobre o lugar da formação de palavras na arquitetura da gramática. Em especial, Chomsky (1970) é entendido como o lugar de nascimento da chamada Hipótese Lexicalista, que é interpretada na literatura subsequente a partir da ideia de que o léxico pode ser um componente gerativo de estrutura complexa no nível da palavra.

Para tanto, Chomsky (1970), faz um contraste entre as chamadas nominalizações gerundivas e derivadas do inglês, a partir de algumas propriedades empíricas que as diferenciam, tais como: a produtividade, a interpretação da formação e a previsibilidade da forma morfofonológica que realiza a nominalização. Nos dados abaixo encontramos em (4) as formas verbais, enquanto as nominalizações gerundivas e derivadas correspondentes estão ilustradas em (5) e (6), respectivamente.

- 4)
- a) John is eager to please.
 - b) John has refused the offer.
 - c) John criticized the book.
- 5)
- a) John's being eager to please.
 - b) John's refusing the offer.
 - c) John's criticizing the book.
- 6)
- a) John's eagerness to please.
 - b) John's refusal of the offer.
 - c) John's criticism of the book.

(Chomsky, 1970, p.15)

Em linhas gerais, as nominalizações derivadas apresentam lacunas de formação, podem licenciar uma interpretação diferente daquela do verbo de base, além de serem formadas como uma variedade de sufixos (como *-ness*, *-al*, *-ism*). Por sua vez, as nominalizações gerundivas, de maneira oposta, são altamente produtivas, apresentam uma interpretação previsível a partir do verbo de base e são morfofonologicamente realizadas pelo mesmo afixo, o sufixo *-ing*.

Em princípio, as propriedades descritas por Chomsky (1970) para as nominalizações gerundivas podem ser observadas nas nominalizações infinitivas do PB:

- 7)
- a) Os pássaros cantam todas as manhãs.
 - b) O cantar dos pássaros todas as manhãs.
 - c) As flores morrem no outono.
 - d) O morrer das flores no outono.
 - e) A família comprou a casa dos sonhos.
 - f) O comprar da casa dos sonhos pela família.
 - g) A igreja enviou comida aos famintos.
 - h) O enviar de comida aos famintos pela igreja

Como ilustrado nos dados em (7), as nominalizações infinitivas do PB tem um potencial alto de produtividade, podendo ser formadas a partir de bases verbais de naturezas distintas, como inergativos (7b), inacusativos (7d), transitivos (7f) e bitransitivos (7h), não impondo, portanto, restrições formais à base. Nesse mesmo sentido, a interpretação da nominalização infinitiva, assim como apontado para as nominalizações gerundivas do inglês,

é bastante transparente em relação ao significado da forma verbal de base, preservando a sua leitura eventiva e estrutura argumental. Finalmente, a realização morfofonológica dessas nominalizações é tão previsível como as formas em *-ing* do inglês, superficializando-se, por sua vez, com as mesmas marcas do infinitivo no PB. Tais propriedades parecem aproximar as formações nominais do PB das nominalizações gerundivas do inglês, afastando-as, por sua vez, das nominalizações derivadas.

Por outro lado, Chomsky (1970) aponta que as nominalizações gerundivas do inglês não apresentam efetivamente uma estrutura interna de sintagma nominal. A evidência desse comportamento é que as nominalizações gerundivas não licenciam determinantes, de modo que não é possível substituir o genitivo *John's* nas nominalizações em (5) por determinantes, como *the* ou *that* do inglês, por exemplo. Da mesma forma, as nominalizações gerundivas não licenciam a modificação por adjetivos, em oposição ao que acontece com elementos nominais. Diferentemente disso, no entanto, as nominalizações infinitivas do PB aceitam determinantes de variada natureza (8a), além de licenciarem modificação adjetival (8b), como ilustrado abaixo:

8)

- a) Esse/Aquele/ O cantar dos pássaros todas as manhãs.
- b) O emocionante cantar dos pássaros todas as manhãs.

Além disso, outra diferença importante entre as nominalizações gerundivas do inglês e as nominalizações infinitivas do PB diz respeito à marcação de caso do objeto. Mais especificamente, as nominalizações do inglês licenciam acusativo, sem a necessidade de uma preposição para marcação de caso, enquanto o objeto das nominalizações do PB é inserido com o auxílio da preposição “de”.

9)

- a) John's refusing [the offer].
- b) O recusar [da oferta] pelo João.
- c) *O recusar o João a oferta.
- d) *O recusar a oferta o João.
- e) *O recusar a oferta do João.

O paradigma acima em (9) evidencia que, enquanto as nominalizações gerundivas do inglês licenciam caso acusativo no objeto, tal como (9a), as nominalizações infinitivas do PB não atribuem a mesma marcação de caso, como se pode observar pela agramaticalidade

presente nas sentenças (9b-e). Dessa forma, nas nominalizações infinitivas, o objeto é inserido via sintagma preposicional, que, de forma geral, é tratado como a realização do caso genitivo.

Tais diferenças apresentadas pelas nominalizações infinitivas do PB em relação aos nominais gerundivos do inglês nos leva ao terceiro tipo de nominalização detectada em Chomsky (1970), a saber, as nominalizações mistas, que, no entanto, são pouco exploradas, tanto em termos empíricos, como em termos teóricos na proposta do autor. As nominalizações mistas, apesar de realizarem com *-ing*, como as formas gerundivas, apresentam a preposição *of* antecedendo o objeto, como acontece nas formas do PB:

10)

- a) John's refusing of the offer.
- b) John's proving of the theorem.
- c) the growing of tomatoes.

(Chomsky, 1970, p.58)

Segundo Chomsky (1970), tais formas, assim como as nominalizações derivadas, parecem ter a estrutura interna de sintagmas nominais, sendo que o sujeito possessivo pode ser substituído por um determinante, como em (10c). Além disso, diferentemente das nominalizações gerundivas, a produtividade desse tipo de construção com determinante seria bastante limitada, como aponta a agramaticalidade dos dados abaixo:

11)

- a) *the feeling sad
- b) *the trying to win
- c) *the arguing about money
- d) *the leaving

(Chomsky, 1970, p.59)

Dessa forma, dentre as similaridades entre as nominalizações mistas do inglês e as nominalizações infinitivas do português, temos a inserção do argumento interno via preposição, além do licenciamento de determinantes antecedendo a nominalização. Por outro lado, embora as construções com determinantes sejam mais limitadas no inglês, no PB, por sua vez, essa limitação não se verifica, com o licenciamento de determinantes acontecendo mais produtivamente nas nominalizações infinitivas do PB.

Já as nominalizações regressivas do PB parecem apresentar propriedades semelhantes aos nominais derivados da tipologia de Chomsky (1970). Em comparação com as nominalizações gerundivas, o comportamento das nominalizações derivadas é menos

sistemático. Em termos de produtividade, por exemplo, os nominais derivados apresentam mais lacunas, não sendo previsível a existência dessas formações na língua. Dessa mesma forma, as nominalizações regressivas do PB parecem ter uma produtividade mais restrita quando comparadas, por exemplo, aos nominais infinitivos. Assim, nem todo verbo da língua apresenta uma nominalização regressiva correspondente e, no mesmo sentido, nem toda nominalização infinitiva apresenta um nominal regressivo correspondente.

12)⁶

a)	sentar	*o sento
b)	suar	*o suo
c)	transpirar	*o transpiro
d)	andar	*o ando
e)	abrir	*o abro
f)	empurrar	*o empurro
g)	lembrar	*o lembro
h)	ouvir	*o ouvo
i)	ler	*o lo
j)	colocar	*o coloco
k)	comemorar	*o comemoro
l)	devolver	*o devolvo
m)	aconselhar	*o aconselho
n)	emprestar	*o empresto

Os dados em (12) correspondem a verbos com variadas estruturas argumentais, tais como verbos inergativos, transitivos, bem como aqueles considerados bitransitivos nas nomenclaturas tradicionais. Além disso, as lacunas de formação dos regressivos parecem ainda mais evidentes com verbos inacusativos, como evidenciam os exemplos a seguir:

13)

a)	nascer	*o nasço
b)	morrer	*o morro
c)	amanhecer	*o amanheço
d)	surgir	*o surjo
e)	sumir	*o sumo
f)	adoecer	*o adoeço
g)	aparecer	*o apareço
h)	desaparecer	*o desapareço
i)	chegar	*o chego

⁶ De forma específica, dados como os compilados no paradigma em (12) podem, potencialmente, se constituir como formações possíveis em outros contextos de uso da língua. O aspecto ilustrativo nesse paradigma, para os propósitos dessa discussão é a percepção de que tais dados, ainda que possíveis em outros contextos, fogem ao escopo dessa discussão.

j)	murchar	*o murcho
k)	decair	*o decaio
l)	ocorrer	*o ocorro
m)	acontecer	*o aconteço

Ainda sobre os nominais derivados, Chomsky (1970) aponta para a possibilidade de interpretação idiossincrática associada a essas formações, ao passo que as nominalizações gerundivas sempre apresentam significado transparente em relação ao verbo de base, como vimos anteriormente. No PB, também é possível associar significados idiossincráticos às nominalizações regressivas, em oposição à transparência das nominalizações infinitivas.

14)

- a) O jogo dos políticos é enganar a população.
- b) A dança das cadeiras na diretoria irrita os funcionários.
- c) *O jogar dos políticos é enganar a população.
- d) *O dançar das cadeiras na diretoria irrita os funcionários.

Os dados em (14) mostram que as nominalizações regressivas parecem aceitar significados idiossincráticos em relação ao significado da forma verbal de base. Em (14a), por exemplo, é possível interpretar que não se trata de um jogo literal, mas sim de uma série de artimanhas adotadas pela classe política para enganar a população. Nesse mesmo sentido, em (14b), a interpretação pode ser associada a uma movimentação de cargos que favoreça o poder de quem está ocupando a diretoria. Em ambos os casos se pode observar que o sentido não é transparente em relação ao verbo de base e, como evidenciam os pares em (14c-d), a mesma interpretação não é licenciada nas nominalizações infinitivas.

Por fim, Chomsky (1970) aponta para a compatibilidade das nominalizações derivadas com propriedades tipicamente associadas ao domínio nominal, tais como a compatibilidade com pluralização, a introdução por diferentes tipos de DPs e a possibilidade de aparecer em posições sintáticas ocupadas por sintagmas nominais, tal como objeto indireto e como sujeito sintático em construções passivizadas. Essas propriedades nominais associadas às formas derivadas também podem ser verificadas nos dados de regressivos do PB:

15)

- a) John's three proofs of the theorem.
- b) several of John's proofs of the theorem.
- c) John gave Bill advice.
- d) advice was given (to) Bill.

- e) Bill was given advice.

(Chomsky, 1970, p.13)

16)

- a) Os três exames do João.
- b) Vários dos exames do João.
- c) A Maria entregou o exame para o João.
- d) O exame foi entregue ao João.

Dessa forma, enquanto as nominalizações infinitivas apresentam, em alguns aspectos, um comportamento próximo dos nominais gerundivos e em um outros um comportamento similar aos nominais mistos, as nominalizações regressivas se assemelham aos nominais derivados. Tais propriedades estão sistematizadas na tabela abaixo:

Tabela 1: Sistematização das propriedades associadas às nominalizações zero a partir das propriedades de Chomsky (1970)

Nominalizações Infinitivas		Nominalizações Regressivas
a.	Alto potencial produtividade	Presença de lacunas de formação
b.	Interpretação transparente	Compatível com interpretação não composicional
c.	Fonologicamente previsível	Forma fonológica variável (presença de vogal temática nominal)
e.	Introduzida por diversos tipos de DPs	Introduzida por diversos tipos de DPs
f.	Licencia argumentos preposicionados	Licencia argumentos preposicionados
g.	Incompatível com pluralização	Compatível com pluralização

Fonte: Elaborado pelo autor

Em termos teóricos, a partir do comportamento empírico sistematizado em Chomsky (1970), o autor desenvolve uma discussão da arquitetura da gramática e do lugar de formação dos diferentes tipos de nominalizações. Em termos gerais, é nesse âmbito que se instaura na literatura o debate léxico vs. sintaxe na formação de palavras. Na proposta de Chomsky (1970), as nominalizações gerundivas, por sua sistematicidade, são tratadas via regras transformacionais na sintaxe, enquanto as nominalizações derivadas, por conta de suas idiossincrasias, ficam a cargo do léxico. Embora, as nominalizações mistas sejam poucos exploradas, há também a perspectiva de que elas estejam sujeitas ao mesmo tratamento das derivadas:

Com base nas evidências aqui levantadas, parece que a hipótese transformacionista está correta para os nominais gerundivos e a hipótese lexicalista para os nominais derivados e talvez, embora de forma muito menos clara, para as formas mistas.

(Chomsky, 1970, p. 60 – *tradução nossa*⁷)

O comportamento dos nominais infinitivos, ora como os gerundivos, ora como os mistos, parece apontar para a fragilidade da distinção entre léxico e sintaxe no tratamento da formação de palavras. Da mesma forma, mesmo os nominais regressivos, mais parecidos com os derivados de Chomsky (1970), podem apresentar um comportamento sintático mais próximo dos infinitivos, quando o que está em discussão é o licenciamento de estrutura argumental. Um tratamento dessas formações através de mecanismos e lugares distintos seria incapaz de capturar essa similaridade sintática. Para desenvolver esse debate, na próxima subseção, buscamos aprofundar as propriedades empíricas dos nominais infinitivos e regressivos do PB a partir da proposta de Grimshaw (1990) e Borer (2014a), que se baseia, mais especificamente, nas propriedades relativas ao licenciamento de argumento nas nominalizações.

2.3 NOMINALIZAÇÕES INFINITIVAS E REGRESSIVAS NA TIPOLOGIA DE GRIMSHAW (1990) E BORER (2014a)

O trabalho de Grimshaw (1990) recoloca as nominalizações em debate, estabelecendo uma tipologia mais complexa de nominais a partir de seus diferentes comportamentos em relação à leitura eventiva e ao licenciamento de estrutura argumental. Apesar de haver uma diversidade de implementações teóricas (cf. Anderson, 1983; Higginbotham, 1983; Dowty, 1984), naquele momento era comum na literatura a ideia de que somente verbos apresentam estrutura argumental obrigatória, enquanto nomes, se apresentam uma relação argumental, o fazem somente de maneira opcional. A hipótese de Grimshaw (1990), por sua vez, é a de que alguns tipos de nomes podem ter uma estrutura argumental obrigatória. Mais especificamente, a autora propõe uma tripartição de nominais nas seguintes classes: nominais de evento complexo (*Complex Event Nominals* – CEN), nominais de evento simples (*Simple Event Nominals* – SEN) e nominais de resultado (*Result Nominals* - RN). Os exemplos que ilustram essa tripartição podem ser vistos a seguir:

⁷ “On the basis of the evidence surveyed here, it seems that the transformationalist hypothesis is correct for the gerundive nominals and the lexicalist hypothesis for the derived nominals and perhaps, though much less clearly so, for the mixed forms.” (Chomsky, 1970, p. 60)

- 17)
- a) The examination of the students lasted a long time. (CEN)
 - b) The examination was photocopied on green paper. (RN)
 - c) The examination lasted a long time. (SEN)
- (Moulton, 2013, p.4)

Os CEN, como em (17a), são caracterizados por denotarem um evento de modo semelhante ao seu verbo base correspondente e por apresentarem uma estrutura argumental obrigatória, mais especificamente, a realização do argumento interno introduzido por meio de preposição. Já os RN, como em (17b), apresentam propriedades completamente distintas dos complexos: eles não denotam propriamente o evento descrito pelo verbo de base, mas descrevem uma variedade de significados associados ao verbo, como um participante do evento, um estado resultante ou um objeto concreto correlato. Por fim, os SEN, como em (17c), denotam um evento associado ao verbo base, como os nominais complexos, mas não apresentam estrutura argumental. A possibilidade dessas formas ocorrerem no contexto estrutural de *lasted/took x time* ('durou'/'levou x tempo'), como em (17a) e (17c), distingue as nominalizações eventivas (CEN e SEN) das nominalizações de resultado, como em (17b).

Para explorar empiricamente a exigência do argumento interno nos nominais de evento complexo, Grimshaw (1990) aponta para uma série de diagnósticos de desambiguação entre os nominais eventivos, dentre eles, a ideia de que argumentos possessivos podem ser interpretados como meramente relacionados ao nome ou como agentes propriamente ditos, sendo esta última leitura possível apenas em CEN. O licenciamento de uma interpretação agentiva pode ser reforçada, por exemplo, pelo emprego de modificadores com orientação agentiva, como *deliberate* ('deliberada'/'intencional')

- 18)
- a) The instructor's deliberate examination of the patient took a long time. (CEN)
 - b) *The instructor's deliberate examination took a long time. (SN)
 - c) *The instructor's deliberate examination was on the table. (RN)

(Grimshaw 1990, p.51)

Os dados acima indicam que quando o sujeito é necessariamente um agente, como em (18b), a presença do argumento interno torna-se obrigatória, ou seja, trata-se de uma nominalização de evento complexo, sendo essa leitura agentiva incompatível com os nominais de evento simples ou de resultado.

Outra propriedade proposta por Grimshaw (1990) para distinguir as classes de nominais é a modificação adjetival por elementos como *frequent* ('frequente') e *constant* ('constante'), por exemplo. Enquanto os CEN admitem tais modificadores, os RN, por sua vez, precisam ser pluralizados para que possam aceitar esse tipo de modificação.

19)

- a) The constant examination of Sally bothered people.
- b) *The constant exam was written on blue paper.
- c) Frequent/constant exams from the teacher annoyed the students.

(Moulton, 2013, p.5)

A tripartição proposta por Grimshaw (1990) é revisitada por Borer (2014a), em que a autora propõe reagrupar os nominais derivados em dois tipos apenas: (i) os nominais de estrutura argumental (*Argument Structure Nominals* – ASN), fazendo referência aos nominais que obrigatoriamente satisfazem a estrutura argumental da forma verbal de base e denotam eventos; e (ii) os Nominais Referenciais (*Referential Nominals* – RN⁸), em que a estrutura argumental e a leitura eventiva não são obrigatórias. Mais especificamente, na tipologia de Borer (2014a), os RN agrupam tanto os SEN, como os RN anteriormente distintos em Grimshaw (1990). As principais propriedades elencadas em Borer (2014a) estão sumarizadas a seguir:

Tabela 2: Propriedades dos Nominais em Borer (2014a, p.71)

RN		ASN
a.	Não apresentam papeis temáticos relacionados a eventos; complementos são opcionais	Papeis temáticos relacionados a eventos; argumento interno obrigatório
b.	Leitura de evento não é necessária	Leitura de evento é obrigatória
c.	Não licencia modificadores orientados para o agente	Licencia modificadores orientados para o agente
d.	Sujeito não argumental (sujeito é um possessivo)	Sujeito argumental

⁸ Os RN são assim chamados por Borer (2014a) seguindo Grimshaw (1990), que assume que, em tais nominais, o argumento externo é atribuído a R, um índice referencial. Tal rótulo, no entanto, é mantido apenas por conveniência já que esta não é a análise da autora.

e.	<i>by-phrase</i> não é argumental	Argumento externo introduzido por <i>by-phrase</i>
f.	Não licencia controle de argumento implícito	Licencia controle de argumento implícito
g.	Não licencia modificadores aspectuais	Licencia modificadores aspectuais

Fonte: Elaborado pelo autor

O contraste entre os ASN e os RN pode ser visto através da comparação de dados como os abaixo, em que, segundo a autora, a agramaticalidade das sentenças se dá pela a mistura de propriedades atribuídas ao diferentes tipos de nominais:

20)

- a) the collection *(of multiple samples) in order to document the spreading of mushrooms.
- b) *Mary's deliberate exam/journey.
- c) *the destruction in a day.
- d) *the disappearance in two seconds.

(Borer, 2014a, p. 72)

Na ausência de um argumento interno em (20a), a nominal *collection* ('coleção') não pode ser um ASN, e, como resultado, uma sentença de finalidade, que exige controle de argumento, é impossível. Em (20b), por sua vez, o modificador *deliberate* ('deliberadamente') que tem escopo sobre um agente, não é licenciado, uma vez que os nomes *exam/journey* ('exame/jornada') funcionam como RN e, portanto, não apresentam estrutura argumental. Da mesma forma, o modificador télico *in a day* ('em um dia'), em (20c), requer um ASN, mas, na ausência de argumentos, a nominalização *destruction* ('destruição') funciona como um RN. Finalmente, o nominal *disappearance* ('desaparecimento'), em (20d), presumivelmente derivado do verbo inacusativo "desaparecer", não pode ser um ASN sem seu argumento realizado e, como consequência, o modificador télico *in two seconds* ('em dois segundos') não pode ser licenciado.

Um ponto importante a ser ressaltado é que a denotação de evento não está restrita aos ASN, podendo ser encontrada, inclusive, em nominais não derivados de verbos, como os SEN, na terminologia de Grimshaw (1990). No entanto, como apontado por Borer (2014a), enquanto os ASN permitem diagnósticos que explicitam uma sintaxe eventiva – como a modificação por sintagmas aspectuais, por exemplo – os eventos simples, por sua vez,

necessitam de mais material sintático para que o mesmo tipo de modificação seja licenciada.

21)

- a) The class lasted two hours.
- b) The piano recital occurred at dawn.
- c) The wedding took place in the morning.

22)

- a) *the class for two hours.
- b) *the piano recital in 45 minutes.
- c) *the wedding in five minutes.

23)

- a) Mary's teaching of the physics class for two hours.
- b) The performance of the piano recital in 45 minutes.
- c) Kim's conducting of Kim and Pat's wedding for five hours.

(Borer, 2014a, p. 72)

Os dados em (21) e (23) trazem nominais do tipo SEN, incluído entre os RNs na nomenclatura de Borer (2014a). Apesar da leitura eventiva, tais formações não licenciam modificadores aspectuais sem a ajuda de outros elementos na estrutura sintática, o que explica o contraste de gramaticalidade entre (21) e (22). Por sua vez, os ASNs, ilustrados em (23), para além da leitura eventiva, sintaticamente apontam para a existência de camadas verbais responsáveis por licenciar os modificadores aspectuais diretamente.

Especificamente em relação aos nominais do PB, com base nas propriedades da tabela (2) e a partir das reflexões de Souza (2021), propomos que as nominalizações infinitivas se comportam como os ASN, na nomenclatura de Borer (2014a). Um argumento que sustenta essa classificação é a necessidade de estrutura argumental nas nominalizações infinitivas, característica central dos ASN e que pode ser observada no contraste de gramaticalidade entre os dados abaixo:

24)

- a) O corrigir das provas terminou ontem.
- b) O corrigir das provas pelo professor terminou ontem.
- c) *O corrigir terminou ontem.
- d) *O corrigir pelo professor terminou ontem.
- e) *O corrigir das provas está sobre a mesa.

A agramaticalidade dos dados em (24c) e (24d) parece estar ligada ao fato de que o argumento interno é obrigatório das nominalizações infinitivas, como previsto em (a) na

tabela (2). Nesse mesmo sentido, em (24d), é possível vermos que a inserção do argumento externo não é suficiente para licenciar a formação na ausência do argumento interno. Já em (24a), podemos verificar que o argumento externo é um elemento opcional, tal como já havia também sido previsto em Grimshaw (1990). A sentença (24b), por sua vez, apresenta, na forma nominalizada, a estrutura argumental completa do evento descrito pelo verbo de base. A introdução do argumento externo é realizada pela *by-phrase*, como previsto na propriedade em (e) na tabela (2). Na verdade, diversos RN translinguisticamente não licenciam uma *by-phrase*, sendo tais elementos agentivos inseridos por outras preposições.

O paradigma em (24) também evidencia a ocorrência de outra propriedade sistematizada por Borer (2014a) e prevista por Grimshaw (1990): a interpretação eventiva obrigatória dos ASN, que aparece em (b) na tabela (2). Em (24e), por exemplo, o argumento interno está presente na estrutura, no entanto, a estrutura permanece agramatical uma vez que os nominais infinitivos não licenciam a leitura de resultado de evento. Semanticamente, a incompatibilidade se estabelece na medida em que o sintagma preposicional (*sobre a mesa*) modifica apenas resultado de evento, ao passo que a nominalização infinitiva (*o corrigir*) denota um evento que, por sua vez, não pode ser colocado sobre a mesa. Além disso, a leitura eventiva se manifesta no fato de que, mesmo na ausência do argumento externo, em (24c), a leitura agentiva permanece evidente na formação, uma vez que há a interpretação de que, necessariamente, alguém realizou a ação de corrigir. Finalmente, é possível perceber que, em todas as sentenças gramaticais em (24), há a leitura de um evento obrigatoriamente.

Ainda sobre o funcionamento da estrutura argumental nas nominalizações infinitivas, nos casos em que a forma verbal de base apresenta apenas o argumento externo, como é o caso dos verbos inergativos, na versão nominalizada esse argumento é obrigatório, o que explica a agramaticalidade de (25a), em comparação a (25b). Além disso, esse único argumento não será introduzido via *by-phrase*, mas por meio da preposição *de*, como se pode observar no contraste entre (25b) e (25c).

25)

- a) *O gritar acordou os pais.
- b) O gritar do bebê acordou os pais.
- c) *O gritar pelo bebê acordou os pais.

Outra propriedade proposta por Borer (2014a) para os ASN e também mapeada em Grimshaw (1990), é a compatibilidade com modificadores orientados para o agente, em (c) na tabela (2). Essa mesma propriedade é verificada nas nominalizações infinitivas, conforme

ilustram os dados a seguir:

26)

- a) O interromper proposital da pauta da reunião irritou o diretor.
- b) O quebrar das velhas paredes com marteletes facilitou a reforma da casa.

O licenciamento de modificadores como *proposital* e *com marteletes*, tal como ocorre no paradigma acima, parece evidenciar a presença de um agente nessas formações. Mais especificamente o primeiro modificador evidencia uma volição agente que realiza ação, enquanto o segundo explicita um instrumento que, necessariamente, é manipulado por um agente.

Da mesma forma, a compatibilidade com estruturas de controle é uma característica associada aos ASN, apontada em (f) na tabela (2). Essa é uma propriedade que evidencia a leitura agentiva, mesmo nos casos em que o agente está implícito. Como podemos ver a seguir, os nominais infinitivos do PB são compatíveis com estruturas de controle:

27)

- a) O traduzir do livro pelos editores para acessar um público mais amplo foi uma ótima ideia.
- b) O organizar das leituras pelos professores para ajudar os alunos durante o ano letivo foi uma ótima ideia.

Em (27), ainda que nenhum agente esteja explicitado na sentença com o infinitivo, temos a interpretação do agentiva associada ao infinitivo licenciada via controle. Por fim, a última propriedade apontada na tabela (2) diz respeito à compatibilidade dos ASN com modificadores adverbiais de natureza aspectual. Os nominais infinitivos do PB também são compatíveis com a modificação por itens dessa mesma natureza, conforme (28):

28)

- a) O cantar dos pássaros durante toda a madrugada é ensurdecedor.
- b) O treinar dos atletas todos os dias é o que qualifica um campeão olímpico.
- c) O discursar do presidente por duas horas inflamou os operários.

Esse conjunto de propriedades cunhados da proposta seminal de Grimshaw (1990) e sistematizados na proposta de Borer (2014a), parecem apontar que os nominais infinitivos do PB se comportam de maneira muito semelhante aos ASN, distanciando-se, portanto, dos RN.

Passando para a discussão dos nominais regressivos do PB, os dados em (29) a seguir parecem ilustrar que o comportamento desses nominais é ambíguo, ora se distanciando dos

ASN, ora se aproximando deles a partir das relações argumentais estabelecidas:

29)

- a) O exame terminou ontem.
- b) O exame do médico terminou ontem.
- c) O exame do paciente terminou ontem.
- d) O exame está sobre a mesa.

Como se pode observar através do dado em (29a), os argumentos não são obrigatórios na nominalização regressiva. Mesmo o argumento interno parece poder estar ausente na sentença sem que haja prejuízo para a gramaticalidade. Nesse mesmo sentido, enquanto, na sentença em (29b), o único argumento presente pode ser interpretado como um elemento agentivo (*do médico*), em (29c), por sua vez, o PP genitivo pode ser interpretado como tema. Nas duas formações, no entanto, a sentença permanece gramatical. Além disso, (29d) aponta que a nominalização regressiva, diferentemente da infinitiva, é compatível com a leitura de resultado de evento. Tais propriedades aproximam os regressivos dos RN e os distanciam dos ASN. Mesmo nos casos em que a forma verbal de base apresenta apenas o argumento externo, como é o caso dos verbos inergativos, na versão nominalizada, esse argumento não é obrigatório. Notemos o contraste de gramaticalidade entre a nominalização regressiva em (30a) e a forma infinitiva em (30b):

30)

- a) O grito acordou os pais.
- b) *O gritar acordou os pais.

No entanto, os nominais regressivos também podem se aproximar do comportamento dos ASN, como se pode ver no conjunto de dados abaixo:

31)

- a) O resgate das vítimas pelos bombeiros.
- b) O recuo proposital das tropas encerrou a guerra.
- c) O discurso do presidente por duas horas inflamou os operários.

O paradigma apresentado em (31) mostra que os nominais regressivos do PB podem ser formações compatíveis com as propriedades associadas aos ASN. Em (31a) o nominal regressivo parece licenciar a estrutura argumental completa do verbo de base, na medida em que esses argumentos aparecem na forma nominalizada. Em (31b), a presença do advérbio *proposital* evidencia a presença de um agente na estrutura. Desse mesmo modo, em (31c), a

nominalização regressiva é modificada por um elemento de natureza aspectual, outra propriedade apontada como prototipicamente associada aos ASN.

A descrição dos dados até aqui é compatível com a ideia de que as nominalizações infinitivas do PB são ASN, enquanto as regressivas podem se comportar tanto como ASN, como quanto RN, a depender do contexto sintático em que ela é inserida. No entanto, diferentemente da previsão feita em Borer (2014a), os nominais regressivos do PB podem ser licenciados em contextos sintáticos que misturam, simultaneamente, as propriedades dos ASN e dos RN, o que deveria levar à agramaticalidade na proposta da autora.

32)

- a) A palestra por três horas foi exaustiva.
- b) O apoio constante foi essencial para o avanço da pesquisa.
- c) O ataque proposital pegou o exército de surpresa.
- d) O resgate com novas máquinas diminuiu o número de mortos.

Os dados em (32) buscam evidenciar a compatibilidade entre nominais regressivos e a presença de modificadores aspectuais – como *por três horas* em (32a) e *frequente* em (32b) – e de modificadores orientados para o agente – como *proposital* em (32c) e com *novas máquinas* em (32d). Esses modificadores são compatíveis com os ASN, como vimos na tabela (2). Por sua vez, os regressivos em (32a-c) não apresentam estrutura argumental, que deveria ser obrigatória nos ASN. Na ausência de estrutura argumental, tais nominais deveriam ser agramaticais com modificadores aspectuais e orientados para o agente, o que não acontece nos regressivos em (30). Isso mostra que os nominais regressivos do PB apresentam uma gama maior de variabilidade do que a tipologia de Borer (2014a) consegue prever, de modo que a ausência de estrutura argumental não inviabiliza a modificação eventiva.

Mais especificamente, quanto à compatibilidade com modificadores aspectuais, conforme já apontado em Grimshaw (1990), há uma distinção importante que correlaciona tais modificadores e a pluralização dos nominais. Mais especificamente, enquanto os ASN (ou CEN) só aceitam esses modificadores quando no nominal é singular, os RN, por sua vez, precisam ser pluralizados para que possam aceitar esse tipo de modificação. Os dados em (33), no entanto, apontam que os regressivos do PB parecem licenciar modificadores aspectuais tanto no singular quanto no plural.

33)

- a) O apoio constante foi essencial para o avanço da pesquisa.
- b) Os apoios constantes foram essenciais para o avanço da pesquisa.

- c) O ataque frequente preocupa os moradores da região.
- d) Os ataques frequentes preocupam os moradores da região.

A discussão delineada até aqui aponta para um desdobramento no comportamento dos nominais regressivos do PB, que apresentam propriedades associadas aos ASN, mesmo na ausência de estrutura argumental.

Para além disso, há ainda casos em que os nominais regressivos parecem ser compatíveis com uma leitura que preserva ao mesmo tempo a interpretação de que um evento ocorreu, além de uma leitura de resultado desse evento, tal como em (34)⁹ a seguir:

34)

- a) A análise do alvará levou apenas alguns dias e já está em cima da mesa.
- b) O exame pela equipe médica em apenas duas horas já está assinado.

Os dados em (34) parecem evidenciar que as nominalizações regressivas podem carregar em uma mesma formação a leitura de um evento e de um resultado de evento. Enquanto a leitura eventiva pode ser verificada, nos dados (34), através dos modificadores durativos, a leitura de resultado também se faz presente na compatibilidade com estruturas do tipo “já está em cima da mesa” ou “já está assinado”, que revelam uma entidade concreta resultante do evento prévio.

O comportamento dos dados discutidos de (32) a (34) parece demonstrar que as tipologias de Grimshaw (1990) e, de igual modo, a revisão de Borer (2014a) não esgotam todas as possibilidades de combinações de propriedades disponíveis nos nominais regressivos do PB. Se por um lado, apenas ASN deveriam licenciar estrutura argumental e modificadores eventivos, como os aspectuais e os orientados para o agente, os regressivos do PB parecem poder misturar tais propriedades e ainda assim resultar em dados gramaticais.

De forma geral, propomos que tanto o comportamento mais previsível dos infinitivos nominais, como a variabilidade das nominalizações regressivas do PB podem ser mais bem explicados através das diferentes possibilidades de organização de projeções de natureza verbal e nominal na estrutura interna dessas formações. Nessa perspectiva, então, caberia distinguir entre um domínio verbal que licencia a presença de argumentos e modificadores eventivos e um domínio nominal que projeta na estrutura sintática um valor nominal. É exatamente nessa linha que se desenvolve a proposta de Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011) que discutimos na seção seguinte.

⁹ Dados inspirados na palestra de Medeiros (2025) durante o evento FormalMENTE na UFRJ.

2.4 ALEXIADOU, IORDÄCHIOAIA E SCHÄFER (2011): PARÂMETROS DE VARIAÇÃO NAS NOMINALIZAÇÕES

A proposta delineada no trabalho de Alexiadou, Iordächioaia e Schäfer (2011) tem como objetivo investigar, a partir de uma perspectiva sintática de formação de palavras, a distribuição de camadas verbais e nominais que ocorrem em diferentes instâncias de nominalizações translinguisticamente. Para tanto, os autores investigam as propriedades de diferentes tipos de nominalização em duas línguas germânicas (inglês e alemão) e duas línguas românicas (romeno e espanhol). Tais línguas não serão exploradas de maneira exaustiva nesta seção, mas recorreremos a exemplos delas quando conveniente para compararmos com o comportamento das formas nominais do PB.

Por meio da descrição das diferentes propriedades associadas às nominalizações nessas línguas, os autores buscam compreender quais e quantas camadas verbais e nominais estão associadas a cada tipo de nominalização para propor estruturas funcionais que sejam capazes de abranger tais propriedades translinguisticamente. Na tabela (3) a seguir sistematizamos as propriedades verbais e nominais presentes nas nominalizações investigadas pelos autores para, a partir daí, discutirmos o comportamento das formas nominais infinitivas e regressivas do PB:

Tabela 3: Escala verbal e nominal nas nominalizações - sistematizado a partir de Alexiadou, Iordächioaia e Schäfer (2011)

Escala verbal	Escala Nominal
Atribuição de Caso nominativo	Atribuição de Caso Genitivo/PP
Atribuição de Caso acusativo	Atribuição de Caso Genitivo/PP
Licenciamento de modificação adverbial	Licenciamento de modificação adjetival
Presença de aspecto gramatical	Presença de traços de gênero/ número
Compatibilidade com verbos modais e auxiliares	Compatibilidade com vários tipos de determinantes

Fonte: Elaborado pelo autor

Começando pelas propriedades verbais, Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011) apontam que algumas nominalizações licenciam marcações de Caso prototipicamente verbais, como Caso nominativo para o sujeito e Caso acusativo para o objeto. Isso acontece, por exemplo, nos infinitivos verbais do espanhol (35a), em que o pronome na forma nominativa *yo* ('eu') é interpretado como agente do evento de cantar, enquanto o tema desse mesmo evento (*la Traviata*) é inserido sem a necessidade de preposição, o que evidencia a marcação acusativa. Esse, no entanto, não parece ser o padrão de marcação de caso das nominalizações infinitivas e regressivas do PB, tal como ilustrado em (35b-c) em contraste com o dado do espanhol:

35)

a) [El cantar yo la Traviata]

(Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer, 2011, p.27)

b) *O cantar eu a música.

c) *O canto eu a música.

Outra propriedade verbal detectada pelos autores é o licenciamento da modificação por advérbios. Essa propriedade também pode ser ilustrada, por exemplo, em nominalizações como o infinitivo verbal do espanhol, em (36a). Da mesma forma, a modificação por advérbios é uma propriedade que pode ser observada nos nominais infinitivos do PB, conforme (36b). A diferença relevante é que os nominais do PB, para além da forma adverbial, aceitam também a forma adjetival, tanto em posição o pré-nominal como depois da nominalização. Essa alternância de posição do adjetivo é relevante, na medida em que o estatuto da forma pós-nominal pode ser disputado categorialmente como adjetivo propriamente dito ou como um advérbio. No entanto, o advérbio não é licenciado na posição pré-verbal, o que corrobora para o estatuto categorial de adjetivo, pelo menos, nessa posição.

36)

a) el andar errabundamente/*errabundo Juan

(Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer, 2011, p.27)

b) O caminhar lentamente do João.

c) O caminhar lento do João.

d) O lento caminhar do João.

Já no que diz respeito às nominalizações regressivas, tais formações não parecem ser compatíveis com a modificação adverbial, sendo mais compatíveis com a modificação por

adjetivos, que pode aparecer tanto na posição pré quanto pós nominal:

37)

- a) *O passeio lentamente do João.
- b) O passeio lento do João.
- c) O lento passeio do João.

No mesmo sentido, os autores apontam que a presença de camadas verbais nas nominalizações pode licenciar uma leitura aspectual específica na forma nominalizada. Assim, algumas nominalizações, tais como o supino do romeno (38a) e o gerúndio verbal do inglês (38b), por exemplo, parecem contar com uma leitura aspectual imperfectiva e atética. Do ponto de vista teórico, os autores associam essa propriedade à presença de um núcleo de aspecto (Asp) nessas nominalizações, como veremos no capítulo de análise. O mesmo padrão parece ser verificado nas nominalizações infinitivas do PB, conforme ilustra (38c-d), a seguir, o que explica a compatibilidade de PPs atéticos com verbos inerentemente télicos. Os autores argumentam em favor dessas propriedades também a partir do licenciamento de modificadores aspectuais, como PPs durativos e marcadores adverbiais.

38)

- a) sositul lui Ion cu întârziere timp de 3 ani
arrive.SUP-the John.GEN with delay for 3 years
- b) John's constantly reading the morning newspaper
(Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer, 2011, p.34)
- c) O chegar das encomendas com atraso de 3 anos.
- d) O morrer constantemente de idosos durante a COVID.

A questão da leitura aspectual é um tema a ser mais bem investigado nas nominalizações regressivas. No entanto, Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011) estabelecem alguns diagnósticos que parecem mostrar que o aspecto gramatical não está presente nessas formações. Nesse sentido, a incompatibilidade dessas formações com advérbios aspectuais indicaria a indisponibilidade de uma projeção de aspecto na sintaxe. Além disso, os autores propõem uma correlação entre a estrutura aspectual das nominalizações e a sua habilidade em pluralizar. Mais especificamente, a marcação de plural só estaria disponível em um ambiente nominal perfectivo ou télico. Como veremos na discussão das propriedades nominais, os nominais regressivos, diferentemente dos infinitivos, licenciam a pluralização, o que pode indicar seu caráter télico. Essa diferença de leitura aspectual entre regressivos e infinitivos poderia explicar, por exemplo, a lacuna de

produtividade dos regressivos com verbos inacusativos.

Por fim, na escala verbal das nominalizações está prevista a possibilidade de que tais formações sejam acompanhadas de verbos modais ou auxiliares, como nas nominalizações verbais do espanhol (39a), do alemão (39b) e nos gerúndios verbais do inglês (39c). Tal comportamento não parece ser licenciado nos infinitivos nominais ou regressivos do PB, conforme ilustrado em (40) e (41):

39)

a) [El haber él escrito novelas] explica su fama
the have.INF he written novels explains his fame

b) [Dauernd Kuchen Essen Wollen] nervt
permanently cake eat.INF want.INF is-annoying

c) His having read War and Peace.

(Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer, 2011, p.29)

40)

- a) *O ter ele escrito novelas.
- b) *O ir ele escrever novelas.
- c) *O estar ele escrevendo novelas.
- d) *O ter /ir/ estar ele canto as canções.
- e) *O ter /ir/ estar ele dança no teatro.

41)

- a) *O ter ele recuo na guerra
- b) *O estar ele recuo na guerra

Postas as principais propriedades de natureza verbal descritas pelos autores, passamos a reportar as propriedades associadas ao domínio nominal. A primeira delas diz respeito à presença de sujeito preposicionado marcado com caso genitivo. Esse comportamento pode ser visto, por exemplo, no gerúndio verbal do alemão (42a-b). No PB, o genitivo pode ser atribuído ao argumento interno, como em (43a) e (43c), mas também pode ser encontrado como caso do sujeito nas nominalizações de base inergativa, como em (43b) e (43d):

42)

- a) (Toms) Beobachten des Kindes (durch Tom)
Tom.GEN observe.INF the.GEN child by Tom
- b) sosirea/sositul lui Ion la timp
arrive.INF-the/arrive.SUP-the John.GEN in time

(Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer, 2011, p.29)

43)

- a) O comprar da casa_{GEN} pela família.
- b) O dançar da bailarina_{GEN} emocionou a todos.
- c) A compra da casa_{GEN} pela família.
- d) A dança da bailarina_{GEN} emocionou a todos.

Nesse mesmo sentido, Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011) apontam que algumas nominalizações podem trazer traços de gênero para a estrutura. É o que os autores assumem, por exemplo, para o infinitivo nominal do espanhol, em que os traços de gênero ficariam evidentes quando os nominais são retomados em contextos anafóricos. Mais especificamente, nesses contextos, o infinitivo nominal só pode ser retomado pelo pronome masculino (*él*) e não pelo pronome neutro *default* (*ello*), empregado com CPs, como em (44a). Outro exemplo nesse sentido, seria o infinitivo no romeno, que estabelece relações anafóricas com o demonstrativo feminino (*aceasta*). Nesse sentido, a retomada anafórica pelo demonstrativo sem gênero (*asta*), como em (44b), resulta em uma formação degradada em termos de gramaticalidade:

44)

- a) Accostumbrado al dulce mirar de su amada, ya no podía vivir sin él /*ello
Used-to the sweet gaze.INF of his beloved, now not could live without him/it
 - b) Am vorbit despre interpretarea lui Hamlet
We spoke about the interpretation.INF of Hamlet
 - c) Se pare ca aceasta/??asta îi consacră pe actorii tineri
Apparently, this.F/?it validates the young actors
- (Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer, 2011, p.30)

Quanto aos traços de gênero nas formas infinitivas do PB, não parece haver evidência de que esse traço esteja presente para além do masculino *default*, uma vez que os determinantes e demais elementos que acompanham o infinitivo do PB são invariavelmente masculinos. Para além disso, diferentemente dos dados acima, no PB, as retomadas anafóricas das nominalizações infinitivas por formas pronominais, licencia a retomada pelas formas desprovidas de gênero, como *isso*, por exemplo, em vez da forma masculina do pronome:

45)

- a) Acostumado ao doce olhar de sua amada, já não poderia mais viver sem isso/*ele.
- b) Nós falamos sobre o interpretar de Hamlet. Aparentemente isso/*ele valida os atores jovens.

Os regressivos, por sua vez, parecem trazer traços de gênero para a estrutura, uma vez

que a forma regressiva é, em alguns casos masculina, mas em outros feminina, como se pode ver nos exemplos abaixo:

46)

- a) O grito assustado do bebê alertou sobre o pesadelo.
- b) A venda desenfreada de lotes acabou com a vizinhança.
- c) O exame errado informa pouco ou nada ao médico.

Os dados em (46) ilustram que os traços de gênero presentes na forma regressiva desencadeiam, inclusive, a concordância com o adjetivo que modifica o deverbal. Para além dos traços de gênero, Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011) discutem também a variação translinguística nas nominalizações quanto ao licenciamento da pluralização. De acordo com os autores, algumas nominalizações são compatíveis com formas plurais, como o infinitivo do romeno, por oposição ao supino da mesma língua, que não parece pluralizar (47a).

47)

- a) demolărire/*demolaturile frecvente ale cartierelor vechi
demolish.INF-Pl/SUP-Pl frequent-Pl of quarters.GEN old
‘the frequent demolitions of old quarters’

(Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer, 2011, p.30)

Como acontece com o traço de gênero, também a informação de número parece trazer um contraste interessante no comportamento dos infinitivos e regressivos nominais do PB. Mais especificamente, enquanto os infinitivos são mais resistentes à pluralização (48a-d), as formas regressivas, por sua vez, são compatíveis com o plural (49a-d):

48)

- a) *Os comprares das casas.
- b) *Os doares dos livros.
- c) *Os dançares das bailarinas.
- d) *Os morrerres das plantas.

49)

- a) As compras das casas.
- b) As danças das bailarinas.
- c) Os cantos dos pássaros.
- d) Os exames dos pacientes.

Por fim, a última propriedade na escala nominal de Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer

(2011) diz respeito à compatibilidade com diferentes tipos de determinantes, como por exemplo artigos definidos e indefinidos, ou ainda por pronomes indefinidos e possessivos. Esse comportamento é encontrado, por exemplo, no infinitivo do romeno (50a) e no infinitivo nominal do espanhol (50b):

50)

- a) o/acea încalcare a drepturilor omului de către ministru
The/that violate.INF rights.GEN human by minister
 - b) Aquel/ese/este/un/el lamentar (*desesperadamente) de dos pastores
That/this/a/the lament.INF (desperately) of two shepherds
- (Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer, 2011, p.32)

No PB, como observamos anteriormente ao discutirmos as nominalizações de Chomsky (1970), tanto os nominais infinitivos, como as formas regressivas são compatíveis com diversos tipos de determinantes, além de licenciarem também pronomes possessivos, tal como em (51). No caso das formas regressivas, ressalta-se, ainda, que tais determinantes precisam ser compatíveis com o gênero da nominalização, estabelecendo concordância com ele:

51)

- a) O/esse/aquele/seu comprar de joias desenfreadamente.
- b) A/ essa/ aquela/ sua compra de casas.
- c) O/esse/ aquele/ seu canto desafino.

O conjunto de propriedades empíricas elencadas nesta subseção tem por objetivo buscar delimitar o comportamento dos infinitivos nominais e das nominalizações regressivas do PB, em especial, suas características verbais e nominais a partir das propriedades elencadas por Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011). A investigação dessas propriedades é importante para o estabelecimento das camadas funcionais de natureza verbal e nominal, como exploraremos no capítulo de análise.

2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste capítulo discutimos as propriedades empíricas associadas às nominalizações infinitivas e regressivas do PB, a partir de propostas previamente estabelecidas na literatura, como Chomsky (1970), Grimshaw (1990), Borer (2014a) e Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer

(2011). Por meio da aplicação das propriedades detectadas por esses autores aos dados do PB, podemos sistematizar as seguintes generalizações:

Sobre as nominalizações infinitivas:

- As nominalizações infinitivas apresentam propriedades compatíveis com os nominais gerundivos e mistos do inglês, mas que os distanciam dos nominais derivados na tipologia de Chomsky (1970);
- As nominalizações infinitivas do PB se comportam como NECs na tipologia de Grimshaw (1990) e como ASN no sentido de Borer (2014a);
- As nominalizações infinitivas do PB não se comportam como RN, nem na tipologia de Grimshaw (1990), nem na tipologia de Borer (2014a);
- As nominalizações infinitivas do PB apresentam as seguintes propriedades verbais na escala de Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011): compatibilidade com modificação adverbial e licenciamento de aspecto gramatical;
- As nominalizações infinitivas do PB apresentam as seguintes propriedades nominais na escala de Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011): compatibilidade com caso Genitivo/PP, licenciamento de modificação adjetival e compatibilidade com vários tipos de determinantes.

Sobre as nominalizações regressivas:

- As nominalizações regressivas apresentam propriedades compatíveis com os nominais derivados de Chomsky (1970);
- As nominalizações regressivas do PB são compatíveis o comportamento das diferentes classes de nominais propostas na tipologia de Grimshaw (1990);
- As nominalizações regressivas do PB são compatíveis com o comportamento tanto de ASN como de RN, no sentido de Borer (2014a);
- As nominalizações regressivas do PB são compatíveis com propriedades de ASN e RN simultaneamente, o que não é previsto na tipologia de Borer (2014a);
- As nominalizações regressivas do PB não apresentam nenhuma das propriedades verbais detectadas na escala de Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011);
- As nominalizações regressivas do PB apresentam as seguintes propriedades nominais na escala de Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011): atribuição de caso genitivo/PP, licenciamento de modificação adjetival, presença de traços de gênero e número compatibilidade com vários tipos de determinantes.

A compreensão acerca das propriedades empíricas associadas a cada tipo de nominalização que investigamos neste trabalho se constitui como um passo importante no desenvolvimento da pesquisa na medida em que coloca as nominalizações do PB no escopo dos amplos debates sobre as nominalizações existentes na literatura, além de propiciar contrastes interessantes entre elas. Esse conjunto de propriedades será a principal base para o estabelecimento da análise formal proposta neste trabalho, antes, contudo, apresentaremos no próximo capítulo uma apresentação panorâmica sobre a natureza dos dados de nominalizações infinitivas encontradas em corpora.

CAPÍTULO 3

PRODUÇÃO DE NOMINALIZAÇÕES INFINITIVAS NO PB: UM ESTUDO DE CORPORA¹⁰

3.1 INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO

Um dos aspectos que chama a atenção nas nominalizações infinitivas é seu potencial de formação: de modo geral, verbos de variadas estruturas argumentais podem ser a base para a nominalização infinitiva, o que significa dizer que esses nominais não parecem apresentar restrições associadas à natureza da forma verbal de base, tal como ocorre, por exemplo, com as nominalizações regressivas. No entanto, a problemática que se apresenta está, justamente, associada à efetiva produção dessas formas, ou seja, é importante verificar em que medida, as nominalizações infinitivas podem ser encontradas nos dados concretos da língua. Nesse sentido, buscamos, neste capítulo, verificar a presença e o comportamento das nominalizações infinitivas a partir de produções reais.

Para tanto, desenvolvemos um estudo empírico – ainda que exploratório –, a partir de diferentes corpora disponibilizados pela Linguateca para investigar se nominalizações infinitivas são efetivamente realizadas e se as propriedades empíricas apontadas na literatura teórica, como as discutidas no capítulo 2 deste trabalho, podem ser efetivamente verificadas nas produções encontradas em dados reais da língua.

Para abranger esse debate, este capítulo está organizado da seguinte forma: na seção 3.2, apresentamos, brevemente, a distinção entre o conceito de produtividade e produção nos estudos morfológicos. Na seção 3.3, oferecemos uma visão geral dos *corpora* analisados nesta investigação inicial. Na seção 3.4, descrevemos nossa metodologia. Na seção 3.5, por sua vez, desenvolvemos uma análise quantitativa e qualitativa dos dados, a partir das propriedades que foram encontradas nos corpora. Por fim, em 3.6, passamos às considerações finais deste capítulo.

¹⁰ Ainda que este estudo assuma como domínio empírico duas instâncias de nominalizações zero, a escolha por tratar especificamente das nominalizações infinitivas no estudo de corpus se deu em virtude da necessidade de verificar a ocorrência das propriedades apontadas na literatura no efetivo, mediante a esse objetivo e por questões de limitação de tempo e de tratamento dos dados, neste trabalho, não foi possível ampliar o estudo para as nominalizações regressivas.

3.2 PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO NOS ESTUDOS MORFOLÓGICOS¹¹

A distinção entre produtividade e produção é central para os estudos em morfologia, embora os termos frequentemente apareçam de maneira intercambiável na literatura. Uma discussão mais cuidadosa revela que se trata de noções conceitualmente distintas e metodologicamente complementares.

Mais especificamente, produtividade, em sentido estrito, refere-se ao potencial gerativo de um processo morfológico: a capacidade que uma regra ou padrão tem de ser estendido a novos itens lexicais, inclusive a formas inéditas no léxico de uma língua. Desde o trabalho seminal de Aronoff (1976), produtividade é concebida como um fenômeno da competência, ou seja, ligado ao conhecimento linguístico do falante e à gramática internalizada. Essa avaliação não depende apenas de frequência, mas de critérios como: (i) possibilidade de aplicação a bases novas; (ii) aceitabilidade de criações ainda não atestadas; (iii) ausência de restrições idiossincráticas que limitem a regra. Em relação às nominalizações infinitivas, foco deste capítulo, esse terceiro ponto é crucial, uma vez que o padrão de nominalização infinitiva não parece apresentar lacunas em seu potencial de produtividade.

Por outro lado, a produção morfológica diz respeito ao conjunto efetivo de formas derivadas realmente atestadas no uso linguístico. Trata-se, portanto, de uma noção relacionada à performance, empiricamente observável em dados reais de realização linguística. A produção captura, então, os elementos relacionados à realização concreta dos processos morfológicos. Neste capítulo, buscamos extrapolar as discussões teóricas, para investigar questões relacionadas à produção dos infinitivos nominais.

Dessa forma, a produtividade é propriedade do sistema da língua e requer inferência sobre a competência do falante. A produção, ao contrário, é propriedade do uso, podendo ser mensurável por contagem direta em *corpora* ou em amostras de fala, por exemplo. Assim, podemos dizer que a produção é um reflexo, mas não um espelho exato da produtividade: um processo pode apresentar baixa produção e, ainda assim, manter alta produtividade.

Do ponto de vista teórico, portanto, reconhecer essa diferença permite evitar conclusões equivocadas sobre a relevância de um processo morfológico na língua. Em termos

¹¹ Para uma discussão mais aprofundada sobre esse tema, remetemos o leitor ao trabalho de Quadros (2011).

de teoria da gramática, a produtividade é um atributo da competência do falante e da gramática mental, enquanto a produção é um resultado contingente de fatores pragmáticos, históricos e socioculturais, entre outros.

3.3 APRESENTAÇÃO DOS CORPORA: O PROJETO LINGUATECA

Para a coleta e análise de dados deste capítulo, nos apoiamos nos recursos disponibilizados pela Linguateca, uma infraestrutura de recursos linguísticos voltada principalmente para o português, criada no final da década de 1990 como projeto de cooperação luso-norueguesa. Concebida originalmente para apoiar o desenvolvimento e a avaliação de tecnologias de processamento da língua portuguesa, a Linguateca tornou-se, ao longo dos anos, um repositório de referência também para estudos em linguística teórica, ao disponibilizar *corpora* de grande porte, ferramentas de consulta e documentação técnica de acesso público.

A Linguateca se destaca por reunir *corpora* diversificados, contemplando diferentes variedades do português (europeu, brasileiro, africano) e diversos gêneros textuais – desde textos jornalísticos e literários até registros orais transcritos. Do ponto de vista metodológico, a Linguateca oferece vantagens importantes para uma pesquisa de base empírica: (i) escala e representatividade, já que seus corpora contêm uma quantidade massiva de dados; (ii) padronização e documentação, o que assegura transparência e reprodutibilidade das análises; (iii) ferramentas de busca avançada, que permitem delimitar contextos lexicais ou morfológicos com relativo grau de precisão. É importante ressaltar que a Linguateca não é um corpus único, mas um consórcio de recursos, com curadoria permanente e atualização contínua. Os dados compilados em todos os corpora, estão disponíveis gratuitamente e podem ser acessados por meio do site do projeto¹².

Conforme apontamos acima, os dados disponibilizados nos diversos corpora da Linguateca contemplam variedades distintas do português. Assim, considerando o foco específico da nossa investigação, nos voltamos ao estudo dos resultados obtidos por meio da pesquisa nas bases de dados de PB. Mais especificamente, para obter os dados de ocorrências de nominalizações infinitivas utilizamos as fórmulas em (1) a seguir:

1)

a) [pos="DET.*"] [temcagr="*.INF.*"]

¹² Site da Linguateca: <https://www.linguateca.pt/> (acessado em 13/09/2025).

b) [pos="N" & lema=".*[aei]r"]

A fórmula em (1a) permitiu-nos buscar por formas de infinitivos precedidas de determinante, propriedade recorrente nas nominalizações infinitivas. Já com o uso da fórmula em (1b), os resultados obtidos estavam relacionados a formas nominais derivadas de verbos no infinitivo. No contexto geral, os resultados obtidos por meio da fórmula (1a) foram mais precisos em indicar ocorrências de nominalizações infinitivas, enquanto a fórmula em (1b) gerou um maior número de entradas, no entanto, que precisaram de mais refinamento por retornar dados que eram de natureza distinta do nosso foco de análise. Em termos numéricos brutos, foram encontrados um total de 47 203 dados, em 15 corpora de naturezas distintas, todos associados à Linguatca.

A tabela 4 a seguir apresenta a identificação de cada corpus, o número de ocorrências não refinadas encontradas, o número de ocorrências selecionadas após o refinamento dos dados e, por fim, os corpora que ainda não foram analisados por restrição de tempo, mas que estão disponíveis para desenvolvimento de análises futuras.

Tabela 4 – Corpora e número de ocorrências totais e pós refinamento

CORPUS	Ocorrências total (dados brutos)	Ocorrências após refinamento
Amostra Nilc	571	28
Brahe	10855	não analisado
Chave	10025	3573
C-oral Brasil	10	2
Corpus Brasileiro	13423	não analisado
Condiv Port 2	667	222
DHBB	687	não analisado
DisPR	1855	não analisado
Frases PB	1368	54
Floresta	1586	126
Nilc São Carlos	2578	856
Museu da Pessoa	162	50

Reli	254	31
OBras	3162	972
	Total: 47.203	Total: 5.914

Fonte: Elaborado pelo autor

A tabela em (4) acima apresenta o número de dados obtidos com a coleta de dados, bem como o número de dados que julgamos serem efetivamente realizações de nominalizações infinitivas após a etapa de refinamento. Nesta tabela, há ainda a indicação de quatro conjuntos de dados que não foram analisados até a escrita desta tese. De forma específica, os corpora que são apontados como não analisados se referem àqueles em que foram detectados dados que correspondem à infinitivos nominais, por meio da busca utilizando as fórmulas em (1), entretanto, esses corpora não puderam ser analisados e refinados em virtude da limitação de tempo até o momento de apresentação desta tese.

Cabe ressaltar que cada corpus representa um conjunto de dados independentes na Linguateca e agrupa dados de naturezas distintas, oriundos de fontes orais e escritas. O Apêndice B, disponível ao final deste mesmo trabalho, agrupa informações específicas sobre a natureza dos dados que compõem cada corpora, bem como indicações específicas sobre a origem dos dados agrupados.

Na próxima seção, apresentaremos com mais detalhes a metodologia de análise adotada para a obtenção dos dados.

3.4 METODOLOGIA DE ANÁLISE

Após a coleta dos dados através do site da Linguateca, nossa metodologia de análise consistiu na sistematização das propriedades empíricas associadas às nominalizações infinitivas em uma única planilha, elaborada no programa *Excel*. De forma mais específica, na etapa de elaboração dessa planilha, nos voltamos às propriedades empíricas associadas às nominalizações infinitivas e sistematizadas no capítulo 2 desta tese, considerando as descrições propostas nos trabalhos de Chomsky (1970), Grimshaw (1990), Borer (2014a) e Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011).

Os dados extraídos dos corpora foram salvos como documentos no formato *.pdf*, após a preparação da planilha de contabilização geral de todos os dados obtidos por meio da aplicação das fórmulas de pesquisa descritas em (1) na seção anterior, nosso passo seguinte foi passar à análise do produto de cada corpus, considerando dois aspectos centrais:

- a) Análise quantitativa: foco em delimitar o número de dados que efetivamente consistiam em ocorrências de nominalizações infinitivas. Ainda no rol da análise quantitativa, nos centramos em delimitar a frequência de ocorrência das propriedades empíricas associadas às nominalizações infinitivas.
- b) Análise qualitativa: foco na observação do modo como as propriedades empíricas se realizam efetivamente nos dados refinados. No escopo da análise qualitativa, nossa observação estava, portanto, centrada em compreender como as propriedades compatíveis com as nominalizações infinitivas eram efetivamente empregadas no uso real dessas formações.

O desafio apresentado nessa etapa do processo foi, justamente, compreender o melhor modo de proceder a análise mantendo um maquinário mínimo. Após algumas tentativas de usar programas e ferramentas computacionais para a análise, optamos pelo processamento manual, que consistiu na leitura e apontamento dado a dado das propriedades na planilha.

Tendo em vista a presença de fenômenos de naturezas diversas no corpus, as ferramentas de captação dos dados se mostraram ineficientes, inserindo outros tipos de formação entre os dados obtidos, como por exemplo a ocorrência de outros itens lexicais que correspondiam à classe dos nomes e eram terminados com a sequência [vogal+r] e antecidos de artigos, ilustrados em (2); expressões em que pronomes oblíquos átonos antecederam formas verbais, conforme (3) a seguir; ou ainda ocorrências de expressões já cristalizadas na língua, representados por meio dos dados em (4).

2)

- a) [...] referindo-se a Winnie Mandela, a mulher de 61 anos que já chegou a dizer que se considera uma simples camponesa ingênua. (Corpus Chave)
- b) É visível o prazer e o amor investidos neste projeto pelos seus colaboradores. (Corpus Chave)
- c) Por dois motivos lhe havia agradado o militar [...] (Corpus Reli)

3)

- a) Não tenho menos vontade nisso para o ver feliz, e para ajustar as minhas contas. (Corpus Nilc)
- b) É um palco enorme e acarreta muitas pessoas, muita trabalhadora para o desmontar. (Corpus Museu da Pessoa)

- c) Corsetti coloca-se no limiar do teatro para o questionar, mas sem nunca o abandonar [...] (Corpus Nilc)

4)

- a) Vemos de lá o pôr do Sol! (Corpus Reli)
 b) Ou permanecer deitado, numa noite de inverno, na lama e à chuva, desde o pôr do sol à aurora, de emboscada junto à rede de segurança, na fronteira do Líbano. (Corpus OBras)
 c) [...] a mulher lá vai fazer o jantar, o homem, se for um bom companheiro, ajuda-a, vai pondo a mesa [...] (Corpus Nilc)

Assim, realizamos um refinamento manual para selecionar de maneira inequívoca os dados que seriam discutidos neste capítulo. Esse procedimento manual, ainda que bastante rudimentar, se mostrou o mais adequado uma vez que, como apontado nos exemplos acima, havia uma grande quantidade de dados obtidos em que as ocorrências registradas não eram formas que poderiam ser consideradas nominalizações infinitivas.

A consequência direta desse recurso empregado foi uma menor eficiência no tratamento das ocorrências de nominalizações infinitivas, o que, em grande medida, justifica a existência dos dados ainda não analisados, como apontamos na tabela (4). Em contrapartida, os dados obtidos e discutidos neste capítulo são claros e ilustram a natureza do que é efetivamente produzido em situações reais de uso de nominalizações infinitivas no PB, algo que não obtivemos quando outros programas foram empregados como teste.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS: ASPECTOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS

Para fins de explicitação quantitativa dos dados, a tabela 5 resume os números associados a amostra, a partir da qual procedemos a análise dos dados de nominalizações infinitivas:

Tabela 5 – Descrição numérica da amostra relacionada aos dados de nominalizações infinitivas

Descrição da amostra	Total	Percentual
Amostra total (total geral)	47.203,00	100%
Amostra bruta – dados não analisados	26.820,00	57%
Amostra refinada – dados de corpora analisados	20.383,00	43%

Fonte: elaborado pelo autor

O primeiro dado na tabela 5 remete à amostra bruta total, com 47.203 ocorrências e faz referência a todas as ocorrências obtidas na pesquisa realizada na Linguateca com as fórmulas já descritas anteriormente em (1). Nesse conjunto total, no entanto, há cerca de 26.820 dados (57%) que, por limitações de tempo, ainda não foram refinados e essa parcela faz referência à linha 2 da tabela acima. Tais dados permanecem arquivados para continuções ou aprofundamentos futuros da pesquisa. Finalmente, os dados apresentados na linha 3 da tabela representam o total de material extraído do corpus para o qual propusemos, até o presente momento, o tratamento descrito na metodologia. Essa amostra corresponde a um total de 20.383 dados (cerca de 43%), que foram refinados e tratados, de acordo com os passos descritos anteriormente.

Nosso foco, agora, se volta especificamente para a divisão em dois conjuntos de dados: (a) o conjunto que foi refinado e que se realiza, efetivamente, como ocorrências do fenômeno em estudo, as nominalizações infinitivas e (b) um segundo grupo de dados que corresponde àqueles que estão relacionados a fenômenos de naturezas distintas na língua. Tendo em vista que esses outros fenômenos não são o foco de nossa atenção neste trabalho, fizemos a opção de apenas quantificá-los sem, nesse momento, fornecer um panorama sobre a sua natureza:

Tabela 6 – Dados refinados: nominalizações infinitivas vs. outros fenômenos

Descrição da amostra	Total	Percentual
Amostra total (conjunto de dados que foram analisados e refinados)	20.383,00	100%
Dados de nominalizações infinitivas (após refinamento e limpeza dos dados)	5.914,00	29%
Dados associados a fenômenos distintos de nominalizações infinitivas (após refinamento e limpeza dos dados)	14.469,00	71%

Fonte: Elaborado pelo autor

A tabela 6 acima nos indica a natureza geral da distribuição dos dados no conjunto que passou pela etapa de refinamento. Nesse sentido, há uma amostra total de 20.383 dados que correspondem às entradas obtidas nos corpora analisados, antes de qualquer análise, nesse sentido, caracterizando como 100% da amostra com a qual efetivamente fizemos um trabalho de refinamento. Após a etapa de refinamento, nossa amostra apresentou um total de 5.914

dados, que correspondem ao total geral de dados de nominalizações infinitivas que foram observadas nesta amostra, cerca de 29%. Para além dos dados de nominalizações infinitivas, há ainda um conjunto de outros fenômenos que não são associados a nominalizações infinitivas, e, portanto, fogem ao escopo do interesse de pesquisa desta tese. Esses dados de outra natureza totalizaram 14.469 dados (ou 71%).

Já de antemão é válido apontar que, ainda que a amostra excluída tenha se constituído como um total geral mais amplo do que o de nominalizações infinitivas, ela agrupa fenômenos muito diversos, de modo que uma comparação direta não diz muito a respeito da frequência de produção das nominalizações infinitivas em si.

Postas estas considerações quantitativas iniciais, nosso foco se volta à discussão das propriedades empíricas associadas às nominalizações infinitivas que foram detectadas nos dados. A primeira dessas propriedades diz respeito à estrutura argumental das bases verbais associadas às nominalizações infinitivas. Considerando os 5914 dados de nominalizações infinitivas, encontramos a realização desses nominais em variadas estruturas argumentais, como inacusativos, inergativos ou transitivos. Essa variabilidade de estrutura argumental em que nominalizações infinitivas são licenciadas se correlaciona com a ausência de restrições que apontamos no início do capítulo e que se correlaciona ao seu potencial de produtividade.

Os exemplos em (5) a seguir ilustram ocorrências com dados das três estruturas argumentais comentadas neste capítulo:

5)

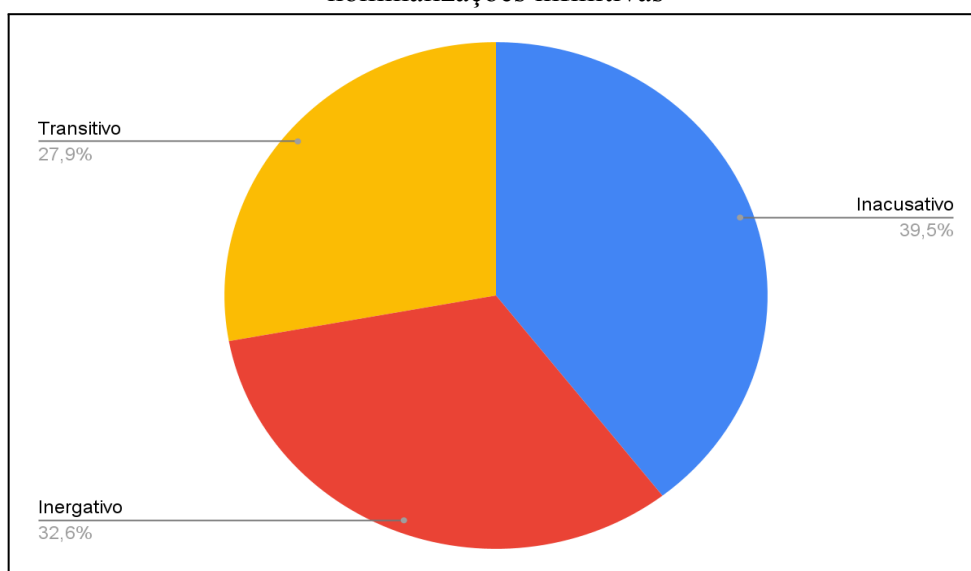
- a) [...] procurando os mecanismos que permitam o surgir de novos modos, não apenas em idade, mas também em ideias, em formas de intervir, etc. (Corpus Chave)
- b) Tenho ainda outra reflexão a fazer: é esta sobre o falar latim nas escolas.(Corpus Chave)
- c) O gostar ou o não gostar ficará a cargo de cada um. (Corpus Chave)

Os dados em (5) acima, ilustram brevemente a ocorrência de dados de nominalizações infinitivas em contextos de variadas estruturas argumentais, em (5a) a nominalização ocorre a partir de uma base verbal inacusativa, já em (5b), vemos um verbo, prototipicamente, inergativo ocorrendo em forma de nominalização infinitiva, antecedido pelo DP “o”. Já em (5c), a nominalização infinitiva se dá a partir de um verbo tradicionalmente caracterizado como transitivo.

Em termos quantitativos, por sua vez, a maioria das ocorrências corresponderam a bases inacusativas – 2336 ocorrências (39,5%), seguidas de bases verbais transitivas – 1649

ocorrências (27,9%) e, por fim, de bases verbais inergativas –1929 dados (32,6%), como ilustrado no gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Distribuição da estrutura argumental de bases verbais associadas às nominalizações infinitivas



Fonte: Elaborado pelo autor

O gráfico 1 acima, ilustra a distribuição das valências associadas aos verbos nos 5914 dados de nominalização infinitiva. Conforme apontamos, a base verbal mais produtiva nos nossos dados para a formação de nominais infinitivos é a dos inacusativos. De maneira geral, os verbos inacusativos são caracterizados por licenciarem um único argumento, mais especificamente, o argumento interno. A literatura especializada aponta desde Marantz (1984) para uma assimetria em relação à introdução dos argumentos, sendo que, de forma específica, o argumento interno é apontado como um elemento inserido no domínio do verbo, ao passo que o argumento externo, seria inserido por um núcleo funcional específico na projeção estendida do verbo, identificado como *Voice* (Kratzer, 1996). Por sua vez, os verbos inergativos são aqueles que licenciam apenas argumento externo. Finalmente, agrupamos entre os transitivos aquelas bases verbais que apresentam, simultaneamente, argumento externo e argumento interno.

Em geral, os processos linguísticos que nominalizam as formações costumam ter restrições relacionadas à estrutura argumental do verbo de base. Os nominais regressivos do PB, por exemplo, parecem ser incompatíveis com bases verbais inacusativas. A formação de passivas em várias línguas, como acontece no PB, é incompatível com bases verbais

inergativas. Essas restrições não se colocam, no entanto, nas formações de nominais infinitivos do PB.

Para além desse aspecto mais geral associado à estrutura argumental das bases verbais da nominalização infinitiva, nossa análise se voltou também para a distribuição das propriedades empíricas verbais e nominais que associamos a esse tipo de formação no capítulo 2. Tais propriedades, bem como o número de ocorrência de cada uma delas, segue sistematizado na tabela 7.

Tabela 7 – ocorrência de propriedades empíricas nos dados de nominalizações infinitivas

Propriedade	Nº ocorrências em 5.914 dados
Presença de argumento interno	3985 (67,38%)
Presença de argumento externo introduzido via <i>de</i>	1246 (21,06%)
Presença de argumento externo introduzido via <i>by-phrase</i>	371 (6,22%)
Agente não explicitado na estrutura	312 (5,27%)
Modificação adverbiais	258 (4,3%)
Modificadores agentivos	661 (11,17%)
Modificadores aspectuais	1350 (22,82%)
Licenciamento de negação	611 (10,33%)
Introdução por artigo definido	5437 (91,93%)
Introdução por pronome demonstrativo ou possessivo	477 (8,07%)
Modificadores adjetivais	1185 (20,03%)

Fonte: Elaborado pelo autor

Dentre o conjunto das propriedades de natureza verbal encontradas no estudo de corpus das nominalizações infinitivas, a mais recorrente é, justamente, a presença de argumento interno, sendo verificada em cerca de 3985 vezes (67,38%). Os dados em (6) ilustram essas ocorrências:

6)

- a) Não é apenas o comprar de mais computadores ou mais tecnologia de informação que está em jogo. (Corpus Floresta)
- b) É o despertar da população para a realidade ditada pelos novos mecanismos legislativos europeus de controle das fronteiras externas. (Corpus Reli)

Em relação à presença de argumento externo nos nominais infinitivos, os dados revelam um interessante contraste entre a inserção deste elemento via preposição *de* e via *by-phrase*: a ocorrência desse argumento licenciado via genitivo por meio da preposição *de* teve um total de 1246 registros (21,06% das ocorrências), podendo ser considerado bem mais produtivo do que se verifica através da preposição *para* que encontramos em apenas 371 registros (6,2% das ocorrências).

7)

- a) O despertar *dos professores* para a falta de habilidade dos alunos analfabetos [...] (Corpus Chave)
- b) O rascunhar da história e o inventar a fábula *pelo poeta* é igualmente a ambos concedido poderem traçar com sua livre imaginação[...] (Corpus Frases PB)

Por fim, encontramos alguns casos de produções, especificamente em bases inergativas, em que o argumento externo deveria estar presente, já que ele é o único argumento disponível, mas ainda assim tal elemento não foi explicitado. Esse comportamento foi encontrado 312 vezes (5,27%). Mesmo nesses casos, no entanto, é necessário que o evento seja interpretado como agentivo, com o agente podendo ser depreendido a partir de uma generalização que se aplica para todos os indivíduos, como ilustrado nos dados a seguir:

8)

- a) Entre o acordar e o dormir, há as pequenas coisas do dia a dia: escovar os dentes, por exemplo [...] (Corpus Chave)
- b) Os jovens não querem essas profissões difíceis [...] o cantar é uma profissão que demanda tempo, prática [...] (Corpus Ancib)
- c) Tem as duas atividades básicas do homem: o correr e o nadar [...] (Corpus Chave)

Essa diversidade nas ocorrências entre os argumentos externo e interno está alinhada com o que a literatura tem apontado como o comportamento empírico nas nominalizações. Assim, ao passo que o argumento interno se manifesta de maneira mais preponderante, o argumento externo, pode, opcionalmente, estar implícito na estrutura sem que haja prejuízo de gramaticalidade. Desse mesmo modo, o argumento externo pode ser introduzido por diferentes tipos de PPs, conforme já previsto nas propriedades empíricas.

Os dados de nominalizações infinitivas encontrados demonstram que essas formações, quando utilizadas em situações reais, também são compatíveis com a presença de

modificadores de diversas naturezas. De modo geral, a principal ocorrência dessa propriedade está relacionada aos modificadores aspectuais com 1350 ocorrências (22,82%), ilustrados em (9). Desse mesmo modo, a presença de modificadores agentivos foi contabilizada 661 vezes (11,17%), tal como em (10). Por fim, os dados demonstraram a ocorrência de modificadores de natureza adverbial em 258 ocorrências (4,3%), como se pode ver em (11).

9)

- a) Refletir o futuro em nossa área significa elaborar articulações para inserção da tecnologia para melhorar o agir *constante* na sociedade. (Corpus Museu da Pessoa)
- b) O procurar *frequente* de um fundamento levará as pessoas a se agarrar em identidades imaginárias [...] (Corpus Floresta)

10)

- a) O dizer e o silenciar *deliberadamente* nesse caso andam juntos. (Corpus OBras)
- b) De manhã à noite, o roncar *proposital* da máquina chega até ao gabinete do presidente da Câmara e espalha-se por quase toda a terra

11)

- a) É possível repassar às novas gerações, através da socialização, o saber *especificamente* sobre a fabricação das peças, saber este que não se resume ao saber técnico [...] (Corpus Condiv)
- b) O que importa é que há várias maneiras de desafinar: o desafinar porque não se é musical e o desafinar *ligeiramente* de uma nota que fugiu, mas que nunca perdeu o sentido. (Corpus Chave)

Os dados de (9) a (11) acima ilustram diferentes ocorrências de modificadores associados às nominalizações infinitivas. Tais propriedades são interessantes, uma vez que, de uma perspectiva teórica, elas se relacionam com a presença de camadas verbais a que tais elementos podem se adjungir na estrutura sintática, como discutimos no capítulo anterior.

Ainda no escopo das propriedades verbais associadas às nominalizações infinitivas do PB, outra propriedade interessante apontada na tabela 7 diz respeito ao licenciamento da negação, encontrado em 611 ocorrências (10,33%), como ilustrado a seguir:

12)

- a) Mesmo sem querer, o *não reconhecer* dos erros é, a meu ver, o principal fator de distanciamento. (Corpus Nilc)
- b) O próprio presidente do Congresso é quem quer o *não lembrar* dos dissabores que causou aos eleitores, mesmo aos mais fiéis. (Corpus Chave)

A negação é frequentemente analisada na literatura através da presença de uma camada independente – nucleada por Neg – e localizada na porção verbal da estrutura. A possibilidade de negação nos nominais infinitivos pode ser, portanto, correlacionada a uma riqueza de material funcional verbal em sua estrutura.

Já na discussão sobre as propriedades nominais desse tipo de formação infinitiva, como apresentado na tabela 7, chama a atenção a recorrência do artigo definido masculino na posição de determinante introduzindo a nominalização infinitiva, cerca de 5437 ocorrências (91,93%). Nesse mesmo sentido, conforme apontado no capítulo 2, as nominalizações infinitivas também podem ser introduzidas por outros tipos de DPs, como por pronomes demonstrativos ou por possessivos, por exemplo. Esses casos foram encontrados nos dados, ainda que com uma margem expressivamente menor, cerca de 477 vezes (8,07%).

13)

- a) Mas *o quebrar* do sonho alinhou-se à desilusão de viver em uma metrópole. (Corpus OBras)
- b) Sente *o bafejar* da sorte acariciando a sua cara. (Corpus OBras)
- c) [...] apesar de o Conselho de Disciplina não ter competência para *esse julgar*, mas sim o pleno do Conselho de Justiça, referiu Miguel Abreu. (Corpus Brasileiro)
- d) A autoridade da polícia, explicou mais tarde, acaba com *esse fechar* das portas. (Corpus Brasileiro)
- e) Imponha, com o resto do grupo, a sua vontade à do guia, pois este está ali para *seu servir* e não o contrário. (Corpus Condiv)
- f) Mas o simbolismo do *meu discursar* está relacionado ao sofrimento que venci. (Corpus Condiv)

O paradigma de dados em (13) ilustra a compatibilidade de infinitivos nominais com diferentes tipos de DPs, em especial, com artigo definido e com pronomes demonstrativos e possessivos. Essa é uma propriedade interessante quanto à natureza das nominalizações infinitivas, na medida em que demonstra o teor nominal dessas formações, uma vez que formações verbais, não são dominados por DPs. Além disso, translinguisticamente, é possível encontrar nominalizações que restringem o tipo de determinante a que podem se associar, o que não é o caso dos infinitivos nominais do PB. Há uma restrição quanto aos traços de gênero e número – masculino/singular –, mas não quanto ao tipo de núcleo D realizado na estrutura.

Finalmente, a modificação nominal por adjetivos foi encontrada em 1185 ocorrências (20,06%), como ilustrado nos dados em (14):

14)

- a) [...] através do riso e o piscar *irônico* de Felipe, que os ricos brasileiros não demonstram a menor boa vontade em mudar qualquer estatuto social, declara [...] (Corpus OBras)
- b) Toda obra é uma descontinuidade, uma suspensão, um *intenso* navegar sem rumo pré-definido. (Corpus OBras)
- c) Um bolero, o *delicioso* tilintar dos copos, os ruídos. (Corpus Chave)

A compatibilidade com modificadores de natureza adjetival, corrobora o teor nominal dessas formações infinitivas, uma vez que tais elementos são, prototipicamente, modificadores de itens da classe dos nomes.

As propriedades encontradas por meio do estudo de diferentes corpora do PB se mostram úteis para demonstrar a natureza do funcionamento das nominalizações infinitivas no campo do uso. Mais precisamente, os comportamentos apresentados por meio dos dados e a validação das principais propriedades já associadas às nominalizações infinitivas no campo dos estudos teóricos parecem apontar que o que empiricamente se realiza está diretamente associado ao conjunto de propriedades já descrito na literatura e, de forma mais específica, neste trabalho.

3.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo apresentamos dados de nominalizações infinitivas do PB extraídos de corpora da Linguateca, com o objetivo de buscar demonstrar o comportamento dessas formações em contextos reais de uso, além de explorar o modo como as propriedades empíricas descritas na literatura especializada se realizam em contextos de dados naturais.

Nesse sentido, a discussão que foi desenvolvida ao longo deste capítulo, tem como objetivo extrapolar as observações de natureza teórica para buscar compreender as propriedades empíricas que atuam na efetiva produção desse tipo de nominal pelos falantes, relacionando, portanto, as discussões sobre a produtividade e a produção dessas formas.

Para tanto, este estudo buscou delimitar e discutir as principais propriedades de natureza verbal e nominal que coocorrem nas nominalizações infinitivas e detectá-las em diferentes corpora do PB. As propriedades selecionadas como relevantes nesta discussão foram as seguintes:

- **Propriedades verbais**

Presença de argumento interno

Presença de argumento externo introduzido via *de*

Presença de argumento externo introduzido via *by-phrase*

Agente não explicitado na estrutura

Modificação adverbiais

Modificadores agentivos

Modificadores aspectuais

Licenciamento de negação

- **Propriedades nominais:**

Introdução por artigo definido

Introdução por pronome demonstrativo ou possessivo

Modificadores adjetivais

É interessante ressaltar que, na implementação deste estudo, um desafio apresentado foi a dificuldade de limpar os dados obtidos de cada corpus. A decisão metodológica que se mostrou mais eficaz, foi a organização manual dos dados o que possibilitou a delimitação apenas dos dados de nominalizações infinitivas e de igual modo, de cada propriedade relevante. A vantagem associada a esse método foi a clareza quanto à natureza dos dados encontrados e, mais precisamente, quanto ao modo de apresentação das propriedades empíricas em estudo. O reflexo menos vantajoso, no entanto, foi uma possível demora no tratamento dos dados brutos, o que impossibilitou que o estudo gerasse um conjunto maior de ocorrências e dados.

Por fim, por meio da discussão proposta e, principalmente, a partir da ocorrência dos dados apresentados, argumentamos que as nominalizações infinitivas podem ser consideradas formas relativamente produtivas na língua. Considerando o grupo de cerca de 20.303 dados que foram refinados até o presente momento, os dados de nominalizações infinitivas representavam cerca de 29% das ocorrências (5914 dados), um percentual que pode ser entendido como relevante. Adicionalmente, o estudo desses dados refinados parece corroborar o que tem sido apontado como propriedades empíricas dessas formações, bem como a organização em termos de estrutura funcional que será o foco do desenvolvimento da nossa análise no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

UMA PROPOSTA SINTÁTICA PARA AS NOMINALIZAÇÕES ZERO

4.1 INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO

A partir das discussões propostas no capítulo 2 sobre a natureza empírica das nominalizações infinitivas e regressivas do PB, neste capítulo nosso objetivo é desenvolver uma análise formal que seja capaz de capturar o comportamento dessas formações, em diálogo com a literatura que se debruçou sobre o tema.

Para tanto, adotamos como aporte teórico os pressupostos da MD (Halle e Marantz, 1993; Marantz, 1997), uma teoria sintática de formação de palavras. Um modelo dessa natureza parece abrir perspectivas interessantes para a investigação das nominalizações infinitivas e regressivas, na medida em que a abordagem decomposicional assumida pela MD no nível da palavra possibilita que as propriedades empíricas verbais e nominais associadas a cada tipo de nominalização possam ser consideradas como o reflexo da presença ou da ausência de núcleos funcionais específicos na estrutura sintática. Desse mesmo modo, a hipótese que as raízes são acategoriais, como assumido no modelo da MD, possibilita que uma mesma raiz participe da formação de diferentes categorias, ora como verbo, ora como nome na língua, sendo que, em cada caso, deve haver variação nas projeções funcionais presentes na estrutura, como reflexo da projeção estendida do verbo ou do nome.

É interessante ressaltar ainda que o comportamento dos nominais infinitivos e regressivos do PB parece fornecer evidências em favor de um único componente para a formação de palavras, a sintaxe, considerando que os nominais infinitivos são ambíguos entre as propriedades dos nominais gerundivos, tratados por Chomsky (1970) como produto da sintaxe, e mistos, entendidos, por sua vez, como produto do léxico. Isso mostra que a linha que separa formações tradicionalmente tratadas como lexicais daquelas apontadas como formações da sintaxe não é clara. Nessa mesma linha, os nominais regressivos também são ambíguos entre ASN, categoria em que se enquadrariam os nominais gerundivos do inglês, tradicionalmente entendidos como formações sintáticas, e RN, em que estariam os nominais derivados, por sua vez apontados na literatura como formações lexicais. Tal ambiguidade

aponta para a inadequação de separar tais classes de nominais em dois componentes distintos da gramática.

A partir de uma abordagem sintática da formação de palavras, delineamos as seguintes propostas para a análise das nominalizações infinitivas e regressivas do PB:

- As nominalizações infinitivas que se comportam como ASN são estruturalmente caracterizadas pelas seguintes camadas verbais: *Asp*, *Voice*, *v*.
- Dentre as camadas nominais, as nominalizações infinitivas são formadas pelo núcleo *ClassP*, responsável por nominalizar a estrutura e pelo núcleo *D*.
- A variabilidade de comportamento das nominalizações regressivas pode ser explicada por diferentes núcleos funcionais na porção verbal dessas formações:
 - Os nominais regressivos que se comportam como ASN apresentam as camadas verbais *v* e *Voice*.
 - Os nominais regressivos identificados como RN apresentam apenas o categorizador verbal como parte da projeção estendida do verbo.
 - Os nominais regressivos que albergam as propriedades de ASN e RN, desafiando a tipologia de Borer (2014a), são caracterizados pela presença de *v* sem propriedades seletivas e de um núcleo *Voice* que, de igual modo, não hospeda nenhum argumento em seu especificador.
- Apesar da variação nas camadas verbais, as nominalizações regressivas são estruturalmente caracterizadas pelas mesmas camadas nominais, a saber: *D*, *Number* e *Class*.

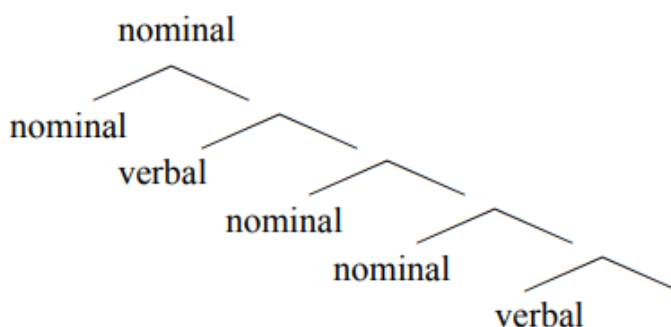
Para desenvolver tais hipóteses e suas respectivas implementações teóricas, este capítulo está organizado da seguinte maneira: a seção 4.2 traz uma discussão sobre projeções mistas, localizando as nominalizações no escopo dessas formações, caracterizadas por apresentarem propriedades de categorias distintas coocorrendo em uma mesma estrutura. Na seção 4.3, nossa discussão se volta para o estatuto formal da raiz, em especial levando em consideração questões sobre a estrutura argumental. Mais especificamente, argumentamos que a raiz, sendo destituída de traços formais, não apresenta propriedades seletivas. Após essas discussões, na seção 4.4, abordamos os núcleos funcionais que compõem a porção verbal e nominal das nominalizações abordadas nesta pesquisa. Por fim, a seção 4.5 encerra o capítulo com as considerações finais.

4.2 AS NOMINALIZAÇÕES INFINITIVAS E REGRESSIVAS NO ESCOPO DAS PROJEÇÕES MISTAS

Em termos gerais, as projeções mistas são descritas na literatura como formações que combinam propriedades tipicamente associadas a duas categorias distintas. Esse comportamento se diferencia daquele das projeções simples, que, por sua vez, se caracterizam por uma uniformidade categorial, mapeada em Grimshaw (1991) através do conceito de projeção estendida. A partir dessa definição, podemos entender que as nominalizações analisadas neste trabalho fazem parte do escopo das projeções mistas, uma vez que elas apresentam, simultaneamente, propriedades verbais e nominais.

Em termos teóricos, as projeções mistas têm chamado a atenção dos pesquisadores, uma vez que elas podem ser consideradas problemáticas para a teoria sintática já que categorias diferentes parecem ser projetadas simultaneamente pelo mesmo núcleo, o que levanta questões sobre a própria natureza das categorias e sobre a relação entre morfologia e sintaxe. Apesar de haver diversas propostas na literatura para tratar as projeções mistas, um ponto que parece consensual é que, empiricamente, tais formações são caracterizadas pelo que Bresnan (1997) denominou de Coerência Frasal. Mais especificamente, esse princípio aponta que as projeções mistas podem ser divididas em duas subárvores categorialmente uniformes, de modo que uma é incorporada como constituinte da outra. Assim, empiricamente não são encontradas nas línguas categorias mistas formadas a partir de uma mistura livre ou pela intercalação de constituintes de diferentes categorias. As estruturas abstratas a seguir em (2) e (3), fornecidas por Panagiotidis e Grohmann (2009, p. 3) ilustram essa questão:

Figura 2 – Estrutura sintática que não respeita a Coerência Frasal

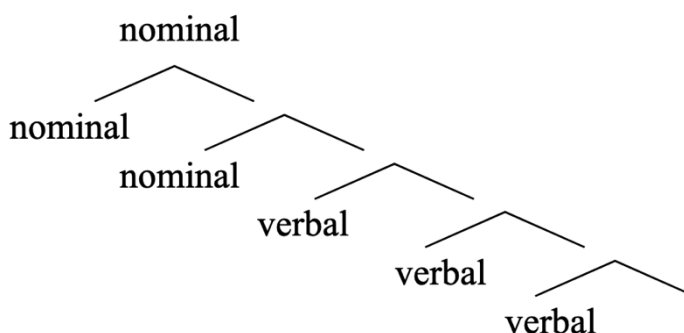


Fonte: Elaborado pelo autor, baseado em Panagiotidis e Grohmann (2009)

Segundo Panagiotidis e Grohmann (2009), estruturas como as da figura (2) não são atestadas empiricamente. Nessa formação, as projeções verbais e nominais se alternam, de modo assistemático, em desacordo com a noção de Coerência Frasal observada em Bresnan (1997).

Diferentemente disso, estruturas como as representadas pela figura (3) em que há um ponto de corte em que as propriedades verbais se encerram e as propriedades nominais começam são amplamente atestadas nas línguas naturais.

Figura 3 – Estrutura sintática que respeita a Coerência Frasal



Fonte: Elaborado pelo autor, baseado em Panagiotidis e Grohmann (2009)

A estrutura acima ilustra também uma segunda generalização comumente encontrada na literatura de que as projeções mistas se comportam externamente como nominais (Borsley e Kornfilt 2000; Panagiotidis, 2015). Combinando a Coerência Frasal com essa segunda generalização, a organização das projeções funcionais no interior de uma projeção mista entre propriedades verbais e nominais é sempre ordenada, contendo na parte mais baixa da estrutura a porção verbal, acima das quais se anexa na estrutura a porção nominal. Esse será nosso ponto de partida na discussão das estruturas sintáticas associadas às nominais infinitivas e regressivas investigadas nesta pesquisa.

Há diferentes propostas na literatura para tratar as projeções mistas. Na proposta de Jackendoff (1977), por exemplo, os gerúndios nominais do inglês são tratados como NPs exocêntricos, ou seja, sem um núcleo N, mas dominando um VP. A proposta de Baker (1985), por sua vez, argumenta que projeções mistas resultam da concatenação de um núcleo abstrato nominal a uma categoria já definida. Abney (1987), investigando as formações gerundivas do inglês, propõe que determinantes podem selecionar diretamente projeções verbais, como IPs

ou VPs. Outra visão encontrada na literatura é a de Alexiadou (2001), segundo a qual as chamadas categorias mistas resultam da concatenação de projeções não canônicas dentro de um domínio funcional específico, como seria a concatenação de projeções nominais no interior da projeção estendida de um verbo. Já Panagiotidis e Grohmann (2009) e Panagiotidis (2015) desenvolvem um sistema no qual as projeções mistas são derivadas através de um núcleo funcional específico, o *Switch*, que contém, simultaneamente, traços de duas categorias, verbal e nominal, por exemplo. Os traços verbais são responsáveis por licenciar a porção verbal mais baixa na estrutura, enquanto o traço nominal projeta seu rótulo, licenciando os núcleos nominais na sequência da estrutura.

Todas essas visões apresentam suas vantagens e desvantagens. A proposta de Jackendoff (1977) consegue capturar o comportamento nominal da formação com o rótulo NP, mas abandona a endocentricidade da estrutura. O sistema de Baker (1985), por sua vez, consegue capturar o comportamento verbal e nominal das categorias mistas, mas depende de um elemento categorial abstrato pouco motivado. Já a proposta de *Switch*, formalizada em Panagiotidis e Grohmann (2009) e Panagiotidis (2015), lança mão de um novo primitivo no sistema, um categorizador de natureza funcional para além dos categorizadores já assumidos no modelo da MD. A partir dessas observações, seguimos a linha da abordagem de Alexiadou (2001), que tem como vantagem uma estrutura menos rígida que não depende de novos conceitos e primitivos específicos para além daqueles já assumidos para a formação das categorias simples. É interessante ressaltar, no entanto, que o sistema da autora encontra certa dificuldade em limitar os padrões empíricos de ocorrência das projeções mistas.

Localizando as nominalizações infinitivas e regressivas no escopo dessa discussão mais ampla sobre projeções mistas, cabe, no desenvolvimento da nossa análise, distinguir os núcleos presentes nessas projeções, considerando as propriedades empíricas das nominalizações investigadas. Antes, porém, na próxima seção, nos voltamos brevemente ao estatuto das raízes em relação à inserção de argumentos, para estabelecer a ideia de que as raízes são primitivos sintáticos, destituídas de propriedades formais e, portanto, sem a capacidade de licenciar argumentos.

4.3 O ESTATUTO DAS RAÍZES E A SELEÇÃO DE ARGUMENTOS

A visão decomposicional assumida na MD encontra a raiz como um primitivo do sistema, tanto para a estruturação de palavras, como para a construção de formações maiores.

De um ponto de vista teórico, assumir a raiz como um primitivo leva a um léxico menos redundante, já que a raiz não apresenta uma categoria prévia, podendo, na sintaxe, participar da construção de diferentes categorias. Da mesma forma, ao abandonar a palavra como elemento especificado no léxico, as propriedades anteriormente atribuídas a esses itens lexicais, como a estrutura de argumentos, a fonologia e a semântica passam, na abordagem da MD, a serem distribuídas ao longo da arquitetura da gramática. É um conSENso no modelo, então, que a estrutura de argumentos seja sintaticamente definida por material funcional que compõe a formação. Do mesmo modo, a ausência de fonologia nos traços morfossintáticos, considerados primitivos abstratos sujeitos à inserção tardia e providos apenas de semântica gramaticalmente relevante, também é uma ideia estável no modelo.

Em relação à natureza da raiz, no entanto, há ainda um vivo debate no âmbito das abordagens sintáticas, como a MD, quanto às propriedades que compõem esse primitivo. A discussão sobre o estatuto da raiz é altamente relevante, uma vez que a caracterização adequada dos primitivos que serão manipulados pela sintaxe é crucial para a própria compreensão de como a sintaxe funciona. No âmbito desse debate, um dos aspectos mais relevantes para a construção da nossa análise diz respeito à inserção do argumento interno, já que a estrutura argumental é um dos fatores centrais envolvidos nas nominalizações investigadas nesta pesquisa. Especificamente quanto à inserção de argumentos, duas diferentes posições teóricas estão disponíveis na literatura que se debruçou sobre a questão do estatuto das raízes:

- a) A raiz seleciona é capaz de selecionar o argumento interno (Marantz, 1997; Embick, 2004; Harley, 2014);
- b) A raiz não tem propriedades seletoriais e, portanto, não é capaz de inserir argumentos (Borer, 2003, 2005, 2013; Bassani e Minussi, 2015).

A hipótese de que as raízes inserem complementos na estrutura sintática foi primeiramente apresentada em Marantz (1997), modelada a partir do tratamento fornecido em Chomsky (1970) de que as nominalizações são compostas por itens neutros de categoria. A segunda linha de análise, no entanto, assume que as raízes não têm propriedades seletoriais e se desenvolvem a partir da ideia de que todos os argumentos são licenciados por meio de estrutura funcional.

Uma das abordagens mais representativas na literatura dentro

da perspectiva de que as raízes selecionam argumentos é a proposta de Harley (2014). Mais especificamente, a autora fornece três diferentes evidências para a existência de um constituinte $\sqrt{P}$, ou seja, uma projeção em que a raiz projeta seu rótulo, após a seleção do seu complemento.

O primeiro argumento de Harley (2014) diz respeito à substituição pela anáfora *one* no inglês, como ilustrado nos dados abaixo:

3)

- a) *This [student]N [of chemistry]PP and that [one]N [of physics]PP sit together
- b) That [student]N [with short hair]PP and this [one]N [with long hair]PP sit together

(Harley, 2014, p. 249)

Como a agramaticalidade de (3a) aponta, a substituição por *one* não pode ter como alvo um núcleo isolado na presença de um complemento. Dessa forma, a substituição pela anáfora fornece evidência, segundo a proposta de Harley (2014), da existência de uma unidade privilegiada consistindo na combinação entre a raiz e seu complemento. Mais especificamente, a autora propõe que o argumento *of physics* é irmão da $\sqrt{}$, que projeta o rótulo $\sqrt{P}$, e a estrutura complexa resultante é nominalizada pela adição de um *n*. Assim, a substituição por *one* é caracterizada como uma anáfora de nível *nP*, não uma anáfora $\sqrt{P}$. Além disso, se PPs adjuntos (como *with long hair*) são anexados a *nP*, não $\sqrt{P}$, a distribuição gramatical encontrada em (3b) pode ser capturada dentro desse sistema.

No entanto, como aponta Borer (2014b), os mesmos resultados podem ser obtidos em uma abordagem na qual os argumento interno é inserido por projeções funcionais e não pela raiz propriamente, como apresentado na estrutura abstrata abaixo:

4)

- a) [F3 external argument [F2 adjunct [F2 [root] [F1 ‘internal’ argument [root]]]]]

(Borer, 2014b, p. 345)

Se assumirmos, por exemplo, que o domínio de substituição da anáfora é definido por F2, licenciando de outra forma o equivalente a um argumento interno, e que os adjuntos são

anexados a F2, o sistema captura exatamente o mesmo padrão atingido no sistema de Harley (2014). Para além disso, Borer (2014b) argumenta ainda que a proposta de Harley (2014) quanto ao comportamento da anáfora *one* apresenta problemas empíricos, já que a substituição anafórica pode operar em estruturas complexas, como verbos e nominais afixados, nos quais a hipótese de que os complementos sejam licenciados pela raiz não é uma possibilidade, como ilustrado nos dados a seguir:

5)

- a) My kid verbalized an adjective in the morning and yours did so (*a noun) in the afternoon.
- b) Two surprising verbalizations of an adjective by a 3-yr old child and one trivial one (*of a noun) by an adult.

(Borer, 2014b, p. 345)

O segundo argumento fornecido por Harley (2014) em favor da seleção de argumento pela raiz diz respeito ao funcionamento das expressões idiomáticas em que, como estabelecido desde Marantz (1984), a combinação entre verbo e o argumento interno licencia a leitura idiomática, excluindo o argumento externo:

6)

- a) kill a bug “cause the bug to croak”
- b) kill a conversation “cause the conversation to end”
- c) kill an evening “while away the time span of the evening”
- d) kill a bottle “empty the bottle”
- e) kill an audience “entertain the audience to an extreme degree”
- f) pass judgment “evaluate”
- g) pass thirty “get older than thirty”
- h) pass a law “enact legislation”
- i) pass a test “meet a standard of evaluation”
- j) pass a kidney stone “excrete a kidney stone”
- k) pass the hat “solicit contributions”

(Harley, 2014, p. 254)

Reinterpretando o sistema de Kratzer (1996), de que o argumento interno é inserido pelo verbo, mas o argumento externo é inserido via núcleo *Voice*. Harley (2014) propõe que as raízes devem ter uma estrutura de argumento que inclui o argumento interno, mas não o externo. Para Borer (2014b), no entanto, não há evidência, nas expressões idiomáticas, de que o domínio relevante para a introdução de argumento seja especificamente a combinação entre raiz e complemento. Da mesma forma, a proposta de que o domínio de interpretação

idiomática seja delimitado por *VoiceP*, assumido pela própria Harley (2014), é suficiente para derivar os mesmos resultados, incluindo o argumento interno, mas excluindo o externo da semântica idiomática, sem a necessidade de se assumir que a raiz introduza argumentos.

Finalmente, a última justificativa apontada por Harley (2014) em favor da seleção de argumento pela raiz é baseada em dados de supleção do Hiaki. Nessa língua, o número de um dos argumentos do verbo condiciona a escolha da raiz supletiva, seguindo uma distribuição ergativa-absolutiva: verbos supletivos intransitivos são condicionados pelo número de seu argumento sujeito (único argumento) da formação, como em (7), enquanto verbos supletivos transitivos são condicionados pelo número do argumento objeto, como em (8):

7)

a) Aapo weye
3sg walk.sg
'He/she/it is walking.'

b) Vempo kaate
3pl walk.pl
'They are walking.'

8)

a) Aapo/Vempo uka koowi-ta mea-k
3sg/3pl the.sg pig-acc.sg. kill.sg-PRF
'He/They killed the pig.'

b) Aapo/Vempo ume kowi-m sua-k
3sg/3pl the.pl pig-pl. kill.pl-prf
'He/They killed the pigs.'

Na proposta de Harley (2014), a forma dos verbos supletivos, sejam eles transitivos ou intransitivos, é definida em uma relação local entre a raiz e o elemento gerado como seu argumento interno, independentemente de sua posição na superfície. Esse sistema prevê que não deve haver verbos inergativos em que a supleção é condicionada pelo número do argumento externo, o que está, segundo a autora, empiricamente correto para o Hiaki. Isso é tomado, então, como evidência de que as raízes apresentam uma relação especial com seu argumento interno, o que sugere, para Harley (2014), que as raízes se combinam diretamente com DPs na sintaxe. Em relação aos dados supletivos, a crítica elencada em Borer (2014b) tem como ponto de partida uma discussão a respeito da possibilidade de que tais elementos sejam, na verdade, verbos distintos. Para tanto, a autora propõe uma analogia considerando verbos do inglês como *murder* ('assassinar') e *massacre* ('massacrar') que apresentam

conteúdo similar e correspondem a expectativas distintas em relação ao número de participantes como argumento interno do evento. Isso não justificaria, segundo a autora, assumir que se trata de realizações alternativas da mesma raiz condicionadas gramaticalmente pelas propriedades numéricas concretas ou metafóricas do objeto.

Discutindo o mesmo conjunto de dados alomórficos do Hiaki, Bassani e Minussi (2015) apontam que eles podem ser igualmente tratados em uma proposta na qual a raiz não seleciona argumentos. Isso porque, ainda que o argumento interno seja inserido pelo categorizador verbal, a raiz e o argumento interno podem estar em um mesmo domínio de fase, se considerarmos uma proposta como a de Embick (2010) em que o segundo núcleo cíclico desencadeia a fase do primeiro, enviando para *spell-out* a estrutura que está no seu complemento. Nesse sistema a supleção pode ser considerada um fenômeno localmente definido por domínios de fase, ainda que a inserção do argumento interno não seja feita pela raiz. Nesse mesmo sentido, Bassani e Minussi (2015) argumentam contra a seleção de argumento pela raiz, a partir de evidências empíricas, em especial, considerando os padrões de nominalizações no hebraico e a formação de verbos complexos no PB.

No hebraico, os autores apontam que as diferentes restrições sintáticas encontradas nas nominalizações são definidas pelos padrões vocálicos, considerados, por sua vez, como a realização fonológica dos núcleos categorizadores. A argumentação de Bassani e Minussi (2015) é sustentada pelo fato de que uma mesma raiz pode ser licenciada em estruturas argumentais distintas quando inserida em contextos categoriais diferentes.

9)

- a) há-‘ikarim gidlu ‘eháha-‘agvaniyot
DEF-fazendeiros cultivaram MO DEF-tomates
‘Os fazendeiros cultivaram os tomates’
- b) gidul ha-‘agvaniyot (‘alyedey ha-‘ikarim)
cultivo.CS.m.sg DEF-tomates (por DEF-fazendeiros)
‘O cultivo dos tomates (pelos fazendeiros)’
- c) ha-‘agvaniyot gadlu
DEF-tomates cresceram
‘Os tomates cresceram’
- d) gdilat ha agvaniyot
crescimento.CS.fem.sg DEF-tomates
‘O crescimento dos tomates’

(Bassani e Minussi, 2015, p. 151-152)

Os dados em (9), mostram diferentes padrões de estrutura argumental acompanhando uma mesma raiz no hebraico. Em (9a), a raiz $\sqrt{\text{gdl}}$ está inserida em uma estrutura verbal causativa, que licencia um argumento agente e um argumento interno. Em (9b) a mesma raiz, forma uma nominalização e, nesse caso, apenas o argumento agente é licenciado. Já em (9c), a mesma raiz é combinada com um padrão vocálico verbal não causativo, em que o argumento agente não é projetado. Por fim, em (9d), uma nominalização correspondente a (9c), apenas o argumento interno é projetado.

Já na discussão sobre a formação de verbos complexos no PB, Bassani e Minussi (2015) apontam para a existência de variação na estrutura argumental em formações relacionadas a uma mesma raiz, o que parece apontar novamente para a hipótese de que a raiz em si não é responsável pelo licenciamento de argumentos, como ilustrado nos dados a seguir:

10)

- a) *Vazio a caixa.
- b) Esvaziar a caixa.
- c) *Garrafa o vinho.
- d) Engarrafar o vinho.

(Bassani e Minussi, 2015, p.156)

Os autores argumentam que as raízes que participam dos dados acima não podem licenciar diretamente um argumento interno. Se a estrutura argumental fosse da raiz, os diferentes comportamentos detectados em (10) ficariam sem explicação. Isso porque as formas nominal (10c) e adjetival (10a) são agramaticais na presença do argumento, enquanto nas formas verbais em (10b) e (10d) o argumento é licenciado, apesar de os dados serem construídos com a mesma raiz.

Para além disso, em algumas abordagens sintáticas desenvolvidas dentro do Programa Minimalista, como o modelo proposto em Adger (2002), a estrutura argumental é mapeada via um traço formal de seleção, que determina a natureza dos elementos que serão concatenadas com o item que carrega esses traço. Na MD, por sua vez, a raiz costuma ser definida, exatamente em oposição aos núcleos funcionais, como um primitivo que não contém traços formais, como ilustrado na definição de Embick (2015):

- a) Morfemas funcionais: Estes são, por definição, compostos de traços sintático-semânticos tais como [±passado], ou [±pl], ou [±def].
- b) Raízes: Estas constituem a classe aberta ou vocabulário “lexical”. Elas incluem itens como √CAT, √OX ou √SIT. Raízes não contêm ou possuem traços sintático-semânticos.

(Embick, 2015, p. 7 – tradução nossa¹³)

Assim, se a seleção de argumentos é definida via traços, essa propriedade só pode estar atrelada aos núcleos funcionais. Isso porque a hipótese de que a raiz é desprovida de traços de natureza sintático-semântica, exclui, necessariamente, a possibilidade de que ela desempenhe qualquer atuação sobre a estrutura argumental.

A partir do debate sobre a natureza das raízes reportado nesta seção, assumimos com Borer (2014b) e Bassani e Minussi (2015) que as raízes são incapazes de licenciar argumentos. Nesse sentido, os diferentes padrões argumentais encontrados nas nominalizações serão entendidos como o resultado da presença ou ausência de núcleos funcionais específicos na estrutura sintática dessas formações.

4.4 PROJEÇÕES FUNCIONAIS NAS NOMINALIZAÇÕES

Nosso ponto de partida na definição dos núcleos funcionais que compõem as nominalizações infinitivas e regressivas investigadas nesta pesquisa é a proposta de Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011). Como já explorado no capítulo 2, os autores buscaram mapear, em uma perspectiva sintática da formação de palavras, os núcleos verbais e nominais presentes nas nominalizações investigadas por eles em diferentes línguas. Em linhas gerais os autores propõem os seguintes padrões de estrutura:

- 11)
- a) [DP [TP [Aspect [VoiceP [vP [Root]]]]]]
 - b) [DP [AspectP [VoiceP [vP [Root]]]]]
 - c) [DP [ClassP [nP [AspectP [VoiceP [vP ...
 - d) [DP [ClassP[–count] [nP [VoiceP [vP ...
 - e) [DP [(NumberP) [ClassP[±count] [nP [VoiceP [vP ...

¹³ “a. Functional Morphemes: These are, by definition, composed of synsem features such as [$\pm$ past], or [$\pm$ pl], or [$\pm$ def].

b. Roots: These make up the open class or “lexical” vocabulary. They include items such as $\sqrt{\text{CAT}}$, $\sqrt{\text{OX}}$, or $\sqrt{\text{SIT}}$. Roots do not contain or possess synsem features.” (Embick, 2015, p.7)

(Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer, 2011, p.37)

As estruturas em (11a) e (11b) apresentam uma camada verbal mais rica e uma camada nominal empobrecida em comparação às estruturas em (11c-e). Mais especificamente, a representação em (11a) corresponde, segundo os autores, ao infinitivo verbal do espanhol: o licenciamento de Caso nominativo justifica a projeção de um núcleo T, responsável pela atribuição desse tipo de Caso. Da mesma forma, o licenciamento de clíticos reflexivos, que segundo Pesetsky e Torrego (2004), se adjungem a T também seria evidência para essa projeção. Por sua vez, a estrutura em (11b), correspondente ao supino no romeno, ao gerúndio verbal no inglês e ao infinitivo verbal no alemão, diferentemente da primeira estrutura não apresenta um núcleo T, sendo Aspecto a sua camada verbal mais alta. Já a formação em (11c), representa os nominais infinitivos do alemão, enquanto (11b) representa os infinitivos nominais do espanhol. A diferença entre essas duas estruturas é a presença da projeção de Aspecto em (11c), que está ausente em (11b). Finalmente, os infinitivos do romeno e os gerúndios nominais do inglês seriam representados pela estrutura mais nominal de todas, ou seja, (11e): essa formação pode licenciar uma projeção *Class* com traço [+contável], o que desencadearia a presença da projeção nominal *Number* antes da entrada de D.

As projeções funcionais de natureza verbal assumidas em Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011) na estrutura das nominalizações são: *v*, *Voice*, Aspecto e T. Seguindo a ideia de Coerência Frasal (Bresnan, 1997) nas projeções mistas, até esse ponto da derivação a estrutura formada é compatível com um verbo, contendo apenas elementos da projeção estendida dessa categoria, sem que seja possível ainda saber se a estrutura será efetivamente um verbo ou uma nominalização.

O núcleo *v* é responsável por categorizar a estrutura, inserir o argumento interno e licenciar a leitura eventiva. O núcleo *Voice*, por sua vez, insere o argumento externo ou, na ausência desse elemento, como acontece nas nominalizações, licencia a adjunção de *by-phrase* e advérbios orientados para o sujeito. Já o núcleo de aspecto, carrega os traços de aspecto gramatical da estrutura e, nas nominalizações, ele se faz presente apenas na evidência de que a forma nominal realiza alterações aspectuais na leitura da forma de base. Mais especificamente, segundo Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011), algumas nominalizações são capazes de promover mudanças aspectuais de maneira similar, por exemplo, ao progressivo verbal em uma sentença do tipo “o trem está chegando”, em que o aspecto interno télico do verbo é alterado pelo aspecto imperfectivo da forma gerundiva. Nesse sentido, Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011) assumem uma diferença entre aspecto interno

(*aktionsart*, aspecto lexical) e aspecto externo (aspecto gramatical). Enquanto, o aspecto interno é realizado no domínio *VoiceP-vP* (Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer, 2006; Harley, 2007; Marantz, 2005), o aspecto externo, por sua vez, está relacionado a uma projeção de Aspecto específica na estrutura. Essa projeção também é responsável por licenciar advérbios aspectuais. Finalmente, o núcleo T é assumido em formações nas quais o caso nominativo é licenciado.

Já as projeções funcionais de natureza nominal assumidas em Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011) na estrutura das nominalizações são: *n*, *Class*, *Num* e D. Na abordagem dos autores, o categorizador nominal licencia a modificação via adjetivos e a atribuição de Caso genitivo. O núcleo *Class*, por sua vez, é responsável por alojar as informações de gênero.

Além disso, *Class* acomoda também os traços [$\pm$ count] do nominal que, segundo os autores, se relacionam à leitura aspectual interna dessas formações. Mais especificamente, nominais télicos, como substantivos contáveis, projetam *Class* [$+$ count], que é inclusive, o traço responsável por licenciar a entrada de uma projeção *Number* adicional. Por outro lado, os nominais atélicos, como substantivos massivos, projetam *Class* [$-$ count], que, por sua vez, bloqueia a entrada de *Number*. Enquanto *Number* fornece informações sobre a forma (por exemplo, marcação plural/singular do nome), a especificação [$\pm$ count] indica o que os autores chamam de “número semântico”: [$-$ count] significa uma pluralidade semântica; [$+$ count] significa singularidade semântica. Assim, o aspecto interno codificado em *Class*, é entendido como uma informação sintático-semântica que influencia a disponibilidade da marcação plural (ou seja, a projeção de *NumP*). No geral, as nominalizações atélicas ([$-$ count]) não podem pluralizar, enquanto as télicas [$+$ count] podem. Assim, o plural está disponível em *NumberP*, desde que *ClassP* seja [$+$ count].

Finalmente, os autores também utilizam em seu sistema a noção de *boundedness*, originalmente proposta em Jackendoff (1991), buscando unificar a noção de número nominal com a noção de aspecto verbal. Mais especificamente, substantivos massivos, com aspecto interno atélico e aspecto gramatical imperfectivo são agrupados sob a classificação [$-b$ ounded]. Por outro lado, substantivos contáveis, com aspecto interno télico e aspecto gramatical perfectivo são unificados como [$+$ b]ounded. Isso fornece, segundo os autores, uma noção comum para dar conta da interação entre as propriedades aspectuais internas dos verbos base e as camadas nominais externas.

4.4.1 Nominalizações infinitivas e regressivas do PB: projeções funcionais verbais

As nominalizações infinitivas e regressivas são ambas compatíveis com o comportamento de ASN, como vimos nos capítulos anteriores. Isso significa dizer que, entre outras propriedades, essas formações são compatíveis com o licenciamento de argumentos, como retomamos nos exemplos abaixo:

12)

- a) O corrigir das provas pelo professor.
- b) O resgate das vítimas pelos bombeiros.

Partindo justamente da introdução dos argumentos presentes nessas nominalizações que se comportam como ASN, assumimos que o núcleo funcional mais baixo na estrutura, a se concatenar com raiz, é o núcleo *v*. A presença desse núcleo também explica a leitura eventiva obrigatória dos ASN, como delineado em Grimshaw (1990) e Borer (2014a).

Por outro lado, as nominalizações regressivas também são compatíveis com o comportamento de RN. Tais formações, apesar de terem leitura eventiva, não licenciam a entrada de argumento interno.

13)

- a) O exame terminou ontem.
- b) O grito acordou os pais.

Para dar conta da leitura eventiva dessas formações, é necessário, no entanto, assumir a presença de um *v* na estrutura. Esse núcleo, por sua vez, precisa ser um sabor/tipo diferente daquele que compõe os ASN, uma vez que ele não introduz argumentos. Para tanto, propomos que as formações regressivas que se comportam como RN são formadas por um *v* que não apresenta traços de *c*-seleção, na linha do sistema de Adger (2002). Esse *v* seria, por exemplo, compatível com a formação dos verbos inergativos que também não introduzem argumento interno.

O licenciamento de peças na estrutura sintática que estão ligadas à leitura agentiva é compreendida, por sua vez, como uma informação relacionada à presença do núcleo *Voice*. A formalização de um núcleo responsável pela introdução do argumento externo é proposta em Kratzer (1996). Mais especificamente, a função do núcleo funcional *Voice* é inserir o argumento externo, associando-o ao evento expresso pelo verbo, através de uma operação de identificação de evento. Nas nominalizações do tipo ASN, embora o argumento externo não seja licenciado como na formação verbal, é possível adicioná-lo com o auxílio de uma *by-phrase*. Assumimos que tal elemento é adjunto de um núcleo *Voice* na estrutura, o que

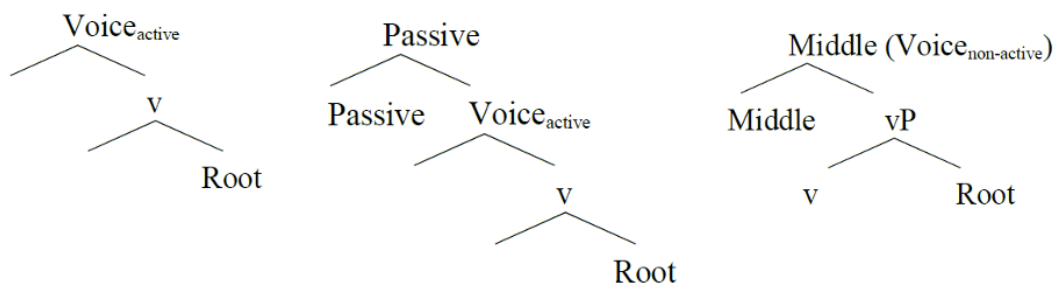
explica a opcionalidade desse elemento. Um ponto interessante é que, mesmo nos casos em que o argumento externo não está explicitado na sentença, a interpretação agentiva se mantém.

14)

- a) O corrigir das provas pelo professor demorou mais que o esperado.
- b) O corrigir das provas demorou mais que o esperado.
- c) O resgate das vítimas pelos bombeiros comoveu a cidade.
- d) O resgate das vítimas comoveu a cidade.

Sobre a natureza desse núcleo, Alexiadou (2013) assume que o núcleo *Voice* pode apresentar ao menos três configurações distintas. A autora assume a existência de um *Voice* ativo, responsável por introduzir um argumento externo agentivo, de um *Voice* passivo, responsável pela estrutura das passivas analíticas em línguas como o inglês, por exemplo, e, por fim, de um *Voice* não ativo, responsável por gerar outras estruturas, como as passivas do grego, por exemplo, a depender da sua natureza. Essas configurações de *Voice* estão sistematizadas a seguir:

15)



(adaptado de Alexiadou, 2013, p. 252)

Na proposta da autora, as versões passiva e não ativa de *Voice* ocupam posições sintáticas diferentes. O *Voice* passivo entra na derivação somente após a inserção do núcleo *Voice* ativo, sendo bem alto na estrutura. Já o núcleo *Voice* não ativo, por outro lado, entra na derivação exatamente no lugar do ativo, estando sintaticamente mais baixo. Apoiando-nos nessa análise, assumimos que o tipo de *Voice* que ocorre nas nominalizações regressivas e infinitivas do tipo ASN parece ser do tipo não ativo nos moldes delineados em Alexiadou (2013). Em oposição ao *Voice* ativo, esse núcleo funcional presente nas nominalizações não atribui Caso acusativo e aceita ser nominalizado, sendo compatível com projeções nominais alocadas acima dele.

Dessa forma, os nominais do tipo ASN, sejam eles infinitivos ou regressivos, são caracterizados por um *v* introdutor de argumento interno, além de um núcleo *Voice* responsável pela leitura agentiva dessas formações. Como vimos no capítulo anterior, no entanto, as formas regressivas, para além do comportamento de ASN, podem também podem se comportar como RN. Nesse caso, tais formações parecem perder a compatibilidade com modificadores orientados para o agente, além serem degradadas quando combinados com a *by-phrase*:

16)

- a) *O exame de propósito está sobre a mesa.
- b) *O exame com a nova máquina está sobre a mesa.
- c) *O exame pelo médico está sobre a mesa.

Dessa forma, propomos que os nominais regressivos identificados como RN, apesar de apresentarem o categorizador verbal como parte da projeção estendida do verbo, não licenciam um núcleo *Voice*.

Isso não esgota, no entanto, as possibilidades de ocorrência dos regressivos no PB. Tais formações são capazes de serem licenciadas em contextos nos quais há uma mistura de propriedades de ASN e RN. Mais especificamente, nesses casos a leitura é obrigatoriamente de evento e não de resultado e, apesar da ausência de estrutura argumental nesse contexto, os nominais regressivos voltam a ser compatíveis com modificadores orientados para o agente:

17)

- a) O ataque proposital pegou o exército de surpresa.
- b) O resgate com novas máquinas diminuiu o número de mortos.

Quando os regressivos misturam propriedades de ASN e RN, o que não é previsto na tipologia bipartida de Borer (2014a), propomos que há a combinação na estrutura de um *v* característico de RN, ou seja, que não licencia estrutura argumental, com um núcleo *Voice* que é, por sua vez, característico das formações do tipo ASN.

O próximo núcleo a ser discutido na projeção estendida do verbo é o núcleo de Aspecto. Como veremos com mais detalhes no próximo capítulo, a leitura aspectual das nominalizações infinitivas tem sido tema de debate na literatura, especialmente nos estudos interessados entre a interface sintaxe-semântica. Em geral, tal literatura assume que o infinitivo nominal tem leitura aspectual atética (Brito, 2012) ou imperfectiva (Miguel, 1996). No âmbito desse debate propomos que o morfema *-r* dos nominais infinitivos, seja, na

verdade, a realização fonológica de um núcleo de aspecto na estrutura sintática. Essa proposta é compatível com a de noção de *boundedness* (Jackendoff, 1991), conforme mencionamos anteriormente, que captura uma correlação entre Aspecto no âmbito verbal e número no âmbito nominal. Mais especificamente, os nominais infinitivos seriam [-b], não licenciando plural nominal. Os nominais regressivos, por sua vez, compatíveis com a pluralização, seriam classificadas como [+b], tal como sistematizado a seguir:

- i) [-b] nominalizações infinitivas: nominais massivos, aspecto atético e imperfectivo
- ii) [+b] nominalizações regressivas: nominais contáveis, aspecto télico e perfectivo

A partir dessas discussões propomos que os nominais infinitivos e regressivos que funcionam como ASN apresentam um núcleo *Aspect*, sendo os primeiros codificados com o traço [imperfectivo] e os últimos especificados com o traço [perfectivo]. Por sua vez, os nominais regressivos que funcionam como RN ou que misturam as propriedades de ASN e RN não apresentam o núcleo aspectual em sua estrutura.

Finalmente, em relação ao núcleo T, argumentamos que ele não está presente nas nominalizações infinitivas ou regressivas do PB. Alguns comportamentos que evidenciam essa ausência são a impossibilidade de que formas verdadeiramente flexionadas em tempo sejam nominalizadas (18). Nesse mesmo sentido, essas formações não parecem ser compatíveis com a presença de clíticos argumentais que se adjungem a tal núcleo sintático, tal como em (19). Finalmente, as nominalizações infinitivas e regressivas são incompatíveis com a atribuição de caso nominativo (20), o que também corrobora a hipótese de que o núcleo T esteja ausente nessas estruturas.

18)

- a) O cantar dos pássaros.
- b) *O cantou dos pássaros.
- c) A dança da bailarina.
- d) *A dançou da bailarina.

19)

- a) *O dizê-las constantemente de palavras duras afastou seus filhos.
- b) *O cantá-las todas as manhãs me relaxava.
- c) *O resgatá-las das ruas gerou uma eterna gratidão.

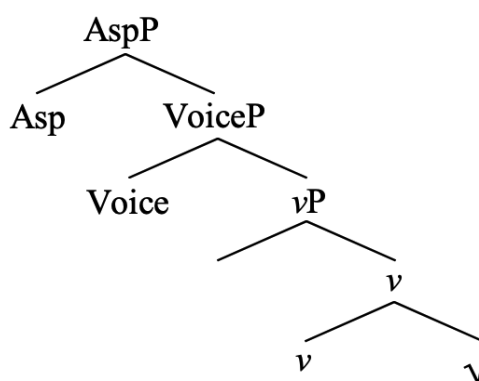
20)

- a) *O cantar eu a música.
- b) *O canto eu a música.

A partir dessas discussões, a estrutura sintática da porção verbal dos nominais infinitivos ASN e dos nominais regressivos em duas diferentes instanciações estão sistematizados a seguir:

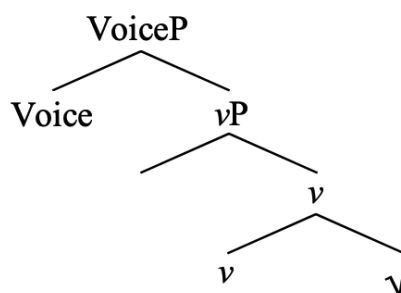
21)

- a) Porção verbal das nominalizações infinitivas caracterizadas como ASN:

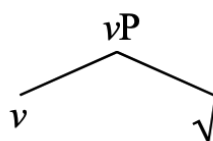


22)

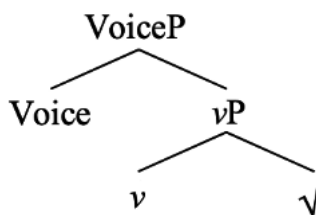
- a) Porção verbal das nominalizações regressivas caracterizadas como ASN:



- b) Porção verbal dos nominais regressivos caracterizados como RN:



c) Porção verbal dos regressivos mistos entre o comportamento de ASN e RN



Como se pode observar por meio das representações em (21) e (22) os nominais infinitivos e regressivos que se comportam como ASN contam com uma estrutura verbal robusta, com núcleos específicos para a introdução dos argumentos, mais especificamente *v* e *Voice*. As nominalizações regressivas que são mistas entre o comportamento de ASN e RN parecem ter uma porção verbal também complexa, tal como nos ASN. No entanto, seu núcleo *v* é incapaz de introduzir argumentos, como acontece com os RN. Para além disso, propomos a presença de um núcleo aspectual nos infinitivos nominais, que seria a realização fonológica do morfema *-r*. Esse núcleo parece trazer implicações de localidade importantes para a estrutura, já que os infinitivos apresentam realização fonológica, aplicabilidade e interpretação bastante previsíveis, diferentemente das regressivas. Finalmente, as nominalizações regressivas, que funcionam como RN, representadas em (22b), apresentam apenas o núcleo *v*, que, no entanto, não introduz argumentos. Discutidas as projeções verbais que compõem a estrutura das nominalizações infinitivas e regressivas do PB, na próxima seção nos voltamos para a camada nominal dessas formações.

4.4.2 Nominalizações infinitivas e regressivas do PB: projeções funcionais nominais

Na proposta de tratamento translinguístico das nominalizações por Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011), tais formações podem conter uma porção de estrutura nominal mais ou menos complexa, a depender do tipo de formação. Nesta seção propomos que as nominalizações infinitivas e regressivas diferem em suas camadas nominais, sendo as primeiras menos nominais em relação às segundas.

O primeiro ponto a ser ressaltado nessa discussão é que, em linha com o modelo Exoesqueletal de Borer (2005a, 2005b, 2013), assumimos que as raízes podem ser categorizadas por segmentos de projeção estendida (*S-functos*, na nomenclatura da autora),

sem, portanto, a necessidade de que um núcleo categorizador esteja presente na estrutura. Esse é o cenário que propomos para as nominalizações infinitivas e regressivas do PB, considerando especialmente o argumento de que tais nominais são incompatíveis com a realização fonológica de um morfema derivacional de sabor nominal. Mais especificamente, quanto às nominalizações infinitivas, propomos que elas apresentem os núcleos *Class* e *D* como parte da projeção estendida do nome. As regressivas, por sua vez, independentemente da sua atuação – como ASN, RN ou mistas – apresentam uma estrutura nominal com *Class*, *Number* e *D*, conforme (23) e (24) abaixo:

23) Porção nominal das nominalizações infinitivas: [DP [ClassP...

24) Porção nominal das nominalizações regressivas: [DP (NumberP) [ClassP...

No escopo deste trabalho assumimos, portanto, que a projeção responsável por nominalizar as estruturas infinitivas e regressivas é *Class*. De forma geral, esse núcleo seria responsável pela atribuição de caso genitivo, realizado via preposição *de*, nessas formações. Essa projeção também licencia a modificação via adjetivos que, como vimos no capítulo de descrição, é compatível com as nominalizações infinitivas e com as nominalizações regressivas:

25)

- a) O lento caminhar do João.
- b) O lento passeio do João.

Nesse mesmo sentido, mais precisamente no que diz respeito às nominalizações regressivas, assumimos ser *Class* o núcleo responsável por abrigar os traços de gênero e a vogal temática dessas formações, como veremos mais adiante. É interessante ressaltar que a vogal final das nominalizações regressivas é, de certa forma, imprevisível, podendo ser *-a*, *-e* ou *-o* (como em *dança*, *exame* e *arquivo*, por exemplo). Tal comportamento, em uma abordagem sintática, pode ser entendido como evidência de que deve haver uma relação de localidade entre a raiz e o núcleo *Class* que abriga a vogal temática. A natureza das relações de localidade nessas estruturas será discutida com maior propriedade no capítulo 5. Para os propósitos desta seção cabe apontar que para que a vogal temática nominal correta seja licenciada na estrutura é necessário que *ClassP* e a raiz estejam na mesma fase (Embick, 2010).

Por sua vez, o núcleo *D* seria justificado como camada presente tanto nas

nominalizações regressivas, como nas infinitivas pela compatibilidade com os diversos tipos de determinantes que ambas as formações apresentam, além de tais nominais licenciarem também pronomes possessivos.

26)

- a) O/esse/aquele/seu comprar de joias desenfreadamente.
- b) A/ essa/ aquela/ sua compra de casas.
- c) O/esse/ aquele/ seu canto desafinado.

Como vimos nos capítulos anteriores, as nominalizações regressivas apresentam traços de gênero, podendo ser masculinas ou femininas. Essa informação de gênero desencadeia a concordância com outros elementos que acompanham essa nominalização, como o próprio determinante e adjetivos.

27)

- a) O grito assustador.
- b) A venda vantajosa.
- c) O exame cuidadoso.

A literatura especializada na investigação sobre gênero assume ao menos três diferentes lugares para alocar esse traço na estrutura sintática: (i) a raiz propriamente dita (Alcântara, 2010; Embick, 2015); (ii) o categorizador nominal (Lowestann, 2008; Acquaviva, 2008, 2009; Kramer, 2015, 2016) e (iii) uma projeção funcional específica do tipo GenP (Picallo, 1991; Armelin, 2015) ou ClassP (Picallo, 2006; Alexiadou, Iordachioăia e Schäfer, 2011).

A hipótese de que o traço de gênero esteja codificado na raiz, está, essencialmente, baseada no fato de que essa codificação é arbitrária e imprevisível, sendo, portanto, uma propriedade que deve ser listada, assim como a classe nominal. Como a raiz é destituída de traços sintáticos-semânticos, o que as separa dos núcleos funcionais, traços codificados na raiz são entendidos como elementos de outra natureza, conhecidos como traços morfológicos:

Raízes em algumas línguas são especificadas com traços “morfológicos” do tipo associado a sistemas de conjugação ou declinação (ou gênero gramatical).

(Embick, 2015, p. 8 – *tradução nossa*¹⁴)

¹⁴ “Roots in some languages are specified with ‘morphological’ features of the type associated with systems of conjugation or declension (or grammatical gender)” (Embick, 2015, p. 8)

Essa linha de análise, no entanto, apresenta algumas questões relevantes. A primeira delas é que não é difícil encontrar dados nas línguas naturais em que uma mesma raiz participa da formação de nomes que pertencem a diferentes classes de gênero.

28)

- a) O pianista/ a pianista
- b) O menino/ a menina
- c) O jarro/ a jarra

Nesses casos, seria necessário assumir duas raízes distintas, coincidentemente idênticas em termos de morfofonologia e significado, exceto pelo seu gênero. Além disso, como apontado por Acquaviva (2009), equipar a raiz com um traço de gênero, tipicamente associado ao domínio nominal, acaba por indicar, de certa forma, a natureza categorial das formações, o que enfraquece a hipótese de acategorialidade das raízes.

Por sua vez, abordagens que alocam a informação de gênero no categorizador nominal (Lowestann, 2008; Acquaviva, 2008, 2009; Kramer, 2015, 2016) se sustentam na ideia de que atribuir gênero a uma raiz desempenha um papel essencial na transformação dessa raiz em um nome. Além disso, empiricamente o comportamento do traço de gênero pode ser semelhante ao comportamento de afixos derivacionais, sendo um elemento que: (i) depende da raiz para ser licenciado e (ii) apresenta lacunas paradigmáticas, já que nem toda raiz pode ser combinar com qualquer traço de gênero, da mesma forma que nem toda raiz se combina com qualquer categorizador. No entanto, essa linha de análise apresenta como questão os casos em que as línguas apresentam diferentes morfemas para cada núcleo funcional, ou seja, um afixo derivacional realizado simultaneamente a um morfema de gênero.

Em relação às análises que assumem a existência de uma projeção específica do tipo GenP (Picallo, 1991; Armelin, 2015) para codificar os traços de gênero, há, na literatura, uma discussão importante em relação à motivação de se assumir um núcleo dessa natureza. A esse respeito, Kremer (2016), tomando como exemplo os dados do espanhol, aponta que há poucos efeitos da informação de gênero no sistema da gramática, de modo que não haveria consistência para se proposta uma projeção específica dessa natureza.

GenderP não é muito bem motivado de acordo com esses critérios. Ele tem apenas um único efeito sintático claro: concordância. Em muitos dos sistemas de gênero familiares, o gênero afeta apenas intermitentemente a interpretação e afeta apenas indiretamente a morfofonologia. Por exemplo, em espanhol, o substantivo *artist* ('artista') é interpretado como feminino, se for feminino e masculino, (ou sexo não especificado) se for masculino. No

entanto, a palavra *verdad* ('verdade') também é feminina, e a feminilidade não é interpretada semanticamente porque o conceito *verdade* não pode ser biologicamente feminino. O gênero também não é consistentemente expresso morfofonologicamente em substantivos em espanhol (Harris, 1991), exceto por alguns sufixos derivacionais (por exemplo, *actor/actr-iz* 'ator/atriz'). Portanto, há pouca evidência para GenP em espanhol.

(Kramer, 2016, p.663-*tradução nossa*¹⁵)

A partir da assunção de que a informação de gênero é codificada em um núcleo funcional que desempenha outras funções na estrutura sintática, Alexiadou, Iordachioaia e Schäfer (2011), com base em Picallo (2006), argumentam que os traços de gênero são alocados em um núcleo *Class*, mnemônico para *Classifier*. Na proposta dos autores, para além de codificar os traços de gênero, o núcleo *Class* aloca também os traços com traço [+/- contável] do nominal, que, por sua vez, interage com a projeção de número das formas nominais. Mais especificamente, o traço [+ contável] licencia a entrada da projeção de número, enquanto o traço [- contável] bloqueia a entrada dessa projeção.

Seguindo essa linha de análise, propomos, então, que os nominais regressivos apresentam um núcleo *Class* em que está codificada sua informação de gênero. Como essa informação é arbitrária e depende da raiz, propomos que *Class* e a raiz estão em uma mesma fase nas formações regressivas. Nos infinitivos, por sua vez, esse núcleo está presente e também seria o responsável por nominalizar a estrutura. No entanto, nas nominalizações infinitivas o núcleo de Aspecto deve funcionar como desencadeador de fase, o que impede qualquer relação de localidade entre a raiz e *Class*. Isso significa que, na verdade, o comportamento dos infinitivos como nominais masculinos é gerado via *default* e não pela presença de traços de gênero. Essa proposta explica também o fato empírico de as nominalizações infinitivas poderem ser anaforicamente retomadas por formas desprovidas de gênero, como “isso”, por exemplo, em vez da forma masculina do pronome:

29)

- a) Acostumado ao doce olhar de sua amada, já não poderia mais viver sem isso/*ele.
- b) Nós falamos sobre o interpretar de Hamlet. Aparentemente isso/*ele valida os atores

¹⁵ GenderP is not very well-motivated according to these criteria. It has only a single clear syntactic effect: agreement. In many of the familiar gender systems, gender only intermittently affects interpretation and only indirectly affects morphophonology. For example, in Spanish, the noun *artista* 'artist' is interpreted as female-referring if feminine and male-referring (or sex-unspecified) if masculine. However, the word *verdad* 'truth' is also feminine, and the feminine-ness is not interpreted semantically because the concept 'truth' cannot be biologically female. Gender is also not consistently expressed morphophonologically on nouns in Spanish (Harris, 1991), except for a few derivational suffixes (e.g., *actor/actr-iz* 'actor/actress'). Therefore, there is little evidence for GenP in Spanish. (Kramer, 2016, p. 663)

jovens.

Para além disso, o núcleo *Class* das formas regressivas deve ser especificado com o traço [+contável], o que explica sua possibilidade de pluralização através do licenciamento da projeção de *Number*. Por outro lado, nos nominais infinitivos, seguindo Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011), *Class* seria marcado com o traço [–contável], consequentemente compatível com a presença de um núcleo específico para a informação de Aspecto no domínio verbal e, por outro lado, bloqueando o licenciamento de *Number* no domínio nominal. Assim, a forma singular das nominalizações infinitivas também é entendida como a realização de um número *default*, não havendo a possibilidade de pluralização dessas formas, como se pode ver nos dados contrastados abaixo:

30)

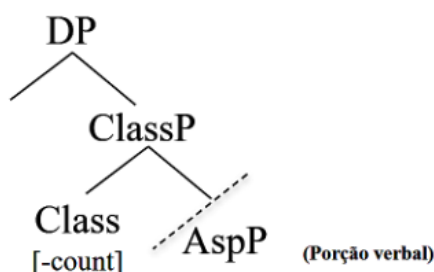
- a) *Os comprares das casas.
- b) *Os doares dos livros.
- c) *Os dançares das bailarinas.
- d) *Os morrerres das plantas.

31)

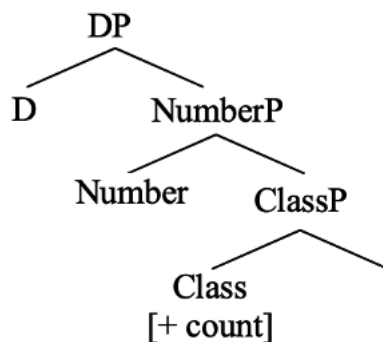
- a) As compras das casas.
- b) As danças das bailarinas.
- c) Os cantos dos pássaros.
- d) Os exames dos pacientes.

A partir dessas discussões a estrutura sintática da porção nominal das nominalizações infinitivas e regressivas podem ser encontradas em (32) e (33) a seguir:

32) Porção nominal das nominalizações infinitivas



33) Porção nominal das nominalizações regressivas



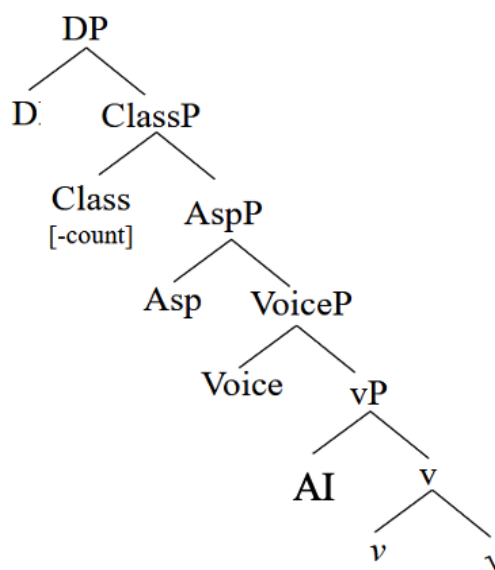
Nesta seção, nos voltamos à apresentação sistemática dos núcleos funcionais que propomos fazer parte das estruturas sintáticas associadas à porção nominal das formações infinitivas e regressivas no PB. Com o objetivo de sistematizar as porções verbais e nominais dessas estruturas, fazemos uma síntese na próxima seção.

4.4.3 Síntese e panorama geral das estruturas funcionais nas nominalizações infinitivas e regressivas

Esta seção apresenta um panorama geral e uma síntese das propostas de estruturas funcionais para as nominalizações infinitivas e regressivas do PB, explicitando seu funcionamento por completo, bem como a interação entre as porções nominais e verbais de cada uma dessas formações.

A primeira estrutura a ser apresentada é a das nominalizações infinitivas, que se caracterizam por funcionarem apenas como ASN, tal como ilustrado em (34) a seguir:

34) Nominalizações infinitivas: ASN

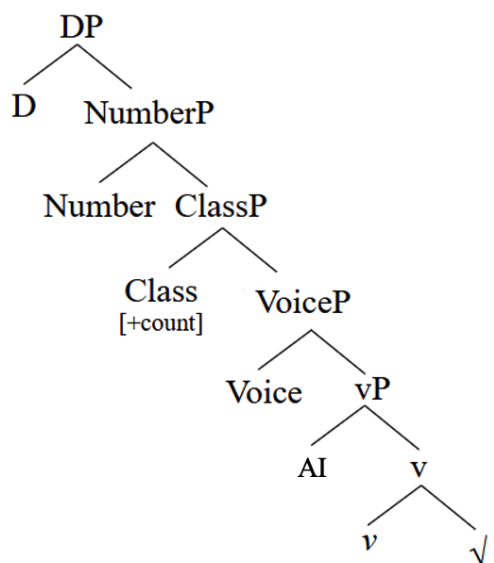


Na nossa proposta, as nominalizações infinitivas do PB se caracterizam pela presença de um núcleo *v* que categoriza a raiz, além de introduzir o argumento interno dessas formações. O núcleo seguinte é *Voice*, que introduz, como adjunto, a *by-phrase*, elemento opcional. Na sequência, o núcleo *Asp* traz a realização do morfema *-r*, elemento característico das formas infinitivas. A porção nominal dessas formações é composta por *Class*, núcleo funcional responsável por nominalizar a estrutura. Nas nominalizações infinitivas, *Class* é marcado com o traço [-contável], o que bloqueia a presença de *Number* e indica que tais formações não podem ser pluralizadas. Adicionalmente, seguindo Alexiadou, Iordăchioaia e Soare (2010), o traço [-contável] em *Class* é compatível com a presença de *AspP* na estrutura verbal. Por fim, a porção nominal apresenta também um núcleo *D*, que hospeda o determinante, invariavelmente expresso como um *default* na forma do masculino nessas formações.

Já para as nominalizações regressivas, vimos no escopo das discussões que fizemos até aqui que tais formações podem funcionar de diferentes maneiras, tal como sistematizamos nas representações estruturais de (35) a (37)¹⁶.

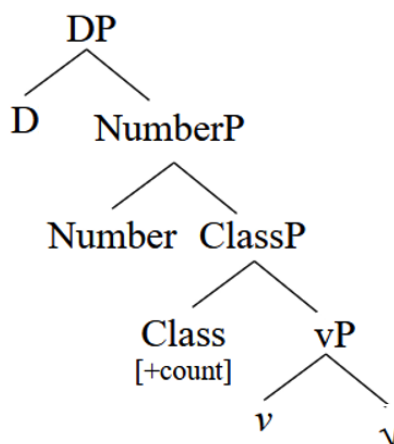
35) Nominalizações regressivas: ASN

¹⁶ Ainda que a discussão proposta nesta seção não verse sobre o licenciamento de idiossincrasias, argumentamos que estruturas funcionais propostas para as nominalizações regressivas ASN e mistas são compatíveis com o licenciamento de leitura composicional, um comportamento dessas nominalizações. De forma bastante sucinta, alguns trabalhos têm apontado que o domínio dos significados especiais está relacionado ao licenciamento de *Voice* na estrutura (Anagnostopoulou e Samioti, 2013).



As nominalizações regressivas ASN, representadas em (35), se caracterizam por uma estrutura funcional verbal composta pelo categorizador verbal que decodifica a leitura eventiva e insere o argumento interno na estrutura. Além disso, a porção verbal desses nominais conta com o núcleo *Voice*, que insere a *by-phrase* como um adjunto. Nessas estruturas, diferentemente do que ocorre nos infinitivos, não há a presença de *Asp*, uma vez que *Class* é marcado com o traço [+contável].

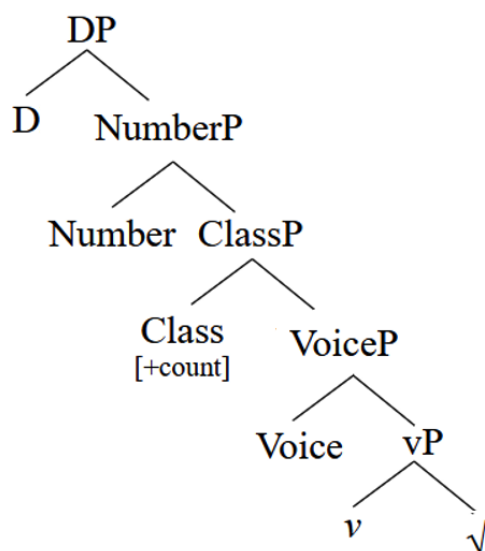
(36) Nominalizações regressivas: RN



Já as nominalizações regressivas que funcionam como RN apresentam apenas o categorizador verbal como parte da projeção estendida do verbo. Esse elemento, apesar de verbalizar a estrutura, não é capaz de inserir argumentos. À semelhança dos regressivos ASN,

a porção nominal dos regressivos RN também conta com *Class* [+count], *Number* e D, com as mesmas funções.

37) Nominalizações regressivas: mistas



Por sua vez, nas formações regressivas que misturam propriedades de ASN e RN, a semelhança com os ASN fica por conta da presença de *Voice*, que licencia os modificadores orientados para o agente, enquanto a semelhança com os RN fica por conta da natureza do verbalizador que não é capaz de licenciar argumentos. Por fim, em todas as estruturas de nominalizações regressivas, a porção nominal se mantém estável com os mesmos núcleos.

4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste capítulo foi propor uma análise sintática que pudesse capturar adequadamente o comportamento empírico das nominalizações zero, infinitivas e regressivas, no PB. Para tanto, retomamos a discussão translínguística proposta por Alexiadou, Iordachioaia e Schäfer (2011), a partir da qual discutimos as formações do PB, alocando tais nominais no escopo mais amplo desse debate translínguístico.

Na implementação da análise, nosso percurso se centrou em motivar cada um dos núcleos assumidos nas estruturas sintáticas das nominalizações, buscando explicitar o funcionamento estrutural das nominalizações infinitivas que se comportam como ASN e das

nominalizações regressivas que apresentam um comportamento variável. Em linhas gerais, propomos que a estrutura verbal dos ASN, infinitivos ou regressivos, compartilham os núcleos *v* e *Voice*, estando *Asp* presente nas infinitivas, mas não nas regressivas. Por sua vez, a porção verbal dos regressivos que são RN apresentam apenas o núcleo categorizador verbal, enquanto os nominais que são mistos apresentam *v* e *Voice*. Em termos de projeções nominais, propomos que os nominais infinitivos apresentam apenas *Class* e *D*, enquanto os nominais regressivos, sejam eles ASN, RN ou mistos, apresentam uma camada nominal bastante enriquecida com os núcleos *Class*, *Number* e *D*.

No próximo capítulo, nos propomos a retomar a discussão em torno de alguns dos principais problemas teóricos associados ao estudo das nominalizações zero. Por meio das discussões propostas até aqui e tomando como referência a análise desenvolvida neste capítulo, nosso objetivo é revisitar cada uma dessas questões à luz dessa análise.

CAPÍTULO 5

NOMINALIZAÇÕES INFINITIVAS E REGRESSIVAS NO PB: REVISITANDO PROBLEMAS CLÁSSICOS

5.1 INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO

O objetivo deste capítulo é revisitar alguns pontos teóricos centrais na análise das nominalizações zero, de maneira mais geral e das nominalizações infinitivas e regressivas, de maneira mais específica. Esses pontos invariavelmente surgem como questionamentos fundamentais para qualquer proposta teórica que se debruce sobre o tema. A ideia deste capítulo é, então, rediscutir esses pontos, tomando como ponto de partida a própria análise que desenvolvemos no capítulo 4.

Para tanto, retomamos algumas problemáticas que são comumente alvos de debate na literatura, enfatizando os seguintes aspectos:

a. Sobre as nominalizações zero

- O estatuto formal da nominalização zero: os processos de conversão

morfológica e regressão;

- Nominalizações zero e estrutura argumental.

b. Sobre as nominalizações infinitivas

- O estatuto formal do morfema *-r*;
- A relação entre as nominalizações infinitivas e a leitura aspectual.

c. Sobre as nominalizações regressivas

- A direcionalidade da formação;
- A natureza da vogal final.

O estatuto das nominalizações zero é tema de debate na literatura, sobretudo por tais formações não se conformarem, em uma primeira análise, ao comportamento da morfologia concatenativa, dada a ausência de realização de uma peça morfológica responsável pela nominalização da estrutura. De maneira geral, então, algumas abordagens lançam mão de processos específicos de formação de palavras, tais como a conversão morfológica (Bauer e Varela, 2005; Lieber, 2005; Villalva, 2013) e a derivação regressiva (Rocha Lima, 2011; Cunha e Cintra, 2015) para dar conta dessas formações. Para além disso, é importante ressaltar que algumas dessas abordagens, inclusive, assumem que o fenômeno de conversão morfológica poderia dar conta tanto das nominalizações infinitivas, como das nominalizações regressivas (Villalva, 2013; Rodrigues, 2000). Inserindo-se nesse debate, propomos que tanto a ideia de uma conversão morfológica, como a ideia de regressão morfológica são mecanismos formalmente desnecessários, de modo que as nominalizações infinitivas e regressivas podem ser tratadas na sintaxe, com seus respectivos comportamentos sendo consequência da concatenação de diferentes núcleos funcionais na estrutura sintática, nos moldes da nossa proposta no capítulo 4.

Da mesma forma, as nominalizações zero são frequentemente tratadas na literatura como elementos distintos das formas em que o nominalizador é realizado por não serem capazes de licenciar estrutura argumental (Alexiadou, 2001; Borer, 2013, 2014a). Em relação a essa questão, nossa perspectiva é a de que a ausência afixo nominalizador não altera o estatuto formal dessas formações. Dessa forma, como apontamos nos capítulos anteriores, tanto as nominalizações infinitivas, como as regressivas são capazes de licenciar estrutura argumental.

Posta esta discussão mais abrangente sobre o estatuto das nominalizações zero, este capítulo se volta à discussão de aspectos mais específicos relacionados a cada uma das

instâncias de nominalizações zero em estudo. Em se tratando das nominalizações infinitivas, nos voltamos ao debate a respeito do estatuto do morfema *-r*, característico dessas formações. Em geral, a literatura assume que esse elemento é homófono entre o estatuto flexional e derivacional, nos infinitivos verbais e nominais respectivamente (Miguel, 1996; Brito, 2012; Resende, 2020). A nossa hipótese, no entanto, é a de que, tanto nos nomes, como nos verbos, tal elemento apresenta o mesmo estatuto formal. Finalmente, completando o debate sobre as nominalizações infinitivas, nos centramos nas discussões sobre a leitura aspectual veiculada por essas formações. Segundo a literatura que tratou do tema, as nominalizações infinitivas parecem veicular uma leitura aspectual imperfectiva (Miguel, 1996; Vázquez, 2002; Brito, 2012), o que nos leva à ideia de que o morfema *-r*, seja, na verdade, a realização fonológica do núcleo de aspecto na estrutura sintática.

Por sua vez, as questões teóricas relacionadas às nominalizações regressivas são divididas em dois pontos centrais, a saber, o debate sobre a direcionalidade na formação desses nominais e o estatuto da vogal final que eles apresentam. Quanto à questão da direcionalidade, muitos autores (Lobato, 1995; Rodrigues, 2000; Resende, 2016) discutem a validade de critérios que poderiam auxiliar na definição da existência de uma base verbal que possa, efetivamente, ser tomada como a forma a partir da qual o nominal é gerado. No escopo desta tese, desenvolvida sob o ponto de vista de uma perspectiva sintática, tais critérios podem auxiliar na definição de uma estrutura sintática evidenciando empiricamente se há uma relação uma porção verbal na base dessas nominalizações. Finalmente, colocamos em foco a natureza da vogal final que se faz presente nas nominalizações regressivas, abordando suas correlações em relação à informação de gênero através da discussão de domínios de localidade na estrutura que propusemos no capítulo 4.

Para abarcar essas discussões, este capítulo se organiza da seguinte forma: na seção 5.2, elencamos as discussões sobre o estatuto das nominalizações zero, incluindo o processo de conversão assumido na literatura para lidar com essas formações, bem como a correlação entre as nominalizações zero e o licenciamento da estrutura argumental. Em seguida, em 5.3, tratamos, de forma mais específica, das questões sobre as nominalizações infinitivas, abordando pontos como o estatuto do afixo *-r* e a leitura aspectual dessas formações. Por sua vez, a seção 5.4, aborda as questões a respeito das nominalizações regressivas, como a direcionalidade dessas formações e o estatuto formal da sua vogal final. Finalmente, a seção final, 5.5 traz as considerações finais deste capítulo.

5.2 AS NOMINALIZAÇÕES ZERO EM DEBATE

Nesta seção, discutimos algumas questões centrais para a compreensão da natureza nominalizações zero. Mais especificamente, revisitamos os processos de conversão morfológica frequentemente associados à formação de nominais infinitivos e regressivos. A escolha por visitar algumas assunções acerca desse fenômeno se faz necessária na medida em que argumentamos que a natureza dos processos subjacentes à formação de nominais podem ser reanalisadas para alcançar maior adequação explicativa em uma abordagem sintática na qual a conversão deixa de ser um mecanismo necessário.

Ainda no escopo das questões teóricas sobre as nominalizações zero, abordamos a questão da presença de estrutura argumental nas nominalizações zero do PB. Na continuação do que vimos nos capítulos anteriores, as nominalizações infinitivas herdaram os argumentos da forma verbal, ao passo que as nominalizações regressivas também podem fazê-lo na leitura de ASN. Esse comportamento associado às nominalizações zero do PB é relevante, na medida em que ele parece se configurar como um contraponto à assunção da literatura de que as nominalizações zero não podem licenciar estrutura argumental (Grimshaw, 1990; Alexiadou, 2001; Borer, 2013, 2014a). Nesses termos, propomos que o licenciamento de estrutura argumental é independente da presença de um núcleo categorizador nominal.

5.2.1 Revisitando o fenômeno de conversão morfológica

O fenômeno de conversão morfológica é amplamente caracterizado no escopo da gramática tradicional (Cunha e Cintra, 1985) e também da literatura de base lexicalista (Bauer e Varela, 2005; Lieber, 2005; Villalva, 2013, entre outros) como a ocorrência de uma formação em diferentes contextos categoriais sem que haja nenhuma alteração em sua forma:

Conversão [...] é o processo pelo qual os itens lexicais mudam de categoria sem qualquer mudança concomitante na forma.

(Lieber, 2005, p. 418 – tradução nossa¹⁷)

A conversão é geralmente definida como um processo derivacional que relaciona lexemas da mesma forma, mas que pertencem a diferentes classes de palavras.

(Bauer e Varela, 2005, p.8 – tradução nossa¹⁸)

¹⁷ “Conversion [...] is the process by which lexical items change category without any concomitant change in form.” (Lieber, 2005, p. 418)

¹⁸ “Conversion is usually defined as a derivational process linking lexemes of the same form but

Partindo das definições acima, casos como os ilustrados no paradigma em (1), em que as formas *dançar* e *cantar* aparecem ora em contexto de verbo (1a-b), ora em contexto de nome (1b-d) sem que nenhuma alteração ocorra em sua forma fonológica, seriam tratados como um processo de conversão morfológica.

1)

- a) A noiva pediu para dançar com o pai no casamento.
- b) O dançar da noiva com o pai no casamento foi lindo.
- c) Os moradores ficaram muito felizes por ver cantar o coral infantil.
- d) O cantar do coral infantil deixou os moradores felizes.

No âmbito das abordagens Lexicalistas para a conversão, como a desenvolvida em Lieber (2005), assume-se que esse fenômeno está associado a uma operação no léxico, mais especificamente, uma relistagem lexical, em que uma forma que carrega uma categoria prévia seria reanalisada pelo falante, adquirindo assim outro rótulo categorial.

No escopo de sua análise, Lieber (2005) argumenta que, na verdade, a conversão não seria um processo propriamente morfológico. Para a autora, se a conversão fosse um fenômeno de afixação de um morfema zero, então, as formas submetidas ao processo de conversão deveriam apresentar uma configuração estrutural similar às demais formas sufixadas, o que ela assume não ocorrer, já que as formas oriundas do processo de conversão apresentariam um comportamento heterogêneo.

[...] se a conversão fosse afixação zero, esperaríamos que um afixo zero se comportasse exatamente como um afixo fonologicamente aberto. Afixos fonologicamente realizados geralmente determinam o gênero, as características morfossintáticas, a estrutura do argumento e a categoria de suas formas derivadas. Mas as formas convertidas geralmente exibem uma variedade de gêneros, classes morfossintáticas ou estruturas de argumento.

(Lieber, 2005, p. 421 – tradução nossa¹⁹)

Dessa forma, a proposta de Lieber para a conversão é que esse processo não é um fenômeno de formação de palavras, mas sim, um fenômeno de teor criativo em que formas selecionadas por meio do conhecimento tácito dos falantes sobre sua língua, seriam relistadas no léxico com categorias distintas da sua categoria de base. Assim, para a autora, a conversão não está relacionada à morfologia ou à sintaxe, mas apenas ao uso e à criatividade de cada falante.

[...] a conversão não é afixação zero, nem mesmo um processo direcional, mas sim um processo de relistagem no léxico. Quando os substantivos se tornam verbos, eles são simplesmente reinseridos no léxico mental como novas formas. O processo não é derivacional, na verdade, mas é mais semelhante à cunhagem.

(Lieber, 2005, p. 421 – tradução nossa²⁰)

Diversas questões relevantes se colocam a partir da proposta de Lieber (2005). A primeira delas é que a autora não captura a previsibilidade do processo envolvido, por exemplo, nas formações infinitivas, que, como vimos no capítulo anterior, são potencialmente produtivas e transparentes em relação ao verbo de base. Se o processo não é parte da gramática, mas relacionado à criatividade do falante, as formas infinitivas deveriam ser mais aleatórias do que efetivamente são. Por exemplo, se não houvesse restrições de natureza gramatical, o falante deveria poder cunhar infinitivos nominais não eventivos ou com a interpretação de resultado de evento. Da mesma forma, a proposta da autora assume que esses nominais não afixais gerados, em princípio, a partir da conversão morfológica necessariamente funcionam de maneira diferente das formas com afixo realizado, o que empiricamente não se coloca. Finalmente, em termos teóricos, o sistema da autora multiplica as ferramentas licenciadas no modelo para dar conta das formações de palavras, uma vez que, para além da derivação, há ainda um processo não derivacional de relistagem.

Também em uma perspectiva lexicalista, Villalva (2013) assume que a conversão

¹⁹ “[...] if conversion were zero-affixation, we would expect a putative zero-affix to behave exactly as a phonologically overt affix does. Phonologically overt affixes typically determine the gender, morphosyntactic features, argument structure, and category of their derived forms. But converted forms often display a variety of genders, morphosyntactic classes, or argument structures.” (Lieber, 2005, p. 421)

²⁰ “conversion is not zero-affixation, nor indeed any directional process at all, but rather is a process of relisting in the lexicon. When nouns become verbs, they are simply reentered in the mental lexicon as new forms. The process is not derivational at all, in fact, but rather is more akin to coinage.” (Lieber, 2005, p. 421)

opera em dois diferentes níveis, sobre raízes (2a) e sobre formas flexionadas (2b).

2)

- | | | |
|----|---|------------|
| a) | [atac] _V – [ataqu] _N | (o ataque) |
| b) | [olhar] _V – [olhar] _N | (o olhar) |

Como se pode ver nos exemplos, o conceito de conversão assumido na análise da autora possibilita unificar a análise dos nominais regressivos (2a) e infinitivos (2b) no mesmo processo. Dessa forma, é interessante ressaltar que a proposta de Villalva (2013) não necessita assumir um processo de regressão na gramática para dar conta dos chamados nominais regressivos. No entanto, alguns questionamentos podem ser colocados a partir da análise da autora. O primeiro deles é um problema de redundância dos itens lexicais, uma vez que cada raiz que participa de um processo como em (2a) terá, ao menos, duas entradas anotadas no componente lexical, uma para cada rótulo categorial associado. Além disso, nesse sistema, é necessário assumir uma categoria inicial a partir da qual as outras categorias são derivadas.

No entanto, a direcionalidade da conversão entre raízes é problemática, de modo que igualmente se poderia assumir que a raiz em (2a) é inicialmente um nome ou ainda que não há relação derivacional alguma entre verbos e nomes, mas apenas o compartilhamento de uma raiz. Outra questão relevante é que o tratamento dessas formas no léxico não permite uma formalização sintática das propriedades verbais do elemento de base, a não ser que se assumam que dois componentes na gramática, o léxico e a sintaxe, são ambos capazes de realizar a operação de conversão. Finalmente, a diferença estabelecida em (2a) e (2b) não prevê que ambas as formações, os nominais regressivos e os infinitivos, possam ter comportamentos semelhantes que é o que ocorre quando ambos funcionam como ASN. Finalmente, as análises que assumem a existência de um fenômeno da natureza da conversão morfológica no léxico não capturam a ocorrência de propriedades verbais e nominais que ocorrem simultaneamente em formas como os nominais zero em estudo neste trabalho.

Na perspectiva analítica que desenvolvemos no capítulo 4, as propriedades empíricas das nominalizações zero, infinitivas ou regressivas, são entendidas como o produto da combinação de diferentes núcleos funcionais em sua estrutura sintática.

5.2.2 Nominalizações zero e estrutura argumental

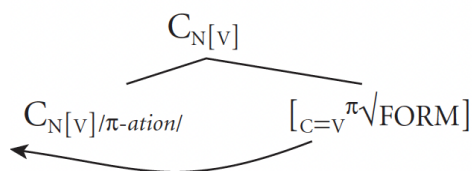
As nominalizações zero são comumente tratadas na literatura como formações

incompatíveis com o licenciamento de estrutura argumental. Essa ideia já está presente, por exemplo, na proposta de Grimshaw (1990), em que a autora argumenta que os nominais de evento complexo seriam, necessariamente, formações com afixos nominalizadores fonologicamente realizados. Alexiadou (2001) e Borer (2014a), ao revisitarem o trabalho de Grimshaw (1990), assumem a mesma linha de análise, relegando aos nominais zero um comportamento mais restrito e com menos possibilidade de conter estrutura interna funcional de natureza verbal, o que explicaria a ausência de argumentos nessas formações.

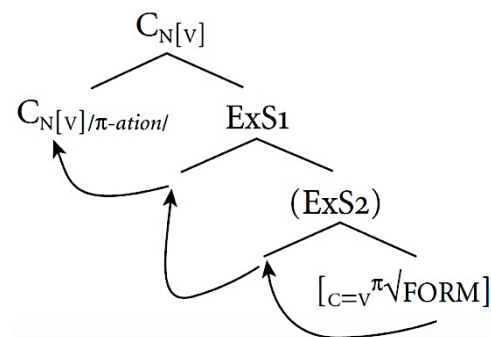
Em uma perspectiva sintática de formação de palavras, a ideia é que os ASN, descritos no capítulo 2, seriam compatíveis apenas com derivações a partir de uma raiz já categorizada, ao passo que os RN, também discutidos no capítulo 2, seriam apenas compatíveis com derivações a partir de uma raiz ainda acategorial sendo, portanto, incapazes de herdar a estrutura argumental do verbo de base. Essa ideia geral aparece esquematizada a seguir na perspectiva exoesquelética de Borer (2014a):

3)

a) Estrutura de RN



b) Estrutura de ASN



Em (3a), o afixo nominalizador se anexa diretamente à raiz, transformando-a em verbo ao mesmo tempo em que projeta uma estrutura nominal. No entanto, não há a presença de projeção estendida do verbo nessa formação, sendo essa estrutura correspondente aos RN. Esse tipo de derivação é caracterizada em perspectivas sintáticas de formação de palavras por ser compatível com o licenciamento de significados idiossincráticos, por apresentar lacunas de produtividade e por uma dependência morfofonológica em relação à raiz (Marantz, 2001; Arad, 2005, entre outros), sendo um ambiente característico das alomorfias. Já a derivação ilustrada em (3b), o elemento nominalizador é alto na estrutura sintática, sendo anexado após a entrada de núcleos da projeção estendida do verbo. Esse tipo de anexação externa costuma ser associada na literatura a uma formação mais sistemática, ou seja, com significado composicional, com potencial mais alto de produtividade, sendo um contexto menos sujeito a

alomorfias. A derivação em (3b) captaria, então, as propriedades dos ASN. Nessa segunda estrutura, a forma derivada do verbo herdaria ainda a estrutura argumental do verbo de base, o que explicaria a presença de argumentos nos ASN e a ausência deles nos RN.

Na perspectiva de alguns autores, como Alexiadou (2001) e Borer (2013), por exemplo, os nominais zero seriam exclusivamente associados a estruturas como em (3a). Os argumentos para essa posição são, em geral, de natureza empírica, como ilustrado na comparação entre os pares de dados de nominalização zero e em *-ing* do inglês em (4):

4)

- a) *the walk of the dog for three hours.
- b) the walking of the dog for three hours.
- c) *the dance of the fairy for a whole evening.
- d) the dancing of the fairy for a whole evening.
- e) *the (gradual) fall of the trees for two hours/in two minutes.
- f) the (gradual) falling of the trees for two hours.
- g) *the salute of the officers by the subordinates.
- h) the saluting of the officers by the subordinates.
- i) *the import of goods from China in order to bypass ecological regulations.
- j) the importing of goods from China in order to bypass ecological regulations.
- k) *the view of the results by the visiting committee.
- l) the viewing of the results by the visiting committee.

(Borer, 2013, p. 332)

A partir do contraste entre pares de dados como os em (4), Borer (2013) argumenta que os nominais zero não são compatíveis com estrutura argumental, diferentemente dos nominais em *-ing*, que seriam do tipo ASN. Isso explicaria a agramaticalidade das formas nominais sem *-ing* na presença de argumentos verbais.

Outro ponto nessa mesma direção sistematizado em Borer (2013) está relacionado ao fato de que os nominais zero apresentam uma alteração de tonicidade em relação ao verbo correspondente, tal como já havia sido observado em Kiparsky (1982). Alterações dessa natureza, no escopo de abordagens sintáticas, são geralmente entendidas como produto de relações de localidade estabelecidas na estrutura sintática:

5)

- a) permít_[V] pérmit_[N]
- b) progrès_[V] prógrèss_[N]
- c) admít_[V] ádmít_[N]

(Borer, 2013, p. 353)

Na comparação entre as formas verbais e nominais em (5), podemos ver uma alteração na posição da sílaba tônica marcada graficamente pelo acento agudo nos dados. Essa posição acentual seria, então, explicada pela anexação do elemento nominalizador diretamente à raiz nos nominais zero. Isso porque o nominalizador estando alto na estrutura sintática, como acontece nos ASN, não seria capaz de interagir com a fonologia da raiz em uma abordagem localista de gramática que caracteriza as perspectivas sintáticas.

Nessa mesma linha, Borer (2013) aponta que os nominais zero são incompatíveis com formas verbais complexas que incluem afixos verbalizadores fonologicamente realizados, tal como em (6):

- 6)
- | | | | |
|----|----------------|-------------------|---------------------|
| a) | crystal(l)-ize | *the crystall-ize | the crystallization |
| b) | acid-ify | *the acid-ify | the acidification |
- (Borer, 2013, p. 325)

O contraste entre os dados acima aponta que o nominalizador *-tion*, na terceira coluna, pode ser anexado à uma forma verbal complexa, o que, no entanto, não acontece com os nominais zero da segunda coluna que são incapazes de transformar o verbo complexo de base em um nominal.

A partir desse conjunto de argumentos empíricos, Borer (2013) assume que os nominais zero do inglês são categorizados como nome através de uma projeção nominal diretamente concatenada à raiz, sem nenhuma estrutura adicional. Dessa forma, os nominais zero não podem ser do tipo ASN, uma vez que esse segundo tipo de formação apresenta projeções estendidas de natureza verbal antes da nominalização acontecer.

No entanto, alguns autores, como Iordăchioaia (2021), vem questionando essa generalização a partir de dados também do inglês encontrados em corpora de texto natural como o *Corpus of Global Web-Based English* (GloWbE) e o *News on the Web* (NOW), entre outros. Mais especificamente, a autora apresenta contra-argumentos à proposta de que os nominais zero não poderiam formar nominais com estrutura argumental.

- 7)
- a) Trump defended [his salute of one of Kim's generals]. (NOW)
 - b) Dave headed off for his first daily [walk of the dog]. (GloWbE)
 - c) I have made the conscious choice not to exercise much beyond a brisk [walk of the dog]. (GloWbE)

(Iordăchioaia, 2021, p. 240)

Apesar de serem nominais zero, as formas *salute* em (7a) e *walk* em (7b-c) nos dados acima licenciam estrutura argumental e apresentam leitura eventiva, assim como os seus respectivos verbos de base. Esse licenciamento de estrutura argumental por nominais zero, tal como apontado por Iordăchioaia (2021), é incompatível com a generalização de Borer (2013) de quais tais nominais são sempre do tipo RN.

Ainda discutindo os dados apresentados em Borer (2013), Iordăchioaia (2021) aponta que a mudança de tonicidade detectada em dados como os em (5), apesar de se constituir, de fato, como uma propriedade dos nominais zero, não bloqueia automaticamente a realização da estrutura argumental. Nesse sentido, a autora aponta a existência de dados em que, mesmo mediante de uma alteração de tonicidade entre a forma verbal e nominal, a estrutura argumental pode licenciada pelo nome, como ilustrado em (8):

8)

- a) $\text{impórt}_{[V]} > \text{íport}_{[N]}$
- b) And ending that also means ending import of slaves. (GloWbE)
- c) Tokyo allowed the continued import of South African coal (COCA)

(Iordăchioaia, 2021, p. 240)

Em (8a) se pode ver que não há, de fato, uma incompatibilidade entre a alteração acentual provocada pela forma nominal e a presença de estrutura argumenta. Assim, o trabalho de Iordăchioaia (2021) parece fornecer argumentos contra a ideia de que nominais zero se comportam sempre como derivações a partir da raiz, sem nenhum material sintático adicional. Dessa forma, a argumentação proposta pela autora lança nova luz ao estudo dos nominais zero, até então assumidos na literatura como formas limitadas em termos de estrutura funcional.

Os infinitivos nominais do PB, assim como apontamos ao longo desta tese, parecem corroborar a argumentação de Iordăchioaia (2021) na medida em que se comportam como ASN. Em especial, os infinitivos nominais do PB, apesar de serem nominais zero, apresentam a necessidade de que a estrutura argumental da forma verbal seja satisfeita. Da mesma forma, tais formações apresentam necessariamente uma leitura eventiva. Nesse mesmo sentido, as nominalizações regressivas do PB parecem funcionar como fonte de evidências que reforçam a percepção de que os nominais zero podem licenciar estrutura argumental, pois, assim como argumentamos nos capítulos anteriores, tais formações apresentam um comportamento

ambíguo, entre RN e ASN. Essa compatibilidade de regressivos com ASN por si só já contraria a ideia de que nominais zero não licenciam estrutura argumental. Para além disso, como apontamos na nossa análise, os regressivos do PB parecem apontar para uma variabilidade ainda maior nas estruturas funcionais que estão disponíveis para a nominalização. Isso porque tais nominais podem, mesmo na ausência de estrutura argumental, apresentar projeções funcionais características de núcleos verbais, como apontado pelo licenciamento de modificadores aspectuais e de modificadores orientados para o agente.

5.3 QUESTÕES TEÓRICAS SOBRE AS NOMINALIZAÇÕES INFINITIVAS

Nesta seção, nos propomos a analisar, de forma mais específica, algumas questões teóricas sobre o funcionamento das nominalizações infinitivas. Nesse sentido, revisitamos o estatuto do morfema *-r*, presente tanto nos infinitivos verbais quanto nas nominalizações infinitivas e, em seguida, nos voltamos à discussão sobre a leitura aspectual veiculada pelas nominalizações infinitivas.

5.3.1 O estatuto formal do morfema *-r*

As nominalizações infinitivas são caracterizadas pela presença do morfema *-r*, tipicamente associado a formas verbais no infinitivo. A presença desse morfema no processo de nominalização dessas formas tem gerado debates na literatura sobre o estatuto formal e sobre a função da marca *-r* nos infinitivos nominais.

Um dos posicionamentos mais comumente encontrados na literatura, tanto em abordagens lexicalistas (Miguel, 1996; Vázquez, 2002), como em abordagens sintáticas (Brito, 2012; Resende, 2020) é o de que existem dois morfemas *-r* homófonos com propriedades morfosintáticas distintas. Essa perspectiva tenta dar conta das diferentes estruturas em que tal morfema se superficializa. Em linhas gerais, o morfema *-r* é tratado ora como um morfema derivacional que altera a categoria do verbo, ora como elemento de natureza flexional, correspondente ao morfema *-r* presente nas formas verbais de infinitivo. Esse elemento flexional é assumido também nas nominalizações infinitivas que apresentam natureza mais verbal, como a presença de núcleos funcionais da projeção estendida do verbo e atribuição de caso nominativo.

Esse tipo de raciocínio está presente, por exemplo, na proposta de Miguel (1996), que investiga nominalizações infinitivas do espanhol, propondo que elas se subdividem em dois

tipos: os infinitivos nominais em (9a) e os infinitivos verbais em (9b), ambos retirados de obras de Cervantes:

9)

- a) El decirlo tu y entenderlo yo me causa nueva admiración.
- b) El sosiego, ... , la serenidad de los cielos, el murmurar de las fuentes [...]

(Miguel, 1996, p. 29)

O contraste entre (9a) e (9b) é que enquanto o primeiro tipo de infinitivo apresenta um sujeito marcado com caso nominativo e um objeto que aparece com um clítico acusativo (*lo*), o segundo, por outro lado, (9b) apresenta um argumento que aparece com caso genitivo. Além disso, outro contraste interessante apontado pela autora é que, em exemplos como em (9a), a presença do determinante é opcional, ao passo que, em casos como (9b), o determinante parece ser obrigatório.

A partir dessa diferença de comportamento, a autora propõe que o morfema *-r*, apesar de apresentar a mesma realização morfofonológica nos dois tipos de dados, está sujeito a diferentes tratamentos formais. O afixo *-r* dos infinitivos nominais, como em (9b), teria uma natureza derivacional, sendo, mais especificamente, um afixo nominalizador, que se concatena a um radical verbal e o recategoriza como [+N]. Como se trata de uma abordagem lexicalista, essa recategorização acontece no léxico, sendo a forma infinitiva inserida na sintaxe já com a categoria nominal. Por sua vez, em dados como (9a), o morfema *-r* teria natureza flexional não promovendo qualquer recategorização da formação, o que explica a manutenção do comportamento verbal nessas nominalizações. Não é totalmente claro, no entanto, se tal elemento ocupa um núcleo funcional específico na estrutura sintática, uma vez que a forma infinitiva é inserida na sintaxe já com a categoria verbal.

A ideia de que o afixo *-r* apresenta uma natureza formal distinta em diferentes tipos de nominalizações também é encontrada em Brito (2012), que investiga, em uma perspectiva mais sintática da formação de palavras, os infinitivos nominais do português europeu. Em termos empíricos, a autora identifica três tipos distintos de infinitivos: um deles com características nominais (10a), outro com características verbais (10b) e um terceiro tipo misto (10c), que mescla características dos dois primeiros tipos de formação:

10)

- a) O cantar dos Alentejanos causa-me emoção.
- b) O ter ela escrito esses poemas não me espantou.
- c) O beber continuamente cerveja faz mal à saúde.

(Brito, 2012, p.100-115)

Segundo a autora, algumas propriedades empíricas diferenciam as formações nominais (10a) das verbais (10b), tais como:

- Caso: o infinitivo nominal é caracterizados pela presença do genitivo marcado pela preposição *de*, enquanto o infinitivo verbal presença do acusativo;
- Modificação: enquanto o infinitivo nominal é modificado por adjetivos, o infinitivo verbal é modificado por advérbios;
- Tipo de determinante: enquanto o infinitivo nominal se combina com variados tipos de determinante, o infinitivo verbal só é licencia o artigo definido;
- Natureza proposicional: o infinitivo verbal licencia negação, auxiliares temporais, modais e aspectuais, enquanto o infinitivo nominal é incompatível com tais elementos.

Por sua vez, os infinitivos mistos, como (10c), apresentam propriedades compartilhadas com os outros dois tipos de infinitivos. Como os infinitivos nominais, os mistos licenciam demonstrativos e possessivos, não atribuem Caso nominativo e podem ser modificados por adjetivos. Por outro lado, como os infinitivos verbais, as formas mistas licenciam um DP como argumento interno, aceitam negação e podem ser modificados por advérbios.

Em uma perspectiva sintática, Brito (2012) assume que uma raiz é categorizada como verbal ou nominal a depender dos núcleos funcionais que a dominam. Em relação especificamente ao afixo *-r*, a autora propõe que, nos infinitivos nominais, o morfema *-r* derivacional é projetado na posição de núcleo de *n*, um categorizador nominal. A presença de um núcleo dessa natureza, garante algumas propriedades nominais, tais como a checagem do caso genitivo e a modificação adjetival. Nas formações verbais e mistas, por sua vez, a marca *-r* é considerada como flexional, o que é capturado pela ideia de que tal elemento seja projetado no núcleo Asp, parte da projeção estendida do verbo.

Para os infinitivos do PB, Resende (2020) também propõe um duplo estatuto formal para o morfema *-r*. O autor busca propor uma tipologia de infinitivos, distinguindo-os a partir de sua estrutura interna em três grandes grupos: os infinitivos nominais, os infinitivos mistos e os infinitivos verbais. Os infinitivos nominais são ainda subdivididos em três outros subgrupos, a saber, as nominalizações imperfectivas (11), os adjuntos aspectuais (12) e os

infinitivos nus (13), como ilustrado abaixo:

11)

- a) O narrar dos fatos.
- b) O renascer das cinzas.
- c) O fechar a porta.

(Resende, 2020, p.214-215)

(12)

- a) No decorrer dos anos...
- b) Com o passar do tempo...
- c) No cair da noite...

(Resende, 2020, p.217)

(13)

- a) o dever
- b) o poder
- c) o saber
- d) o olhar

(Resende, 2020, p.218)

Em todas essas formações, o morfema *-r* é entendido como a realização de um núcleo categorizador nominal (*n*) em um contexto de aspecto imperfectivo. Por sua vez, o grupo dos chamados infinitivos mistos, ilustrados em (14) é caracterizado pelo autor como estruturas defectivas, em que o categorizador nominal está ausente.

14)

- a) O saber matemática ajuda no desenvolvimento do cérebro.
- b) Praticar alpinismo entretém a Marta.
- c) O Pedro decidiu/planejou /prometeu morar em Paris.

(Resende, 2020, p.224)

Em relação ao afixo *-r* nos infinitivos mistos, caracterizados por atribuírem Caso acusativo ao argumento interno e Caso nominativo ao argumento externo, tal morfema *-r* é entendido pelo autor como a realização morfofonológica que se aplica após a fusão entre diversos núcleos funcionais de natureza verbal, a saber, T, Mod e Asp, associada à presença do traço imperfectivo. Finalmente, os infinitivos verbais, ilustrados em (15), apresentam um comportamento puramente verbal, não sendo introduzidos por DPs e também não apresentando *nP* em sua estrutura.

15)

- a) O funcionário vai entregar os envelopes.

- b) O funcionário acredita estar apto para o novo cargo.

(Resende, 2020, p.239)

Nessas formações, o afixo *-r*, assim como assumido para os infinitivos mistos, é inserido a partir da fusão dos núcleos T, Mod e Asp. Na proposta de Resende (2020), a inserção do morfema *-r*, se dá em um contexto em que T não é especificado para tempo. Esse comportamento contrasta, na proposta do autor, com os casos em que T é especificado para tempo, conforme a generalização a seguir:

(16) Inserção de vocabulário no domínio verbal:

$$\begin{array}{ll} T_{[PRETÉRITO]}/Asp_{[PERFECTIVO]} \leftrightarrow /ra/ \dots & (\text{certos contextos}) \\ T_{[PRETÉRITO]}/Asp_{[IMPERFECTIVO]} \leftrightarrow /va/ \dots & (\text{certos contextos}) \\ T_{[\]}/Asp_{[IMPERFECTIVO]} \leftrightarrow /R/ & \end{array}$$

(Resende, 2020, p.234)

Em suma, a partir de uma discussão que leva em conta os diferentes tipos de infinitivos nominais, a literatura tem desenvolvido a ideia de que: em formações mais nominais, o afixo *-r*, recategoriza a estrutura, seja no léxico (Miguel, 1996), seja na sintaxe (Brito, 2012; Resende, 2020), enquanto em formações mais verbais, tal elemento é a realização fonológica de projeções de natureza verbal, não promovendo qualquer alteração de categoria.

Inserindo-se nesse debate, seguimos a intuição de Souza (2021), que coloca em questão a ideia de que o afixo *-r* seja homófono entre o comportamento derivacional e flexional. Um dos argumentos que parecem sustentar essa ideia é que o morfema *-r* ocorre nas formas infinitivas ainda que estas não estejam nominalizadas. Além disso, é importante ressaltar que a simples ocorrência do morfema *-r* não é suficiente para nominalizar a forma infinitiva, que necessita de um determinante fonologicamente realizado ou de um elemento que revele a existência da camada DP, tal como os possessivos o fazem por exemplo:

17)

- a) *Cantar dos pássaros alegrou a todos.
- b) O cantar dos pássaros alegrou a todos.
- c) Seu cantar alegrou a todos.

O que os dados acima apontam é que a inserção da forma infinitiva em uma posição canônica de nome, mas sem a camada de DP realizada, tal como acontece em (17a), resulta

em um dado agramatical, o que parece apontar para o fato de que a marca *-r* não integra efetivamente a camada nominal da formação. Dessa forma, propomos que o morfema *-r* dos nominais infinitivos, seja, na verdade, a realização fonológica de um núcleo de aspecto na estrutura sintática, como apontado no capítulo 4. Essa abordagem retira a necessidade de se assumir uma homofonia no sistema, unificando o comportamento do morfema *-r*, seja em formas mais verbais, seja em formações nominalizadas. A natureza aspectual desse morfema é tema de discussão da próxima subseção.

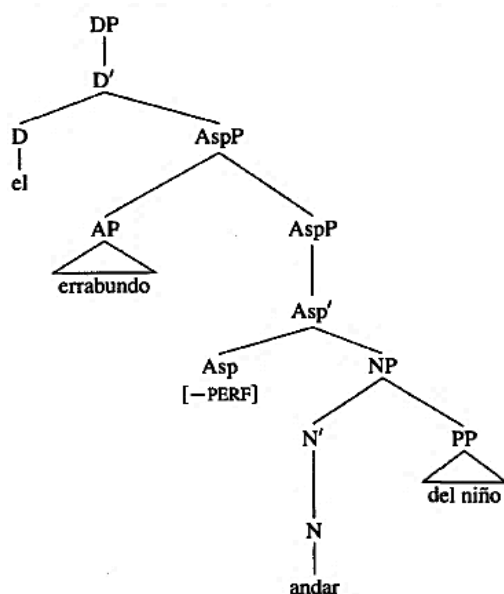
5.3.2 A leitura aspectual nas nominalizações infinitivas

As nominalizações infinitivas do PB, conforme apontamos nos capítulos anteriores, são formações que denotam evento. Mediante a percepção dessa propriedade, a questão da natureza aspectual dessas formações é frequentemente colocada em debate nas propostas que se debruçam sobre o tema.

Em Miguel (1996), por exemplo, a autora assume que, nos infinitivos nominais do espanhol, o afixo *-r*, um nominalizador derivacional no léxico, como discutimos na subseção passada, é caracterizado por uma natureza aspectual não-perfectiva. Além disso, a autora propõe haver, na estrutura sintática do infinitivo nominal, um núcleo Asp especificado com um traço [–perfectivo], acima do NP, projeção que abriga a forma infinitiva, como ilustrado a seguir:

18)

- a) El andar errabundo del niño acabo en una comisaría.



(Miguel,1996, p.48)

Na perspectiva de Miguel (1996), nem todos os verbos podem aparecer no infinitivo nominal. Mais especificamente, verbos que apresentam um ponto final, como aqueles que pertencem à classe aspectual de *achievement* (19a-b) e de *accomplishment* (19c-d), não são compatíveis com o infinitivo nominal. Os dados abaixo são de Brito (2012, p. 105), ilustrando justamente a proposta de Miguel (1996):

19)

- a) * El intenso llegar de Pedro a la habitacion...
- b) * El llegar tardío de Juan nos preocupó a todos.
- c) * El comprar una casa de Juan nos alegró.
- d) * El rápido construir la casa de los albañiles...

Já os infinitivos verbais, podem, segundo Miguel (1996), apresentar tanto uma leitura imperfectiva (20a), como uma leitura perfectiva (20b):

20)

- a) El llegar_{i/j/k} el niño tan tarde tenía_i/tiene_j/tendrá_k preocupada a su familia.
- b) El haber llegado_{i/j/k} el niño tan tarde tenía_i/tiene_j/tendrá_k preocupada a su familia.

(Miguel,1996, p.32)

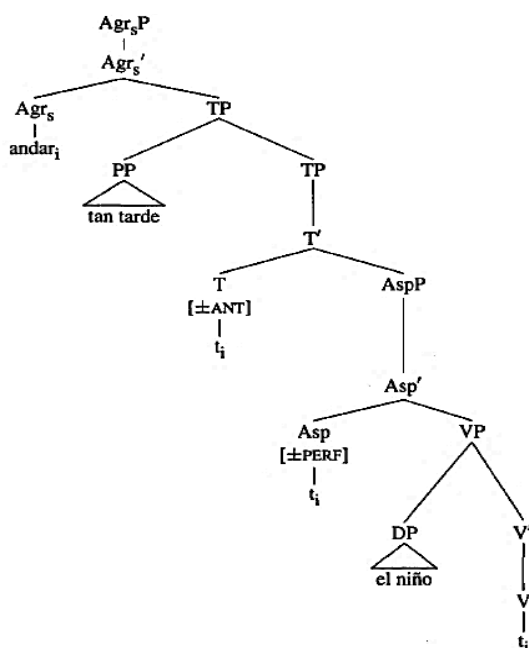
Sentenças como (20a) mostram que o infinitivo pode apresentar leitura imperfectiva, denotando um evento que ainda está em andamento. A interpretação é de um fato que está acontecendo simultaneamente ao desenvolvimento do evento expressado pela oração matriz,

que pode ser entendido, por sua vez, como passado, presente ou futuro em relação ao momento do ato de fala. Já em sentenças como (20b), o infinitivo expressa um aspecto perfectivo, em que o evento descrito pelo infinitivo é terminado com relação ao momento em que o evento denotado pelo predicado principal, sendo, então, anterior ao tempo determinado pelo evento da sentença matriz.

Dessa forma, na estrutura sintática proposta em Miguel (1996) para os infinitivos verbais, há um núcleo Asp, que, no entanto, poderá ser especificado como [+perfectivo] ou [perfectivo], a depender da sentença, tal como pode ser visto a seguir:

21)

a) El andar el niño tan tarde por esa zona nos preocupa.



(Miguel, 1996, p. 46)

Segundo a análise de Miguel (1996), a estrutura envolvendo o infinitivo verbal inclui tanto um TP, como um AspP, responsáveis respectivamente pela leitura de tempo e aspecto da formação. Ambos os traços de tempo e aspecto são considerados traços fortes (nos moldes de Chomsky, 1994, 1995) e, portanto, devem ser checados antes de LF para que a derivação seja convergente. A checagem desses traços é feita através da subida do verbo para os núcleos de Asp e T sucessivamente.

A discussão da relação entre infinitivos e aspecto também é encontrada em Brito (2012). De acordo com a autora, os infinitivos nominais do PE denotam atividade ou processo e apresentam leitura aspectual imperfectiva. Dessa forma, os verbos télicos seriam

incompatíveis com a imperfectividade expressa pelo infinitivo nominal. A partir da proposta de Alexiadou, Iordăchioia & Schäfer (2011), Brito aponta que a não telicidade do infinitivo nominal está, de alguma forma, relacionada ao fato dessas formas não poderem ser pluralizadas, propondo uma correlação entre telicidade, pluralidade e o traço contável, por um lado, e não telicidade, singular e o traço massivo, por outro lado. Além disso, na proposta de Brito (2012) não há um núcleo sintático Asp nos infinitivos nominais. Dessa forma, a informação aspectual nessas formações é internamente dada pela raiz verbal atética. Já nos infinitivos, verbais e mistos, a projeção Asp se faz presente na estrutura, codificando aspecto gramatical e alojando o morfema *-r*.

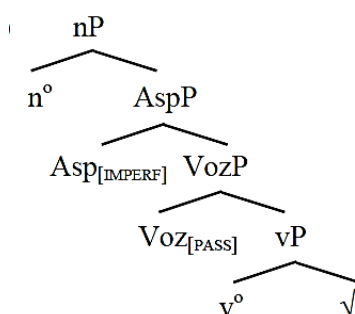
Olhando especificamente para os dados do PB, Resende (2020) propõe que os infinitivos nominais, tanto as nominalizações imperfectivas, como os adjuntos aspectuais e os infinitivos nus apresentam uma especificação do núcleo Asp para [imperfectivo], o que gera uma leitura de evento não concluído.

Em síntese, os infinitivos nominais constituem uma (sub)classe que tem sintaxe nominal, semântica verbal e aspecto imperfectivo. Esse grupo contém nominalizações imperfectivas, adjuntos aspectuais, infinitivos nus (nominais) e expressões com nuances idiomáticas. Estruturalmente, a diferença jaz na presença de certos núcleos funcionais, embora todos eles contenham $v > vP > AspP[IMPERFECTIVO] > nP$.

(Resende, 2020, p.222)

A estrutura a seguir, é a representação proposta pelo autor para as nominalizações imperfectivas:

22)



(Resende, 2020, p.216)

Na estrutura acima, o núcleo *Voice*_[PASS] licencia a projeção de argumento externo apenas como adjunto, mas não como especificador, além de não ser capaz de checar o Caso do seu complemento. As diferenças estruturais entre os diferentes subgrupos de infinitivos

nominais estariam relacionadas à ausência do núcleo *Voice* nos adjuntos aspectuais e nos infinitivos nus.

Discutindo a caracterização sintática e semântica dos infinitivos do PB, Resende e Oliveira (2022) assumem que os infinitivos do PB se dividem em três grupos: os verbais, os nominais e os mistos. Os infinitivos nominais são morfologicamente nomes, exibindo propriedades, como a precedência por determinantes, o licenciamento da marca de plural e a modificação por adjetivos:

23)

- a) Os deveres de todo cidadão.
- b) O mover brusco (/*bruscamente) da caixa.

(Resende; Oliveira, 2022, p.3)

Já os infinitivos verbais são morfologicamente verbos, exibindo propriedades prototipicamente verbais, como flexão em pessoa e número, ocorrência como complemento de um verbo auxiliar, modificação por advérbios e o licenciamento de complementos sem o auxílio de preposição.

24)

- a) A Maria fez os meninos comerem a sopa.
- b) A Maria vai comprar a casa este ano.
- c) O ministro conseguiu mover rapidamente (*rápido) a caixa.

(Resende; Oliveira, 2022, p.5)

Finalmente, os infinitivos mistos compartilham com os nominais, a propriedade de serem precedidos por determinantes e, com os verbais, o licenciamento de infinitivo flexionado, a atribuição de Caso acusativo ao argumento interno e o licenciamento de modificadores adverbiais.

25)

- a) O saber matemática ajuda no desenvolvimento do cérebro.
- b) Ao comprar uma casa (/comprá-la), você deve assinar o contrato.
- c) Ao movermos bruscamente (/*brusco) a caixa...

(Resende; Oliveira, 2022, p.6)

Sintaticamente, os autores propõem que os três tipos de infinitivos apresentam as

mesmas camadas verbais até a entrada do núcleo de Aspecto. No entanto, Asp, nos infinitivos, diferentemente de participios e gerúndios, é subespecificado, sendo que a relação aspectual será determinada mais tarde na derivação, em relação à sentença principal.

Acima do núcleo aspectual, as propriedades do infinitivo nominal são capturadas pela presença de uma categorizador *n*, enquanto os infinitivos verbais e mistos, por sua vez, apresentam a concatenação de T. Neste último caso, o infinitivo assumirá um valor de tempo a partir do verbo da sentença principal. Por outro lado, se o núcleo T não tiver uma projeção da qual obter seu valor, então T permanecerá subespecificado. Esse é o caso dos infinitivos nominais e dos infinitivos mistos. Semanticamente, como operação de último recurso, a gramática aplicará uma operação que altera semântica de predicado de intervalos de tempo para uma semântica de predicado de eventos.

Em linhas gerais o que se pode perceber dessa discussão é que a leitura aspectual das nominalizações infinitivas tem sido tema de debate na literatura, especialmente nos estudos interessados entre a interface sintaxe-semântica. Em geral, tal literatura assume que o infinitivo nominal tem leitura aspectual atética (Brito, 2012) ou imperfectiva (Miguel, 1996), enquanto o infinitivo verbal pode variar em termos aspectuais. A proposta de Resende e Oliveira (2022) se afasta das demais por assumir uma aspecto subespecificado, que diferencia, por exemplo, os infinitivos das formas participiais (perfectivas) e das formas gerundivas (imperfectivas).

No escopo da nossa pesquisa, dado que o estatuto subespecificado do núcleo aspectual na proposta de Resende e Oliveira (2022) resulta semanticamente em uma leitura imperfectiva para os infinitivos nominais, assumimos que as nominalizações infinitivas denotam efetivamente leitura aspectual imperfectiva e contam com um núcleo de aspecto que alberga esse traço [imperfectivo] na porção verbal de sua estrutura funcional. Esse núcleo guarda uma estreita relação com o morfema *-r*, sendo assumido, na nossa proposta, como a realização fonológica do núcleo de aspecto. Para além disso, a proposta dialoga de forma próxima à ideia de Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011) de que o aspecto imperfectivo do infinitivo nominal está, de alguma forma, relacionado ao fato dessas formas não serem totalmente compatíveis com a pluralização.

5.4 QUESTÕES TEÓRICAS SOBRE AS NOMINALIZAÇÕES REGRESSIVAS

Esta seção tem como objetivo revisitar alguns tópicos centrais frequentemente abordados em propostas que investigaram as nominalizações regressivas. De forma mais específica, nosso foco se volta para duas questões: (i) a ideia de regressão e a direcionalidade da formação e (ii) a natureza da vogal final presente nas formas regressivas.

5.4.1 Regressão e direcionalidade

De um modo geral, a descrição fornecida pelas gramáticas tradicionais sobre o fenômeno de derivação regressiva assume que tais formações seriam oriundas de formas maiores ou formas primitivas que têm parte de seu conteúdo fonológico apagado. Autores como Said Ali (1964), Rocha Lima (2011) e Cunha e Cintra (2015), por exemplo, apontam que a forma derivada é o resultado de uma operação de subtração de algum segmento ou morfema presente na forma de base. Na citação abaixo, por exemplo, Rocha Lima (2011) faz a comparação entre a derivação aditiva, realizada com a adição de morfemas e a regressiva, que seria o contrário dela:

Na derivação regressiva ocorre exatamente o oposto: o termo derivado resulta da redução do derivante, por isso que a este se lhe subtrai um segmento terminal.

(Rocha Lima, 2011, p.266)

A classificação de uma dada formação como regressiva está, portanto, alicerçada na comparação entre o tamanho da forma de base e da forma derivada, com o pressuposto de que a forma infinitiva seja, na verdade, a base da formação regressiva. De um ponto de vista linguístico, no entanto, como apontado em Lobato (1995), a proposta de regressão não se sustenta. Para ilustrar as lacunas que se colocam a partir da análise de regressão dessas formas, a autora aponta três problemas que ela classifica como morfológico, lexical e semântico.

A questão de cunho morfológico levantada por Lobato (1995) diz respeito ao fato de que não é clara nos deverbais regressivos a ocorrência da supressão de parte do verbo, uma vez que uma vogal temática é alocada junto ao radical desse verbo. Para a autora, isso evidencia que os nomes deverbais não devem ser diretamente derivados das formas verbais, pois, se assim fosse, seria esperado que tanto a forma verbal quanto a forma nominal compartilhassem a mesma vogal temática verbal, o que não parece ocorrer. A segunda questão, de teor lexical, remete à percepção de que existem nomes deverbais regressivos que não encontram na língua um verbo correspondente a partir do qual poderiam ter sido

derivados. Finalmente, o terceiro problema, de natureza semântica, diz respeito ao de que, muitas vezes, não é possível definir a direcionalidade dessa formação, isto é, se o verbo é a forma de base para a formação do nome ou se o nome é a forma da qual deriva o verbo.

Ao reportar essa questão, Lobato (1995) discute um critério de direcionalidade proposto pelo filólogo Mário Barreto (1922), e reportado por Cunha e Cintra (1976). Mais especificamente, de acordo com esse critério uma pista para a direcionalidade poderia ser constatada através do tipo de denotação do substantivo, ou seja, se este denotar uma ação, deveria ser derivado de uma forma verbal, ao passo que se denotar um objeto ou substância seria derivado de nome. De acordo com Lobato (1995), no entanto, esse critério não é suficiente para dar conta dos casos em que as formas deverbais regressivas apresentam leitura ambígua, como ocorre com nomes como *venda*, *jogo* e *crítica*, por exemplo.

26) Leitura de objeto:

- a) O jogo de damas é ótimo para a memória.
- b) A venda de garagem não é muito popular no Brasil.
- c) A crítica literária é um ramo que precisa ser melhor compreendido.

27) Leitura de substância:

- a) O jogo do Pedro terminou mais cedo.
- b) A venda da casa foi impedida pelo juiz.
- c) A crítica magoou profundamente o aluno.

Nos dados em (26), a interpretação atribuída aos nomes *jogo*, *venda* e *crítica* não é uma leitura de evento, diferentemente da semântica veiculada pelas mesmas formas em (27), que, por sua vez, corresponde a uma leitura eventiva. Na proposta de Lobato (1995) tais casos evidenciam que duas derivações distintas são necessárias para derivar essas formações, cada uma derivando uma leitura específica. A constatação dessa ambiguidade nos nominais regressivos já foi apontada ao longo desta tese e reforça a percepção já apontada por Lobato.

Ainda quanto à limitação do critério de direcionalidade relacionado à leitura da formação nominal, Lobato aponta, a partir de Basílio (1981), que há casos em que o nome derivado possivelmente de um verbo não denota nem objeto nem substância. Esse seria o caso de formas como *demora*, *atraso*, *grito*, *engasgo* e *tosse*, por exemplo. A partir dos problemas levantados, Lobato (1995) assume que não haveria efetivamente uma relação derivacional entre a forma nominal e a forma verbal. Assim ambos, verbo e nome, seriam derivados a partir do mesmo radical ao qual ora se anexa uma vogal temática nominal, ora se anexa uma desinência verbal:

[...] a relação que realmente existe, entre verbos e substantivos na formação dos deverbais na língua seria estabelecida por meio da consideração de que ambos provêm de uma mesma forma em comum [...] um determinado radical, não marcado nem como verbo nem como substantivo, e o acréscimo de uma dada vogal temática o tornaria um substantivo, e o acréscimo da mesma vogal temática mais a desinência apropriada o tornaria um verbo.

(Lobato, 1995, p.208)

É válido apontar que essa proposta representa um grande avanço em relação à ideia de regressão de formas verbais, nas quais ocorre o apagamento de certos segmentos fonológicos, transformando-as em formas nominais. Contudo, a própria autora aponta que essa análise também apresenta desvantagens. Uma delas seria que, ao deixar de considerar a relação derivacional entre verbo e nome, se perde a possibilidade de explicar a interpretação verbal em algumas das formas regressivas. Além disso, essa proposta não captura a ocorrência de propriedades verbais nas formas regressivas, como o licenciamento de estrutura argumental e de modificadores relacionados a posições funcionais de natureza verbal.

Ao tratar do problema de definição da direcionalidade nas formações regressivas, Rodrigues (2000) aponta que a própria noção de regressão está ligada à ausência de critérios rigorosos capazes de estabelecer a forma de base, o que por sua vez, leva muitos autores a elencar em um mesmo grupo produtos de fenômenos diferentes. Nas palavras da autora:

[...]na derivação regressiva inserem-se produtos de uma heterogeneidade tal que se revela forçado mantê-los sob o mesmo domínio explicativo. A ausência de critérios sólidos é sublinhada pela existência de formas classificadas como regressivas que parecem obedecer aos mesmos mecanismos de encurtamento presentes nas abreviaturas/reduções. [...] em que se fundamenta, então, a inclusão de produtos tão distintos entre si na categoria dos “derivados regressivos”? Essa inclusão fundamenta-se numa comparação superficial de derivante e derivado.

(Rodrigues, 2000, p.10-11)

Na esteira da proposta de Lobato (1995), Rodrigues (2000) também rejeita a ideia de regressão e discute critérios em diferentes níveis de análise que teriam o potencial de auxiliar na compreensão do processo que efetivamente gera as formas regressivas. De forma geral, a autora assume a ideia de que o radical verbal sofre um processo de conversão. Desse modo, o que se teria, na verdade, é um processo de formação que é produto da junção do radical verbal a um marcador de classe. Assim, a questão de base é se, de fato, a forma verbal é a forma de base para a formação de nomes. Dessa forma, é importante notar que renunciar à ideia de regressão, como faz Rodrigues (2000), não implica descartar a discussão sobre direcionalidade.

Isso porque, nessa perspectiva, ainda que se assuma que os nominais regressivos sejam formados via conversão, é necessário estabelecer a categoria de base do próprio radical. Nesse sentido, algumas pistas da categoria primitiva do radical deveriam ser rastreáveis. Assim, a autora revisita um conjunto de critérios de variadas naturezas para discutir a direcionalidade da formação, argumentando que é o conjunto desses critérios que pode nos levar a uma melhor compreensão do fenômeno.

Rodrigues (2000) sistematiza, então, alguns critérios encontrados na literatura para discutir a direcionalidade na formação dos nominais regressivos, dividindo-os em três grupos:

- Critérios morfofonológicos:
 - a) Previsibilidade da vogal temática do verbo
 - b) Presença de afixos verbais nas formas nominais
 - c) Posição do acento
- Critérios sintático semânticos:
 - a) Estrutura argumental
 - b) Estrutura aspectual interna
- Critério diacrônico:
 - a) Categoria de chagada da forma na língua

Dentre os critérios morfofonológicos, está a previsibilidade da vogal temática do verbo. Mais especificamente, a ideia subjacente a esse critério é a possibilidade de se prever a vogal final de uma forma verbal de base a partir da vogal final de um certo nominal. No entanto, empiricamente, é possível notar que essa previsão não se sustenta, dada a variabilidade na forma da vogal final dos nomes, que não corresponde a mesma variabilidade nas formas verbais.

28)

- | | |
|-------------|-------|
| a) falar | fala |
| b) cantar | canto |
| c) examinar | exame |

Nesse pequeno conjunto de dados em (28) é possível verificar nominais terminados em *-a*, *-o* e *-e*, que, de uma perspectiva de regressão, seriam todos formados a partir de verbos em *-a*. Se esse critério se sustentasse, então, somente o primeiro par de dados seria regressivo. No entanto, não parece haver nenhum argumento interessante para que tais dados estejam sujeitos a análise distintas, o que aponta para o fato de esse não é um critério interessante, ainda mais quando se leva em conta os problemas já apontados por Lobato (1995) com a noção de regressão.

Ainda na discussão de pistas morfofonológicas para a direcionalidade dessas formações, Rodrigues (2000) elenca um critério que leva em conta a presença de afixos verbais nas formas nominais. A ideia é que tais afixos podem ser considerados evidência da natureza verbal dessas formações. Nesse mesmo sentido, a presença de afixos nominais em formas verbais, poderia indicar que a direcionalidade da formação é de nome para verbo. Para ilustrar o funcionamento desse critério a partir do PB, reportamos os dados de Resende (2020) a seguir;

29)

- a) [reencontro]n
- b) [reingresso]n
- c) [desconto]n
- d) [descarrego]n
- e) [desembrulho]n

(Resende, 2020, p.23)

Prefixos como *re-* e *des-* em (29) se anexam preferencialmente a verbos e, se os nominais em questão apresentam tais morfemas em sua formação, isso pode ser uma evidência de que esses nomes foram derivados da base verbal já prefixada. A limitação desse critério, como aponta a própria Rodrigues (2000), fica por conta, no entanto, do fato de ele simplesmente não ser aplicável a pares em que as formações não apresentam afixos derivacionais, tal como ocorre nos nominais zero.

Em termos fonológicos, outro critério elencado por Rodrigues (2000) para tratar da direcionalidade diz respeito à posição do acento. Em linhas gerais, tal critério traz a ideia de que os nominais regressivos poderiam apresentar alterações específicas de acentuação a partir da categoria da forma de base. Mais especificamente:

[...] se um substantivo é formado, por conversão, a partir de um verbo acentuado na sílaba final, verifica-se um recuo do acento no substantivo. Por

sua vez, numa conversão S>V não se verifica alteração posicional do acento, pois o verbo não se rege por esses padrões prosódicos.

(Rodrigues, 2000, p. 55)

No entanto, a aplicabilidade desse critério pode ser questionada se olharmos para as formas em (30), que são ambíguas entre a leitura eventiva e a leitura não eventiva, ainda que ambas apresentem o mesmo padrão acentual paroxítono:

30)

- a) O exame que a Maria abriu foi feito ano passado.
- b) O exame do paciente pelo médico foi um sucesso.

Em (30), temos uma ocorrência de um mesmo nominal regressivo, configurando-se como um ASN em (30b), mas como um RN em (30a). Fonologicamente, no entanto, não há qualquer razão para suspeitarmos que tais formações apresentem um caminho derivacional distinto, o que aponta para a fragilidade de um critério dessa natureza.

O segundo grupo de critérios elencados no trabalho de Rodrigues (2000) são de natureza sintático-semântica. No que diz respeito aos critérios sintáticos, pode-se averiguar se propriedades tipicamente verbais, tais como a estrutura argumental e a leitura aspectual, estão presentes nas formas nominais. Além disso, de acordo com Rodrigues (2000), nesses casos o deverbal carregaria também uma certa significação abstrata do evento denotado pela forma verbal de base. Para exemplificar esse critério, Rodrigues (2000, p.59) compara as seguintes formas do PE:

Exemplificando, nos pares ratar/rato e malhar/malha, o substantivo rato é classificado como básico, pois não existe nele a acepção de ‘acção de ratar’. Pelo contrário, o lexema malha é classificado como derivado do verbo, já que é identificável a significação abstracta de ‘acção de V’.

Passando o raciocínio para os dados do PB, podemos pensar no contraste entre a forma *broto*, por exemplo, que não apresenta leitura de ação, em contraposição a qualquer forma eventiva, como *canto*, interpretado como a ação de cantar. No entanto, como vimos no capítulo anterior, a leitura eventiva pode estar presente mesmo em nominais não derivados. Além disso, um mesmo nominal pode apresentar diferentes comportamentos sintáticos, na presença ou ausência de estrutura sintática, como delineamos no capítulo de análise.

Isso parece mostrar que o comportamento do nominal não é definido pela sua forma em si, mas na interação com outros elementos que compõem a estrutura sintática. Em relação

à leitura aspectual, por sua vez, como vimos em Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011), as nominalizações podem apresentar, translinguisticamente, diferentes comportamentos em relação ao aspecto. Segundo os autores, isso seria uma consequência de haver ou não uma projeção de aspecto gramatical na estrutura e não um diagnóstico em si da presença ou não de uma base verbal, diferentemente da discussão apontada em Rodrigues (2000).

Por fim, o último critério apontado em Rodrigues (2000) para investigar a direcionalidade na formação dos regressivos é o critério diacrônico. Tal critério tem como objetivo buscar, por meio de evidência diacrônica, qual a categoria de entrada de determinada forma na língua, se como verbo ou como nome. Sistematizando as possíveis relações entre verbos e nomes de um ponto de vista diacrônico, Rodrigues (2000) detecta que os pares S/V no léxico do português podem ser: a) membros de uma relação derivacional, sendo o substantivo derivado do verbo (*remendar* – *remendo*); b) membros de uma relação derivacional, sendo o verbo derivado do substantivo (*azeite* – *azeitar*) e c) membros de uma relação meramente lexical, não derivacional (*lutar* – *luta*; *serrar* – *serra*; *cantar* – *canto*; *angustiar* – *angústia*). Nesses casos, pelo critério diacrônico, os pares relevantes não teriam uma relação derivacional:

Os dados obtidos diacronicamente permitem compreender que existem no léxico de uma língua pares lexicais que não são pares derivacionais. Embora a sua semelhança morfológica e semântica conduza a que se tenda a ver pares como *canto* e *cantar* como derivacionais, até porque funcionam de modo paralelo a verdadeiros pares derivacionais como *abono/abonar* [...].
(Rodrigues, 2000, p.72)

É bastante interessante olharmos para os dados que compõem o grupo classificado em (c), em que, diacronicamente, as formas verbais e nominais entraram na língua via evolução direta de diferentes formas no latim, não estabelecendo uma relação derivacional entre si. O critério diacrônico aplicado isoladamente pode levar a uma contradição com os critérios sincrônicos anteriormente discutidos. Vejamos, por exemplo, o par *lutar* – *luta* em que o verbo é derivado da forma verbal latina (*luctāre*), enquanto o nome é relacionado diretamente à forma nominal latina (*lucta*). Sincronicamente, no entanto, o regressivo pode preservar a estrutura argumental do verbo de base, o que, seria evidência de uma derivação a partir da forma verbal.

31)

- a) A luta dos funcionários por melhores condições de trabalho.

Assumindo as limitações trazidas por cada um dos critérios discutidos, Rodrigues (2000) aponta que é a aplicação conjunta deles que tem um potencial de desvendar as relações derivacionais presentes nas formas regressivas:

A observação dos critérios focados mostra que é necessário conciliar os diferentes níveis de análise não diacrônica (morfofonológicos, sintático-semânticos) com uma perspectivação diacrônica capaz de despistar eventuais substantivos que uma abordagem puramente sincrônica aceitaria como constructos postverbais.

(Rodrigues, 2000, p.72)

Em uma abordagem sintática como a que desenvolvemos neste trabalho, cabe-nos buscar evidências da presença de material funcional verbal e nominal compondo tais formações. Nesse sentido, em termos formais, adotar operações como a conversão morfológica assumida por Rodrigues (2000) ou a própria noção de regressão comumente assumida na visão da gramática tradicional e já problematizada em Lobato (1995) não é um passo necessário na derivação. Por outro lado, os critérios apontados pela literatura e sistematizados em Rodrigues (2000), em conjunto com as propriedades empíricas discutidas no capítulo 2, podem oferecer uma visão mais ampla para o desenvolvimento da estrutura capaz de representar tais formações.

Finalmente, na nossa proposta o rótulo de regressivo é inadequado de um ponto de vista linguístico, uma vez que a ideia de regressão implica que a forma derivada é sempre o produto da subtração de parte dos segmentos fonológicos de uma forma derivante primitiva no infinitivo. No escopo deste trabalho, assumimos uma separação entre estrutura sintática e realização fonológica, através da hipótese de que o material fonológico é inserido apenas tardiamente. Desse modo, mesmo que haja uma formação verbal na base dos regressivos, não há qualquer implicação de que tais formações sejam geradas a partir da realização fonológica da forma infinitiva do verbo.

5.4.2 O estatuto da vogal final e as relações de localidade nas nominalizações regressivas

Os nomes do PB são tradicionalmente divididos em diferentes classes a partir da vogal temática (-a, -e, -o ou $\emptyset$) que completa tais formações. O estatuto formal dessa vogal átona

final é, no entanto, alvo de muitas controvérsias na literatura e ele nos interessa diretamente porque os nominais regressivos, em especial, podem ser formados com diferentes realizações da vogal temática.

Nos nominais do PB, de um modo geral, há uma correlação interessante entre a vogal temática e a informação de gênero, já que a maioria dos nominais terminados em *-a* é composta por nominais femininos, enquanto a maioria dos nominais terminados em *-o* é formada por nomes masculinos. Há, no entanto, nominais masculinos e femininos em todas as classes, como mostra a tabela de Alcântara (2010) a seguir:

Tabela 8: As classes formais do português com base na proposta de Alcântara (2010)

Classe Formal:		
Classe I: /o/	<i>m</i> <i>f</i>	astro, belo, calmo, dado, figo, imenso, jato, lobo, maestro, noivo, oco, peito, quadro, rato, sino, urso, vândalo, zelo... libido, tribo, vitago...
Classe II /a/	<i>f</i> <i>m</i>	alameda, bela, cava, drama, fada, girafa, ilha, juta, lâmpada, neta, ostra, pedra, quimera, rúcula, cesta, testa, uva, vaca, zebra aroma, cometa, drama, edema, fantasma, gorila, idioma, lema, mapa, nauta, ômega, plasma, prana, rapa, sistema, tema...
Classe III /e/	<i>m</i> <i>f</i> <i>m/f</i>	abacate, acorde, açougue, alarde, bagre, bandeide, basquete, blefe, bos/k/e, clube, deboche, dote, estaide, forde, lanche, nocaute, padre, tigre, verde... arte, ave, boate, boutique, chance, chave, cidade, haste, lápide, madre, mascote, metade, neve, noite, parede, saúde, sebe, sorte, trave... benesse, célere, mole, precoce, súplice...
Classe IV /Ø/	<i>m/f</i>	bagagem, coragem, jovem, homem, álbum, trem, armazém, jardim, frei, lei, boi, apogeu, mausoléu, troféu araçá, pá, vatapá, chá, jabuti, pajé vil, farol, papel

Fonte: baseado em Alcântara (2010, p.6)

Em termos empíricos, as vogais temáticas são descritas pela literatura como elementos que apresentam as seguintes propriedades: (i) não possuem significado; (ii) são arbitrárias e (iii) não apresentam relevância sintática. A primeira propriedade diz respeito ao fato de que não há uma sistematicidade no significado dos elementos agrupados em uma mesma classe temática, de modo que não é possível detectar a contribuição semântica da vogal temática. A segunda propriedade, a arbitrariedade, aponta que as vogais temáticas não podem ser previstas

a partir de nenhuma propriedade formal dos nominais. Finalmente, a ausência de relevância sintática é evidenciada a partir da ideia de que as vogais temáticas não estão envolvidas em operações sintáticas, como concordância, por exemplo.

A partir dessas propriedades a questão que surge formalmente é se as vogais temáticas devem ser tratadas como primitivos da gramática. Em abordagens que adotam a decomposição plena de objetos linguísticos, como a MD, o armazenamento de formas complexas, por exemplo, contendo a raiz e a vogal temática, não é uma possibilidade:

Não há objetos complexos armazenados na memória, ou seja, cada objeto completo deve ser derivado pela gramática.

(Embick, 2015, p.21 – tradução nossa²¹)

Nessa perspectiva, a vogal temática é comumente tratada como resultado de um diacrítico associado à raiz, que teria a função de associar a vogal temática adequada a cada nominal. Tal diacrítico é uma informação idiossincrática, não sendo um traço de natureza sintático-semântica, diferentemente dos traços de gênero e número, por exemplo.

Uma maneira de codificar informações morfológicas imprevisíveis é com características diacríticas, cujo único propósito é derivar diferenças morfológicas relevantes entre as classes.

(Embick, 2015, p.52-53 – tradução nossa²²)

Não tendo relevância na sintaxe, o reflexo desse diacrítico seria visto apenas em PF, com a inserção de um nó dissociado na morfologia, após a computação sintática. Essa análise, é por exemplo, desenvolvida em Oltra-Massuet (1999), tendo disso também proposta por Harris (1999) para o catalão e por Alcântara (2010) para os nominais do PB.

A vogal temática é inserida na morfologia como resultado de uma condição de boa formação em núcleos funcionais sintáticos.

(Oltra-Massuet, 1999, p.12 – tradução nossa²³)

²¹ No trecho original: “No complex objects are stored in memory, i.e., every complex object must be derived by the grammar”. (Embick, 2015, p.21)

²² One way of encoding unpredictable morphological information is with diacritic features, whose sole purpose is to derive relevant morphological differences between the classes.” (Embick, 2015, p. 52-53).

²³ “[A] theme vowel is inserted in the morphology as a result of a well formedness condition on syntactic functional heads.” (Oltra-Massuet 1999, p.12).

No entanto, abordagens dessa natureza também apresentam diversas questões relevantes. Uma delas é que, empiricamente, não é difícil encontrar nas línguas naturais raízes que se superficializam em diferentes classes temáticas. Além disso, como observado em Acquaviva (2008), equipar uma raiz com um diacrítico de classe é equivalente a fornecer pistas a respeito da categoria a que aquela formação pertence, de modo que isso enfraquece a assunção de acategorialidade das raízes. Finalmente, a sintaxe não deveria conter traços que sirvam apenas ao propósito de fornecer interpretação fonológica posteriormente na derivação. Especificamente em relação aos nominais analisados nesta pesquisa, podemos verificar que uma mesma raiz aparece nominalizada ora preservando a vogal temática verbal e sem uma vogal temática nominal, como no caso dos infinitivos, ora com uma vogal temática nominal, como no caso dos regressivos.

Também em uma abordagem sintática e com o objetivo de contornar tais problemas, Armelin (2014, 2015) desenvolve um sistema que dispensa o emprego de diacríticos de vogal temática, ao mesmo tempo em que assume um sistema totalmente decomposicional. Para tanto, a autora propõe que as vogais temáticas são expoentes fonológicos de um núcleo sintático na projeção estendida do nome, mais especificamente do núcleo de gênero. Para lidar com o fato de que uma mesma vogal temática pode ser associada a diferentes valores de gênero em diferentes nominais, a autora faz uso de regras de inserção de vocabulário: as regras *default* dariam conta da associação entre a vogal *-a* e o gênero feminino e da vogal *-o* e o gênero masculino. As outras relações se estabelecem via itens de vocabulários mais específicos que apresentam em seu contexto de inserção, as raízes relevantes.

Em relação aos nominais regressivos, há uma certa previsibilidade nos padrões de gênero associados à realização das vogais temáticas. Mais especificamente, os nominais regressivos terminados em *-a* são femininos, enquanto os nominais regressivos terminados em *-o* ou em *-e* são masculinos. Essa variabilidade, no entanto, no que diz respeito ao comportamento das nominalizações regressivas chama a atenção, na medida em que ela parece revelar diferentes relações de localidade que precisam ser mapeadas na estrutura funcional dessas formações. Mais especificamente, propomos que a seleção da vogal temática nos nominais regressivos é licenciada através de uma relação de localidade entre a raiz e a posição de realização dessa vogal. Para lidar com essa noção de localidade, recorreremos à noção de fase, de modo que raiz e vogal temática precisam estar na mesma fase.

No âmbito do Programa Minimalista, Chomsky (2000, 2001) propõe que a derivação sintática ocorre em ciclos delimitados por núcleos funcionais específicos, que definem domínios sintáticos relativamente autônomos e fechados para operações sintáticas posteriores.

As duas principais categorias funcionais que atuam como cabeças de fase no panorama minimalista são C (o núcleo complementizador) e *Voice** (o núcleo transitivo que insere um agente na derivação), por serem projeções que introduzem conteúdo proposicional completo. Uma vez que uma fase é completada, o material sintático no seu complemento torna-se inacessível para operações sintáticas subsequentes, o que foi mapeado na literatura como o princípio de Impenetrabilidade da Fase (*Phase Impenetrability Condition* – PIC). O PIC, nesse contexto, estabelece que apenas os constituintes situados no espaço de borda de uma fase – que incluem o núcleo de fase e seu especificador – permanecem disponíveis para operações como movimento ou extração.

No âmbito da MD, a noção de fase foi incorporada como um mecanismo relevante também para a formação de palavras. Mais especificamente, autores como Marantz (2001, 2007) e Marvin (2001) introduzem a ideia de que os núcleos categorizadores funcionam como fases, delimitando domínios de localidade importantes para a interpretação e para a aplicação de regras fonológicas. Nesse contexto, os autores fazem uma distinção entre um domínio interno (*inner domain*) e um domínio externo (*outer domain*) na estrutura. O domínio interno delimita a estrutura abaixo do primeiro núcleo categorizador. Nele, a raiz e seus elementos imediatamente adjacentes são parte de uma mesma fase. Esse domínio é SENível à alomorfia contextual e à interpretação idiossincrática que operam de maneira local. O domínio externo, por sua vez, refere-se ao material sintático que está acima do primeiro categorizador e, portanto, fora da fase que envolve a raiz. Isso implica que elementos no domínio externo não estão sujeitos a alomorfias ou a interpretações arbitrárias que dependem de uma relação local com a raiz.

Desenvolvimentos posteriores, refinam a noção de fase na MD especialmente a partir da ideia de que o primeiro núcleo categorizador é um domínio demasiadamente limitado para dar conta de fenômenos empíricos importantes, como a alomorfia contextual e a alossemia. Com foco especificamente na alomorfia, Embick (2010) aponta que o domínio do primeiro categorizador não dá conta, por exemplo, de prever casos em que o alomorfe parece ser selecionado pela raiz, mesmo em elementos no domínio externo da estrutura, tal como é o caso do passado do inglês, que pode se superficializar como *-d*, *-t* e *-Ø* (como em *played*, *left* e *hit*, por exemplo). Para ampliar o domínio de localidade da alomorfia, Embick (2010) propõe que esse fenômeno é restrito por relações de localidade baseadas em adjacência linear e fase. Mais especificamente, a proposta de Embick (2010) pode ser sistematizada a partir das seguintes generalizações, em que *x* é um núcleo de fase:

- i) Adjacência linear: em uma derivação $[b[x[a]]]$ em que a é um núcleo não cíclico, a pode apresentar alomorfia contextual desencadeada por b apenas se x for fonologicamente nulo.
- ii) Fase: em uma derivação $[b[x[a]]]$, em que b é um núcleo cíclico, b não pode apresentar alomorfia contextual desencadeada por a ainda que x seja fonologicamente nulo.

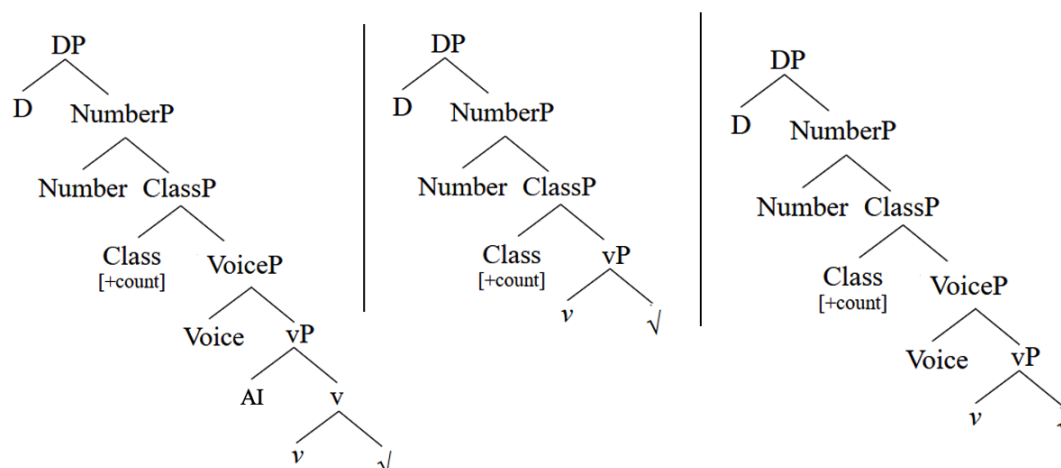
Nesse sentido, no sistema de Embick (2010) é a presença de um segundo categorizador, seja ele nulo ou fonologicamente realizado, que desencadeia o *spell-out* da estrutura.

De forma mais específica, no que diz respeito ao tratamento da alomorfia de vogal temática nas nominalizações regressivas do PB, é importante discutirmos as relações de localidade que se estabelecem entre a raiz e a porção nominal em cada uma das estruturas propostas no escopo desta pesquisa. De forma geral, neste trabalho propusemos que as nominalizações regressivas podem se comportar como ASN, como RN ou ainda como um tipo misto que preserva propriedades dos outros dois tipos simultaneamente. Crucialmente, no entanto, as camadas nominais permanecem as mesmas nas três estruturas – *Class*, *Number* e *D* –, sendo *Class* o primeiro núcleo de sabor nominal que integra essas formações, como retomados nas estruturas a seguir apresentadas no capítulo 4:

32) a) ASN

b) RN

c) Mistos



Nesse sistema, o núcleo *Class*, além de ser o responsável por nominalizar a estrutura, alberga a vogal temática nominal e o traço formal de gênero. Tomando como base o sistema de Embick (2010), argumentamos que o núcleo *v* que categoriza a raiz, apesar de ser cíclico, não desencadeia *spell-out* e também não interrompe a adjacência linear entre a raiz e o núcleo *Class*. Nesse sentido, um núcleo externo como *Class* pode sofrer alomorfa desencadeada pela raiz. Nesse mesmo sentido, no caso das formações ASN e mistas, assumimos, na linha de Chomsky (2000, 2001), que o núcleo *Voice* interveniente entre *Class* e a raiz não é cíclico, uma vez que ele não insere argumento externo. Nessa linha de análise, considerando que o primeiro núcleo categorizador não desencadeia fase e que o próximo núcleo interveniente (*Voice*) não é cíclico, é possível dizer que raiz e *Class* estão na mesma fase em todas as estruturas propostas para as formações regressivas, de modo que não há nenhum impedimento de que a raiz possa ser relevante para a determinação da vogal temática nominal, o que prevê a variabilidade dessa vogal nas nominalizações regressivas do PB.

5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste capítulo, revisitamos algumas questões teóricas relacionadas às nominalizações zero de maneira ampla e aos nominais infinitivos e regressivos de maneira mais específica, a partir da análise que desenvolvemos no capítulo 4.

Mais especificamente, no panorama das nominalizações zero, revisitamos análises lexicalistas que assumem a conversão morfológica como operação responsável por gerar os nominais zero infinitivos e regressivos (Villalva, 2013; Rodrigues, 2000). Apontando algumas lacunas remanescentes nessas análises, dispensamos a necessidade de uma operação de conversão na gramática, já que uma abordagem sintática nos permite derivar os diferentes

comportamentos categoriais a partir das peças sintáticas que compõem as estruturas. A percepção, então, de que uma certa forma pode estar associada a duas categorias por meio de um processo de conversão que altera apenas o rótulo categorial é problemático, na medida em que pressupõe que as raízes estão associadas a uma categoria e, nesse mesmo sentido, pressupõe que as palavras sejam primitivos na gramática. Na nossa proposta, a conversão morfológica passa a ser um epifenômeno resultante da estrutura sintática em que as raízes são inseridas.

Em seguida, inserindo-nos no debate entre nominalizações zero e estrutura argumental, colocamos em discussão análises sintáticas que assumem que nominalizações desse tipo são incompatíveis com ASN (Alexiadou, 2001; Borer, 2013). Em contraposição, apontamos que os nominais infinitivos do PB funcionam como ASN, enquanto os nominais regressivos, apesar de ambíguos, também podem funcionar como ASN. Esse padrão de comportamento, tanto de nominais infinitivos, como de nominais regressivos nos levou a propor que a ausência de realização fonológica da camada nominalizadora não deve apresentar consequências sintáticas para as estruturas. Isso faz sentido em um modelo que separa a estrutura sintática da realização fonológica, adotando inserção tardia, como é o caso da MD.

Na discussão mais específica sobre as nominalizações infinitivas colocamos em debate análises sobre o estatuto formal do morfema *-r* e sobre a leitura aspectual das nominalizações infinitivas. A respeito do primeiro ponto, sustentamos a ideia de que o afixo *-r* seja a realização de um núcleo de aspecto na estrutura dos nominais regressivos. Sobre a leitura aspectual dessas formações, por sua vez, em linha com a literatura (Miguel, 1996; Brito, 2012; Resende, 2020), propomos que os nominais infinitivos apresentam leitura imperfectiva.

Finalmente no debate mais específico sobre as nominalizações regressivas, nos voltamos à problemática da direcionalidade da formação e sobre o estatuto da vogal temática que participa desses nominais. Em relação à direcionalidade, sistematizamos os critérios adotados na literatura (Lobato, 1995; Rodrigues, 2000), mostrando as limitações de cada um deles. A direcionalidade não é um ponto crucial em análises sintáticas como a que desenvolvemos neste trabalho, embora possa nos fornecer pistas interessantes do material verbal e nominal presente nessas formações. Na nossa proposta, no entanto, as nominalizações zero estão sujeitas aos mesmos processos sintáticos que licenciam as formas concatenativas, não sendo necessário recursos específicos, como uma operação formal de regressão.

Já sobre o estatuto da vogal temática, revisitamos o debate sobre o estatuto formal desses elementos em uma perspectiva estritamente composicional, como a MD. Isso

porque, em outras perspectivas, a vogal temática não precisa ser tomada como primitivo da gramática, o que obscurece a possibilidade de discussão desse elemento. A controvérsia em abordagens decomposicionais fica por conta do lugar da gramática em que tais elementos devem ser tratados: se como diacrítico da raiz com inserção pós-sintática do morfema de classe (Embick, 2015; Alcântara, 2010) ou se como parte da projeção estendida do nome (Armelin, 2014, 2015). O comportamento dos nominais regressivos parece apontar para o segundo tipo de análise e, considerando essa linha de argumentação, propomos ser *Class* o núcleo que hospeda a vogal temática, estando tal núcleo na mesma fase da raiz, de modo a licenciar as relações alomórficas que se dão através da seleção entre raiz e vogal temática.

Buscando extrapolar os limites impostos pelas discussões teóricas, nos capítulos seguintes, procuramos avançar nas discussões sobre os nominais zero do PB, propondo a construção de um diálogo com a interface experimental, que tem o potencial de abrir novas perspectivas a partir da compreensão do processamento dessas formações.

CAPÍTULO 6

ABORDAGEM EXPERIMENTAL DAS NOMINALIZAÇÕES ZERO

6.1 INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, nosso objetivo central é investigar as nominalizações zero sob a perspectiva do processamento linguístico. Essa abordagem se constitui como uma proposta de diálogo interface em relação às discussões formais desenvolvidas até aqui e tem o potencial de lançar luz sobre o modo como as propriedades descritas nos capítulos anteriores são processadas e decodificadas, o que, por sua vez, pode nos ajudar a compreender o modo como se sistematiza a estrutura sintática dessas formações.

Mais especificamente, o foco da abordagem experimental sobre as nominalizações zero se voltou para a estrutura argumental dessas formações. Esse recorte se justifica na medida em que a estrutura argumental é uma propriedade central apontada na literatura para a classificação dos nominais em diferentes tipos, como vimos em Grimshaw (1990) e Borer (2014a), por exemplo. Nesse mesmo sentido, de forma mais abrangente, a estrutura argumental nas teorias sintáticas é entendida como uma representação das relações estruturais que são implementadas no ambiente sintático para a derivação de uma determinada formação e que é codificada por meio da presença de núcleos funcionais. Dessa forma, o comportamento dos nominais infinitivos e regressivos em relação à estrutura argumental pode apontar para a adequação de diferentes estruturas sintáticas de um ponto de vista mais formal. Assim, na proposição de ambas as tarefas experimentais delineadas neste estudo, tomamos como foco central o funcionamento da estrutura argumental, considerando o modo como diferentes configurações de valência verbal podem afetar o funcionamento empírico das nominalizações zero para buscar compreender os possíveis efeitos dessas nuances no processamento linguístico, além de fomentar o diálogo com a abordagem formal que desenvolvemos nos capítulos anteriores. Para tanto, no escopo deste trabalho, duas tarefas experimentais foram propostas:

- 1) Leitura automonitorada do tipo *maze task*: técnica *online* que permite analisar o processamento de um determinado estímulo linguístico considerando aspectos, como por exemplo, o tempo de reação relacionado ao item crítico em estudo;
- 2) Julgamento de aceitabilidade: caracterizada como uma atividade experimental *off-line*, uma vez que os resultados obtidos são sobre a reação em relação ao item crítico após o processamento mental. A aplicação desta tarefa permite compreender o padrão de compreensão e aceitabilidade dos falantes em relação aos dois tipos de nominalizações em estudo, bem como possíveis preferências e estranhamentos, sobretudo, em relação às diferentes estruturas argumentais que foram manipuladas neste estudo.

A primeira tarefa experimental proposta foi uma tarefa labirinto em que testamos diferentes configurações associadas à estrutura argumental no escopo das nominalizações. Nosso objetivo era buscar compreender o processamento dessas formações a partir de um ambiente sintático controlado em que todos os argumentos oriundos da forma verbal estavam inseridos para ambas as nominalizações. Nesses contextos, manipulamos o seguinte conjunto de estrutura argumental: (i) nominalizações a partir de verbos inacusativos, caracterizadas pela introdução do argumento interno com papel semântico de tema; (ii) nominalizações a partir de verbos inergativos, que introduzem apenas o argumento externo, inserido via preposição *de*, com papel semântico de agente e (iii) nominalizações a partir de verbos transitivos e bitransitivos que introduzem dois ou três argumentos, respectivamente, com papéis temáticos de agente e tema para o argumento externo e interno, além da semântica de alvo atribuído ao argumento preposicionado nos bitransitivos.

Os nominais zero oriundos de verbos monoargumentais inergativos e inacusativos constituíam duas condições distintas em função de apresentarem argumentos de diferentes naturezas sendo introduzidos por uma mesma preposição. Os nominais que tinham verbos transitivos em sua base, independentemente da natureza transitiva ou bitransitiva, apresentam argumentos internos inseridos pela preposição *de* e argumentos externos inseridos pela preposição *por*²⁴. Partindo da percepção de que as configurações relacionadas à introdução da estrutura de argumentos poderiam ser sintetizadas nessas três abordagens, optamos por sistematizar a condição de estrutura argumental com esses três níveis.

²⁴ Para uma discussão mais detalhada do comportamento formal das propriedades testadas, remetemos o leitor ao capítulo 2 desta mesma tese.

Retomando o comportamento empírico das nominalizações zero no escopo da estrutura argumental, as formas infinitivas parecem ter uma relação de obrigatoriedade no que diz respeito à inserção dos argumentos associados à forma verbal de base, comportando-se como ASN na nomenclatura de Borer (2014a). Em contrapartida, as nominalizações regressivas parecem não apresentar esse mesmo comportamento, se constituindo como estruturas gramaticais mesmo nos casos em que a estrutura argumental da forma de base não está satisfeita. Dessa forma, o comportamento das nominalizações regressivas varia entre ASN e RN, nos termos de Borer (2014a).

Assim, considerando a questão da estrutura argumental nas nominalizações zero, uma pergunta central se coloca como o ponto de partida para a formulação das nossas hipóteses e previsões experimentais, especificamente, voltadas para o que era esperado compreender a partir de uma tarefa experimental online:

- a) Como as diferenças entre os tipos de verbos e suas estruturas argumentais podem influenciar na escolha entre nominalizações infinitivas e regressivas?

Essa pergunta constitui o aspecto central daquilo que buscamos investigar por meio dessa tarefa experimental, ou seja, a influência da estrutura argumental no processamento das nominalizações zero do PB. A nossa hipótese mais abrangente é, portanto, oriunda da percepção de que o processamento linguístico depende da capacidade de depreender as relações estruturais entre os itens e as regras que subjazem a essas relações, o que possibilita a escolha por diferentes tipos de estruturas complexas. Nesse mesmo sentido, a capacidade de optar por uma ou outra estrutura pode ser tomada como evidência de que o falante é capaz de depreender intuitivamente as regras associadas em sua gramática aos variados processos de formação de itens complexos, dentre os quais as nominalizações.

A discussão proposta neste capítulo, apresenta ainda a segunda tarefa experimental proposta no âmbito dessa pesquisa como forma de buscar ampliar nossa compreensão sobre o processamento linguístico das nominalizações zero no PB, constituindo-se assim como parte relevante no diálogo proposto nesta tese entre os estudos de base formal e experimental no ramo da linguística. Nossos objetivos ao propor uma segunda rodada de experimentos podem ser resumidos em dois principais pontos:

- I. Ancorar as percepções e resultados obtidos por meio da análise dos dados obtidos no experimento *maze task*;

II. Averiguar se as nominalizações infinitivas se constituem como formas produtivas, tal como é apontado na literatura e, de igual modo, assumido neste trabalho.

Tendo em foco esses objetivos, a atividade experimental escolhida foi o julgamento de aceitabilidade, tarefa *off-line* que permite analisar a percepção do falante sobre o item em investigação após o processamento linguístico, bem como auxilia na compreensão de como uma determinada formação é internalizada pelos falantes. A escolha por um método *off-line* se justifica pela necessidade de compreender se o padrão de aceitabilidade das nominalizações infinitivas seria inferior ao das nominalizações regressivas, uma vez que tais formações, apesar de potencialmente licenciadas em todas as valências verbais, apresentarem uma produção efetiva menos comum do que a contraparte regressiva.

Assim, na medida em que os resultados obtidos por meio da aplicação da tarefa *maze task* apontaram para uma ausência de distinção entre os padrões de nominalizações zero em estudo, a comparação em escala possibilitada por meio da escala proposta no julgamento de aceitabilidade tem o potencial de fornecer pistas sobre o modo como os falantes internalizam ou refletem sobre o funcionamento dessas formações e, principalmente, se tendem a licenciá-las em um contexto em que a estrutura argumental completa está presente.

Tendo em vista que esse segundo experimento busca validar a percepção sobre a aceitabilidade das sentenças contendo as formas nominalizadas, optamos por utilizar o mesmo conjunto de sentenças teste e distratoras adotadas no experimento anterior, nesse mesmo sentido, mantendo o uso de pseudônimos. Assim, considerando o formato da atividade experimental proposta, ao menos duas questões centrais se colocaram como ponto de partida para a formulação das previsões e hipóteses relacionadas a essa tarefa:

- a) As nominalizações infinitivas, formações que são tidas na literatura como altamente produtivas, serão apontadas pelos falantes com valores mais altos na escala de aceitabilidade?
- b) As nominalizações regressivas, cuja forma morfofonológica é mais próxima a dos nomes prototípicos, obterão um resultado associado aos menores valores, indicando um menor grau de aceitabilidade?

Compreender o padrão de aceitabilidade das nominalizações é um passo relevante para a compreensão do modo como a presença de estrutura argumental associada aos nomes pode influenciar na percepção dos falantes sobre uma formação nominal. A presença da estrutura

argumental já era um aspecto relevante no primeiro experimento proposto no âmbito desta tese e se constitui como o ponto que relaciona nossa investigação, considerando a aplicação de duas técnicas experimentais de naturezas distintas.

Os resultados obtidos na atividade de leitura automonitorada demonstraram que, quando colocados em um contexto de distribuição complementar, não parece haver preferência explícita por um ou outro tipo de formação, ou seja, tanto nominais regressivos quanto nominais infinitivos podem ser utilizados como ASN. No entanto, levando em consideração que as nominalizações regressivas parecem ter restrições de licenciamento, que não são encontradas nas formações infinitivas – como por exemplo, a incompatibilidade com bases verbais inacusativas – o que se poderia esperar era um maior grau de estranhamento dessas formações a depender da valência verbal.

Assim, nossas perguntas de base, nesse segundo experimento, podem ser apontadas como um aprofundamento da hipótese proposta acerca da influência da estrutura argumental no processamento das nominalizações, uma vez que um maior grau de aceitabilidade de um determinado tipo de nominalização, ou mesmo de um certo padrão de estrutura argumental, poderia ser tomado como indicativo de que os falantes interpretam tal padrão de nominalização zero com menor custo de processamento.

Desse modo, para reportar toda a discussão a respeito da interface experimental proposta neste estudo, este capítulo está organizado da seguinte forma: a seção 6.2 delimita a técnica experimental de *maze task*. Já na seção 6.3 são apresentadas as discussões relacionadas ao desenvolvimento da tarefa de *maze task* proposta para o estudo das nominalizações. A seção 6.4 traz um breve panorama sobre a natureza da segunda tarefa proposta. Já na seção 6.5, temos a descrição dos procedimentos metodológicos adotados na elaboração e na aplicação dessa segunda tarefa, bem como a análise dos resultados. Por fim, na seção 6.6, passamos às considerações finais deste capítulo.

6.2 A TAREFA EXPERIMENTAL I: MAZE TASK

A tarefa labirinto (*maze task*, do inglês), proposta em 2009 por Foster, Guerrero e Elliot, é uma tarefa que se constitui como uma alternativa aos demais tipos de leitura automonitorada²⁵ existentes na literatura. Assim, do mesmo modo que nos demais modelos de

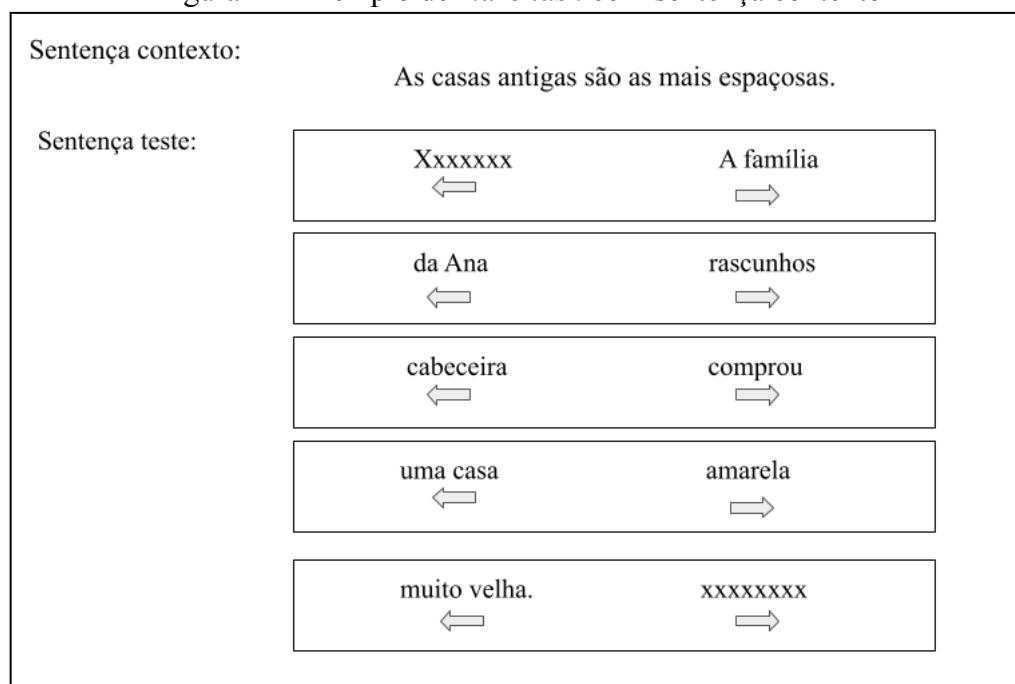
²⁵ Para uma discussão detalhada sobre cada tipo de leitura automonitorada e suas vantagens, remetemos o leitor ao trabalho de Oliveira, Marcilese e Leitão (2022).

leitura automonitorada, o participante é exposto à leitura de uma frase de forma segmentada, palavra por palavra, ou sintagma por sintagma. No entanto, diferentemente dos demais tipos, na tarefa labirinto, a frase é “montada” pelo próprio participante à medida que avança na leitura.

Mais especificamente, são apresentados dois itens de cada vez e o participante é instruído a escolher, por meio de teclas previamente definidas no teclado do computador, qual segmento ele considera o mais adequado para completar a sentença em formação. A cada tela do experimento, ambos os itens são “apagados” para a aparição do par seguinte e os tempos de reação relativos às escolhas de cada um dos segmentos pelo participante são registrados.

O exemplo a seguir mostra o funcionamento de uma tarefa *maze task*, a partir de uma sentença contexto:

Figura 4 – Exemplo de *maze task* com sentença contexto



Fonte: Elaborado pelo autor

Como ilustrado no exemplo na figura (4), o primeiro item a ser visto pelo participante é uma sentença contexto, que é, na verdade, uma ferramenta opcional na elaboração de uma tarefa labirinto. Em linhas gerais, a utilização de um contexto pode ajudar a condicionar a atenção do participante ao aspecto em investigação pelos pesquisadores. Como será visto mais adiante, no experimento desenvolvido nesta pesquisa, a sentença contexto foi pensada para ancorar a leitura associada à pseudo nominalização presente no segmento crítico.

Após a leitura da sentença contexto, o participante deverá clicar em uma tecla pré-definida do teclado do computador utilizado para passar a ver a sentença teste. Essa é a

sentença que será apresentada de forma segmentada, sendo que a partir das opções disponíveis o próprio participante vai decidindo qual, dentre as duas opções na tela, melhor completa a frase que está sendo formada. O primeiro par apresentado não é, de fato, uma escolha do participante, uma vez que ele é sempre constituído por uma palavra (ou sintagma) e por “Xxxxx”, com o objetivo é que o participante escolha a palavra (ou sintagma). Essa informação é explicitada nas instruções oferecidas aos voluntários, como forma de iniciar a sentença. Isso porque, caso duas opções possíveis fossem colocadas na primeira tela, o falante faria uma escolha aleatória, já que não disporia de nenhuma informação prévia que efetivamente o ajudasse a formar a sentença, inviabilizando toda a testagem. Esse mesmo padrão é encontrado no segmento que encerra a sentença, como se pode ver na figura em (2).

Nos demais segmentos, são apresentadas duas palavras (ou sintagmas), sendo que apenas uma das opções é adequada para completar a sentença, já que a outra desvia do sentido da sentença teste. Na figura (4), por exemplo, a sentença ideal a ser formada é “*a família da Ana comprou uma casa muito velha*” e a escolha dos outros segmentos apresentados ao lado das opções que formariam essa sentença se constituem como um desvio, gerando uma combinação que, no nosso exemplo, não gera uma sentença na língua. A escolha pela opção inadequada pode, por exemplo, indicar que um certo participante não estava totalmente concentrado ou mesmo que não tenha compreendido a tarefa. Por meio da análise das escolhas dos segmentos pelos voluntários, o pesquisador pode averiguar essas ocorrências ou até mesmo optar por excluir um conjunto de respostas em que os participantes pareçam ter feito escolhas arbitrárias durante o experimento. Na elaboração de uma tarefa *maze task*, de forma geral, um dos segmentos apresentados é o chamado *segmento crítico*, que pode ser definido como o foco da análise experimental.

No experimento proposto neste trabalho, delineado na próxima seção, o segmento crítico consistia na apresentação dos pseudonomes deverbais (infinitivo e regressivo) como pares de opção ao participante. Nesse caso, especificamente, ambas as opções eram possíveis, sendo que a escolha entre elas foi tomada, inclusive, como uma variável dependente controlada na tarefa experimental proposta. Essa apresentação de duas opções possíveis no segmento crítico é uma ferramenta interessante para ajudar a compreender a preferência dos participantes, bem como os custos envolvidos no processamento de uma ou outra escolha, uma vez que a aferição dos tempos de reação é importante na análise dos resultados coletados por meio da tarefa labirinto, como apontado em Oliveira, Marcilese e Leitão (2022):

Dados como o número de escolhas incorretas e extrapolação do teto temporal podem apresentar alguma relação com custo de processamento. Ademais, é possível elaborar experimentos cujo segmento alvo apresente duas opções possíveis de continuação da sentença e, dessa forma, a escolha feita pelos participantes seria o principal dado da tarefa [...] o tempo de reação também poderia ser utilizado para comparar escolhas mais fáceis e escolhas mais difíceis nesses casos em que ambas as opções são possíveis.

(Oliveira, Marcilese e Leitão, 2022, p.47)

Tendo em vista o conjunto de propriedades que são o foco da nossa investigação, consideramos que a adoção de uma tarefa que permita aferir os tempos de reação em segmentos específicos das estruturas é uma ferramenta adequada para nos permitir compreender o funcionamento das nominalizações zero. Nesse sentido, a tarefa labirinto apresenta um grande benefício para o experimento proposto: a possibilidade de inserir duas escolhas possíveis no segmento crítico e, nesse mesmo sentido, de aferir a preferência de escolha e os tempos de reação associados a cada uma das possibilidades apresentadas no segmento crítico.

6.3 EXPERIMENTO 1: *MAZE TASK*

Como discutimos nos capítulos anteriores, o fenômeno da nominalização tem sido alvo de debate sobre suas características formais, como por exemplo, sua capacidade de manter, em maior ou menor grau, as propriedades associadas ao verbo de base, bem como a natureza dos núcleos funcionais que compõem sua estrutura, além de outros aspectos relevantes. Inserindo-se nesse debate, a proposta subjacente ao experimento proposto nesta pesquisa é analisar o processamento linguístico de nominalizações zero por indivíduos adultos, falantes nativos de português brasileiro, investigando possíveis distinções no processamento das nominalizações infinitivas e regressivas, a partir de uma atividade de leitura contendo diferentes propriedades formais associadas a esses nominais.

No escopo da atividade experimental proposta, analisamos a relação entre estrutura argumental e os possíveis efeitos que diferentes tipos de verbos poderiam causar no processamento. Nosso ponto de partida é o fato de que as nominalizações zero apresentam comportamentos distintos em relação aos argumentos subjacentes ao verbo de base. Mais especificamente:

i) As nominalizações infinitivas obrigatoriamente inserem os argumentos da forma verbal de base:

- a) O cantar dos pássaros emocionou os moradores.
- b) *O cantar emocionou os moradores.
- c) O fracassar do pequeno empresário reflete o problema da inflação.
- d) *O fracassar reflete o problema da inflação.
- e) O resgatar das vítimas pelos bombeiros causou comoção.
- f) *O resgatar causou comoção.

ii) As nominalizações regressivas inserem os argumentos da forma verbal de base apenas opcionalmente:

- a) O canto dos pássaros emocionou os moradores.
- b) O canto emocionou os moradores.
- c) O fracasso do pequeno empresário reflete o problema da inflação.
- d) O fracasso reflete o problema da inflação.
- e) O resgate das vítimas pelos bombeiros causou comoção.
- f) O resgate causou comoção.

Os exemplos acima ilustram o comportamento antagônico em relação à inserção dos argumentos nas nominalizações infinitivas e regressivas. O aspecto interessante é que ambas as nominalizações parecem veicular o mesmo sentido e ambas estão igualmente disponíveis na língua na leitura de ASN. Assim, em um cenário em que a estrutura argumental completa é inserida em ambas as nominalizações, duas perguntas centrais se colocam:

- 1) Os tempos de reação serão significativamente distintos nas escolhas entre as nominalizações em estudo?
- 2) Especificamente no caso das nominalizações regressivas, que são ambíguos entre ASN e RN, a presença de estrutura argumental completa pode gerar uma maior dificuldade de processamento, culminando em menos escolhas de regressivas por oposição às infinitivas?

Com essas questões em mente, reportamos, nas próximas subseções, o percurso experimental proposto nesta pesquisa, apresentando de forma mais detalhada os aspectos relevantes sobre o experimento.

6.3.1 Método

Para testar a questão da estrutura argumental nas nominalizações zero, optamos por uma tarefa de labirinto (*maze task*) e três configurações de estrutura argumental foram contempladas no experimento: a dos verbos inergativos, caracterizadas pela inserção apenas do argumento externo que desempenha o papel de agente; a configuração associada aos verbos inacusativos, marcada pela inserção apenas do argumento interno e, por fim, o que chamamos de transitivos, grupo que compreende verbos de base transitiva e bitransitiva que inserem ambos os argumentos interno e externo.

A configuração da estrutura argumental a ser apresentada no experimento é relevante na medida em que partimos da apresentação de todos os argumentos exigidos por cada tipo de base verbal em todas as sentenças. Assim, basicamente, dois tipos de sentenças foram formuladas, aquelas em que apenas um argumento estava presente, fosse o apenas externo (inergativos) ou apenas o interno (inacusativos), além daquelas em que dois argumentos seriam alocados na nominalização (transitivos).

Além disso, optamos por apresentar pseudonominalizações no segmento crítico, em vez de inserir nominalizações de verbos existentes na língua, de forma a evitar que o conhecimento prévio do participante influencie sua escolha por uma ou outra nominalização, sobretudo, levando em conta que em ambos os casos estamos diante de formações gramaticais no português PB. Da mesma forma, os pseudonomes nos permitem disponibilizar os dois nominais, infinitivos e regressivos, que nem sempre estão igualmente disponíveis na língua a partir das mesmas bases verbais. Nesse sentido, o segmento crítico da tarefa labirinto, apresentava dois pseudonomes, um com a forma associada à nominalização infinitiva, terminada em *-r* e outro com a forma similar à das nominalizações regressivas, terminada em uma vogal temática nominal, mais precisamente em *-o*, como nos pares *zatisfar - zatifo*, ao invés de pares como *cantar - canto*.

No *design* experimental, optamos também por apresentar, antes de cada sentença teste, uma sentença contexto. O contexto tinha como objetivo ajudar a ancorar a leitura associada ao pseudonome no segmento crítico da sentença teste. Desse modo, por exemplo, nas sentenças de base inergativa, o contexto foi manipulado para induzir uma interpretação de agentividade. Vale ressaltar que nas sentenças contexto nenhum pseudonome era apresentado. Ainda sobre a sistematização dos dados, nas sentenças distratoras também não foram inseridos

pseudônimos, mas nominalizações de outras naturezas, distintas das nominalizações zero, como nominalizações sufixais em *-ção*, *-agem* e *-mento*, entre outros sufixos.

Os nominais zero oriundos de verbos monoargumentais inergativos e inacusativos constituíam duas condições distintas em função de apresentarem argumentos de diferentes naturezas sendo introduzidos por uma mesma preposição. Os nominais que tinham verbos transitivos em sua base, independentemente da natureza transitiva ou bitransitiva, apresentam argumentos internos inseridos pela preposição *de* e argumentos externos inseridos pela preposição *por*²⁶.

6.3.1.1 Material

O experimento foi programado na plataforma Pclbex, que também permite a sua aplicação remota. A realização desse experimento contou com estímulos experimentais e distratores, compilados no apêndice A. Mais especificamente, foram elaborados 12 conjuntos experimentais, sendo que cada conjunto era composto por uma sentença contexto e uma sentença experimental, a sentença contexto era apresentada antes dos conjuntos de estímulos que compunham a sentença experimental. Esse conjunto de sentenças teste foi, por sua vez, subdividido em 4 sentenças com pseudonominalizações de base inergativa, 4 de base inacusativa e 4 que variaram entre transitivos e bitransitivos.

As distratoras, do mesmo modo, apresentavam uma sentença contexto e, seguidamente, a sentença distratora em segmentos, de forma semelhante ao conjunto de sentenças teste. Por fim, logo após a tela de instruções, os participantes passavam por uma etapa de treinamento, em que eram apresentadas 4 conjuntos de sentenças, todas antecedidas por sentenças contexto.

6.3.1.2 Participantes

Para a realização do experimento foram recrutados 50 participantes em diferentes regiões do Brasil, com idades entre 17 e 50 anos, todos falantes nativos de PB. Esse grupo se mostrou heterogêneo quanto às suas características sociais, como nível de escolaridade e região geográfica.

²⁶ Para uma discussão mais detalhada do comportamento formal das propriedades testadas, remetemos o leitor ao capítulo 2 desta mesma tese.

6.3.1.3 Variáveis e condições

Foram definidas duas variáveis independentes:

- i. O tipo de nominalização zero, manipulada em dois níveis: infinitiva, regressiva;
- ii. A estrutura argumental associada às nominalizações zero, manipulada em três níveis: inacusativo (presença apenas do argumento interno), inergativo (presença apenas do argumento externo) e transitivos (corresponde a bases verbais que inserem, pelo mesmo, dois argumentos, tais como verbos transitivos e bitransitivos).

Partindo da percepção de que as configurações relacionadas à introdução da estrutura de argumentos poderiam ser sintetizadas nessas três abordagens, optamos por sistematizar a variável de estrutura argumental com esses três níveis. Os níveis da variável tipo de nominalização zero foram expressos, como já apontamos, sob a forma das duas opções do segmento crítico. Os níveis da variável estrutura argumental foram manifestos em três condições, ilustradas na tabela 9:

Tabela 9 – Exemplos de sentenças em cada condição

Condição – Inacusativo
Sentença contexto: A reportagem da jornalista era sobre o que ocorre com as plantas no inverno.
Sentença teste: Xxxxxxxx - A jornalista / disse que – matilha / o zatifo - o zatifar / das plantas - com orelhas / ocorre – sofás / no inverno – xxxxxxxx
Condição – Inergativo
Sentença contexto: O diretor reclamou do mau comportamento dos alunos no pátio da escola.
Sentença teste: O diretor – xxxxxxx / proibiu - folhas caídas / o fidugar - o fidugo / dos alunos - figuras mitológicas / durante - apressados / o recreio – xxxxxxxxxx
Condição – Transitivos (compreendendo verbos transitivos e bitransitivos)
Sentença contexto: O professor experiente corrigiu todas as provas do concurso
Sentença teste: A diretora – xxxxxxx / elogiou - desenvolvimentos novos / o sinevar - o sinevo / das provas - zíperes azuis / pelo professor – xxxxxxxxxx

Fonte: Elaborado pelo autor

Dessa forma, tem-se o design experimental 2x3, *within-subjects*, com todos os participantes sendo expostos às mesmas condições.

As variáveis dependentes são: o tempo de reação, relacionado ao tempo que o participante levou para optar por um ou outro pseudônimo no segmento crítico; e a escolha, que diz respeito ao número de escolhas do pseudônimo relacionado à forma regressiva ou à forma infinitiva.

6.3.2 Procedimento

O experimento foi aplicado de forma remota, pela plataforma Pclbex. Mais especificamente, a partir de um *link* fornecido pela plataforma, o participante podia acessar o experimento. A primeira tela continha o espaço para o preenchimento de dados, como nome, e-mail, idade e domicílio. Ainda, era solicitado que o participante indicasse se estava utilizando um computador com teclado ou um dispositivo *touchscreen*²⁷. Na tela seguinte, era apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de modo que o participante passaria para a etapa de realização do teste somente após ler o documento e registrar sua concordância. Na sequência, a próxima tela continha as instruções para a realização do experimento. Nesse ponto, nossa preocupação era a de especificar de forma clara e objetiva o passo-a-passo da tarefa experimental. Nesse mesmo sentido, para auxiliar na compreensão e realização da tarefa, foi montada uma etapa de treinamento em que quatro sentenças nos mesmos moldes do bloco experimental eram apresentadas como forma de preparação.

Após a etapa de treinamento, aparecia uma tela de aviso em que era comunicado ao participante o início da etapa experimental. Somente após essa tela, se iniciava a tarefa propriamente dita, com a apresentação das sentenças experimentais e distratoras de forma randomizada pelo próprio *software*. Vale ressaltar que, na elaboração do experimento,

²⁷ A justificativa para solicitar essa informação era uma precaução no sentido de podermos, potencialmente, notar uma grande discrepância no tempo de reação de participantes que usassem um dispositivo que necessitasse de um *mouse* ou item semelhante e aqueles que realizavam a tarefa em dispositivos *touch screen*. A literatura experimental, até o presente momento, não apresenta nenhuma indicação de que pode haver diferenças de RTs para participantes que realizam tarefas de labirinto em dispositivos com teclados ou em dispositivos *touchscreen*. Nesse sentido, nosso foco ao mapear essa interface era uma medida de precaução, para mapearmos se haveria diferença significativa de RTs entre certos grupos de participantes. Vale apontar, no entanto, que nenhuma distinção de RT discrepante foi associada a um único, ou mesmo a um grupo de participantes, de modo que não consideramos que essa foi uma diferença que impactou nos RTs associados à essa tarefa experimental.

configuramos no próprio *software* a possibilidade de que a escolha dos segmentos fosse realizada tanto com o toque na tela em cima da opção escolhida, como também com o uso do cursor do teclado clicando em cima da opção escolhida, visando permitir que o voluntário optasse por utilizar a ferramenta que melhor lhe atendesse. As escolhas associadas, não apenas ao segmento crítico, mas também aos demais segmentos eram mapeados no experimento, bem como o tempo de reação associado a cada escolha. Nesse sentido, na etapa de análise, pudemos coletar as que mais interessavam para a proposição da análise estatística, sendo possível aferir, do mesmo modo, os tempos de reação e escolhas associados aos demais segmentos, caso fosse necessário.

Finalmente, como mencionamos anteriormente, cada sentença (as de treinamento, as distratoras e as sentenças experimentais) era precedida por uma sentença contexto, conforme apresentado na tabela (9), em 4.3.1.3.

6.3.3 Hipótese

Adotamos como hipótese que a preferência por nominalizações zero no PB é pela nominalização infinitiva. Essa hipótese se baseia no comportamento distinto dessas nominalizações, uma vez que as nominalizações infinitivas apresentam um comportamento mais sistemático em relação à inserção de argumentos, além de apresentarem maior potencial de produtividade, ou seja, menos lacunas. Em contrapartida, as nominalizações regressivas apresentam um comportamento ambíguo em relação à inserção de argumentos, podendo, inclusive, funcionar em uma estrutura sem argumentos. Além disso, as nominalizações regressivas, em termos de potencial de produtividade, apresentam mais lacunas de formação, quando comparadas às formas infinitivas.

6.3.4 Previsões

A partir da hipótese delineada em 6.3.3 acima e, considerando que o contexto precedendo sentenças experimentais foram manipulados para ancorar a leitura associada ao verbo de base, inclusive com a satisfação da grade argumental associada à base verbal em todas as três condições da variável tipo de estrutura, formulamos as seguintes previsões:

- a) As nominalizações infinitivas deverão ter a maior taxa de escolhas alvo, quando comparadas às nominalizações regressivas, em todas as condições da variável independente tipo de estrutura (inacusativo, inergativo, transitivo).
- b) As nominalizações infinitivas deverão ter uma média de tempo de reação de escolha menor quando comparadas às nominalizações regressivas em todas as condições da variável independente tipo de estrutura (inacusativo, inergativo, transitivo).

Cabe apontar que o estudo das diferentes nuances associadas, de forma específica, a cada um dos tipos de estrutura argumental se constitui como um passo futuro no estudo experimental das nominalizações zero.

6.3.5 Resultados e Discussão

Na aplicação do experimento, foram obtidas 600 respostas, que foram, então, submetidas aos procedimentos preparatórios para a análise estatística dos dados. Mais especificamente, foram calculadas as médias e medianas dos resultados e, posteriormente, a partir desses mesmos resultados, foram calculados os limites superiores e inferiores para cada tipo de estrutura verbal (inacusativo, inergativo e transitivo). Assim, foram considerados como *outliers* todos os valores acima do limite superior e abaixo do limite inferior para cada um dos três níveis da variável independente tipo de estrutura. Vale apontar que nenhum participante teve suas respostas completamente excluídas, já que os *outliers* identificados estavam relacionados a participantes diferentes e se constituíam como tempos de reação maiores em sentenças aleatórias, o que evidencia que o tempo de reação desproporcional não estava relacionado à formação de uma determinada sentença. Após a limpeza dos *outliers* foram encontradas 541 respostas.

Analisando primeiramente os dados relativos à variável dependente taxa de escolha, apresentamos, na tabela 10, os resultados por cada condição divididos pelo tipo de sentença.

Tabela 10 – Taxa de escolhas por tipo de estrutura – valores totais e percentuais

Tipo de estrutura	Infinitivo	Regressivo	Total
Inacusativo	101 (58,4%)	72 (41,6%)	173 (100%)
Inergativo	92 (49,5%)	94 (50,5%)	186 (100%)
Transitivo	86 (47,25%)	96 (52,75%)	182 (100%)
Total	279 (51,6%)	262 (48,4%)	541 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor

Em termos gerais, podemos observar uma leve preferência de escolha pela forma infinitiva (51,6%), ainda que o número de escolhas possa ser considerado como bem distribuído entre as duas nominalizações. Analisando separadamente cada tipo de estrutura, vemos uma taxa maior de escolha do infinitivo na condição Inacusativo (58,4%) e, inversamente, embora menos acentuada, do regressivo na condição Transitivo (52,75%). Na condição Inergativo, por sua vez, a taxa de escolha entre os dois tipos de nominalização foi ainda mais equilibrada.

Os dados foram submetidos ao teste qui-quadrado, utilizado para comparar a proporção entre dados observados e dados estimados. Tomados em conjunto, os dados de todas as condições experimentais (estrutura argumental e nominalização, 3x2), não foi encontrada diferença estatisticamente significativa ($X^2(2, 541) = 4.90, p = .086$). Apenas a comparação entre as condições inacusativo e transitivo se revelou significativa estatisticamente ($X^2(1, 355) = 4.41, p = 0.036$).

Em relação à segunda variável dependente, apresentamos, na tabela 11 a seguir, as médias gerais de tempo de reação do participante na escolha de um dos dois tipos de nominalização e por tipo de estrutura argumental.

Tabela 11: Média dos TRs por tipo de nominalização

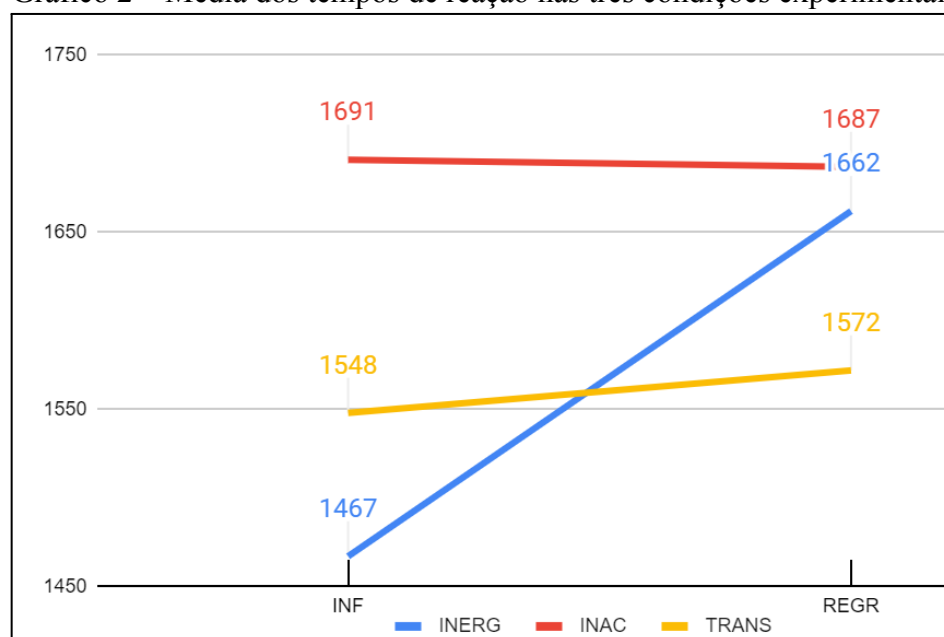
Estrutura Argumental	Tipo de nominalização	
	Infinitivo	Regressivo
Inacusativo	1691	1687
Inergativo	1467	1647
Transitivo	1548	1572

Total	1569	1635
-------	------	------

Fonte: Elaborado pelo autor

Considerados em conjunto os três tipos de estrutura argumental, vemos que as médias da condição infinitivo e da condição regressivo são bem próximas, com uma diferença entre elas de apenas 57ms. A escolha pela nominalização infinitiva teve média de tempo menor nas condições inergativo e transitivo, enquanto a condição inacusativo teve médias semelhantes para ambas as nominalizações. O gráfico (1) apresenta de forma mais clara o comportamento dos tempos médios de escolha por estrutura argumental. O eixo x representa as duas possibilidades de escolha – infinitivo e regressivo –, enquanto o eixo y se refere à média de tempo de reação em milissegundos.

Gráfico 2 – Média dos tempos de reação nas três condições experimentais



Fonte: Elaborado pelo autor

Esses dados foram submetidos a um teste de Regressão Linear Simples, que não apontou diferenças significativas entre os tempos de reação relativos à escolha do nominal nas diferentes condições, em todos os casos resultando em um $p > 0,05$. Os resultados não significativos obtidos por meio da análise de regressão linear simples estão reportados na tabela 12, a seguir:

Tabela 12 – Valores de *p* nas condições da variável *estrutura argumental*

	Inacusativo	Inergativo	Transitivo
Valor de <i>p</i>	0,968	0,081	0,767

Fonte: Elaborada pelo autor

Voltando nosso olhar aos dados, observamos que, apesar de não terem sido encontradas diferenças estatisticamente significativas, parecia haver comportamento diverso entre as condições experimentais, ainda que não captado na análise estatística inferencial. Nosso foco se voltou, então, para a relação entre a preferência pelo tipo de nominalização associada ao tempo de reação relacionado à essa escolha. Para apresentarmos esses dados, na tabela 12, a seguir, são trazidos os percentuais das taxas de escolha, as médias e medianas, desvio-padrão, valores mínimos e máximos relativos à escolha por tipo de nominalização em cada uma das condições experimentais associadas à variável tipo de estrutura argumental.

Tabela 13 – Médias e medianas dos tempos de reação por tipo de nominalização

Estrutura argumental	Tipo de nominalização	Taxa de escolha	Média	Mediana	Desvio padrão	Mínimo	Máximo
Inacusativo	Infinitivo	58,40%	1691	1559	687	483	3500
	Regressivo	41,60%	1687	1635	674	600	3036
Inergativo	Infinitivo	49,50%	1467	1353	523	608	2877
	Regressivo	50,50%	1647	1540	831	204	3983
Transitivo	Infinitivo	47,25%	1548	1507	524	688	2695
	Regressivo	52,75%	1572	1469	564	205	2842

Fonte: Elaborado pelo autor

A condição inacusativo, comparada às demais, apresentou um pouco mais claramente preferência pela escolha do infinitivo (58,4% vs. 41,6%), mas se considerarmos as médias, o tempo de reação foi muito próximo entre as escolhas. No entanto, as medianas apresentam uma diferença de 76ms – a maior entre os três tipos de estrutura –, sendo mais baixa para infinitivo (1559ms vs. 1635ms). Os valores de desvio padrão, mínimo e máximo se apresentam próximos na comparação entre os dois tipos de nominalização.

Na condição inergativo, embora ambos os tipos de nominalização tenham sido igualmente escolhidos (praticamente 50%), a escolha pelo infinitivo foi mais rápida do que pelo regressivo, tanto na média quanto na mediana. Ainda, o tempo de reação do regressivo apresentou desvio padrão alto (831ms), com grande intervalo entre os valores mínimo (204ms) e máximo (3983ms).

Por fim, a condição transitivo apresentou certo equilíbrio na escolha entre as nominalizações, com leve preferência pelo regressivo (52,75% vs. 47,25%). Interessantemente, o tempo médio de escolha foi um pouco menor para o infinitivo, mas na mediana foi menor para o regressivo. Apesar do desvio padrão com valores próximos (infinitivo: 524ms; regressivo: 564ms), observamos, também nessa condição, intervalo grande entre os valores mínimo (205ms) e máximo (2842ms) na escolha do regressivo.

Em conjunto, os resultados não foram significativos estatisticamente em nenhuma das variáveis dependentes, taxa de escolha alvo e tempo de reação/de escolha. Nesse sentido, não é possível refutar a hipótese nula. Dito de outra maneira, os resultados não confirmam a hipótese testada, segundo a qual a preferência por nominalizações no PB é pela nominalização infinitiva.

Voltando às nossas previsões, quanto à variável dependente, taxa de escolhas alvo, ela foi maior para a nominalização infinitiva apenas na condição inacusativo. Nas demais condições, a escolha entre infinitivo e regressivo foi bastante equilibrada. Em relação à variável dependente tempo de reação, os resultados da condição inergativo seguiram na direção esperada, com média mais baixa para a escolha de infinitivo, comparada à de regressivo.

Diante desse quadro pouco claro, buscamos explorar os resultados no sentido de ver alguma possível relação, mesmo que incipiente, entre a escolha e o tempo de reação (talvez, melhor dizendo, de decisão) da escolha entre os tipos de nominalização, considerando não apenas as médias, mas também as medianas, os valores de desvio padrão e os intervalos entre seus valores mínimos e máximos.

Observamos que, quando houve preferência expressiva por um dos tipos de nominalização – na condição inacusativo, com maior taxa para infinitivo –, as médias, desvios-padrão e intervalos mínimo-máximo entre os tempos de reação para ambas nominalizações foram bem próximos. Na condição transitivo, que também mostrou preferência por um dos nominais – nesse caso, ligeiramente pelo regressivo –, a média menor foi para a escolha do infinitivo, que também apresentou desvio padrão mais baixo e intervalo mínimo-máximo menor em relação aos respectivos valores para o regressivo. E quando houve equilíbrio entre as taxas de escolha do infinitivo e regressivo, na condição inergativo, a média de tempo foi menor para infinitivo, e o desvio padrão foi alto para regressivo foi alto, com grande intervalo entre os valores mínimo e máximo, o que pode ser interpretado como maior oscilação nas decisões dos participantes. Novamente, ainda que estatisticamente não sejam significativos, os resultados podem apontar para uma relação entre a escolha de

nominalização infinitiva e um tempo médio de reação menor mediada pelo tipo de estrutura argumental.

Postas estas considerações e os resultados obtidos por meio da primeira parte do tratamento experimental dispensado às nominalizações zero, nas próximas seções passamos a apresentar e a discutir os resultados obtidos por meio da aplicação da técnica offline. A aplicação da técnica offline se baseou nas observações e interpretações obtidas por meio dessa primeira etapa de desenvolvimento da parte experimental.

6.4 TAREFA EXPERIMENTAL II: FORMULÁRIO DE ACEITABILIDADE

A tarefa experimental proposta neste capítulo é um julgamento de aceitabilidade. No escopo dos estudos experimentais em Linguística, esse tipo de experimento é caracterizado como uma tarefa *off-line*, isto é, a mensuração obtida corresponde aos processos pós-processamento e versa sobre a resposta ao estímulo em estudo após a interpretação.

De maneira geral, na elaboração dos julgamentos de aceitabilidade, são colocadas sentenças como objetos de estudo, contendo um segmento crítico ou mesmo um tipo de estrutura frasal como objeto do experimento. Desse modo, a investigação proposta analisa como falantes reagem a diferentes construções linguísticas, solicitando que seja indicado o grau de aceitabilidade de sentenças previamente selecionadas. Conforme Oliveira e Sá (2013, p.1), “o julgamento de aceitabilidade é o julgamento de indivíduos em relação à aceitabilidade de sentenças. Assim, a avaliação dos sujeitos é um dado pós-processual, mas que não deixa de refletir um processo mental.”

Nesse tipo de tarefa experimental, uma escala é disponibilizada para que os participantes possam apontar seu julgamento sobre as sentenças em estudo. As escalas psicométricas mais utilizadas são a Escala Likert e a Estimativa de Magnitude. Na Escala Likert, os participantes atribuem uma nota a cada sentença. Já na Estimativa de Magnitude, o julgamento é relativo a um estímulo padrão, permitindo comparações entre diferentes construções. Em função dessa configuração em que se apresenta as sentenças em estudo e a escala, o julgamento de aceitabilidade se coloca um experimento de fácil aplicação, podendo ser facilmente aplicado presencialmente em grupos de pessoas ou mesmo remotamente, via internet, o que permite atingir um número significativo de participantes.

Nesse mesmo sentido, vale destacar que essa tarefa experimental permite a manipulação de estímulos específicos relacionados a vários tipos de construções nas línguas e

avaliar a percepção dos participantes frente a esses estímulos. Isso é especialmente útil para testar hipóteses sobre a representação mental de construções gramaticais específicas ou testar a percepção dos falantes sobre estruturas pouco frequentes.

Considerando essas características, a aplicação de uma tarefa de julgamento de aceitabilidade neste trabalho se justifica na medida em que, por meio dessa tarefa, seria possível aferir a percepção dos participantes em relação aos dois tipos de nominalizações em estudo, considerando a disponibilidade de ambas as formações na língua, como formas gramaticais. A possibilidade de manusear os estímulos também foi um aspecto relevante na elaboração deste experimento, uma vez que o contexto tinha um papel relevante na construção dos estímulos, auxiliando na caracterização do tipo de estrutura argumental associada às nominalizações.

6.5 ACEITABILIDADE NAS NOMINALIZAÇÕES ZERO: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O aspecto central adotado como principal foco de análise experimental neste trabalho é a natureza das relações entre as formas nominalizadas, infinitivas e regressivas, e a manutenção da estrutura argumental associada ao verbo de base. Conforme já discutimos amplamente nos capítulos anteriores, a descrição das propriedades associadas às nominalizações zero parece apontar para um comportamento distinto no que diz respeito ao licenciamento dos argumentos.

Quanto ao comportamento das nominalizações zero no PB, pode-se generalizar:

- a) As nominalizações infinitivas obrigatoriamente mantêm os argumentos associados ao verbo de base, especialmente, o argumento interno. Sendo caracterizadas exclusivamente como ASN.
- b) As nominalizações regressivas não apresentam a mesma obrigatoriedade quanto à presença de argumentos, inserindo-os apenas opcionalmente. Assim, essas formações se caracterizam como um grupo heterogêneo podendo funcionar como ASN, em contextos em que os argumentos estão presentes, ou como RN, em contextos em que os argumentos não estão explicitados.

Essa segunda tarefa experimental busca comparar as ocorrências de nominalizações infinitivas e regressivas como ASN, isto é, contextos em que todos os argumentos oriundos da

forma verbal de base estavam presentes, considerando três configurações estruturais específicas:

- Inacusativos: Presença do argumento interno;
- Inergativos: Presença do argumento externo;
- Biargumentais: Correspondendo a bases verbais em que dois argumentos, um interno e outro externo, estavam presentes.

É interessante observar que, conforme descrevemos no capítulo 2, ambas as nominalizações parecem estar disponíveis como ASN e, inclusive, veiculando os mesmos significados. A intuição que se coloca neste trabalho diz respeito apenas a uma aparente indisponibilidade de nominalizações regressivas em relação aos verbos de base inacusativa. Assim, considerando o comportamento paralelo entre essas formações, três perguntas centrais se colocam:

- 1) As nominalizações infinitivas serão menos aceitas em função da similaridade do nome com a forma infinitiva, prototipicamente associada ao domínio verbal?
- 2) As nominalizações regressivas testadas em contextos de base inacusativa, apresentando apenas o argumento interno, serão menos aceitas que as demais formas de nominalizações regressivas?
- 3) De forma análoga ao que foi proposto na questão anterior, as nominalizações regressivas de base inacusativa serão menos aceitas que as nominalizações infinitivas, tanto as associadas à mesma estrutura argumental quanto as demais configurações?

É tomando como ponto de partida todas essas considerações que, nas próximas subseções, nos propomos a descrever de forma detalhada o percurso metodológico proposto para este segundo experimento.

6.5.1 Método

Tendo em vista os objetivos de investigar a aceitabilidade das nominalizações infinitivas e regressivas e ancorar os resultados já obtidos anteriormente, neste segundo momento de estudo experimental das nominalizações zero do PB, optamos por lançar mão da técnica *off-line* do julgamento de aceitabilidade. Para a realização desta tarefa, as mesmas

configurações de estrutura argumental formuladas para o experimento 1 foram mantidas: (i) verbos inergativos, caracterizada pela inserção apenas do argumento externo que desempenha o papel de agente; (ii) verbos inacusativos, marcada pela inserção apenas do argumento interno e, por fim, (iii) o grupo que optamos por denominar de biargumentais e que chamamos de verbos de base transitiva e intransitiva que inserem ambos os argumentos interno e externo.

Assim, para a formulação dos dados experimentais, todos os argumentos exigidos por cada tipo de base verbal foram inseridos nas sentenças. Desse modo, os dados teste eram constituídos por sentenças em que apenas um argumento estava presente, podendo ser apenas o externo no caso das sentenças inergativas ou apenas o interno, no caso das inacusativas. O segundo tipo de sentença eram aquelas em que dois argumentos seriam alocados na nominalização, correspondendo ao grupo que incluía bases verbais transitivas e intransitivas, aqui denominado de grupo dos biargumentais.

Considerando, ainda, que esse segundo experimento se coloca como um passo adicional na investigação da natureza das nominalizações zero, optamos por manter a presença de pseudonomes no segmento crítico, tal como foi proposto na tarefa anterior. Nossa justificativa para tal escolha se dá, novamente, como uma forma de evitar que o conhecimento prévio dos falantes sobre as formas disponíveis na língua possa influenciar na preferência por algum dos tipos de nominalizações.

Nesse mesmo sentido, os pseudonomes parecem ser uma saída adequada na medida em que permitem fornecer pares de formações, o que nem sempre é uma realidade para as nominalizações infinitivas e regressivas. Por fim, quanto à natureza do segmento crítico, apontamos que ambas as formações em teste são opções gramaticais na língua, o que também poderia se colocar como um fator de influência na escolha.

Levando em conta todas essas questões, optamos por apresentar no segmento crítico dois pseudonomes, um com a forma associada à nominalização infinitiva, terminada em *-r* e outro com a forma das nominalizações regressivas, terminada em uma vogal temática nominal, mais precisamente em *-o*, como nos pares *gomibar - gomibo*.

As imagens a seguir exemplificam como as sentenças eram apresentadas nos formulários, contendo pseudonominalizações com características de nominalizações infinitivas e regressivas.

Figura 5: Estímulo teste contendo pseudonome infinitivo

O diretor reclamou do mau comportamento dos alunos no pátio da escola. O diretor proibiu o fidugar dos alunos durante o recreio. ☐ 1 - Ruim, ninguém fala assim. ☐ 2 - Estranha, parece esquisita. ☐ 3 - Ok, mas podia ser melhor. ☐ 4 - Boa, parece natural.
--

Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 6: Estímulo teste contendo pseudonome regressivo

A reportagem da jornalista era sobre o que ocorre com as plantas no inverno. A jornalista disse que o zatifo das plantas ocorre no inverno. ☐ 1 - Ruim, ninguém fala assim. ☐ 2 - Estranha, parece esquisita. ☐ 3 - Ok, mas podia ser melhor. ☐ 4 - Boa, parece natural.

Fonte: Elaborado pelo autor

O *design* experimental desenvolvido também foi similar ao apresentado na tarefa labirinto, com a apresentação de uma sentença contexto antes de cada uma das sentenças teste. Assim como na primeira tarefa experimental, o contexto tinha a função de ajudar a ancorar a leitura associada ao pseudonome. As sentenças distratoras também contavam com a presença de pseudonomes, diferenciando-se apenas pela presença de sufixos nominalizadores, comportamento distinto ao das formas teste. Vale ressaltar que apenas as sentenças contexto não contavam com a presença de pseudonomes.

Quanto aos argumentos presentes nas sentenças teste, aquelas que correspondiam a sentenças monoargumentais inacusativas ou inergativas apresentavam seu único argumento inserido por meio da preposição *d*; já o terceiro grupo, o que abarcava formas transitivas e intransitivas, apresentava argumentos internos inseridos pela preposição *de* e argumentos externos inseridos por uma *by-phrase*.

6.5.1.1 Material

O experimento foi organizado na forma de formulários impressos. Os itens experimentais e distratores utilizados correspondem à mesma configuração já utilizada no experimento 1 e disponibilizada no apêndice A deste trabalho.

Conforme já mencionado na subseção “Materiais” em 6.3.1.1, todos os estímulos eram apresentados com sentenças contexto que, especificamente nos itens experimentais, tinham a função de ancorar a leitura associada à forma verbal de base. Os estímulos experimentais foram organizados em três grupos, divididos a partir da variável estrutura argumental, da seguinte forma: 4 sentenças teste inacusativas, 4 sentenças teste inergativas e 4 sentenças teste com verbos transitivos e intransitivos com dois argumentos. As distratoras seguiam um padrão semelhante, sendo antecedidas por uma sentença contexto, no entanto, sem nenhum segmento crítico.

6.5.1.2 Participantes

O experimento foi aplicado com 185 participantes, falantes nativos de português brasileiro com idades entre 18 e 64 anos, em sua maioria oriundos da região sudeste do Brasil (apenas 5 participantes apontaram ser de outras regiões), todos alunos de graduação de diferentes cursos da Universidade Federal de Juiz de Fora.

6.5.1.3 Variáveis e condições

As variáveis independentes propostas neste experimento são semelhantes às já apontadas para a realização do experimento 1. Para fins didáticos, reiteramos as VIs a seguir:

- i. O tipo de nominalização zero, manipulada em dois níveis: infinitiva, regressiva;
- ii. A estrutura argumental associada às nominalizações zero, manipulada em três níveis: inacusativo (presença apenas do argumento interno), inergativo (presença apenas do argumento externo) e **transitivos** (corresponde a bases verbais que inserem, pelo mesmo, dois argumentos, tais como verbos transitivos e bitransitivos).

Conforme já apontamos, a variável estrutura argumental foi sistematizada em três níveis como forma de sintetizar a organização dessa variável. Já a variável tipo de nominalização foi, de modo análogo ao realizado no experimento 1, organizada em dois níveis.

Na implementação do experimento, optamos por organizar seis versões do formulário de aceitabilidade, em que as sentenças teste eram apresentadas de forma randomizada em posições diferentes em cada formulário. Nesse mesmo sentido, além da randomização na organização dos formulários, também randomizamos a condição tipo de estrutura. De forma mais específica, nossa organização das sentenças teste se centrava em apresentar a versão infinitiva de uma sentença teste em um dos formulários e espelhar a ocorrência dessa mesma sentença na versão regressiva em uma segunda versão do formulário de aceitabilidade.

A tabela (14) a seguir apresenta exemplos de sentenças com as formas infinitivas e regressivas em cada uma das condições:

Tabela 14 – Exemplos de sentenças na VI estrutura argumental

Estr.Arg/ Nominalização	Segmento crítico Infinitivo	Segmento crítico Regressivo
Inacusativo	Contexto: O jovem casal revelou que aguarda o segundo bebê.	
	A família ficou alegre com o milodar de mais uma filha	A família ficou alegre com o milodo de mais uma filha
Inergativo	Contexto: Todo mundo adorou a apresentação do João na escola.	
	Alguns alunos comentaram o vabimar do João na peça de teatro.	Alguns alunos comentaram o vabimo do João na peça de teatro.
Transitivos	Contexto: A noiva não gostou das comidas oferecidas na festa de casamento.	
	Os noivos perceberam que o ruitar das comidas desapontou os convidados.	Os noivos perceberam que o ruído das comidas desapontou os convidados.

Fonte: Elaborado pelo autor

Para apontar o julgamento sobre a aceitabilidade das sentenças, os formulários continham uma escala de quatro níveis, em que o nível 1 era considerado o mais inaceitável, ao passo que o nível 4 era o mais aceitável. A escala está representada a seguir:

Figura 7 – Escala proposta para a execução dos formulários de aceitabilidade

- ☐ 1 - Ruim, ninguém fala assim.
- ☐ 2 - Estranha, parece esquisita.
- ☐ 3 - Ok, mas podia ser
- ☐ melhor, parece natural.

Fonte: Elaborado pelo autor

Cabe salientar que nossa escolha por propor uma escala de apenas 4 níveis se justifica na medida em que se tratava de uma abordagem em que ambas as vertentes em estudo estão disponíveis na língua sendo, de igual modo, gramaticais. Assim, a presença de um valor que ficasse entre os níveis que indicavam um julgamento satisfatório e os que indicavam maior estranhamento, acabaria gerando resultados em que não se poderia captar a real percepção acerca dos segmentos em estudo e, conseqüentemente, acerca dos fenômenos tratados no experimento.

A variável dependente associada a este experimento é a escolha, isto é, o número de escolhas do pseudonome relacionado à forma regressiva ou à forma infinitiva, considerando a valência de julgamento: positiva (opções 3 e 4) ou negativa (opções 1 e 2).

6.5.2 Procedimento

As aplicações do teste foram feitas de forma presencial com os formulários impressos. Antes de iniciar o procedimento, os falantes eram convidados a indicar sua idade e região do Brasil em que residiam.

Após essa etapa, os participantes recebiam a instrução sobre o modo de realizar o experimento. Para essa etapa, optamos por explicar o que era esperado, ainda que essas mesmas instruções estivessem presentes na primeira folha dos formulários. Ainda na etapa de instruções, duas sentenças distratoras foram inseridas como uma forma de ilustrar o funcionamento do experimento. No ato da aplicação, essas sentenças eram úteis para auxiliar no momento da instrução.

A etapa seguinte era um breve treinamento, que consistia na apresentação de três sentenças distratoras em que os participantes deviam fazer o seu julgamento, já de forma individualizada e sem a ajuda do aplicador. Até a etapa de treinamento, os participantes eram incentivados a expressarem dúvidas quanto ao funcionamento do experimento. Apenas após a etapa de treinamento, os participantes iniciavam, de fato, a tarefa experimental.

Assim como apontamos brevemente na seção anterior, para a realização do experimento, foram elaboradas seis versões do formulário de aceitabilidade. O objetivo dessa sistematização era promover uma randomização das sentenças teste e das distratoras, garantindo que as versões de sentenças teste com o segmento crítico nas versões infinitiva e regressiva fossem analisadas por um número similar de participantes. Para isso, as sentenças teste e distratoras foram randomizadas manualmente, garantindo um padrão em que após a cada duas sentenças distratoras uma sentença teste fosse apresentada. Ainda sobre a

apresentação das sentenças, reiteramos que a sentença contexto era apresentada antecedendo tanto distratoras quanto sentenças teste.

Por fim, apontamos que duas cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em formato impresso eram distribuídas para cada voluntário que eram instruídos a manter uma cópia consigo e entregar a segunda, assinada, para arquivamento. Esse procedimento era realizado antes da entrega dos formulários, garantindo que todos os participantes estivessem cientes de que sua participação era voluntária.

6.5.3 Hipóteses

Nossa hipótese central é de que a preferência será pelas nominalizações infinitivas, tendo em vista o padrão sistemático de inserção dos argumentos em todas as condições de estrutura argumental. Além disso, a preferência por nominalizações infinitivas é uma forte evidência em favor do potencial de produtividade dessas formações. As nominalizações regressivas, em contrapartida, apresentam um comportamento ambíguo em relação à presença de estrutura argumental, sendo, inclusive, compatíveis com estruturas sem argumentos. Nesse mesmo sentido, essas formações não parecem seguir o mesmo padrão de produtividade das infinitivas, apresentando lacunas de formação. Como resultado, hipotetizamos que essas formações serão menos aceitas pelos participantes.

6.5.4 Previsões

Tomando como base a hipótese descrita na seção anterior, bem como o formato do experimento proposto, que consiste em uma tarefa de julgamento acerca da aceitabilidade das sentenças precedidas por um contexto que tinha como função ancorar a leitura associada à base verbal, formulamos a seguinte previsão:

- As nominalizações infinitivas terão um maior índice de aceitabilidade em todas as três condições de estrutura argumental, quando comparadas aos níveis de aceitabilidade associadas às nominalizações regressivas. Esse possível padrão de aceitação das nominalizações infinitivas corrobora a percepção de que essas formações são produtivas na língua, podendo ser potencialmente formadas a partir de verbos oriundos dos três tipos de estrutura argumental proposta neste estudo (inacusativo, inergativo, transitivo).

6.5.5 Resultados e discussão

As seis versões dos formulários de aceitabilidade foram aplicadas em um grupo total de 185 voluntários, o que significou a aplicação de cada versão do formulário de aceitabilidade para um grupo de aproximadamente 30 voluntários. Vale apontar que, no escopo desse grupo, três participantes tiveram suas respostas totalmente excluídas: de forma específica, um dos participantes não preencheu todo o formulário e os outros dois compartilharam suas respostas entre si no momento da aplicação, o que era incompatível com a tarefa proposta. Para além desses três casos, nenhum outro participante foi excluído e, do mesmo modo, nenhuma sentença teste foi retirada do experimento, já que no processo de coleta e análise dos dados nenhum padrão de discrepância em sentenças específicas foi detectado. Desse modo, após a limpeza dos dados, cada uma das sentenças teste obteve o número de 42 respostas, o que corresponde a uma média de 30 aplicações para cada um dos formulários.

Conforme apontamos anteriormente, cada uma das sentenças apresentadas nos formulários continham uma escala em que o participante deveria apontar seu julgamento sobre a sentença, considerando a presença da pseudopalavra. A escala continha quatro níveis, sendo que os níveis 1 e 2 correspondiam a um maior nível de estranhamento, ao passo que os níveis 3 e 4 deveriam apontar que o falante considerava o conjunto sentença e pseudopalavra como uma formação possível no português brasileiro.

Nesse cenário, nossa variável dependente considerada neste experimento dizia respeito ao número de escolhas associadas a cada um dos níveis na escala proposta. O número final de escolhas por cada tipo de sentença está compilado na tabela a seguir:

Tabela 15 - valores totais e percentuais na VD escolha

Tipo de sentença	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Total
Regressivo Inacusativo	31 (18,78%)	65 (39,39%)	36 (21,81%)	33 (20%)	165 (100%)
	86 (58,17%)		69 (41,81%)		
Regressivo Inergativo	35 (20,11%)	52 (29,88%)	45 (25,86%)	42 (24,13%)	174 (100%)
	87 (49,99%)		87 (49,99%)		
Regressivo Transitivo	31 (18,45%)	73 (43,45%)	36 (21,42%)	28 (16,66%)	168 (100%)
	104 (61,9%)		64 (38,08)		
Infinitivo Inacusativo	19 (11,3%)	57 (33,92%)	56 (33,33%)	36 (21,42%)	168 (100%)
	76 (45,22%)		92 (54,75%)		
Infinitivo Inergativo	29 (17,36%)	58 (34,73%)	51 (30,53%)	29 (17,36%)	167 (100%)
	87 (52,09%)		80 (47,89%)		
Infinitivo Transitivo	38 (22,61%)	80 (47,61%)	37 (22%)	13 (7,73%)	168 (100%)
	118 (70,22%)		50 (29,73%)		

Fonte: Elaborado pelo autor

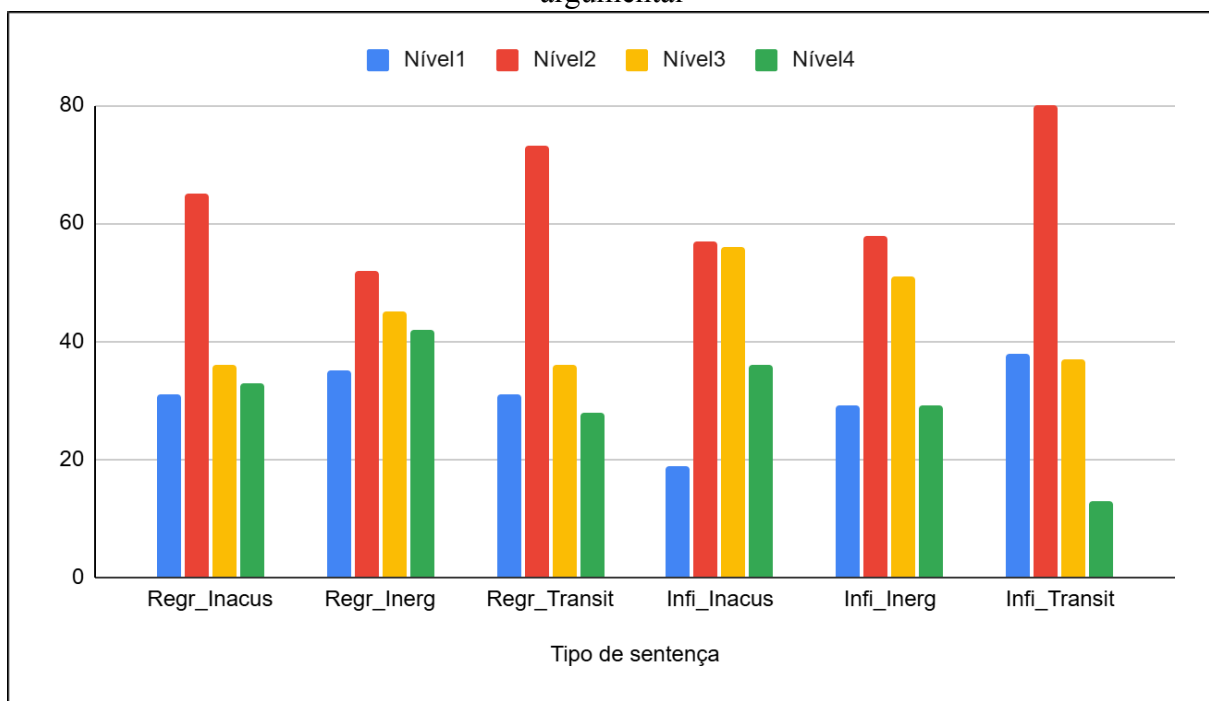
Os dados apresentados acima, na tabela (15), mostram que, de modo geral, todas as condições, em ambos os níveis da VI tipo de nominalização, tiveram maior taxa de escolha no nível 2, definido na escala como “estranha, parece esquisita”, sombreado em verde na tabela. De forma mais específica, esse comportamento é observado nos regressivos com as seguintes taxas de escolha para o nível 2: inacusativos com 39,39%, inergativos com 29,88% e transitivos com 43,45%, sendo a taxa mais alta apresentada nesse último grupo. O padrão de preferência de escolhas pelo nível 2 se mantém nos infinitivos com a seguinte distribuição: inacusativos com 33,92%, inergativos com 34,73% e transitivos com 47,61%, sendo, como no caso dos regressivos, a maior taxa de nível 2 apresentada nesse grupo.

Um ponto interessante que parece se colocar nesses resultados está relacionado aos infinitivos inacusativos em que é possível observar uma grande aproximação entre o número de escolhas pelo nível 2 (33,92%) e 3 (33,33%), sendo o nível 3 estabelecido como “ok, mas poderia ser melhor” na escala proposta. Quanto aos inergativos infinitivos e regressivos, é

importante observar que a distância entre nível 2 e 3 também é relativamente menor do que acontece nos transitivos. Isso parece apontar que, no caso dos transitivos, há uma rejeição maior dos participantes aos dois tipos de nominalização zero com esse tipo de base.

Com o objetivo de analisar mais detalhadamente os dados obtidos através dos formulários de aceitabilidade, no gráfico 1 a seguir, está ilustrada a distribuição das escolhas por níveis, em cada uma das seis condições experimentais associadas a esse experimento.

Gráfico 3 – Distribuição das escolhas por nível nas VIs tipo de nominalização e estrutura argumental



Fonte: Elaborado pelo autor

O gráfico (3) ilustra a distribuição da VD escolha, considerando as variáveis independentes assumidas neste estudo: o tipo de nominalização, com dois níveis infinitivo e regressivo; e a estrutura argumental, contendo três níveis: inacusativo, inergativo e transitivo.

Os dados ilustrados por meio do gráfico 3 demonstram que, de modo geral, analisando as valências entre os níveis mais baixos e mais altos na escala, é possível observar que, na condição regressivo inacusativo, as escolhas agrupadas nos níveis 1 e 2 (96 escolhas) representam um número maior quando comparado às escolhas dos níveis 3 e 4 (69 escolhas). O comportamento encontrado para os regressivos inergativos é o mais interessante já que a soma das escolhas dos níveis 1 e 2 e dos níveis 3 e 4 representam o mesmo valor, cada um com 87 escolhas. Já na condição regressivo transitivo, os níveis 1 e 2 representam juntos a

maioria das escolhas, totalizando 104, no entanto, as escolhas nos níveis 3 e 4 são expressivas, totalizando 92 escolhas.

Nesse mesmo sentido, ao analisarmos os resultados obtidos em relação aos infinitivos, é possível observar que a condição infinitivo inacusativo, os níveis 1 e 2 totalizam 76 escolhas, ao passo que os níveis 3 e 4 totalizam juntos 42 escolhas. Em relação aos infinitivos inergativos, as escolhas associadas aos níveis 1 e 2 totalizam 87 escolhas, os níveis 3 e 4 totalizam 80 escolhas. Por fim, nos infinitivos transitivos, os níveis 1 e 2 somam 118 escolhas, contra 50 escolhas nos níveis 3 e 4, o que revela um claro padrão de preferências nesse tipo de nominalização.

Em suma, os dados apontam que as escolhas de valência negativa prevaleceram, particularmente para a nominalização infinitiva na estrutura transitiva (70,22%), seguida pela estrutura regressiva transitiva (61,9%). Por outro lado, o maior valor percentual de valência positiva se deu para a nominalização infinitiva na estrutura inacusativa (54,75%). Em relação às nominalizações regressivas, é possível observar que a VI inergativa obteve o mesmo percentual de escolhas para valências positiva e negativa (50%).

Ainda que esse conjunto de dados não tenha sido submetido a um tratamento estatístico que possa indicar valores de significância, a análise desenvolvida até aqui parece ser informativa quanto ao funcionamento das nominalizações infinitivas e regressivas. Ao analisarmos esses resultados considerando a VI estrutura argumental é possível observar que, primeiramente, no caso dos inacusativos, nossa previsão era de que as nominalizações infinitivas obteriam um maior número de escolhas quando comparadas às regressivas, indicando um maior grau de aceitabilidade. De forma específica, aplicando os totais associados a VI estrutura argumental, no caso dos inacusativos, em um teste qui-quadrado o resultado obtido apresenta ($p=0.049$). Esse valor de p reflete que há uma diferença no comportamento observado das taxas de escolhas pelos níveis quando comparados os dois tipos de nominalização nessa estrutura. Considerando que os dados mostram 54,8% de escolhas nos níveis 3 e 4 para os infinitivos, contra 41,8% nos mesmos níveis para os regressivos, podemos inferir que o grau de significância decorra desses resultados. Conforme os dados apresentados na tabela 2 e no gráfico 1, é possível observar que tal quadro se concretizou nessa amostra. Tal comportamento está alinhado a hipótese proposta neste trabalho, e pode ser associada à descrição já debatida nesta tese, que toma as nominalizações infinitivas como formações altamente produtivas na medida em que são compatíveis com bases verbais de variadas estruturas argumentais. Nesse mesmo sentido, este trabalho aponta que as nominalizações regressivas são formações menos estáveis, sendo, por exemplo, menos

produtivas com verbos de base inacusativa, o que pode ser tomado como base para o padrão de baixa aceitabilidade associado a essas formas.

Já o padrão detectado para o grupo dos transitivos demonstra um número superior de escolhas, em ambos os tipos de nominalização, para os níveis 1 e 2, evidenciando um maior estranhamento por parte dos participantes. O grupo dos transitivos se caracteriza pela presença do argumento interno e externo, ambos explicitados nas sentenças teste. Vale apontar que esse padrão estrutural era exclusivo desse grupo, uma vez que o grupo dos inacusativos e inergativos apresentavam apenas um argumento. Os padrões de aceitabilidade em ambos os tipos de nominalização, parece apontar que não se trata do tipo de nominalização em jogo, tal qual nos inacusativos, mas sim que a estrutura argumental pode exercer alguma influência no modo como os falantes analisam as sentenças. De forma geral, a literatura formal sobre ASNs aponta que há uma assimetria entre os argumentos oriundos da base verbal, sendo que o argumento interno deve ser obrigatoriamente explicitado na estrutura, ao passo que o argumento externo é apenas opcional, podendo, inclusive, não ser explicitado na estrutura. Nossa interpretação, portanto, é a de que a presença da *by-phrase* com esse tipo de base possa ter influenciado na escolha negativa dos participantes.

Já em relação aos inergativos, os dados parecem apontar para um comportamento mais estável entre regressivos e infinitivos, mais especificamente, nos primeiros os dados revelam um empate entre os níveis de escolha; já no segundo tipo de nominalização, ainda que não haja empate, a diferença entre as somas dos níveis mais baixos e mais altos na escala apresenta apenas uma pequena diferença (52,9% para os níveis 1 e 2 e, 47,89% para os níveis 3 e 4), a menor se comparada aos dois outros grupos. Ao compararmos os resultados associados às escolhas de inergativo, em ambos os níveis da VIs tipo de nominalização, podemos observar que apenas um tipo de nominalização, a infinitiva, parece ser bem aceito nos inacusativos. Nesse mesmo sentido, os transitivos em ambos os tipos de nominalização apresentam maiores números de escolhas relacionadas aos níveis mais baixos na escala, indicando uma baixa aceitabilidade. O padrão associado aos inergativos, no entanto, se distingue ao apontar para uma ausência de distinção nos regressivos e apenas uma pequena diferença nos infinitivos, o que parece evidenciar que o fator de influência não está relacionado à nenhuma das VIs. Por fim, mediante a esses dados, argumentamos que o equilíbrio de escolhas no padrão dos inergativos pode apontar para uma leitura diferente entre o argumento inserido pela proposição *de* nos inergativos (*o cantar dos pássaros/ o canto dos pássaros*) e o argumento inserido pela preposição *para* (*by-phrase*) nos transitivos, ainda que ambos apresentem leitura agentiva.

6.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo investigamos a aceitabilidade das nominalizações infinitivas e regressivas como uma das etapas experimentais deste trabalho. Nossa discussão se voltou, inicialmente, para uma breve apresentação da tarefa proposta, suas vantagens e a justificativa para a proposição de uma tarefa *off-line* como parte dos trabalhos que compõem o eixo experimental deste trabalho. Em seguida, nos centramos na descrição do experimento de julgamento de aceitabilidade, mais especificamente, nos passos metodológicos relacionados à tarefa.

Para a elaboração da tarefa experimental, tomamos como variáveis independentes o tipo de nominalização – organizada nos níveis infinitivo e regressivo – e o tipo de estrutura argumental, contendo três níveis: inacusativo, inergativo e transitivo. Ainda quanto às escolhas metodológicas, optamos por apresentar pseudonominalizações no segmento crítico, tendo em vista que ambos os tipos de nominalizações estão disponíveis na língua e que nenhuma das formas em teste se constituía, de fato, como formações agramaticais.

Por meio da análise dos dados, foi possível observar que na VI tipo de nominalização, as infinitivas inacusativas obtiveram um maior nível de aceitabilidade em relação às regressivas, sendo que esse comportamento pode ser entendido como um desdobramento do que já havia sido observado anteriormente neste trabalho que apontava as nominalizações regressivas como formações com lacunas. Nesse mesmo sentido, no que diz respeito aos dois níveis da VI tipo de nominalização, de forma específica, na condição transitiva, os dados parecem evidenciar que o tipo de nominalização não impactou diretamente na aceitabilidade, nesse nível da VI tipo de estrutura, uma vez que ambos os tipos de nominalizações estudados apresentaram um baixo nível de aceitabilidade, com um maior número de escolhas para os níveis 1 e 2 na escala de aceitabilidade proposta, que indicavam um maior estranhamento em relação ao item em estudo. Na nossa hipótese isso está relacionado à explicitação da *by-phrase*, elemento não obrigatório nesse tipo de formação.

Desse mesmo modo, ambos os níveis da VI tipo de nominalização, na condição inergativo apontam para um padrão de aceitabilidade mais estável, tanto entre os tipos de nominalização, como também entre os níveis de escolha. Esse padrão distinto dos demais grupos, neste trabalho, é entendido como uma possível evidência de uma diferença de estatuto entre o agente das formas inergativas e o agente das formas transitivas.

Um aspecto final que deve ser destacado é que o experimento discutido neste capítulo se insere em um debate mais amplo, proposto neste trabalho, que engloba o desenvolvimento de uma pesquisa de teor formalista. Assim, os resultados apresentados neste capítulo podem ser caracterizados como dados a serem incluídos em uma análise mais ampla, que abrange os desdobramentos formais e experimentais deste estudo, bem como de pesquisas futuras. Por ora, os resultados aqui discutidos devem corroborar para o desenvolvimento da análise formal a ser desenvolvida neste trabalho, oferecendo um panorama explicativo sobre o funcionamento dos nominais zero no PB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA PESQUISA

Esta pesquisa toma como objeto de estudo empírico duas instâncias de nominalizações zero no PB: as nominalizações infinitivas e as nominalizações regressivas. Mais especificamente, nosso foco é desenvolver uma análise formal desses nominais, além de estabelecer um diálogo com questões voltadas para o processamento linguístico.

Para tanto, nosso ponto de partida consistiu em revisitar, a partir da literatura que se debruçou sobre a ideia de uma tipologia de nominalizações (Chomsky, 1970; Grimshaw, 1990; Borer, 2014; Alexiadou, Iordăchioia e Schäfer, 2011), as propriedades empíricas desses nominais no PB, especialmente a partir da comparação do comportamento entre essas duas formações.

De igual modo, no escopo da pesquisa desenvolvida nesta tese, buscamos desenvolver um diálogo com duas interfaces complementares aos estudos de base teórica: em primeiro lugar desenvolvemos uma análise que se voltava ao estudo do comportamento das nominalizações infinitivas em dados de uso real da língua. No escopo dessa questão, nos voltamos ao estudo e análise de dados de nominalizações infinitivas anotados em corpora. Nosso objetivo era buscar compreender se o potencial produtivo das nominalizações infinitivas, bem como as propriedades empíricas apontadas na literatura teórica se efetivavam no uso dessas formações.

Já em relação ao diálogo com os estudos de interface experimental, nos centramos no estudo do processamento das nominalizações infinitivas e regressivas do PB a partir de seu comportamento quanto à estrutura argumental. Para tanto, aplicamos duas tarefas experimentais de naturezas distintas que tinham a vantagem de permitir uma análise sobre o comportamento dos falantes em relação aos dados de nominalizações zero no momento do processamento, por meio da análise de indicativos obtidos *online*, como tempos de reação relacionados ao segmento crítico, bem como pós-processamento, por meio da análise do número de escolhas-alvo e, sobretudo, por meio da aplicação da escala de aceitabilidade.

Na tarefa de *maze task*, em conjunto, os resultados não foram significativos estatisticamente em nenhuma das variáveis dependentes, taxa de escolha alvo e tempo de reação/de escolha. Nesse sentido, não é possível refutar a hipótese nula. Dito de outra maneira, os resultados não confirmam a hipótese testada, segundo a qual a preferência por nominalizações no PB é pela nominalização infinitiva. Já no formulário de aceitabilidade, os nominais infinitivos com bases inacusativas apresentaram maior aceitabilidade do que as regressivas, confirmando a hipótese de que estas últimas constituem formações com lacunas.

Já na condição transitiva, o tipo de nominalização não influenciou a aceitabilidade: tanto infinitivas quanto regressivas receberam predominantemente julgamentos de estranhamento (níveis 1 e 2 da escala), resultado que se relaciona, na nossa hipótese, à presença explícita da *by*-phrase, elemento não obrigatório nesse tipo de construção. Por fim, na condição inergativa, os dados revelaram um padrão de aceitabilidade mais equilibrado, o que pode ser entendido como uma possível evidência de uma diferença de estatuto entre o agente inserido pela preposição *de* das formas inergativas e o agente das formas transitivas, inserido via *by*-phrase.

Em termos formais, a partir da discussão translinguística proposta em Alexiadou, Iordăchioia e Schäfer (2011), buscamos desenvolver uma análise sintática das nominalizações, apontando os núcleos funcionais que fazem parte da estrutura sintática dos nominais infinitivos e regressivos. Especificamente em relação aos infinitivos, assumimos que tais formações se comportam exclusivamente como ASN, já as nominalizações regressivas podem se caracterizar como ASN, como RN e, nesse mesmo sentido, como um tipo misto que abarca propriedades associadas tanto a ASN como a RN.

Estruturalmente, propomos que a estrutura verbal dos ASN, infinitivos ou regressivos, compartilham os núcleos *v* e *Voice*, estando *Asp* presente nas infinitivas, mas não nas regressivas. Por sua vez, a porção verbal dos regressivos que são RN apresentam apenas o núcleo categorizador verbal, enquanto os nominais que são mistos apresentam *v* e *Voice*. Em termos de projeções nominais, propomos que os nominais infinitivos apresentam apenas *Class* e *D*, sendo que nessas nominalizações, a projeção *Number* não é licenciada. Os nominais regressivos, por sua vez, sejam eles ASN, RN ou mistos, apresentam uma camada nominal bastante enriquecida com os núcleos *Class*, *Number* e *D*. Além disso, tais formações são caracterizadas por com *Class* [+count], o que explica sua possibilidade de pluralização através do licenciamento da projeção de *Number*.

A partir dessa proposta, revisitamos alguns problemas teóricos recorrentes no tratamento dispensado às nominalizações zero no literatura. De forma geral, pudemos observar que as nominalizações zero estão comumente atreladas a mecanismos especiais de derivação, como a conversão morfológica ou a regressão. A partir das fragilidades desses tratamentos, dispensamos a necessidade de mecanismos específicos dessa natureza. Mesmo em perspectiva sintáticas de formação de palavras, as nominalizações zero têm recebido tratamento diferenciado, sendo tratadas, por exemplo, como nominais que não podem licenciar estrutura argumental (Grimshaw, 1990; Alexiadou, 2001; Borer, 2013). A partir do comportamento dos nominais infinitivos e regressivos do PB, argumentamos que não há razão

para assumir uma distinção sintática a partir da ausência de realização do categorizador nominal.

Especificamente quanto às nominalizações infinitivas, colocamos em debate análises sobre o estatuto formal do morfema *-r* e sobre a leitura aspectual das nominalizações infinitivas, propondo que o afixo *-r* seja a realização de um núcleo de aspecto na estrutura dos nominais regressivos. Sobre a leitura aspectual dessas formações, por sua vez, em linha com a literatura (Miguel, 1996; Brito, 2012; Resende, 2020), propomos que os nominais infinitivos apresentam leitura imperfectiva.

Já quanto às nominalizações regressivas, revisitamos a questão da direcionalidade da formação e do estatuto da vogal temática que participa desses nominais. Em relação à direcionalidade, sistematizamos os critérios adotados na literatura (Lobato, 1995; Rodrigues, 2000), mostrando as limitações de cada um deles. Já sobre a natureza da vogal temática, revisitamos o debate sobre o estatuto formal desses elementos em uma perspectiva estritamente decomposicional considerando que, em outras perspectivas, a vogal temática não precisa ser tomada como primitivo da gramática. De forma mais específica, no que diz respeito ao tratamento da alomorfia de vogal temática nas nominalizações regressivas do PB, discutimos as relações de localidade que se estabelecem entre a raiz e a porção nominal em cada uma das estruturas propostas no escopo desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ABNEY, Steven. *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*. Ph. D. Diss., MIT, Cambridge, Mass. 1987
- ACQUAVIVA, Paolo, *Lexical Plurals: A Morphosemantic Approach* (Oxford, 2008; online edn, Oxford Academic, 31 Oct. 2023), <https://doi.org/10.1093/oso/9780199534210.001.0001>
- ACQUAVIVA, Paolo. *Roots and Lexicality in Distributed Morphology*. In: Alexandra Galani, Daniel Redinger and Norman Yeo (eds.). *YPL2 - Issue 10* (May 2009) Special Issue - York-Essex Morphology Meeting (YEMM). Fifth York-Essex Morphology Meeting (YEMM), 9th February and 10th February 2008, Department of Language and Linguistic Science, University of York, p.1-21, 2009-05
- ADGER, David. *Core Syntax*. Oxford: Oxford University Press, 2003
- AKELE, Dercy. *O fenômeno da derivação regressiva: Uma abordagem tradicional e gerativa*. Signo, Santa Cruz do Sul, FISC, volume 13, nº 819, p. 5-28, 1988
- ALCÂNTARA, Cíntia da Costa. *As Classes Formais do Português Brasileiro*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 45, n.1, p. 5-15, 2010
- ALEXIADOU, Artemis. *Functional Structure in Nominals: Nominalization and Ergativity*, Amsterdam: John Benjamins. 2001 p.25-40
- ALEXIADOU, Artemis. *Inflection class, gender and DP-internal structure*. In Gereon Müller, Lutz Gunkel, and Gisela Zifonun (eds.). *Explorations in Nominal Inflection*. Berlin: Mouton. 21-50, 2004.
- ALEXIADOU, Artemis., IORDĂCHIOAIA, Gianina. & SCHÄFER, Florian. *Scaling the Variation in Romance and Germanic Nominalizations*. In Sleeman, Petra & Harry Perridon (eds.). *The Noun Phrase in Romance and Germanic: structure, variation and change*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 25-40. 2011.
- ALEXIADOU, Artemis. *Nominal vs. verbal -ing constructions and the development of the English progressive*. *English Linguistics Research* 2(2): p. 126–140. 2013
- ALEXIADOU, Artemis; BORER, Hagit. *50 Years on from Chomsky's Remarks*. Oxford: Oxford University Press, January 2021.
- ALI. M. Said. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 6º edição, São Paulo, Melhoramentos, 1966.
- ANAGNOSTOPOULOU, Elena; SAMIOTI, Yota. *Domains within words and their meanings: A case study*. In: *The Syntax of Roots and the Roots of Syntax*, edited by Artemis Alexiadou, Hagit Borer, and Florian Schäfer. Oxford: Oxford University Press, 2014.

ANDERSON, Stephen. Where's morphology? *Linguistic Inquiry*, Cambridge, MA, v. 13, n. 4, p. 571-612, 1982.

ARAD, Maya. *Roots and PatteRN—Hebrew Morpho-Syntax*. Dordrecht: Springer. 2005

ARMELIN, Paula Roberta Gabbai. The non-compositional domain: diminutives and augmentatives in Brazilian Portuguese. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 43, p. 395-410, 2014.

ARMELIN, Paula Roberta Gabbai. *A Relação entre Gênero e Morfologia Avaliativa nos Nominais do Português Brasileiro: Uma Abordagem Sintática da Formação de Palavras*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 2015.

ARONOFF, Mark. *Word-Formation in Generative Grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 1976.

ARONOFF, Mark. *Morphology by itself: stems and inflectional classes* (*Linguistic Inquiry Monograph 22*). Cambridge, MA: The MIT Press, 1994.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo, Ed. Ática. 1987

BASÍLIO, Margarida. Substantivação plena e substantivação precária: um estudo de classes de palavras em português. In: Gonçalves, C. A.; Almeida, M. L. L. de. (orgs.) *Diadorim*. Rio de Janeiro, Ed. 4, p.11-24, 1982, 2008.

BAKER Mark. The Mirror Principle and Morphosyntactic Explanation. *Linguistic Inquiry* 16. 1985. p. 373-416.

BAKER, Mark *Lexical Categories. Verbs, Nouns, and adjectives*. Cambridge: Cambridge University Press. 2003

BAKER, Mark. *Incorporation: A Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago, IL: University of Chicago Press. 1988.

BASSANI, Indaiá ; MINUSSI, Rafael Dias. Contra a seleção de argumentos pelas raízes: nominalizações e verbos complexos. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 13, p. 139-173, 2015.

BAUER, Laura. Evaluative morphology: in search of universals, in: *Studies in Language* 21.3, 533-575, 1997.

BAUER, Laura & VARELA Salvador. (Eds.). *Approaches to Conversion / Zero-derivation*. Münster: Waxmann, 2005.

BAUER, Laura. Typology of Compounds. In: LIEBER, Rochelle; ŠTEKAUER, Pavel. (eds.) *The Oxford Handbook of Compounding*. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 345-356.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BOBALJIK, Jonathan. A-chains at the PF-Interface: copies and ‘covert’ movement. *Natural Language & Linguistic Theory*, 20: 197-267, 2002

BORER, Hagit. Exo-skeletal vs. Endo-skeletal explanations: syntactic projections and the lexicon’, in Moore, J. and M. Polinsky (eds.) *The Nature of Explanation in Linguistic Theory*. Chicago: University of Chicago Press (CSLI), 31–67, 2003.

BORER, Hagit. The grammar machine, in Alexiadou, Artemis, Elena Anagnostopoulou, and Martin Everaert (eds.) *The Unaccusativity Puzzle*. Oxford: Oxford University Press, 288–331, 2004.

BORER, Hagit. *In Name Only: Structuring SENE*, Vol. I. Oxford: Oxford University, Press. 2005a.

BORER, Hagit. *The Normal Course of Events: Structuring SENE*, Vol. II. Oxford: Oxford University Press, 2005b.

BORER, Hagit. Afro-Asiatic, Semitic: Hebrew. In: LIEBER, Rochelle; ŠTEKAUER, Pavel. (eds.) *The Oxford Handbook of Compounding*. Oxford: Oxford University Press, 2009a, p. 491-511.

BORER, Hagit. *Taking Form: Structuring SENE*, Vol. III. Oxford: Oxford University Press, 2013a.

BORER, Hagit. The syntactic domain of Content, in Becker, M., J. Grinstead, and J. Rothman (eds.) *Generative Linguistics and Acquisition: Studies in Honor of Nina Hyams*. Amsterdam: John Benjamins, 205–48, 2013b.

BORER, Hagit. Derived nominal and the domain of Content. *Lingua*, vol.141, p. 71-96, 2014a.

Borer, Hagit. "Wherefore roots?" *Theoretical Linguistics*, vol. 40, no. 3-4, 2014b, pp. 343-359. <https://doi.org/10.1515/tl-2014-0016>

BORER, Hagit. The category of roots. In Alexiadou, Artemis; Borer, Hagit; Schäfer, Florian (eds.). *The Syntax of Roots and the Roots of Syntax*. Oxford: OUP Press. 2015.

BORSLEY, Robert. & KORNFILT, Jaklin. (2000) Mixed Extended Projection. In Borsely, R. (ed.) *The Nature and Functional of Syntactic Categories*, San Diego: Academic Press, pp. 101-131.

BRESNAN. Joan. Mixed Categories as Head Sharing Constructions. *Proceedings of the LFG97 Conference*, University of California, San Diego, edited by Miriam Butt and Tracy Holloway King. 1997. On-line, Stanford University: <http://www-csli.stanford.edu/publications/LFG2/lfg97.html> .

BRINTON, Laurel J. The Aktionsart of deverbal nouns in English. In: Bertinetto, P. M.; Bianchi, V.; Higginbotham, J.; Squartini, M. (Eds.). Temporal reference, aspect and acionality. Tormo: Rosenberg & Sellier. p. 27-45, 1995.

BRITO, Ana Maria. European Portuguese possessives and the structure of DP. In Cuadernos de Linguística XIV 2007, Instituto Universitario de Investigación Ortega y Gasset, pp. 21-50. 2007

BRITO, Ana Maria. A nominalização do infinitivo no português europeu: aspectos sintáticos e semânticos. In: Encontro Nacional da Associação Portuguesa De Linguística, 2012, Lisboa. Textos seleccionados. Lisboa: APL. p. 88-120. 2012.

BURZIO, Luigi. Surface constraints versus underlying representations. In J. Durand & B. Laks (eds.) Current trends in phonology: Models and methods. CNRS, Paris X and University of Salford, 1996.

CÂMARA JR, Mattoso. Dicionário de linguística e gramática. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. Estrutura da língua portuguesa. 23. ed., Petrópolis: Vozes, 1995.

CHIERCHIA, Gennaro. Topics in the syntax and semantics of infinitives and gerunds. PhD dissertation, University of Massachusetts at Amherst. 1984

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. The sound pattern of English. New York: Harper & Row, 1968.

CHOMSKY, Noam. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. (eds.) Readings in English Transformational Grammar. Waltham, MA: Ginn and Company, p. 184-221, 1970.

CHOMSKY, Noam. Lectures on Government and Binding. Dordrecht: Foris Publications, 1981.

CHOMSKY, Noam. A Minimalist Program for linguistic theory, in Hale, K. and S. J. Keyser (eds.) The View from Building 20. Cambridge, MA: MIT Press. 1993 p.1-52.

CHOMSKY, Noam. Bare phrase structure. In Webelhuth, G. (ed.) Government and Binding Theory and the Minimalist Program. Cambridge, MA: Basil Blackwell, 383-440, 1995a.

CHOMSKY, Noam. The Minimalist Program. Cambridge, MA: MIT Press, 1995b.

CHOMSKY, Noam. Minimalist Inquiries: The Framework. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J. (eds.). Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor to Howard Lasnik. Cambridge, MA: MIT Press, p. 89-156, 2000.

CHOMSKY, Noam. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, M. (ed.) Ken Hale: A life in language. Cambridge, MA: MIT, p. 1-52, 2001.

- CHOMSKY, Noam. Beyond Explanation Adequacy. In: BELLETTI, A. (ed.) *Structures and Beyond: The Cartography of Syntactic Structures* Vol. 3. Oxford: Oxford University Press, 104–31, 2004.
- CHOMSKY, Noam. Three Factors in Language Design. *Linguistic Inquiry*, v. 36, n. 1, p. 1-22, 2005.
- CHOMSKY, Noam. Problems of Projection. *Lingua*, v. 130, p. 33-49. 2013.
- COLLINS, Chris. A smuggling approach to the passive in English. *Syntax* 8.p. 81–120. 2005.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985,2015.
- DE BELDER, Marijke. Roots and affixes: Eliminating lexical categories from syntax. PhD Dissertation, Utrecht University/Uil-OTS & HUBrussel/CRISP. 2011
- DE MIGUEL, Elena. (1996) Nominal Infinitives in Spanish: an Aspectual Constraint, *Canadian Journal of Linguistics*, 41:1. pp. 29-53.
- DON, Jan. On conversion, relisting and zero-derivation. *SKASE Journal for Theoretical Linguistics*, 2(2), 2- 16, 2005.
- DOWTY, David. Thematic Proto-Roles, Subject Selection, and Lexical Semantic Defaults, ms., Ohio State University, Columbus, Ohio, 1987.
- EMBICK, David; HALLE, Morris. On the Status of Stems in Morphological Theory. In *Romance Languages and Linguistic Theory, 2003: Selected Papers from Going Romance, 2003*. Edited by Twan Geerts, Ivo van Ginneken, and Haike Jacobs, 37–62. Amsterdam: John Benjamins, 2005.
- EMBICK, David. *Localism versus Globalism in Morphology and Phonology*. Cambridge: MIT Press, 2010.
- EMBICK, David. Roots and features (an acategorical postscript). *Theoretical Linguistics*, v. 38, n1-2, p. 73-89, 2012.
- EMBICK, David. *The Morpheme: A Theoretical Introduction*, Berlin, München, Boston: De Gruyter Mouton, 2015. <https://doi.org/10.1515/9781501502569>
- EMONDS, Joseph. *A Transformational Approach to English Syntax: Root, Structure-Preserving*. 1976
- FRAZIER, Lyn. On comprehending sentences: syntactic parsing strategies. Doctoral Dissertation. University of Connecticut, 1979. Reproduced by Indiana University Linguistics Club. 165 f. 1979.

FOSTER, Kenneth; GUERRERA, Christine; ELLIOT, Lisa. The maze task: measuring forced incremental sentence processing time. *Behavior Research Methods*, v. 41, n.1, p. 163-171, 2009.

FU, Jingqi, ROEPER, Thomas; BORER, Hagit. The VP within nominalizations: Evidence from adverbs and the VP anaphor *do so*. *Natural Language and Linguistic Theory* 19. p.549–582. 2001

GRIMSHAW, Jane. *Argument Structure*, Cambridge, Mass., The MIT Press. 1990

GRIMSHAW, Jane. *Extended Projections*. MS, Brandeis University, 1991.

HALLE, Morris. Prolegomena to a theory of word-formation. *Linguistic Inquiry*, v. 4, n. 1, p. 3-16, 1973.

HALLE, Morris. Distributed morphology: Impoverishment and fission. *MIT Working Papers in Linguistics 30: papers at the interface*, edited by Benjamin Bruening, Yoonjung Kang and Martha McGinnis. MITWPL, Cambridge p. 425-449, 1997.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (eds.). *The view from Building 20*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 111-176, 1993.

HARLEY, Heidi. On the identity of roots. *Theoretical Linguistics*, vol. 40, Issue 3-4, 2014.

HARLEY, Heidi. The morphology of nominalization and the syntax of vP, in Anastasia Giannakidou & Monika Rathert (eds.), *Quantification, Definiteness, and Nominalization*, 321–343. Oxford: Oxford University Press. 2009b

HARRIS, James. Nasal depalatalization no, morphological well-formedness sí: the structure of Spanish word classes. In: ARREGI, Karlos et al. (eds.) *MIT Working Papers in Linguistics 33: Papers on Morphology and Syntax – Cycle One*. Cambridge, MA: MIT Press, 1999.

HIGGIBOTHAM, James. Logical form, Binding, and Nominals. *Linguistic Inquiry*, Vol.14, N°3, 1983, p.395-420

IODÄCHIOAIA, Gianina. & SOARE, Elena. Structural Pattern Blocking Plural in Romance Nominalizations, talk presented at Going Romance 2007.

IODÄCHIOAIA, Gianina. Event and argument structure in English zero-derived nominals, paper presented at the 34th Workshop on Comparative Germanic Syntax, Konstanz, June 14–15. 2019b

IODÄCHIOAIA, Gianina. D and N are different nominalizers. *Glossa: A Journal of General Linguistics* 5(1): 53. 2020

IODÄCHIOAIA, Gianina. Event structure and argument realization in English zero-derived nominals with particles. In Andreas Trotzke & George Walkden (eds.), *CGSW 34*

Proceedings of the 34th Comparative Germanic Syntax Workshop, special issue of *Nordlyd* 44(1). 2021

IORDÄCHIOAIA, Gianina. Categorization and nominalization in zero nominals. In: Artemis Alexiadou; Hagit Borer (eds.) *Nominalization: 50 Years on from Chomsky's Remarks*. Oxford: Oxford University Press, 2021.

JACKENDOFF, Ray. *X'-syntax: A study of phrase structure*. Linguistic Inquiry Monographs, 1977.

JACKENDOFF, Ray. *Semantic Structures*. Cambridge: MIT Press. 1991.

KRATZER, Angelika. Severing the external argument from its verb, in Johan Rooryck & Laurie Zaring (eds.), *Phrase Structure and the Lexicon*, 1996

KAYNE, Richard. *The Antisymmetry of Syntax*. Malden, MA: MIT Press. 1994.

KIPARSKY, Paul. Word-Formation and the Lexicon. In: INGEMANN, F. (ed.) *Proceedings of the Mid-America Linguistics Conference*. Lawrence, KA, 1982.

KEHDI, Valter. A derivação imprópria em português. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, vol 30, p. 161-165, 1989.

KEHDI, Valter. – A derivação regressiva em português. In: *Filologia e Lingüística Portuguesa*, n.º 2, p. 205-213. 1998.

KEHDI, Valter. *Morfemas do Português*. São Paulo: Ática, 2002.

KRAMER, Ruth. The morphosyntax of gender: evidence from Amharic. Handout presented at the Yale Colloquium, 2011.

KRAMER, Ruth. *The morphosyntax of gender*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

KRAMER, Ruth. The Location of Gender Features in the Syntax. *Language and Linguistics Compass* 10. p. 661-677. 2016

LEITÃO, Márcio Martins. *Psicolinguística Experimental: Focalizando o processamento da linguagem*. In: Mario Martelotta (org.) *Manual de Lingüística*. São Paulo: Contexto. 2008.

LEBEAUX, David. Relative clauses, liCENing, and the nature of derivation. In: Susan Rothsein (ed.) *Perspectives on phrase structure: heads and liCENing*. San Diego: Academic Press, 1991, p. 209-240.

LEMLE, Miriam. Aspectos arbitrários e composicionais na morfologia derivacional. Apresentação no II Colóquio Brasileiro de Morfologia. UFRJ, 2013.

LIEBER, Rochelle. *Deconstructing morphology: Word formation in syntactic theory*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

LIEBER, Rochelle. Word Formation Processes in English. In: Stekauer, P. and Lieber, R. Springer, 2005.

LIMA, Rocha. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 49ª edição, Rio de Janeiro, José Olympio, 2011.

LOBATO, Lucia. A derivação regressiva em português: conceituação e tratamento gerativo. In: *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, p. 205-230. 1995.

LOBATO, Lucia. A derivação regressiva em português: conceituação e tratamento gerativo. In: *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, p. 205-230. 1995

LOWENSTAMM, Jean. On little n, $\sqrt{\quad}$, and types of nouns. In Jutta Hartmann, Veronika Hegedűs, and Henk van Rimesdijk (eds). *Sounds of Silence: Empty Elements in Syntax and Phonology*. Amsterdam: Elsevier. 105-144, 2007.

LOWENSTAMM, Jean. Derivational affixes as roots (Phrasal spellout meets English stress shift). CNRS. Manuscrito. 2010.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 15. ed. São Paulo: Globo, 2003

MARANTZ, Alec. *On the Nature of Grammatical Relations*, MIT Press, Cambridge, MA. 1984

MARANTZ, Alec. Clitics, Morphological Merger, and the mapping to phonological structure. In *Theoretical morphology*, ed. Michael Hammond and Michael Noonan, 253–270. San Diego, Calif.: Academic Press, 1988.

MARANTZ, Alec. No Escape from Syntax: Don't try Morphological Analysis in the privacy of your own Lexicon. In: DIMITRIADIS, Alexis; SIEGEL, Laura; SUREK-CLARK, Clarissa; WILLIAMS, Alexander. *Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium*. Philadelphia: UPenn Working Papers in Linguistics, p. 201-225, 1997.

MARANTZ, Alec. 2001. Words and things. MIT. Handout.

MARANTZ, Alec. Phases and words. Manuscrito. NYU, 2007.

MINUSSI, Rafael Dias; BASSANI, Indaiá. Em favor do conteúdo semântico das raízes. *REVISTA LETRAS*, v. 96, p. 152-173, 2015

MIGUEL, Elena. Nominal Infinitives in Spanish: an Aspectual Constraint, *Canadian Journal of Linguistics*, 41:1. pp. 29-53. 1996.

OLIVEIRA, F. Cândido Samuel; MARCILESE, Mercedes; LEITÃO, M. Marcus. *Leitura Autocadenciada (com e sem labirinto): histórico e reflexões metodológicas*. Métodos

experimentais em psicolinguística [recurso eletrônico]. OLIVEIRA, Cândido Samuel Fonseca; SA, Thaís Maira Machado.orgs. 1. ed. - São Paulo : Pá de Palavra, 2022. p. 40-54.

OLTRA-MASSUET, Isabel. On the notion of theme vowel: a new approach to Catalan verbal Morphology. Master Thesis. MIT, Cambridge, 1999.

PANAGIOTIDIS, Phoevos & GROHMANN, Kleanthes. Mixed Projections: Categorical Switches and Prolific Domains. *Linguistic Analysis*. 35.2009.p.141-161.

PANAGIOTIDIS, Phoevos. Categorical features and categorizers, *The Linguistic Review* 28. 2011.p. 325–346.

PANAGIOTIDIS, Phoevos. *Categorical Features: A Generative Theory of Word Class Categories*. Cambridge: Cambridge University Press. 2015.

PIRES, Acrísio Magno Gomes. The syntax of gerunds and infinitives: Subjects, case and control. Doctoral dissertation, University of Maryland. 2001.

PESETSKY, David; TORREGO, Esther. Tense, Case, and the Nature of Syntactic Categories. In: Jacqueline Guéron & Jacqueline Lecarme (eds.), *The syntax of time*. The MIT press. 2004. <https://doi.org/10.7551/mitpress/6598.001.0001>

PESETSKY, David; TORREGO, Esther. Probes, Goals and Syntactic Categories. In: Yukio Otsu (ed.). *Proceedings of the Seventh Tokyo Conference on Psycholinguistics*. Keio University, Japan, 2006.

PESETSKY, David; TORREGO, Esther. The syntax of valuation and interpretability of features. In: KARIMI, S.; SAMIAN, V.; WILKINS, W. (eds.) *Phrasal and clausal architecture*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2007, p. 262-294.

PICALLO, M. Carme. Nominals and nominalization in Catalan. *Probus*. Volume 3, Issue 3, Pages 279–316, 1991.

RAPPAPORT HOVAV, Malka.; LEVIN, Beth. Building Verb Meanings. In: M. Butt and W. Geuder (eds.), *The Projection of Arguments*, CSLI Publications, Stanford, CA, 97-134, 1998.

RESENDE, Maurício. A Morfologia Distribuída e as peças da nominalização: morfofonologia, morfossintaxe, morfossemântica. 2020. Tese (Doutorado em Linguística)-Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2020.

RESENDE, Maurício. Derivação regressiva e construções com verbos leves: um estudo sobre aspecto lexical. Curitiba. Dissertação (Mestrado em Letras). Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná. 2016.

RESENDE, Maurício; PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Portuguese infinitives: their pieces and their meaning. *Journal of portuguese linguistics (online)*, v. 21, p. 1-28, 2022

RESENDE, Maurício.; SANTANA, Beatriz P. A relação entre raízes, gênero, classe e significado. *Revista da ABRALIN*, v. 18, p. 2-55, 2019.

RODRIGUES, Alexandra Soares. *A construção de postverbaux em português*. Porto: Granito Editores; 2001.

RIO-TORTO, Maria das Graças. Nomes deverbaux não sufixados e os equívocos da falsa “derivação regressiva” no português brasileiro e europeu. *Filologia e Linguística Portuguesa*, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 31–46, 2018. DOI: 10.11606/issn.2176-9419.v20i1p31-46. Disponível em: <https://revistas.usp.br/flp/article/view/142236>. Acesso em: 7 maio. 2024.

SANDMANN, Antônio José. *Formação de palavras no português contemporâneo brasileiro*. Curitiba: Scienzia & Labor, 1989.

SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo, Melhoramentos, 1964.

SCALISE, Sergio. The notion of 'head' in morphology. In Booij, G. van Marle, J. (eds.), *Year book of morphology*, vol 1. Dordrecht: Foris, p. 229-245, 1988.

SCHER, Ana Paula. Nomes deverbaux sem afixos em português: de onde vem a sua interpretação não composicional? In: FINBOW, Thomas; LOPES, Marcos; VIOTTI, Evone (org.). *Objetos linguísticos: análises em perspectiva*. Campinas: Pontes Editores, 2024. p. 1-17.

SIDDIQI, David. Syntax within the word: economy, allomorphy, and argument selection in Distributed Morphology. [Linguistik Aktuell/Linguistics Today 138]. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

SOUZA, Dalila Maria de. *A nominalização em uma perspectiva sintática: estatuto categorial e estrutura funcional das nominalizações infinitivas do português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2021.

VÁZQUEZ, Enriqueta. (2002) A Mixed Extended Projection: The Nominalized Infinitive in Spanish and Italian. *Quaderni del Laboratorio di Linguistica della Scuola Normale Superiore di Pisa*, n. 14, pp. 143-159.

VILALVA, Alina. *Estruturas Morfológicas: Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

VILLALVA, Alina. Bare Morphology. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, Vol. 8 – 2013, p. 121 – 141

APÊNDICE A

SENTENÇAS EXPERIMENTAIS E DISTRATORAS

I) SENTENÇAS UTILIZADAS NA ETAPA DE TREINAMENTO:

- Sentença de treinamento 1:
Contexto: Somente os maiores de idade serão cobrados.
Xxxxxx - A nova/ jamifação - jamifadado/ determina que - afiadas/as cobranças serão
- o inverno/crianças - apenas para / os maiores de idade- xxxxx
- Sentença de treinamento 2:
Contexto: A correção final da prova foi publicada.
Xxxxx-Depois/ de todos- sobressalto/ as torfações- os torforados/ justamente - a nota
final/ feriado- da prova/ xxxxxx-foi publicada
- Sentença de treinamento 3:
Contexto: Os estudos sobre doenças infecciosas são lentos.
Os pesquisadores - xxxxxxxx/ bonitamente que - disseram que/ os aficos- os afições /
científicos - piscinas de / duraram - tesouros / uma década - xxxxxxxx
- Sentença de treinamento 4:
Contexto: Os eleitos tomaram posse ontem à tarde.
Xxxxxx- Muitas figuras/ vinos - vinossozas/ o manguezal- deixaram de/ comparecer-
ao furacão/ à nomeação- cardumes/ do prefeito-xxxxxxx

II) SENTENÇAS UTILIZADAS NA ETAPA EXPERIMENTAL:

a) Sentenças utilizadas na variável inacusativo:

- Sentença experimental 1:
Contexto: A reportagem da jornalista era sobre o que ocorre com as plantas no inverno.
XXXXXXXX-A jornalista/ disse que - matilha/ o zatifo- o zatifar/ das plantas - com
orelhas/ ocorre - sofás/ no inverno- xxxxxxx

- Sentença experimental 2:

Contexto: O jovem casal revelou que aguarda o segundo bebê

Xxxxxxxx-A família/ ficou- conjunto de/ serpentina - alegre/ com o milodo- com o milodar/ de mais - através da/ uma filha- xxxxxxxx

- Sentença experimental 3:

Contexto: A ansiedade pode gerar graves doenças.

Xxxxxxxx-a palestra/ foi sobre - isto é / o buido- o buidar/ dos estudantes- sob bateadeira / por conta - murchas /do estresse - xxxxxxxx.

- Sentença experimental 4:

Contexto: No inverno as crianças apresentam mais problemas de saúde.

De acordo com- xxxxxxx/ pentes - o médico/ o levoco- o levocar/ de telas - das crianças/é comum - helicóptero / no inverno- xxxxxxxxxx

b) Sentenças utilizadas na variável inergativo:

- Sentença experimental 5:

Contexto: Todo mundo adorou a apresentação do João na escola.

Alguns alunos - xxxxxxxxx/ comentaram - as prateleiras/ o vabimo - o vabimar / do João - da estátua/ na peça - vendeu /xxxxxxxxx- de teatro

- Sentença experimental 6:

Contexto: O diretor reclamou do mau comportamento dos alunos no pátio da escola.

O diretor -xxxxxxx/ proibiu - folhas caídas/ o fidugar- o fidugo/ dos alunos - figuras mitológicas/ durante - apressados / o recreio xxxxxxxxxx

- Sentença experimental 7:

Contexto: A prova da São Silvestre desse ano foi em um dia chuvoso.

Ficou evidente que -xxxxxxxxxx/ o dapeco - o dapecar/ dos atletas- parque de diversão / é vermelho - foi prejudicado / pelo - mesa/ mau tempo - xxxxxxxx

- Sentença experimental 8:

Contexto: Mesmo pessoas jovens sofrem com os efeitos do sedentarismo.

Especialistas em saúde - xxxxxxxxxxxx/ indicam que - por uma hora/ / o dilo - o dilar /na academia - tempestades / combate - raposinhas / o sedentarismo - xxxxxxxxxxxx.

c) Sentenças utilizadas na variável biargumental:

- Sentença experimental 9:

Contexto: A noiva não gostou das comidas oferecidas na festa de casamento

Os noivos -xxxxxxxxxx/ planilhas do - perceberam que/ o ruído - o ruidar/ filhotes de- das comidas/ desapontou- notas fiscais/ xxxxxxxxxxxx- os convidados

- Sentença experimental 10:

Contexto: Antônio entregou as chaves da casa centenária para os novos donos.

A Flávia - xxxxxxxx/ acha que - os desfiles/ o gomibar - o gomibo/ do imóvel - com damascos/ pelo Antônio - os pinguins / foi precipitado - xxxxxxxx

- Sentença experimental 11:

Contexto: O jornalista percorreu sobre o seu mais novo livro de história medieval.

Já está - xxxxxxxx/ anunciado - repetidamente/ o gurevar - o gurevo/ do livro - pedras lascadas/ pelo autor - milho verde/ na livraria- xxxxxxxxxxxx

- Sentença experimental 12:

Contexto: A avó da Júlia finalmente conseguiu seu próprio cantinho.

Depois de - xxxxxxxx/ muito tempo - saco de gelo / o jolado- o joladar/ da casa - diariamente/ pela avó - ao final / alegrou a neta - xxxxxxxx.

d) Sentenças distratoras:

- Sentença distratora 1:

Contexto: Os alunos tiveram aulas de manhã.

A aula - xxxxxx/ do turno- chuveiro/ da manhã - piscina/ ocorreu- foi de ataduras /em uma sala nas estátuas /sem janelas- xxxxxxxx

- Sentença distratora 2:

Contexto: A cidade histórica vai ser pavimentada.

A previsão-xxxxxxx/ é que- seja/ a prefeitura - o refeitório/ japearia- jape/ todo o pavimento- as casas antigas/ da cidade histórica - xxxxxxxx

- Sentença distratora 3:

Contexto: Os acusados foram duramente investigados.

Durante- xxxxxxxx/ as investigações,- nuvens cinzas/ os pobos - os pobimentos/ demonstraram- riram muito/ fingimento- conhecimento/ na delegacia - xxxxxxxx

- Sentença distratora 4:

Contexto: Toda a turma tirou notas baixas na prova final.

Os estudantes- xxxxxxxx/ balimente - baliça / não fizeram - iluminou/ uma boa - nadar/ prova final - jurados/ de física quântica- xxxxxxx

- Sentença distratora 5:

Contexto: A população de meninas é superior ao número de meninos.

No último ano - xxxxxxxxx/a jato - mais / pelhar - pelhões/ de meninas- florestas/ foram registrados - pelo correio/xxxxxxx- no Brasil

- Sentença distratora 6:

Contexto: É indelicado conversar durante as palestras.

Foi - xxxxxx/ dificilmente - impossível/ vilodar - vilodinho/ a palestra - colocada/ por causa da - entretanto / falação - observamento/ durante - totalmente/ xxxxxx- o evento.

- Sentença distratora 7:

Contexto: Suar excessivamente pode ser motivo de preocupação.

Dentre - xxxxxx/ novas casas- os sintomas/ lâmpadas - da nova doença,/ temperos prontos- o suadouro/ é o mais - de vez em quando/ xxxxxxxx- recorrente

- Sentença distratora 8:

Contexto: É importante falar das leis ambientais.

Um ponto - xxxxxx/ discutido - absurdamente/ foi a - até / desenvolvimento-
observância das - leis - vasos / ambientais- xxxxxxxx

- Sentença distratora 9:

Contexto: As chuvas foram intensas nesse ano.

Os agricultores- xxxxxxxxxx/ pimodabo- pimodou/ assalto - a plantação / por causa -
livros / das chuvas - uva passa/ intensas - xxxxxx

- Sentença distratora 10:

Contexto: Havia uma exposição de fotos no museu.

A exposição - xxxxxx/ mostrava- desenho/ dotas - dotões /dos combatentes - arrotos/
enviados - supostamente- para a Alemanha -xxxxxxx

- Sentença distratora 11:

Contexto: A formatura de humanas fez muito sucesso.

A formatura - xxxxxxxx/ bonjata - bonjebre / por meio de - dos cursos de humanas/
durou - vestiu-se / toda a noite - perpetuando-se/ de sexta-feira - xxxxxxxx

- Sentença distratora 12:

Contexto: Nenhum dos convidados foi ouvido pela plateia.

Xxxxxxxx- A falta / de rossizes - de rozebres/ na mesa - espelhar / atrapalhou os -
enviou/ ouvintes - mangues/ da palestra- xxxxxxxx

- Sentença distratora 13:

Contexto: Colegas de trabalho não devem competir entre si.

Xxxxxxxx- a concorrência/ senuando- senujada/ às quartas- entre colegas/ gera -
um livro / inimizade e - farofas/ desconfiança- xxxxxxxx

- Sentença distratora 14:

Contexto: Mais uma barragem antiga se rompeu.

Após o acidente - xxxxxx/ da barragem- as patas/ o dedimentoso - a dedimentamento/
atrapalhou - cafeteira / a excursão - a nuvem / dos alunos - xxxxxxxx

- Sentença distratora 15:

Contexto: A bajulação é um sério desvio de caráter.

As pessoas- xxxxxxxx/ jumelos - jumelosas/ ontem mesmo- detestam/ bajulação -
tratores / desnecessária - esse aqui/ de fã- xxxxxxxx

- Sentença distratora 16:

Contexto: Não podemos tolerar que lixo continue sendo jogado nos mares.

Todo o lixo - xxxxxxxx/ agofado- agofadou/ chaminés- nos mares / tem causado -
filmes antigos / a matança - antiquário/ das espécies marinhas - xxxxxxxx

- Sentença distratora 17:

Contexto: A atriz foi condenada por violência doméstica.

Vários- Aceitam/ palistas - palisores/ queriam - fogo/ cobrir o - comprava/
julgamento- portões /da atriz - xxxxxx

- Sentença distratora 18:

Contexto: O local da festa de aniversário estava lindamente decorado.

O salão - xxxxxxxx/ da festa- tigelas / de aniversário - de fotos / tinha - azul/
tipindos- tipindosos/ de flores - xxxxxxxx

- Sentença distratora 19:

Contexto: Os professores acusados de corrupção foram demitidos.

A universidade - xxxxxxxx/ comunicou - pequeno / o abestição - o abestimento/ de
árvores- dos professores / corruptos - caminhadas leves/ nesse ano- xxxxxxxx

- Sentença distratora 20:

Contexto: A população confia nas pesquisas científicas e nas vacinas.

A pesquisa- xxxxxxxx/ sorvete- oficial/ atestou a - copiados / tunança- tunamento /
programático- da população / nas vacinas - xxxxxxxx.

- Sentença distratora 21:

Contexto: Os prédios aprovados tinham acessibilidade para acidentados e pessoas cadeirantes.

Os novos prédios - xxxxxxxx/ contam com - jogaram / bebedouros - asteroides /
anéis - e lavatórios / adados - adalizados/ para cadeirantes - xxxxxxxx.

- Sentença distratora 22:

Contexto: O comércio abriu com atraso em plena quarta-feira.

Por causa - xxxxxxxx/ os demais - da falta de luz,/ a atupera- a atuperação/ ontem- das lojas/ do shopping - carros voadores/ xxxxxxxx - atrasou.

APÊNDICE B

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS CORPORA UTILIZADOS COMO FONTE DE PESQUISA

- **AMOSTRA NILC:** Corpus compilado no âmbito do trabalho desenvolvido para a dissertação de mestrado de Rachel Aires, desenvolvida no Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional/ Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação - USP. De forma específica, os dados são oriundos de textos didáticos, literários e jornalísticos e foram coletados com o objetivo de avaliar e comparar o desempenho de etiquetadores para os dados do português brasileiro (Aires, 2000). As anotações desse corpus vêm sendo feitas no período de 2000 a 2024, de acordo com dados do trabalho de Aires e da Linguateca.
- **BRAHE:** Corresponde a um conjunto de dados anotados eletronicamente, compostos de textos em língua portuguesa. O material selecionado abarca textos escritos por autores nascidos no intervalo entre 1380 a 1978 (em sua versão mais recente) e busca analisar, principalmente, aspectos relacionados à mudança e variação no português. A compilação dos dados foi realizada pela Universidade de Campinas (Unicamp). Para além do material acessado por meio da Linguateca, esse corpora dispõe de um site próprio que pode ser acessado em <http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/index.html>
- **CHAVE:** Agrupa dados oriundos de textos jornalísticos dos jornais Público e Folha de São Paulo dos anos de 1994 e 1995. O trabalho de compilação desses dados corresponde à chamada Coleção Chave e é um esforço dos representantes de Língua Portuguesa associados ao CLEF (*Cross-Language Evaluation Forum*). De forma resumida, o CLEF fórum tem como objetivo promover a pesquisa e desenvolvimento na área de recolhimento de informações entre várias línguas e se trata de um projeto global com a participação e financiamento de fontes diversas, de acordo com as informações disponíveis no site da Linguateca.
- **C-ORAL BRASIL:** O corpus C-ORAL Brasil foi criado pelo projeto, também denominado, C-ORAL BRASIL, que tem como objeto de pesquisa a fala do português

brasileiro, tomando como domínio de pesquisa dados orais de fala em contexto natural. A versão utilizada nesta tese é a 7.1 de julho de 2023. Mais informações sobre o projeto C-ORAL BRASIL podem ser encontradas em <https://www.c-oral-brasil.org/>

- **CORPUS BRASILEIRO:** Esse corpus corresponde a dados do português brasileiro, anotados em dois componentes, um com dados escritos e outro com dados de fala. Ambos os componentes são resultantes do projeto coordenado por Tony Berber Sardinha, (GELC, LAEL, Cepril, PUCSP), com financiamento da Fapesp. De forma específica, os dados apontados ao longo desta tese correspondem especificamente a dados orais. Maiores informações sobre esse componente de dados orais podem ser obtidas em <http://corpusbrasileiro.pucsp.br/temp/tbuf.txt.gz>, página disponibilizada no escopo do próprio projeto.
- **CONDIV PORT:** O corpus Condiv é composto por textos de assuntos variados extraídos de jornais e revistas portuguesas e brasileiros das décadas de 1950 a 2000. Esse conjunto de dados foi compilado no âmbito do projeto “Convergência e Divergência no Léxico do Português”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia de Portugal. O projeto foi desenvolvido entre os anos de 2004 a 2006, e tinha como objetivo de agrupar uma amostra que ilustrasse convergências e divergências nas relações lexicais sincrônicas e diacrônicas entre o português europeu e o português brasileiro, sobretudo, observando o período que compreende as cinco décadas anotadas nessa amostra.
- **DHBB:** O Corpus DHBB corresponde ao material do Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (DHBB), sobre o período pós-1930 até os dias atuais. Esse material está integrado a outros dois dicionários e formam o O corpo Dicionários Históricos Brasileiros contém o material de três obras de referência concebidas pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV). De acordo com as informações da própria Linguatca, este material foi incorporado à base de dados entre 2018 e 2019 com o objetivo de ser utilizado em treinamentos, testes e validações de sistemas voltados para o processamento de linguagem natural. No escopo desta tese, a versão utilizada deste material foi a 10.1 de julho de 2024. Nesse mesmo sentido, apenas o material do Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (DHBB) foi consultado, uma vez que

apenas este está disponibilizado na Linguateca e no portal CPDOC da FGV, no endereço <https://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb>.

- **DISPR:** O corpus DISPR agrupa excertos de discursos de presidentes da república do Brasil e de Portugal. Mais especificamente, nesta tese visando a coleta de dados do português brasileiro, os dados utilizados estão vinculados ao **BrPoliCorpus** (Corpus of Political Brazilian Language), criado por Rodrigo Esteves de Lima-Lopes, contendo os discursos inaugurais de todos os presidentes brasileiros, de 1889 até 2023. O repositório específico de dados do PB pode ser consultado no endereço <https://github.com/rl307/BrPoliCorpus>
- **FRASES PB:** Esse corpus é um correspondente à versão do corpus Frase PP e anota frases do português brasileiro, retiradas da internet. A compiladora responsável pela coleta dos dados é a linguista Signe Oksefjell Ebeling (Universidade de Oslo). A versão utilizada neste trabalho é 9.1 de julho de 2024.
- **FLORESTA:** Esse corpus é um desenvolvimento do Projeto Floresta Sintá(c)tica desenvolvido por meio de uma colaboração entre a Linguateca e o Projeto VISL (Visual Interactive Syntax Learning). De forma geral, os dados agrupados no corpus são oriundos do português do Brasil e de Portugal e foram compilados com o objetivo de serem analisados no âmbito dos objetivos específicos do Projeto Floresta Sintá(c)tica, que incluem “o treino e avaliação de analisadores morfossintáticos, para estudos baseados em corpos e para investigação da língua, não apenas da sintaxe, mas também de aspectos semânticos e discursivos. Pode, ainda, ser um auxiliar no ensino”, de acordo com informações disponibilizadas no endereço eletrônico do projeto: <https://www.linguateca.pt/Floresta>
- **NILC SÃO CARLOS:** Corpus do Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional, alocado no Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo em São Carlos, contém textos brasileiros de origem jornalística, didática, epistolar e textos produzidos por alunos. De forma específica, os textos jornalísticos são oriundos do jornal Folha de São Paulo. O corpus CHAVE, também utilizado nesta pesquisa, é um desdobramento desse conjunto de dados. Maiores informações sobre o percurso de elaboração deste corpus podem ser obtidas

com detalhes no site <https://www.linguateca.pt/acesso/NILCsaocarlos.html>

- **MUSEU DA PESSOA:** Esse corpus é composto por um conjunto de entrevistas que foram transcritas pelo Núcleo Português do Museu da Pessoa. De forma específica, nesta tese, foram analisados os dados de português brasileiro compilados por Paulo Rocha. Informações complementares sobre o corpus podem ser acessadas em <https://www.linguateca.pt/acesso/contabilizacao.php#museudapessoa>

- **RELi:** O conjunto de dados que compõem esse corpus é formado por um conjunto de 1601 resenhas de treze livros de sete autores diferentes que foram agrupados em um conjunto de resenhas de livros elaborados pela PUC-Rio, no âmbito do projeto denominado Anotadores Semânticos baseados em Aprendizado Ativo, coordenado por Ruy Milidiú (Departamento de Informática - PUC-Rio). A versão utilizada neste trabalho é a de setembro de 2014, apontada como versão mais recente deste corpus no site do projeto ReLi. Maiores informações sobre esse projeto podem ser encontradas em <https://www.linguateca.pt/Repositorio/ReLi/>

- **OBras:** O corpus OBras (Obras Brasileiras) é um equivalente ao corpus Vercial de obras da literatura brasileira que já estão em domínio público. De acordo com o site do projeto: “o OBras é público, e está em constante atualização e ampliação. Trata-se de um projeto de constituição de um corpo literário aberto à colaboração de todas as pessoas que quiserem contribuir para uma melhor infraestrutura para estudos linguísticos, literários e culturais envolvendo a língua portuguesa.” Esse projeto vem sendo desenvolvido em uma parceria entre a Linguateca, a Universidade de Oslo, a PUC-Rio e a UEMA. Informações adicionais podem ser obtidas no site do projeto, no endereço: <https://www.linguateca.pt/OBRAS/OBRAS.html>